



# DANÇANDO COM AS BORBOLETAS

FABIANE RIBEIRO

Sequência do best-seller *Jogando Xadrez com os Anjos*

UNIVERSO DOS LIVROS



FABIANE RIBEIRO

Sequência do best-seller *Jogando Xadrez com os Anjos*

DANÇANDO COM AS  
**BORBOLETAS**

São Paulo  
2016

  
**UNIVERSO DOS LIVROS**



**© 2016 by Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

1ª edição - 2016

**Diretor editorial**

Luis Matos

**Editora-chefe**

Marcia Batista

**Assistentes editoriais**

Aline Graça

Letícia Nakamura

**Preparação**

Geisa Oliveira

**Revisão**

Francisco Sória

Cely Couto

**Arte**

Francine C. Silva

Valdinei Gomes

**Capa**

Rebecca Barboza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

R484d

Ribeiro, Fabiane.

Dançando com as borboletas / Fabiane Ribeiro –

São Paulo: Universo dos Livros, 2016.

ISBN 978-85-7930-980-9

1. Literatura Brasileira. 2. Ficção. 3. Drama. I. Título.

16-0384

CDD B869.3

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

**Universo dos Livros Editora Ltda.**

Rua do Bosque, 1589 • 6º andar • Bloco 2 • Conj. 603/606

Barra Funda • CEP 01136-001 • São Paulo • SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

À pessoa que ama esta história de tal maneira que quase chega a me deixar com ciúmes. Minha mãe, Viviane...

**Ofereço.**

Àqueles que estiveram comigo e ajudaram a tornar este sonho possível.

Minha família, meus amigos e irmãos do coração, e à Editora Universo dos Livros, que acreditou nesta história desde o princípio...

**Agradeço.**

A você, meu leitor (minha leitora), que acompanhou a trajetória da Anny, pediu por uma continuação, me escreveu e dividiu suas opiniões e experiências comigo, e me incentivou a continuar esta história. Você que apreciou a beleza da lagarta, do casulo, e aguardou pela dança da borboleta...

**Dedico.**

# SUMÁRIO

FOLHA DE ROSTO

PÁGINA DE DIREITOS AUTORAIS

DEDICATÓRIA

SUMÁRIO

PREFÁCIO

1 O TEMPO E A VIDA REALIZAM MILAGRES

2 O MAIOR MÁGICO DE TODOS

3 UM REINO TODO QUADRICULADO, TALHADO EM MADEIRA

4 O REI E O ARTESÃO

5 COLCHA DE RETALHOS

6 UMA CARTA PARA O ANJO QUE VEIO E BUSCOU A ANTERIOR  
NO PARAPEITO DA JANELA

7 BAILE DE MÁSCARAS

8 O BEIJA-FLOR BRANCO

9 MÚSICA, PINCEL E DENTES-DE-LEÃO: O ENCONTRO PERFEITO

10 A ESTRELA DO MAR SEM FIM

11 O PIANO E A GAITA

12 O BALÉ DAS BORBOLETAS

13 UMA LÁGRIMA MAIOR QUE O OCEANO

14 OS VOOS ALTOS DE BENJAMIN

O LIVRO DO VELHO POETA

15 TODOS OS FILHOS DO AMOR

16 SEU CORAÇÃO ESTÁ ONDE ESTÃO AQUELES QUE VOCÊ AMA



Análise: Contos de libertação

Conto 1 O cavalo branco

Conto 2 O mar da gente é a gente que faz

Conto 3 O voo das... algemas

Conto 4 A rosa da noite escura

Conto 5 A lenda dos olhos e da saudade

Conto 6 Johnny e a tempestade

17 A OITAVA COR DO ARCO-ÍRIS

18 ASSIM COMO AQUELA BORBOLETA ERA SUA ALMA (E ELA SABIA DISSO)

SOBRE A AUTORA



# PREFÁCIO

Espero que, onde quer que você esteja lendo esta história, esteja feliz, mas, se não estiver, saiba que há sempre novas danças na vida. Ao final de um número no balé, outro sempre começa, assim como uma página de um livro sucede a outra, e as ondas do mar se formam quando as anteriores ainda percorrem seu caminho até a praia. A vida é um ciclo sem fim, o importante é partilhar o bem. Essa é a única dança que jamais deveria sair de moda.

Vamos dançar?

“Borboleta parece flor que o vento tirou pra dançar.”

*Fernando Anitelli*

“O que a lagarta chama de fim do mundo, o homem chama de  
borboleta.”

*Richard Bach*







# O TEMPO E A VIDA REALIZAM MILAGRES

A VIDA DANÇAVA POR MEIO DOS SORRISOS E DOS  
PASSOS DAQUELES QUE SE ENCONTRAVAM EM UM FIM  
DE TARDE AZUL E PERFEITO.



la abriu os olhos pela manhã e piscou algumas vezes para se acostumar com a claridade. Um raio forte de sol entrava pela janela, deslizando pelo espaço entre as cortinas. Lentamente, sentou-se à beira da cama, movimentando cada parte do corpo com dificuldade. Os pés, cansados após percorrerem tantas veredas de uma história intensa, finalmente encontraram o chão e escorregaram para dentro dos chinelos macios. A passos lentos, ela caminhou até a janela. O mar se agitava bem à frente de seus olhos. As ondas iam e vinham num ritmo sem fim, quase como em uma dança.

Sempre que reservava alguns dos minutos iniciais de seu dia para observar a dança da vida, representada pelas ondas do oceano, ela se lembrava de quando aprendeu a dançar.

Pensava em Desiré com carinho e em todas as aulas de dança que fizeram juntas. Naquele dia em especial, gostaria que a amiga estivesse por perto, para dançarem juntas uma vez mais.

Quando percebeu, suas delicadas mãos lhe recobriam os olhos, para assim impedi-la de enxergar o mundo por meio da visão, mesmo que por meros instantes. Aprendera muito cedo na vida que era mágico ver o mundo quando todas as luzes se apagavam e tudo o que restava eram as sensações. O mundo daquela forma era tão livre de julgamentos e padrões. Resumia-se a apenas amor.

Ela também era só amor. Desde o início. Anny era a palavra que mais rimava com o amor. Mesmo sem rima alguma. Sua vida era pura poesia. Ela afastou os pés e moveu os quadris devagar, agitou o corpo pequenino e frágil no ar.

Dançava. Ela dançara a vida toda. Agora, contudo, os movimentos eram mais delicados e contidos, na mesma medida em que exigiam mais da pequena artista.

Ela se lembrava bem da sensação de ter oito anos de idade e desempenhar aqueles movimentos com a vitalidade e a energia de quem pede e entrega muito à vida.

Quando tornou a abrir os olhos, fitando as novas ondas que se formavam e dançavam de encontro à praia, desprendendo-se enfim ao encontro da areia, como num beijo suave, emitindo um sussurro de anjo pelo caminho, Anny não pôde deixar de pensar na dança que o próprio tempo imperara em sua vida. Idas e vindas. Trazendo para perto e levando para longe.

Ensinando e amedrontando. Construindo e quebrando. E tudo da forma mais mágica possível.

Ela conhecera e amara um certo mágico, um artista, que era seu irmão de coração. Também aprendera que a magia da vida e do tempo era poderosa.

Anny conhecia bem esse tipo de encanto, e tudo isso passava por sua cabeça naquela manhã, porque não era um dia como outro qualquer.

Ela desviou rapidamente os olhos para um calendário disposto no canto do quarto. Era manhã de sábado, 7 de dezembro de 2018. A pequena dançarina, de corpo miúdo e franzino, estava fazendo aniversário. Ela se lembrava bem de quando completara oito anos. Lembrava dos amigos, dos anjos, das pequenas alegrias e das dores que preenchiam seus dias naquela época, na distante Inglaterra.

As recordações eram inevitáveis. Havia muito a ser lembrado. Anny completava agora oitenta anos.



Anny caminhou até a mesinha de canto que havia em seu quarto e observou, encantada, o que constava em sua superfície. Não era algo novo; pelo contrário, era um velho conhecido. Algo que a acompanhara por muitos anos e que tornara seus dias mais especiais. Era tão único e maravilhoso quanto a própria vida, capaz de colorir toda uma existência, mesmo que suas peças e tabuleiro fossem em branco e preto.

Era o Xadrez de Cristal, o velho presente que ganhara de seu pai, Jefferson, havia décadas, remontando ao tempo em que viviam na Casa Grande. Aquele presente a acompanhara em muitos dias de solidão, afastou a tristeza e o frio, e sempre trouxe esperança e calor ao seu frágil coração, desde quando era muito pequenina. A configuração de um mundo lindo em que dois exércitos duelavam para proteger seu rei, como uma grande prova de amor exigindo sucessivos esforços a fim de proteger quem se ama.

Anny sempre amara aquele jogo, suas peças de cristal, seu tabuleiro quadriculado, a caixa de madeira em que ele repousava e o veludo lateral que protegia as peças e os exércitos, enquanto aguardavam por um novo duelo. O Xadrez de Cristal era como a vida de Anny.

Ao cruzar com muitos seres ao longo de sua jornada, ela se deu conta de que também era assim com os outros, não apenas com ela. Todos

carregavam consigo histórias tristes e felizes, guardadas no bolso da alma, para contarem quando chegasse a hora. E Anny havia reparado, com o passar do tempo, que as pessoas que atravessaram seu caminho ajudaram a construir grande parte dele. Alguns ajudaram a regar o jardim de seus dias e iluminaram as noites escuras, como verdadeiros anjos.

Alguns anjos foram até mesmo companheiros nas partidas de xadrez. Outros, mesmo sem intenção de trazer luz alguma, ainda assim trouxeram lições tão importantes que diminuíram a escuridão, pois Anny sempre soube a maneira certa de ver o brilho, ainda que estivesse escondido. Ela fora capaz, desde criança, de emprestar uma lanterna aos seres angelicais que cruzaram sua vida e que apresentavam sua iluminação ofuscada por razões quaisquer – geralmente fruto de escolhas próprias.

Ela prosseguiu com esse jeito de ser durante cada um dos muitos anos completados, sempre emprestando lanternas em meio a noites escuras para os anjos cuja luz tinha se esvaído, sempre encontrando o brilho das estrelas mesmo por trás de céus encobertos por nuvens carregadas.

Lembrava-se de Frank, que não precisara de lanterna, pois a intensidade de sua luz já lhe bastava. Certa vez, ele comentara sobre a tolice de quem deixa a chuva impedir a visão transcendente do céu.

As tempestades iam e vinham, assim como as batalhas. Era inevitável. Todavia, como em uma partida de xadrez, Anny estava sempre pronta para o duelo, sempre em nome do amor.

Como era seu costume há anos, ela gostava de tirar alguns momentos para observar o velho tabuleiro e as peças de cristal, dia após dia, de modo a rememorar todos os aprendizados até então e a necessidade de ser forte.

Seu rei partira há muito tempo. Havia sido derrubado sobre o tabuleiro.

Como em qualquer xeque-mate, todo rei um dia cai de forma derradeira. Era parte de qualquer partida de xadrez, de qualquer reinado, de qualquer existência. No entanto, um rei caído não era um rei esquecido, e Anny amava muito o seu rei e se lembrava dele sempre com um aperto no peito.

Aproximou-se do tabuleiro e quase pôde avistar a própria face, na época em que tinha oito anos, e a face do rei Jefferson, refletidas nas peças de cristal.



*É um reino lindo. O império branco possui peças transparentes. Através de cada uma delas podemos enxergar a próxima. Já as pretas reluzem o jogo todo. Você viu, papai? Se olhar atentamente para cada uma das peças pretas, verá o tabuleiro refletido inteiramente nelas e a ameaça do exército inimigo.*



As memórias circulavam em sua mente naquela manhã de sábado, mais do que nunca. As palavras um dia proferidas ao rei, ao se deparar com os exércitos de cristal pela primeira vez, dançavam feito borboletas ao seu redor, batendo as frágeis asas gentilmente ao vento, conferindo cor e graça a um passado distante. Apesar da distância, ela nunca foi capaz de esquecê-lo. O passado nunca estivera distante o suficiente a ponto de fazê-la trancar as memórias em uma gaveta velha e empoeirada, no canto da alma, como muitos fazem. Alguns ainda por cima perdem as chaves. Ou pior: jogam-nas fora.

Mas não a Anny.

Ela sabia onde cada pecinha de seu passado se encaixava, onde cada súdito de cristal se movera ao longo dos anos sobre o tabuleiro, de maneira a duelar junto de seu exército, onde cada borboleta dançara pela primeira vez, deixando um rastro de brilho pelo ar que jamais seria o mesmo a partir daquele momento.

Essa era a importância de saber quando e como encarar o passado. Não era prudente viver preso a ele, mas tampouco era prudente esquecê-lo para sempre e perder a chave para destrancá-lo. Afinal, é bom olhar para trás e contemplar a jornada percorrida ao longo dos anos, com saudade e sabedoria, pois é sempre um incentivo para o próximo passo quando contemplamos a extensão de nossa caminhada e progresso.

Anny acariciou, com suas mãozinhas enrugadas, as peças do jogo que tanto amava e fechou os olhos para escutar com atenção tudo o que elas sussurravam em seus ouvidos. O velho Xadrez de Cristal, que ela sempre deixava pronto para um novo duelo em cima da mesinha de canto de seu quarto, na cidade de Santos, no Brasil, ganhava vida quando ela se fechava para tudo o mais e permitia que o passado a invadissem.

Um passado, uma vida toda construída sob a beleza daquele jogo, o último presente que ela ganhara do rei antes que ele caísse para sempre: tudo estava de volta. Todos os anos que ela experienciara moravam ali, por entre os caminhos estreitos e quadriculados de um tabuleiro – que apesar de parecer pequeno, guardava os segredos de toda uma história; sendo, portanto, maior que o próprio mundo.

## **SANTOS, BRASIL, 1957**

Era um dia agradável. A brisa mansa acalmava os ânimos e o frescor trazido pelo mar fazia os cabelos dançarem de forma suave, beijando a face e depois se afastando novamente.

A jovem Anny acompanhava a cidade com seus olhinhos atentos do interior de um táxi, que a conduzia ao encontro de sua família, da qual muito pouco ela sabia. Eles viviam ali, naquele país desconhecido, tão diferente da Inglaterra, de onde ela acabara de chegar após um voo longo que a deixara apreensiva e ansiosa. Ao seu lado, no banco traseiro do carro, repousava a pequena maleta, contendo os poucos pertences que juntara na casa de Jane e Hermes, além do Xadrez de Cristal e da ovelhinha Tiara.

Anny sentia o coração bater acelerado conforme o veículo cruzava as ruas da cidade. Ela não sabia o que a aguardava. Não sabia se a nova família a acolheria e a deixaria participar de seus dias por vir. Embora circulasse o mesmo sangue em suas veias, as histórias dos integrantes da família tinham há anos se bifurcado. Ela se perguntava se assistiriam juntos aos sóis que surgiriam no horizonte, em manhãs ainda não despertadas.

A cidade de Santos era linda de uma forma totalmente nova para seus olhos e seu coração cheio de dúvidas e anseios. Pessoas caminhavam por calçadas largas, a passos despreocupados. O vento era suave de uma forma diferente, e o céu de um azul-claro que encantava.

Pela brisa, a sensação era de que o mar estava próximo. Ela, contudo, ainda não havia pousado os olhos sobre ele. Aguardava com animação o momento em que ocorreria esse encontro perfeito: a junção com o grande e infinito azul, sobre o qual ela sonhara repetidas vezes por entre os canteiros do amado jardim que tivera de deixar para trás, na Inglaterra.

Agora era hora de olhar para a frente, de atender ao chamado da vida.

Apesar de não falar português, o idioma do país que a recebia, ela entregou um bilhete ao taxista, contendo o endereço para o qual precisava ir, segundo as indicações do advogado que a ajudara em Londres.

Assim, após percorrer as ruas daquela cidade que lhe era completamente nova e animadora, o carro em que a jovem Anny se encontrava finalmente parou.

Com uma gota de suor a deslizar pela face, ela pôde sentir borboletas dançando em sua barriga, tamanho era o nervosismo, quando pagou o motorista e desceu do veículo.

Olhando para o que seria sua nova moradia, parada na calçada em frente ao local de destino, ela sentiu que havia chegado em casa.



Três batidas gentis à porta. Ela prendeu a respiração.

– Sim? – perguntou-lhe a mulher que abriu a porta.

Anny apenas sorriu.



– Como posso ajudá-la? – insistiu a mulher.

Anny respirou fundo e respondeu, enfim:

– Vovó? Vovó Dayse?

A mulher à porta já tinha idade avançada. Ao ser chamada daquela forma por Anny, colocou os óculos que estavam pendurados em um cordão no pescoço e encarou a jovem com curiosidade.

Dayse nascera na Inglaterra, assim como quase toda a família de Anny. Portanto, o idioma não se mostrou uma barreira entre elas.

Passados alguns instantes, ela abriu um temeroso, porém emocionado, sorriso.

– Não pode ser! – sussurrou para si mesma. – Anny?!

Dando vazão às lágrimas contidas há tanto tempo, Anny abriu os braços e caminhou na direção de sua avó.

– Sim, vovó Dayse. Sou eu.

Anny abandonou a maleta e os pertences aos seus pés, bem como as dores do passado e qualquer tristeza remanescente em um bolso velho do

tempo, e abraçou a avó.

Muitos anos haviam se passado desde que Anny a vira pela última vez. Era uma criança muito pequena quando os avós se mudaram para o Brasil. Agora, com dezoito anos, Anny era uma linda jovem, cheia de saudades e de sonhos para dividir com aqueles que amava e não via há muito tempo.

Permitindo-se perder nos braços da avó, Anny deixou que tudo de mais belo no mundo a invadissem, suscitando a mais completa sensação de paz já experimentada por ela. Ela ansiava longamente por um abraço daqueles.

A vida havia realizado seu grande sonho, e agora ela se sentia pertencente a uma família. O tempo e a vida, de fato, realizavam milagres! – as palavras de Hermes, o velho poeta, mostravam-se mais verdadeiras do que nunca.

Dayse também derrubou abundantes lágrimas enquanto segurava nos braços a neta que pensara nunca mais poder ver. Era um momento mágico. Um instante tão lindo, daqueles que a gente deseja agarrar e vivenciar para sempre. De novo e repetidamente por toda a eternidade.

Após minutos abraçadas e em silêncio, consentindo que seus corações batessem próximos um ao outro, avó e neta desprenderam-se e Dayse encaminhou Anny para o interior da residência, ajudando-a a carregar sua bagagem, o Xadrez de Cristal incluso.



A casa de dois andares, estreita e comprida, com paredes azul-claro e muitas janelas, permitia que a brisa do mar entrasse e contagiasse todos os presentes. Embora não estivesse localizada de frente para o oceano, ficava bem próxima dele, e Anny mal podia esperar para visitá-lo: outra emoção que se concretizaria em breve.

Envolvida pelo frescor que pairava no ar, ela acompanhou a avó para dentro da residência. Como não ouviu barulho algum, Anny pensou que não havia mais ninguém em casa. Sua surpresa, porém, não poderia ter sido maior quando outra jovem adentrou a sala de estar onde Anny estava com a avó. Naquele momento, Anny teve a estranha sensação de estar diante de um espelho; contudo, tratava-se de um espelho do passado.

A garota à sua frente se parecia muito com ela, mais do que ela jamais poderia imaginar, embora fosse alguns anos mais nova.

Não era preciso que ninguém lhe contasse quem era aquela menina. Ela sabia que se tratava de sua irmã, Mariza. A irmã que ela sempre sonhara em ter para jogar xadrez e brincar na neve, afastando assim a solidão que a inundou em cada um dos anos da infância passados na Casa Grande, e posteriormente na casa de Jane e Hermes. Entretanto, agora, por artimanha do destino, ela encontrara uma irmã, que a encarava com curiosidade e até mesmo com certo receio.

A avó Dayse olhava de uma para a outra sem saber o que dizer. No fundo, nada precisava ser dito de verdade. Era como se o encontro tivesse sido previsto por seus corações, que ansiavam por ele em silêncio desde sempre.

Anny deu um passo à frente e estendeu uma das mãos em direção à irmã caçula.

Mariza nada respondeu, apenas continuou a fitá-la.

Anny, então, aproximou-se ainda mais e gaguejou, sem nem perceber, quando disse:

– Você sabe quem sou eu?

Mariza, ainda com uma expressão assustada, deu por fim um passo em direção a Anny e confessou em um sussurro:

– Eu sabia que você viria. Ele sempre me disse que esse dia iria chegar. É uma pena que ele não esteja aqui para te ver.

– Ele? De quem você está falando?

– Nós vamos ter muito tempo para conversar. É muito doloroso falar sobre isso; então, na hora certa, vou contar tudo a você. Nós vamos ter bastante tempo, não é? Você veio pra ficar?

– Então você sabe, de fato, quem eu sou.

– Sim, você é minha irmã que vivia na Inglaterra. No país em que eu nasci, mas que nunca mais voltei para visitar.

– Sim, Mariza – Anny concordou com os olhos marejados mais uma vez.

– Sim, sou sua irmã.

Ao pronunciar aquela última palavra, as lágrimas caíram de modo inevitável. A emoção de poder olhar no fundo dos olhos de Mariza e informar-lhe a verdade, além da surpresa ao saber que a irmã tinha conhecimento de tudo e que, aparentemente, ela não era a única que aguardava com ansiedade pelo encontro.



– Eu... posso te dar um abraço? – Anny indagou, com dificuldade para encontrar as palavras, tamanha era a intensidade das sensações que carregava no peito.

Mariza simplesmente abriu um pequeno sorriso em resposta. Era a primeira vez que o gesto se estabelecia entre as irmãs e, assim, deixava qualquer receio de lado e as envolvia em um caloroso abraço.

Anny apertou a irmã com a mesma força e a mesma emoção contidas no abraço à avó, alguns instantes atrás. Entretanto, o sentimento que a embalava, apesar de igualmente forte e detentor da maior felicidade do mundo, parecia diferente.

Em meio àquela manifestação de afeto, a primeira que conferiu à sua irmã biológica, Anny se lembrou de seus irmãos de coração: os amigos queridos que haviam participado de sua história durante os anos difíceis na casa de Jane e Hermes.

Pepeu, seu irmão de coração, que a vida lhe oferecera como presente e a quem ela escolhera chamar de irmão. Os amigos queridos, que eram como anjos em sua existência: Desiré, Frank, George, Nicole, Hermes. Todos eles haviam lhe ensinado sobre o amor fraterno, o amor entre irmãos. Era um sentimento pelo qual ela lutaria contra o mundo todo, enfrentaria qualquer duelo, qualquer partida de xadrez. Era um amor mais forte que a própria vida.

Agora, porém, ela segurava nos braços a única irmã biológica que tinha, e que até pouco tempo não sabia existir. Assim, Anny confirmou suas suspeitas: os irmãos do coração, que colecionara ao longo dos anos, seriam para sempre e haviam lhe ensinado muito sobre o afeto; portanto, era chegada a hora de provar sua capacidade de demonstrá-lo.

Mal podia esperar para aproveitar cada dia de convivência com sua irmã e, mesmo que elas não tenham trocado nenhuma palavra durante aquele abraço, de alguma forma Anny sentia que Mariza estava tão feliz e emocionada quanto ela.

Elas tinham crescido sem saber da existência uma da outra, mas agora que estavam tão próximas, Anny era capaz de dizer que, lá no fundo, jamais se esquecera de Mariza, o pequeno bebê que fora afastado dela muitos anos atrás e levado para uma terra longínqua, na qual elas voltavam a se encontrar.



Lembranças da época em que Anny encontrou a avó e a irmã pela primeira vez, assim que desembarcou em Santos, eram bastante marcantes, e também muito felizes. Anny recordava o receio durante a viagem, por estar seguindo rumo ao desconhecido, embora seu coração lhe informasse sem cessar que ela estava por fim indo para casa.

Ela havia aprendido, dentre os muitos ensinamentos de Pepeu, a ouvir o coração, pois ele sempre está certo e faz questão de se comunicar conosco para nos acalmar em momentos decisivos.

Anny se lembrava de forma vívida, como se retomasse os acontecimentos infinitas vezes. Ela se recordava de cada um dos primeiros instantes junto da família, no Brasil. Não apenas do primeiro abraço, como também das primeiras palavras trocadas, do primeiro riso que compartilhou com a irmã e a avó, da primeira refeição que tomaram juntas, das curiosidades, das perguntas, de todas as experiências que dividiram nas primeiras conversas e das saudades infinitas que eram finalmente amenizadas. As primeiras horas, os primeiros dias junto de sua família no Brasil não poderiam ter sido melhores. Ela se apaixonou imediatamente pelo país e pela cidade em que agora morava e fez questão de aprender o idioma local.

Era mais que um sonho estar junto da vovó Dayse e da irmã Mariza. Anny sentia que, apesar das perdas sofridas, ela recebera presentes tão maravilhosos do Papai do Céu, que faziam qualquer tempestade valer a pena e conferiam beleza a qualquer dor.

A avó e a irmã pareciam igualmente felizes com sua chegada e, além de lhe direcionarem muitas perguntas com o intuito de saber sobre sua vida até aquele ponto, elas ajudaram-na a criar novos sonhos e caminhos diferentes, repletos de alegrias e aprendizados, mesmo após anos tão difíceis quando criança, marcados pela saudade e pela incompreensão quanto à ausência dos pais, além de todos os desafios impostos pela senhora Jane.

Anny sentia que a vida sorria para ela de forma tão contagiante que seria impossível não retribuir o gesto. Ela se considerava a jovem mais sortuda do mundo e amava cada um dos momentos que a conduziram até ali: todas

as pedras do caminho, todos os desafios, todas as tempestades e todos os sofrimentos.

Ela amava cada uma das lágrimas derramadas e cada um dos momentos de desespero, pois sabia que eles haviam sido fundamentais para que chegasse à sua posição atual, na qual conseguia enxergar o mundo sob outra ótica, podendo assim nutrir aquele sentimento tão profundo.

Anny tinha ciência mais do que nunca que as lágrimas valiam a pena, pois eram apenas prenúncios de sorrisos futuros e, agora, lá estava ela, no Brasil, junto da família.

Sorrindo.



Outra lembrança muito cara ao coraçãozinho de Anny se refere ao momento em que se deparou com o mar pela primeira vez. Isso aconteceu no segundo dia desde sua chegada na cidade de Santos.

A irmã a levou para conhecer o grande e infinito azul, que ficava apenas a algumas ruas de distância da casa. Era uma tarde agradável e, após um almoço em família, Anny e Mariza se dirigiram à praia. Ela nem acreditava que iria ver o mar pela primeira vez, com o qual tanto sonhou e sobre o qual tanto leu na época em que vivera na Inglaterra.

Anny sentia a agitação típica de quem sabe que está caminhando rumo a um grande sonho, que finalmente se tornará real. É uma sensação incomum, e ela se considerava privilegiada por vivenciar momentos tão incríveis com tanta frequência nos últimos dias.

Seria mais que um sonho realizado.

Seria a comprovação de que alguém muito maior do que qualquer um de nós está no controle de tudo, tanto de nós quanto de nossos sonhos. Este ser superior quer nos ver felizes, permitindo assim que colecionemos momentos maravilhosos. Momentos maiores do que a própria vida.

Foi quando viraram na última esquina, antes de pisar na avenida da praia, que ela sentiu que um mundo novo se descortinava bem diante de seus olhos.

Um mundo azul, cujo componente único era a felicidade. O momento pareceu interminável, e ela sentiu que contemplava e pegava o próprio infinito com as mãos. Então, Anny sentiu-se ela mesma parte do infinito,

pois assim eram seus sonhos e sua alma – livres como uma borboleta a voar no céu.

Foi um instante ao mesmo tempo breve e eterno, um registro do encontro entre o mar e o céu, marcado por uma linha tênue no horizonte, também azul, da qual ninguém jamais distinguiria o início ou o fim, justamente porque tudo o que existia era a eternidade.

Ela colocou os pés na areia pela primeira vez. Estava descalça. Abriu um sorriso pleno e satisfeito com a descoberta. Era o encontro perfeito, conforme ela descreveria a partir daquele momento e para sempre.

*Tão perfeito quanto o encontro do próprio oceano com o céu azul.* Era impossível contemplar tudo aquilo, sentindo a areia quente fazendo cócegas nas solas de seus pés, e não acreditar que havia algo por trás daquele milagre. Era impossível não acreditar que nós não estávamos sozinhos em um universo construído de encontros perfeitos.

Ainda em contato com a suavidade e a força dos grãos de areia sob a pele, Anny caminhou de encontro à água.

Mariza continuava ao seu lado. Apesar de saber que ela crescera ali, junto à praia, Anny teve ciência que a irmã compartilhou sua emoção naquele momento. Era como se Mariza visse pela primeira vez, de uma maneira diferente, algo que conhecia há muito tempo.

Anny sabia bem que há formas diferentes de enxergar o mundo. Por exemplo: mesmo o que conhecemos há muito tempo pode mudar totalmente de forma se o olharmos sob um ângulo novo.

Nós temos a capacidade de nos reinventar, como o mar, que muda a cada série de ondas à beira da praia. De modo semelhante, as irmãs dividiam as sensações em meio àquele encontro, que seria o primeiro de inúmeras reuniões que Anny teria com o mar.

Quando finalmente as irmãs atingiram a água e ela permitiu que seus pés afundassem na areia, agora úmida pela proximidade do mar, recobrando suas canelas, Anny manteve os olhos bem abertos e respirou, sentindo-se parte de um quadro perfeito.

Ela estava onde deveria estar. E derramou uma lágrima silenciosa, que deslizou lentamente e enfim caiu de encontro ao mar. Assim, ela finalmente se uniu ao azul infinito.

O tempo. O amor. Todas as dores. Todas as alegrias. Eles eram um só.



– Ele me chamava de “Mar” – contou Mariza.  
– Você tem sorte de ter esse nome. É muito poderoso – Anny respondeu.  
– Desculpe ter feito você esperar até agora para falar sobre ele. Nós éramos muito unidos, e a tristeza toma conta de mim toda vez que eu me lembro que o vovô Breno partiu. – Ela respirou e continuou a falar: – Ele era excepcional e sempre fez a minha vida mais feliz. Era um verdadeiro pai para mim. A gente se dava muito bem e não sei se eu e a vovó vamos algum dia superar a despedida. Já se passaram uns anos e eu me lembro como se fosse hoje do modo como ele mencionava você. Vovô sempre teve certeza que um dia você viria.

Mariza sorria e chorava. O mar era o cenário perfeito para que sentimentos tão profundos fossem soltos ao vento. Eles viveriam lá para sempre. Livres.

Mariza continuou seu relato sobre o avô Breno à Anny:

– Assim como vovó Dayse, o vovô sofreu muito com a separação que eles tiveram de seu filho, Jefferson, o nosso pai, por causa das escolhas que ele fez. Nunca foi fácil para nenhum deles, e vovô sofreu cada dia de sua vida neste novo país. Ele continuou a amar o nosso pai e se perguntava se as coisas iriam mudar. Ele nunca perdeu a fé, principalmente em você. A fé do vovô Breno de que um dia você bateria à nossa porta era inabalável e, desde ontem, quando você chegou, estou pensando nisso e em como ele teria ficado feliz, o quanto teria se emocionado ao poder abraçá-la. Mesmo depois de tanto tempo, ele sabia que o amor é a única coisa que une de verdade. Como ele sempre dizia: “Só o amor importa.” – Ela inspirou fundo e finalizou: – Eu daria tudo para ver o sorriso na face dele agora e as lágrimas em seus olhos. Ele estaria emocionado ao revê-la, finalmente. É uma pena ele ter partido antes de sua chegada.

Anny ficou particularmente emocionada ao ouvir pela primeira vez o depoimento da irmã sobre o avô, ainda mais por ter se realizado junto ao mar.

As palavras de Mariza ficariam, sim, gravadas para sempre ali, junto à perfeição daquele cenário, uma arte da mãe natureza.

Ficou assim marcado em sua memória um encontro de sentimentos, dores e boas lembranças, cada um deles tão infinitos quanto aquela experiência e quanto a dança eterna das ondas.



Anny se lembrava daquele dia como se fosse uma pintura frágil e delicada, mas ainda assim forte, e podia revivê-lo em sua mente. No entanto, optou por não expressar em palavras todos os sentimentos que a invadiram enquanto Mariza abria seu coração, pois tinha medo de suscitar ainda mais dor à irmã, por causa da perda do avô Breno. Embora Anny não tenha verbalizado, tomar conhecimento da situação e cogitar que talvez tivesse chegado tarde demais havia sido extremamente doloroso também para ela.

– Apenas ele me chamava de Mar – Mariza confidenciou. – Era especial. Fazia com que eu me sentisse especial.

Com os olhos marejados, Anny finalmente se pronunciou:

– Ele com certeza é um anjo.

– É verdade, ele acreditava mesmo em anjos.

– Ele é, sem dúvida, um daqueles anjos especiais, que sabem jogar xadrez, e que nos acompanham em momentos de solidão.

– Como sabe que ele gostava de xadrez? – perguntou Mariza.

Anny apenas sorriu. Respirou fundo e deixou o olhar se perder mais uma vez no mar, nas águas infinitas que iam e vinham, levando tudo, agarrando e arrastando o próprio tempo, engajando-o com força; revolvendo a areia, trazendo à tona tantas experiências consideradas esquecidas. Era um ciclo sem fim, tal qual a vida.

A cada regeneração do mar, uma nova onda se formava e percorria sua jornada até que enfim ia de encontro à areia na beira da praia.

Ainda que estivesse fisicamente parada, Anny sentiu que estava dançando. Podia sentir que sua alma voava livre como uma borboleta. Era como se o céu e o mar, tão azuis, fossem na verdade um tapete revestido por incontáveis borboletas azuis que batiam suas asinhas. Unidas no mesmo compasso, sob a mesma melodia, dançando no mesmo ritmo do tempo e da vida.

A vida em si se manifestava ao seu redor por meio das ondas do mar, da suavidade da areia sob seus pés, do calor do sol ao banhar sua face, das aves que circundavam o horizonte, das pessoas que caminhavam felizes pela praia, das famílias que compartilhavam momentos naquele pequeno paraíso infinito. A vida era representada pelos sorrisos e pelos passos de todos aqueles que se encontravam em meio à perfeição de um fim de tarde. Manifestava-se em beijos, abraços, dedos entrelaçados... na brisa fresca que o mar trazia e do tempo que corria sem pressa e sem medo, fazendo com que a vida acontecesse, dançando sem parar junto de Anny.

Se o céu e o mar eram na verdade a reunião de infinitas borboletas azuis, Anny sorriu ao pensar que, então, aquelas borboletas dançavam todas juntas, e ela também.

Ela estava dançando com as borboletas!









# O MAIOR MÁGICO DE TODOS

EMBORA ELA SOUBESSE QUE OS AMORES NUNCA PARTIAM E QUE OS CORAÇÕES NUNCA SE AFASTAVAM DE VERDADE, AINDA ASSIM, CADA PESSOA PARA A QUAL TEVE DE DIZER ADEUS DEIXOU UM RASTRO DE SAUDADE, QUE MUDOU O TOM DE AZUL DAS ÁGUAS DO MAR NO ENCONTRO COM O CÉU NO HORIZONTE.

O primeiro ano que passou em Santos, Anny foi muito feliz junto da avó e da irmã. Ela sabia que as duas carregavam uma grande dor pela perda do avô, assim como ela. Apesar de muito jovem, também trazia as próprias dores, provenientes das diversas perdas e despedidas que já enfrentara na vida. Juntas, Anny, Mariza e Dayse tentavam superar as marcas que as feridas haviam causado ao longo do tempo.

Aquele primeiro ano foi muito especial, pois, apesar de tudo, as três formavam uma pequena família que vivia feliz na cidade de Santos. As irmãs se tornavam cada vez mais próximas, faziam tudo juntas e ajudavam a avó Dayse de todas as formas que podiam. Era realmente uma vida feliz, com a qual ela tanto sonhara.

Anny e Mariza conversavam sobre tudo. Sobre o presente e os sonhos que construíam juntas. Sobre o futuro que as aguardava, agora que estavam reunidas em um país tão diferente para Anny. E sobre o passado, já que por tantos anos haviam vivido separadas. Elas tinham muito o que falar.

Claro, Mariza não sabia de detalhes. Nem sua avó sabia em detalhes o que Jefferson fazia, mas a irmã mais nova de Anny tinha uma boa ideia, e isso era o suficiente.

Anny gostava de contar sobre a vida na Casa Grande, quando ainda era uma garotinha; sobre como aguardava ansiosa pelos sábados de manhã, quando os pais voltavam das viagens. Todos os finais de semana eram especiais, mesmo se eles não dessem a atenção que ela desejava; ainda assim, cada minuto ao lado deles sempre era um verdadeiro tesouro. Cada dia que brincaram na neve, cada vez que Cindy tocou piano e Anny dançou sem perceber, acompanhando a melodia da mãe. Cada sábado que Jefferson subia com a filha até o quarto de brinquedos e, por alguns instantes, ele era só dela; momentos em que o rei lhe dispensava total atenção.

Às vezes, Anny conseguia camuflar a dor das perdas para se lembrar dos pais com alegria; afinal de contas, não importava o quanto eles tivessem errado, nem o tamanho de seus erros, ela ainda assim os amava e amaria para sempre.

Como Mariza não apreciava muito ouvir histórias sobre eles, Anny falava apenas quando percebia que a irmã abandonara momentaneamente o receio.

Mariza nunca vira neve e enchia a irmã de perguntas a respeito disso, queria saber qual era a sensação de se brincar na neve e se era tão linda quanto parecia ser nas figuras que havia visto. Apesar de ter nascido na Inglaterra, Mariza fora levada para o Brasil muito pequena pelos avós e não tinha lembranças daquela terra.

As irmãs também conversavam sobre as diferenças que havia entre os países, nos quais haviam crescido separadamente. Mariza contava sobre as escolas que frequentara, enquanto Anny falava sobre os amigos que fizera mesmo sem nunca ter saído da pequena casa de Jane e Hermes.

Muitos haviam sido os anjos que entraram em seu caminho e lhe trouxeram tanta paz.

Quando não estavam conversando, as irmãs ainda assim passavam muito tempo juntas, estudando, divertindo-se na praia ou caminhando junto ao mar, indo a restaurantes e parques, lendo livros e, sim, é claro, jogando xadrez.

Anny tivera a influência do pai para conhecer o jogo, e Mariza, por sua vez, recebera a influência do avô. Isso era algo mais que elas tinham em comum. O jogo parecia ser o fator que unia toda a família, mesmo à distância.

Como uma grande partida, um duelo sem fim em favor daqueles que se ama, sempre em busca de proteção e união. Assim era o jogo, e assim era a vida de cada um deles.

Como se fosse possível, Anny passava a amar o Xadrez de Cristal ainda mais.

Assim, o tempo escorria por entre suas mãos mais uma vez, e mais do que nunca ela só tinha motivos para agradecer ao Papai do Céu todas as noites quando fechava os olhos e juntava as mãos antes de dormir.

Certas coisas nunca mudam e nunca devem mudar.



Sendo testemunha da felicidade das netas, Dayse, um dia, fizera-lhes uma surpresa e trouxera uma nova integrante à família. Era uma linda cachorrinha, de pelos dourados e curtos, além de um bigodinho gracioso, que a avó resgatara no abrigo de animais da cidade.

As meninas ficaram muito animadas quando a viram. A família estava crescendo e se tornando ainda mais feliz com a chegada da nova amiga de quatro patas.

Mariza, assim como Anny, nunca havia tido um cãozinho, porém Anny se lembrava bem de Nina, a fiel amiga de Desiré, aquela que era seus olhos e a guiava pela vida, emprestando-lhe sua visão e mostrando a ela o caminho.

Fora Nina quem ensinara a Anny que existem anjos de todas as formas, e que muitos deles possuem quatro patas e pelos no corpo todo. E foi justamente por isso que Anny sugeriu que a cachorrinha que a avó trouxera para casa se chamasse “Nina Segunda”.

Dayse e Mariza, após ouvirem com entusiasmo as histórias que Anny contou a respeito de Desiré, sua amiga especial que via o mundo apenas pelas palmas das mãos e pelos olhos da cachorrinha, concordaram que o nome era perfeito.

Então, Mariza, Dayse e Anny se uniram à Nina Segunda e continuaram a viver, mais próximas que nunca.

Logo após chegar ao Brasil e se adaptar à nova vida, Anny quis buscar outros sonhos. Ela contou para a avó e para a irmã sobre sua ideia de ser dançarina profissional. Disse-lhes tudo sobre as aulas de dança junto de Desiré e até sobre a professora que tanto lhes ensinara durante o tempo em que foram vizinhas e grandes amigas.

Mariza e Dayse concordaram que dançar era um dom maravilhoso e que Anny devia correr atrás daquele sonho, ciente de que era muito difícil ser artista, construir a vida a partir da arte, pois arte era sinônimo de sonho e muitas pessoas haviam se esquecido de como era sonhar. Apesar das dificuldades, Anny jamais devia desistir. Era maravilhoso poder contar com o apoio de sua família.

Daí, ela começou a estudar. Além disso, conseguiu um emprego de meio período, como professora de inglês. A profissão emergia naquela época e era bastante requisitada, embora houvesse falta de professores com experiência no idioma.

Assim, a jovem Anny acordava feliz, todos os dias, pronta para realizar seus planos: estudar dança, arte e dividir um pouco de seus conhecimentos com as pessoas, por intermédio do idioma. Nos horários livres, ficava junto

da família e também gostava bastante de levar Nina Segunda para caminhar na praia.

Conforme o tempo passava, Anny se tornava uma jovem adulta, cada vez mais repleta de sonhos e felicidades, além da determinação para buscar tudo aquilo que desejava.

Era maravilhoso poder se olhar no espelho e ver que aquela garotinha que vivera tanto tempo sozinha era agora uma mulher crescida, mudada, que estudava, trabalhava e vivia no exterior com pessoas que muito amava, diariamente despertando para tornar seus sonhos realidade.

O tempo era mesmo o maior de todos os mágicos. Isso a fazia se lembrar das conversas que tivera com Pepeu, quando eles cuidavam das flores de seus canteiros, muitos anos atrás.

O que o cavaleiro estaria fazendo? Certamente, contagiando todas as pessoas ao redor com alegria e um sorriso bondoso, além das canções que estaria tocando na gaita.

Quando a mágica do tempo fez com que os estudos fossem concluídos, Anny se formou com destaque em sua turma e logo ganhou uma vaga especial no Balé de Santos.

Ela impressionava professores e colegas de turma e todas as plateias que a viam dançar. A suavidade e a graciosidade de seus movimentos e o amor que transmitia eram contagiantes, a ponto de fazer com que ela sempre se destacasse.

Era mais um sonho, mais uma conquista.

Agora que Anny fazia parte do balé, não teria tempo para continuar dando aulas de inglês, pois se dedicaria cem por cento à profissão de dançarina. Portanto, seus anos como professora se tornariam mais uma lembrança especial, que ela carregaria na alma e para a qual sempre olharia com saudades; um novo capítulo estava se iniciando e ela mal podia esperar por ele.

Foi no ano de 1962, quando Anny completou 24 anos, que sua vida cruzou com a de um novo anjo.

Ele era um jovem apaixonado por balé, há pouco tempo na cidade. Assim que chegou a Santos, vindo de mudança do Rio de Janeiro, Túlio fez questão de conhecer o famoso balé local.

E quando seus olhos vislumbraram Anny no palco, foi amor à primeira vista, e assim seria todas as vezes que ele a olhasse. Até o final.



Vivendo junto do mar, Anny sabia que a vida era capaz de trazer para perto e levar para longe tudo aquilo que fosse especial. Agora, em 2018, no dia em que completava oitenta anos, deixava que tantas lembranças a invadissem. Lembranças de quando era uma garotinha vivendo na Inglaterra e dos primeiros momentos que passara junto da família no Brasil.

Era como se ela pudesse reviver cada dia de sua trajetória, de seus oitenta anos, enquanto se preparava para a comemoração que aconteceria naquele 7 de dezembro.

Anny sorria ao pensar no passado, mas também não podia deixar de sentir uma pontada no peito quando as lembranças não eram tão felizes. E o tempo era impiedoso como as ondas do mar, capaz de aproximar e de afastar tudo aquilo que há no mundo e tudo aquilo que constrói a vida.

O tempo, o grande mágico, havia trazido muita coisa para perto de Anny, muitos anjos e muitas conquistas, mas também tirado bastante dela. Embora ela soubesse que os amores nunca partiam e que os corações nunca se afastavam de verdade, ainda assim, cada pessoa para a qual teve de dizer adeus deixou um rastro de saudade que mudou o tom de azul das águas do mar no encontro com o céu no horizonte.

Como ela já vivera oito décadas completas, era inevitável que muitas pessoas que ela amou já não estivessem nessa vida. Muitas partiram cedo e até sem explicação, e todas faziam falta de uma forma diferente, preenchendo as recordações de Anny com nostalgia.

Ela se lembrava com nitidez de quando havia se formado nos estudos e começado a trabalhar no Balé de Santos. Certo dia, Mariza entrara correndo no salão que abrigava o palco em que Anny ensaiava para lhe dar a triste notícia de que a vovó Dayse havia se juntado ao vovô Breno.

Anny lembrava-se de ter chorado e de ter pensado, com certo conforto, que eles estavam agora finalmente reunidos. Dois anjos no céu.

Vovó Dayse não havia partido de verdade. Era muito diferente disso. Ela havia sido chamada pelo seu anjo, que veio buscá-la para conduzi-la de mãos dadas por um infinito azul.

Anny também tinha lembranças doces como um fim de tarde de verão. Lembrava-se de cada momento ao lado de Túlio, das vezes em que ele fora



repetidamente assistir ao balé apenas para vê-la.

O primeiro passeio junto ao mar, o primeiro café que dividiram, os sorrisos discretos e os olhares tímidos, as primeiras palavras que trocaram, o primeiro dia em que ele pegou em sua mão, o primeiro beijo que trocaram, assim como o último.

Túlio também já havia partido. Também era uma estrela no céu a guiá-la com seu riso feito de brilhos sem fim.

E ela se lembrava de cada dia que viveram, do dia em que se casaram na praia, em uma cerimônia simples e com poucos convidados, mas grande o suficiente para fazer todas as estrelas do céu sorrirem e todos os grãos de areia se agitarem.

Anny vivera oito décadas de perdas e conquistas, de alegrias e tristezas, vitórias e derrotas, encontros, reencontros e despedidas.

Ela vivia agora em uma casa pequena na ponta da praia, na qual construía um jardim com dois canteiros. Sempre na companhia das flores e do mar, sua vida continuava a ser pura poesia, com rimas de dor e também de felicidade.



Anny colocou um vestido do qual muito gostava. Continuava simples, mas vaidosa, como fora desde pequena. Arrumou os cabelos curtos, lisos e um pouco ralos em um coque, passou um pouco de batom nos lábios e blush na face. Conforme se arrumava, encontrava alguns instantes para olhar para o mar pela janela, e para o Xadrez de Cristal no interior de seu quarto. Era bom sentir-se perto do que amava em um dia tão importante. Ela estava ansiosa para o que a aguardava.

Apesar de ter encerrado os trabalhos no Balé de Santos há anos, ainda ia ao local sempre que possível e continuava amando aquele cantinho do mundo.

Como era o dia de seu aniversário, os integrantes do balé haviam resolvido demonstrar mais uma vez o quanto eram gratos por toda a contribuição que ela dera ao local, pelas décadas de um incansável e belíssimo trabalho, sempre a favor das artes, do talento e do amor.

Anny seria homenageada com uma cerimônia simples e, por mais que tenha dito que nada daquilo era necessário e que a verdadeira homenagem

lhe era entregue sempre que testemunhava alguma conquista do balé, a equipe fez questão de homenagear a eterna bailarina que ajudara a popularizar o espaço e que desenvolvera projetos assistenciais por meio da dança, unindo a caridade e a arte, trazendo para o balé ideias revolucionárias que fizeram com que pessoas de todas as idades e classes sociais tivessem uma chance no mundo da dança. A homenagem era mais que merecida, de fato.

Após terminar de se arrumar, já tendo comido as panquecas que preparara para si naquela manhã, Anny lembrou-se de suas velhas e saudosas manhãs de sábado na Casa Grande e saiu de casa pronta para as festividades da tarde. Iria caminhando até o local, porém, como seus passos eram lentos, saiu com antecedência de casa. Não poderia chegar atrasada em um dia tão especial.

Ela saiu de sua casinha, na qual morava há tempos e, embora não fosse a mesma na qual compartilhara saudosos momentos com a avó e a irmã, também ficava bastante próxima ao mar.

Já do lado de fora, Anny dedicou alguns minutos para observar o jardim. Suas flores cresciam tal qual seus sonhos. Elas sempre encontravam uma forma de despertar para a vida se fossem regadas e cultivadas com amor. Anny sorriu para elas, abaixou-se com dificuldade e acariciou algumas pétalas.

Lembrou-se de muitos dos momentos em que cada uma daquelas plantas desabrochou, cresceu, abriu-se e sorriu para o mundo. Ela conhecia aqueles canteiros como a palma de suas mãos. Eles eram um espelho dos primeiros canteiros dos quais cuidara, muitos anos antes, na Inglaterra, nos fundos da casa de Jane e Hermes, por entre os quais jogara xadrez tantas vezes com Pepeu, ou até sozinha.

As flores sempre foram grandes companheiras. Anny sempre as queria por perto e cuidava delas com o maior amor do mundo. Esse era o único segredo para alguém ter um jardim florido e alegre como o dela.

Em seguida, Anny estufou o peito e rumou para o balé.



A homenagem para a eterna bailarina inglesa do Balé de Santos não foi tão simples quanto haviam-lhe dito. Os bailarinos do atual corpo de dança

fizeram uma apresentação especial, para a qual haviam ensaiado por meses, diante de um grande público convidado.

Ao final da apresentação, Anny foi chamada até o palco para receber flores das mãos de uma das bailarinas-mirins, representando assim ciclos diferentes da vida que se completavam tão perfeitamente. O jovem e o experiente. A magia do tempo agindo mais uma vez em sua vida.

Ela também seria homenageada por uma das turmas dos projetos filantrópicos de dança que havia criado, e que continuavam como parte de seu legado de bondade à humanidade.

Muito emocionada, Anny fez um singelo discurso no palco, dedicando aquele momento às pessoas que amava e que estavam distantes: Desiré, por ter acreditado em seu talento para a dança e a acompanhado em suas primeiras aulas; Pepeu, por ter-lhe encorajado a ser uma grande artista, sempre fiel aos sentimentos sublimes que a arte traz para os corações; e seu pai, Jefferson, por ter-lhe presenteado com algo tão lindo, que garantiu-lhe o poder de sonhar desde muito pequena, e para sempre.

Tanto a dança como o balé foram um mundo de sonhos. Para Anny, os palcos eram como gramados quadriculados sem fim, e cada dançarino, uma peça rara de cristal que lutava por tudo que amava.

Seu discurso foi entusiasticamente aplaudido e até virou manchete em um dos jornais da cidade, tamanha fora a sua contribuição para as artes e a cultura do município.

Quando se faz algo que se ama, de todo o coração, as pessoas ao redor sentem que o trabalho é verdadeiro, regado por bons sentimentos e construído por boas intenções.

Isso aconteceu com Anny e a dança. Ela amara o balé desde quando dançava no interior da Inglaterra, em dias frios e cobertos por neve; décadas mais tarde, tal amor permanecia cada dia mais, e para sempre. Era um amor interminável e capaz de comover todos aqueles que dele fossem testemunhas.

Horas após as homenagens, já de volta à sua pequena casa, Anny olhou ao redor, sentindo pela primeira vez naquele dia o peso da solidão. Estivera rodeada de pessoas durante o dia, mas muitas das pessoas que mais amava já não estavam ali. Havia partido por razões diversas, em momentos diferentes, cada uma deixando uma marca.

No instante em que se viu sozinha, pensou de forma dolorosa no dia em que, décadas antes, também fizera aniversário e comemorara sozinha na casa de Jane, com um bolo falso que preparara para si e uma velinha improvisada.

Se agora, anos mais tarde, Anny tivesse velinhas para assoprar, teria de fazê-lo sozinha novamente.

A eterna bailarina tinha muitos motivos para sorrir para a vida, mas, como seria para qualquer pessoa, sua caminhada nunca foi fácil, e sim marcada por momentos extremamente difíceis.

Em datas especiais, ela se lembrava ainda mais de todos com os quais gostaria de estar dividindo o momento e celebrando a vida. Cada um tinha uma história, uma trajetória diferente, mas o que as pessoas que ela amava tinham em comum era que todas haviam partido.

Anny olhou pela janela e não conteve as lágrimas.







## UM REINO TODO QUADRICULADO, TALHADO EM MADEIRA

FECHARAM A PORTA SEM SABER SE ALGUM DIA  
VOLTARIAM A ABRI-LA. ASSIM COMO NÃO FAZIAM  
IDEIA SE, CASO TENTASSEM VOLTAR AO LOCAL, ELA  
CONTINUARIA DE FATO DESTRANCADA. ANNY SEMPRE  
SOUBE QUE TUDO QUE É MISTERIOSO É TAMBÉM  
ENCANTADOR.



## **SANTOS, BRASIL, 1957**

**M**ariza começou a caminhar pela praia, sem perceber. A irmã a seguiu. Logo, elas chegaram a um lindo ponto em que havia um único banco de madeira, como se fosse o espectador eterno daquele espetáculo de beleza azul, sempre olhando para o mar e contemplando-o sem nunca se cansar.

Mariza sentou-se nele. O local era seu velho conhecido e, sem nada dizer, era possível perceber que se tratava do seu cantinho preferido no mundo. De lá, a vista do mar era privilegiada.

Anny acomodou-se ao lado da irmã, ainda não acreditando que tudo aquilo estava acontecendo, que ela estava ali, de fato. Tinha uma família. As palavras a seguir não seriam fáceis de serem ouvidas. Era doloroso pensar que o avô Breno não tivera tempo de esperar sua chegada.

E foi de frente para o mar que Mariza falou sobre ele e sobre a conexão forte que tinham. Contou tudo com detalhes que, ao mesmo tempo que cutucavam as feridas e faziam seu coração sangrar, também faziam com que, de alguma forma, ela o sentisse mais perto.

A irmã e o avô de Anny haviam sido tão unidos que ela não pôde deixar de pensar que Breno seria o rei que Mariza protegeria em uma partida de xadrez. Ela entendia bastante desse tipo de amor. Ele dói, mas é o que faz a vida acontecer.

O mar se agitava em frente às irmãs e a água ia e vinha, conferindo som à história triste que saía do coração de Mariza.

## **PALAVRAS DE MARIZA, NO VELHO E SOLITÁRIO BANCO DE MADEIRA DE FRENTE PARA O MAR**

Não posso começar dizendo que foi apenas mais um Natal. Não. Não foi como qualquer outro. Tudo mudou alguns meses antes, quando vovô Breno faleceu de repente. Apesar de já ser bem idoso, ele não estava doente. Sua partida foi um choque para todos nós.

Ele foi uma das pessoas mais dispostas, alegres e saudáveis que eu me lembro de ter conhecido. Arrisco até dizer que tinha um espírito jovem, camuflado por todas aquelas rugas de sabedoria. Era pequeno e franzino,

mas sempre caminhava apressado, como se não tivesse tempo a perder. “A vida nos chama, Mar, a cada nova manhã”, ele costumava me dizer.

Seus cabelos talvez fossem brancos como a neve, se ele não os tingisse todos os meses. Era vaidoso e alegava que vovó não gostaria de vê-lo relapso com a própria aparência. E ria quando dizia que, quando se ama alguém de verdade, acorda-se com vontade de conquistar essa pessoa novamente, de um jeito novo, a cada manhã.

Contudo, a morte um dia o pegou de surpresa. Pode ser poético dizer que um anjo veio buscá-lo, já que ele acreditava tanto neles. Afinal, sua morte repentina, durante o sono, foi completamente em paz. Mais pareceu uma viagem. Ele apenas continuou dormindo e, então, voou.

Ele deixou muito para trás, sobretudo saudades. Sinto tanta falta dos sorrisos dele bem próximos de mim.

Os médicos disseram que ele “repousou”, que foi o coração. Não sei. Prefiro acreditar na teoria dos anjos. Ele gostaria disso.

Contudo, nem assim consigo ter certeza de ser um caso de poesia dos céus, afinal de contas, sua partida foi trágica e doeu em mim a cada dia que se seguiu. O pior é que tenho a sensação de que a dor talvez nunca passe e que, de alguma forma, eu terei de aprender a conviver com o vazio.

Sinto como se tivesse tido muito pouco tempo ao seu lado. Cheguei a usar palavras rudes em uma de minhas orações, dizendo que ele foi egoísta e partiu sem nem se despedir. Depois me arrependi de tê-lo feito. Os anos ao seu lado parecem ter passado muito rápido, embora repletos de recordações.

Foram tantos momentos felizes que, nem se eu quisesse, conseguiria me lembrar de todos. O importante foi que eles fizeram de mim o que eu sou. Cada instante da minha infância, independentemente de me lembrar com detalhes ou não, foi fundamental para eu construir diversos sonhos dentro de mim.

E foi justamente vovô Breno quem me falou sobre os sonhos pela primeira vez. Quem me apresentou esse mundo, no qual tudo era possível, e onde realizar todas as ânsias dos nossos corações seria o mandamento principal. Era assim que ele falava. Com sua ajuda, fui aprendendo a entender o que meu coração queria e, acima de tudo, a aceitar que era uma tarefa interminável: compreender o coração é um trabalho contínuo e para a vida toda.

Algo mágico acontecia quando estávamos juntos. O vovô Breno simplesmente combinava comigo de uma forma que é raro de se ver. Ele falava o que eu queria – e precisava – ouvir. Dividia suas lembranças e experiências comigo, tentando garantir que cada dia da minha vida tivesse seu propósito alcançado, levando-me de encontro aos meus sonhos mais profundos. Vovô me mimava, mas me corrigia quando eu errava. Embalava-me em seu colo quando eu chorava e ria de minhas doidices de infância mais alto que qualquer um. E, quanto mais ele ria, mais eu queria fazê-lo rir.

Cada pequeno acontecimento ou cada nova constatação era sempre uma desculpa para correr até ele, interromper o que estivesse fazendo e, então, perder-me em conversas que duravam horas. Muitas vezes, nem desculpa havia, apenas a vontade de sentar no sofá e tomar sorvete, enquanto ouvia algo. Por isso, ele sempre tinha um pote do meu sorvete preferido – pistache – no refrigerador.

É por isso tudo e por tanto mais que eu não consegui aprender a seguir em frente sem ele. Ou, ao menos, não conseguia.

Meu pequeno e jovem coração ficou sobrecarregado de tristeza, como se uma neblina volumosa o envolvesse, escondendo até os sonhos. Eu precisei seguir com minha rotina, com os estudos, com as refeições em família, que agora se resumiam a vovó, eu e a cadeira vazia ao nosso lado na mesa. Mas não segui em frente com as brincadeiras. Nem com os sonhos. Não ousei fazer isso sem ele.

Então, o primeiro Natal sem ele chegou e, mais do que nunca, eu vi que tudo havia mudado. Aquele fim de ano seria diferente, mas não por boas razões. Não pelas razões certas.

Eu não queria presentes, não achava graça em nada e mal tinha vontade de comer. Tudo o que desejava era voltar ao passado e ficar um tempo a mais com ele. Contudo, se era pedir demais aos Céus, eu concordava em diminuir meu desejo e ter, ao menos, a possibilidade de me despedir de vovô.

Se eu tivesse tempo de lhe dar um último abraço e dizer que, apesar de muito nova, a vida me mostrou quanto ele tinha sido importante para mim, talvez pudesse seguir em frente e, quem sabe um dia, voltar a sonhar.

Naquele Natal sem brilho, dizer adeus ao vovô Breno era o único presente que eu desejava receber.



– Mar, venha para a sala, os convidados chegaram! – ouvi a voz de vovó atravessar a porta entreaberta de meu quarto.

– Não me chame assim! Você não tem o direito! – gritei em resposta, batendo a porta em seguida.

Como ela ousava?

Hoje sei que foi um ato impensado, pois ela jamais me chamou assim e nunca voltaria a me chamar. Pode ter sido um impulso gerado pela saudade do vovô.

Ele inventou esse apelido um dia, quando eu era bem pequena e estávamos aqui, neste banco solitário de frente para o mar.

Vovô me enxergava por dentro e fazia de tudo para agradar meu coração. Por isso, quando estava com ele, eu sorria sem pressa e sem medo.

Naquela noite de Natal, terminei de colocar a blusa nova que vovó me tinha dado. Ficou um pouco grande, então eu dobrei as mangas ao redor do pulso. Sempre fui pequena para minha idade.

Arrependi-me de ter gritado com a vovó logo em seguida. A morte de vovô também a abalou e a fez mergulhar em um oceano de tristezas. E justamente quando pensava nela, ouvi seus passos apressados e inconfundíveis no corredor. Depois, ela abriu abruptamente a porta do meu quarto, parecendo irritada:

– Por que está demorando tanto? – indagou.

– Estou terminando de me arrumar.

Antes de sair, contudo, ela me fitou por um instante.

– O que foi agora? – foi minha vez de perguntar.

– A blusa nova ficou linda em você.

– Está um pouco grande – repliquei.

– Não importa. Você parece uma princesa. Está tão crescida, querida, tão linda... – Ela suspirou, aproximando-se de mim e ajeitando a blusa ao redor do meu pulso. – Não demore, por favor, Mariza. Todos estão aguardando por você no andar de baixo. Falta pouco para a meia-noite e logo serviremos a ceia.

Ela havia convidado vários amigos para a ocasião. Parecia mais que estava tentando desesperadamente deixar a casa cheia, como se fosse

camuflar o vazio que sentíamos.

Eu não queria descer e encarar as pessoas, mas concordei com a cabeça e aguardei que ela fechasse a porta ao sair.

A tristeza estava lá, dentro dos olhos dela. Vinha evitando encará-la nos últimos dias, justamente porque me cortava o coração ver tanta melancolia em sua expressão. Era como se a saudade do vovô ganhasse forma ali dentro, e eu não conseguia suportar a ideia.

Enxuguei uma lágrima teimosa, ajeitei os cabelos, saí do quarto e descí. Não estava pronta para aquele Natal, que parecia não ter qualquer importância. O primeiro Natal sem a alegria do vovô estava prestes a acontecer, sem que eu pudesse fazer nada para impedir.

Enquanto descia as escadas, já visualizando alguns amigos de vovó reunidos, pensei que seria um verdadeiro milagre de Natal se, de alguma forma, vovô estivesse ali conosco. Quando cheguei ao último degrau, estava decidida a buscá-lo.

O Natal sempre foi seu dia preferido do ano e meu coração parecia querer encontrar forças para dizer que, de alguma forma, ele estaria presente.

Eu acreditei no meu coração, sem saber ao certo o que esperar. Afinal, vovô sempre gostou de me fazer surpresas. Mais tarde, naquela estranha e solitária noite de Natal, eu ainda tentava compreender tudo o que havia acontecido.

Vovô sempre parecera saber de tudo, até das coisas que iam além da explicação. Então, se ele sabia que iria morrer, por que não falou nada? Por que não foi ao médico? Por que não se despediu de ninguém? Será que ele tinha mesmo sido pego de surpresa? É difícil pensar isso sobre alguém que sempre pareceu ter conexão com os anjos.

Vovó Dayse, na hora da entrega dos presentes, fez um grande suspense sobre o que descobriu perto do quartinho de vovô Breno. Vou te explicar: existe um quarto isolado de nossa casa, que fica no quintal, completamente fechado. Era um cômodo da casa em que apenas ele ia. Embora fosse muito aberto comigo, ele possuía um lado misterioso, e eu sempre o respeitei, pois as coisas eram assim desde que eu era muito pequena.

Apenas vovô tinha a chave. Nós não fazíamos ideia de onde ela estava e eu não saberia dizer se vovó planejava algum dia abrir o local. No entanto, até o momento, não havíamos tentado. Gostamos de respeitar a memória

dele como se fosse um santuário. Portanto, mesmo com curiosidade sobre o que quer que existisse lá dentro, deixamos tudo como sempre foi, e o quartinho dele permaneceu fechado para o mundo.

Mas, de uma forma mágica, vovó acordou cedo naquela manhã de Natal e, enquanto fitava o quartinho, como se sua simples existência trouxesse vovô para perto de nós, notou um embrulho no chão, posicionado entre a porta fechada e um único vaso, que ficava encostado na parede de fora. Jamais poderia dizer se o embrulho esteve sempre ali, se ele o havia deixado antes de partir e ninguém viu, ou se foi um milagre de Natal. Era um embrulho simples e pequeno. Quando ouvi o que aconteceu, derramei grossas lágrimas.

Como mencionei, vovô sempre acreditou em anjos e falava deles com muito amor e fé. Mas eu, por mais que quisesse acreditar, nunca tive certeza. Até aquele dia. Estava claro que era um presente de vovô, que vinha como um anjo diminuir nossa dor no primeiro Natal que passaríamos separados.

Imagine minha emoção quando vovó o entregou a mim. Tão pequenino e azul, ele possuía uma etiqueta branca, com a palavra “Mar”.

– É para você – vovó Dayse disse emocionada, em meio a todos os convidados. Não houve uma pessoa em nossa sala naquela noite com os olhos secos.

Cada um tinha uma teoria de como o embrulho chegara até nós, porém não importava. Ele era mais valioso que toda a riqueza do mundo. Ouro, joias, dinheiro. Nada disso podia entrar no céu. Mas presentes como aquele pequenino embrulho azul, entregues por anjos, podiam.

Segurei o embrulho junto de mim e deixei claro que não o abriria ali, na frente de todos. Após o jantar e as conversas amigáveis, que se estenderam por boa parte da noite, fui me deitar.

Na verdade, foi o que eu disse a todos, como um pretexto para refugiar-me em meu quarto e abrir o presente de vovô longe dos olhares curiosos.

Era um momento só meu e dele. Uma resposta para minhas preces e para meus pedidos, uma gota de esperança no oceano de tristeza que castigava meu peito. Um verdadeiro milagre!

Estava na solidão do meu quarto, fitando o embrulho. Ouvi quando as vozes no andar de baixo silenciaram e vovó subiu para seu quarto, e notei

quando todas as luzes da casa se apagaram. Ainda assim, não encontrei coragem suficiente para abrir o presente.

Para início de conversa, o que vovô estava querendo com aquilo tudo? Seria a forma que ele encontrara para dizer adeus?

Perguntas que, possivelmente, jamais seriam respondidas. Eu sentia meu corpo todo tremer e minha cabeça girar.

Então, no meio da noite, cansei de me fazer tantas perguntas sem ter respostas. Deixei de procurar explicações que não viriam e tentei criar coragem para encarar o tesouro em minhas mãos. Já não podia adiar aquele momento.

Quando vi, horas haviam se passado. Senti-me uma completa covarde por ainda não ter aberto minha surpresa. Fosse o que fosse, vovô teve um propósito. Portanto, prendi a respiração e só tornei a soltá-la quando o presente estava desembulhado frente aos meus olhos.

– É um xadrez de bolso! – sussurrei, perplexa e encantada.

Imediatamente, reconheci o que era, pois havia visto um daqueles quando fui até a loja de brinquedos com o vovô, tempos antes. Lembro que ele ficou encantado com o jogo. Mais uma vez, ele me surpreendeu e emocionou.

Desdobrei o tabuleiro, que mais parecia uma pequena caixa de madeira, dobrada sobre si mesma, em cujo interior encontrei as peças do jogo, talhadas também em madeira.

– Aposto que foi ele que construiu este presente – continuei a falar sozinha, como se um anjo pudesse me ouvir.

E quando deslizei os dedos pelas pecinhas que vovô havia talhado e pelo tabuleiro que devia ter pintado com as próprias mãos, formando um caminho todo quadriculado, branco e preto, perfeito, notei o quanto estava sendo tola.

Nenhuma explicação estava faltando, não havia mistério a ser solucionado. Eu não precisava de mais nenhuma resposta e de absolutamente nenhuma comprovação de nada.

Vovô acabava de me ensinar mais uma grande lição. Ele provou que as coisas mais lindas da vida não têm explicação, nem razão para acontecer.

Não foi uma forma de dizer adeus, porque esta palavra não existia no dicionário de vovô Breno e, portanto, também não deveria existir no meu. Foi uma maneira mágica que ele encontrou para me mostrar que estaríamos

sempre juntos, que as conversas e brincadeiras não precisariam ter fim. De alguma forma, estaríamos sempre conectados, parte da vida um do outro.

E, ali, com o xadrez de bolso nas mãos, enquanto tudo fazia minha alma doer e sentir-se fragmentada por todos os momentos que acompanharam o luto, aquilo também a levou a sorrir e elevar-se, de alguma forma.

Era como se eu quase pudesse alcançar o céu, voar livre como uma borboleta ao vento, indo direto ao encontro de vovô. Seus sorrisos estariam ali, no xadrez de bolso que ele tinha construído com suas mãos, garantindo assim que eu tivesse um pedacinho dele sempre comigo.

O primeiro Natal sem vovô começou com a promessa de ser um dos dias mais tristes da minha vida, mas se encerrou como um dos mais belos e emocionantes que já vivi.

Eu não apenas acreditava piamente em anjos agora. Desde então, sei que existe um em especial, sempre a olhar por mim, e que até me envia presentes quando pode, quando lhe sobra tempo para talhar a madeira entre suas missões celestiais.

Fui tola ao pensar, a princípio, que o presente seria a despedida definitiva, quando, na verdade, era apenas um recomeço. A animação e a angústia dividiam espaço em meu peito, duelando para ver quem se sobressaía. Optei por ouvir meu lado que clamava pela paz.

Analisei cada pecinha que vovô esculpiu, assim como o pequeno e dobrável tabuleiro de madeira, fascinada com a beleza do presente. A sutileza e a precisão com que vovô construiu meu xadrez de bolso foram incríveis. Podia apostar que ele depositou muitos sonhos naquele objeto, e que, longe de ser um “adeus”, teve grandes motivações para se assegurar que ele seria meu.

Havia sido sua missão de Natal.

Por um instante, que de tão breve tornou-se dolorido, senti alegria mais uma vez. Pela primeira vez desde que ele partira, na verdade.

Observei as peças do xadrez, pensei em sua face tão próxima de mim, como se estivesse ali. Percebi que a alegria em alguns momentos da vida pode parecer fugidia. Fugaz. Por vezes, parece que não veio para ficar, e dá até medo permitir que a alegria se acomode, sabendo que logo ela vai partir de novo, o que é sempre uma despedida dolorosa.

Eu já tinha compreendido a questão nos meses que se passaram; porém, sabendo do misterioso objeto talhado pelas mãos de um anjo, sentia uma



vaga sensação de alegria.

Tempos mais felizes existiam, sim, e estavam próximos de mim, naquele tabuleiro de madeira, e distantes de palavras ranzinzas como “adeus”. Seria por tempos assim que eu iria lutar, pois foi justamente por esses tempos que ele lutou. Até o último suspiro.



Faltava pouco para o dia amanhecer, após aquele Natal mágico, nostálgico e marcado por um milagre maior que a vida.

Eu estava exausta e meus olhos pesavam por causa da falta de sono. Ainda assim, não conseguia adormecer. Continuava pensando em tudo. Meu presente era encantador e perfeito, e eu passei muito tempo deitada sobre a cama, contemplando-o e imaginando como seria se ele tivesse vida.

Aquele xadrez de bolso poderia ser pequenino ou infinito, dependendo do ponto de vista. Por um lado, ele se mostrava frágil, dobrável, como se me dissesse que não importava o tamanho dos sonhos. Até os pequenos, os que cabem no bolso e que podemos guardar e carregar para qualquer lugar tornam-se grandes, se quisermos. Por outro lado, o tabuleiro que eu fitava sem parar e suas peças de madeira me diziam, a cada segundo, que um sonho, independentemente do tamanho, pode tornar-se tão grande que se transforma em infinito.

Pensamentos assim ecoaram e ainda ecoam em minha mente enquanto tento reaprender a sonhar. Foi como aprendi que cada sonho dá trabalho, requer esforços de nossa parte. Eu precisaria trabalhar e fazer as coisas acontecerem, se de fato quisesse mudanças, recomeços, tempos mais felizes – até na dor. É por isso que eu estou lhe contando tudo isso, Anny, minha irmã. Mais mudanças aconteceram desde então e parecem estar apenas no começo.

Sua chegada também foi um milagre. Mais um que eu testemunhei. Acredito que há uma conexão com os anjos. Desde ontem, quando você chegou, muita coisa mudou. É evidente. Entretanto, as maiores mudanças acontecem no interior, e tudo isso faz com que eu me lembre ainda mais da noite em que recebi o presente de vovô Breno, o xadrez de bolso que ele próprio talhou.

Acho que jamais poderei reclamar, pois os milagres parecem ser constantes em minha vida. E, de alguma forma, parecem estar sempre ligados ao vovô. Isso não pode ser coincidência.

Então, ontem à noite, quando você já havia se deitado, muitos pensamentos rodaram em minha cabeça quando fiquei sozinha em meu quarto. E foi assim que tive uma ideia.

Por mais que eu tenha aceitado não precisar de mais respostas ao receber o presente de vovô, algo dentro de mim me confidenciou, ontem, que o xadrez de bolso foi apenas o início dos milagres em minha vida. Em *nossa* vida, Anny.

Você tem a ver com o presente de vovô, com o jogo de xadrez que ele talhou, com a vida que ele sempre sonhou para nós, com nossa família reunida. Tudo isso me levou a uma nova descoberta mágica que agora eu quero dividir com você, e é a continuação da história que acabei de lhe contar sobre o milagre de Natal, o primeiro que testemunhei.

Os próximos milagres, pelo jeito, vamos testemunhar juntas.

Você está pronta? Você acredita em anjos? Ainda não sei muito sobre você, mas poderia apostar que sim, que você acredita em anjos com muito mais fé do que eu acreditava antes de receber um presente de um deles. Estou certa?



Ontem à noite, olhando pela janela, apesar de ser madrugada avançada, percebi que o céu era um manto negro, recoberto por um tapete de brilhos que as estrelas, risonhas, formavam.

O silêncio na rua era total. Parecia até que o mundo tinha sido silenciado para ouvir meus pensamentos e respeitar os sentimentos confusos que eles carregavam naquele instante.

Não tive tempo a perder. Abri a gaveta em que ficava tudo que eu precisava para construir sonhos sobre o tabuleiro de madeira.

Sua chegada, Anny, despertou algo em mim e me chamou para o jogo de xadrez, para os sonhos que se formam naquele tabuleiro talhado com sutileza. Sonhos que, de tão pequeninos, são do tamanho da vida.

O que busquei ontem à noite para construir os sonhos foi massa de modelar. Mais um legado de vovô Breno.

Espere, vou contar tudo...

Para entender como a massinha e os sonhos se encaixam nessa história toda e sua importância em tudo isso, preciso revisitar minha memória. A lembrança de uma tarde de domingo que passei com ele, antes de sua partida.



Era mais uma tarde de domingo em que eu me encontrava correndo pela areia da praia com vovô, ávida por uma boa história sobre sonhos. Mal sabia que ele havia preparado uma tarde especial. Seria, de fato, um dia diferente, e traria uma lição tão essencial para minha vida que, anos depois, eu ainda me lembraria com nitidez de cada instante.

– O que é isso? – perguntei, assim que parei de correr e me juntei a ele, curiosa a respeito de uma mochila, que, inusitadamente, ele levava no passeio.

Ele tirou da mochila uma caixa comprida, repleta de objetos coloridos.

– São massinhas, se assim você quiser chamar – ele disse, fitando-me com os lábios e os olhos a sorrir – Para mim, são pequenos moldes de sonhos.

– O que isso quer dizer? – perguntei, animada.

– Quer dizer, minha querida Mar, que existe uma energia, uma força, em tudo aquilo que desejamos. Guarde bem esta lição: se você depositar esperança nos seus sonhos, não há nada que não possa acontecer! E o que é melhor do que depositar esperança em forma sólida?

– Sólida? – indaguei, mal contendo minha agitação.

– É claro! Esperança em forma sólida! Construir os sonhos de alguma maneira e, assim, fazer com que se realizem! Quer tentar?

Daquele dia em diante, passamos a construir tudo o que desejávamos com massinha. Nossos pequenos moldes de sonho eram como jardins regados com esperança todos os dias.

Por exemplo, se eu queria uma bicicleta, construía uma miniatura de massinha. Não importava se demoraria ou de que forma o desejo se concretizaria. Eu olhava para o pequeno molde a cada dia, com a certeza de que ele se tornaria real.

Essa foi uma das muitas heranças que vovô me deixou. Como apostar nos sonhos, depositando toda nossa fé e empenho neles. Segundo ele dizia, no momento em que estamos construindo o molde de massinha, o sonho já começa a ganhar vida, pois projetamos nele nosso esforço e o construímos com o coração cheio de boas intenções e esperanças.

– Ela tem cor... A esperança! – eu exclamava, encantada, vendo a massinha ganhar forma. – E pode ser da cor que quisermos!

A lição das massinhas, ou melhor, dos pequenos moldes de sonhos, foi tão valiosa, que a carreguei para sempre. Ainda mantenho uma caixa de massinhas no fundo de uma gaveta em meu quarto.

Por algum tempo, após a partida de vovô, achei que já não veria graça em arquitetar moldes de sonhos. Contudo, o xadrez de bolso despertou em mim a vontade de retomar a fé. Ainda assim, eu não havia reunido coragem suficiente para projetar sonhos. Até ontem, quando você chegou, Anny.

Ontem à noite, além de pegar o xadrez de bolso, procurei a massinha, segurei sua caixa com força entre os dedos e tive certeza da minha próxima atitude. Examinei as massinhas entre os dedos, alisando-as, analisando e mesclando cores, deixando que a vontade de voltar a sonhar me guiasse.

Foi bem irônico que, para ser capaz de sonhar mais uma vez, eu tenha precisado de certa insônia repentina. E é disso que vovô sempre falou. Dos momentos repentinos. Das surpresas da vida. Dos pequenos instantes que despertam algo em nós e fazem com que mudemos o curso da vida. Momentos como aquele em que recebi o xadrez de bolso ou como a sua chegada, minha irmã. Um detalhe, um efêmero instante, pode mudar tudo. E isso é belo, se você pensar bem.

Somos arquitetos, construtores dos nossos dias. Foi essa a essência do que vovô sempre tentou transmitir com sabedoria. Nós construímos tudo ao nosso redor. Os relacionamentos, os amores, os choros e os sorrisos. Construímos nossa vida inteirinha!

O tabuleiro do xadrez de bolso estava estendido à minha frente. Posicionei as peças nele da forma correta. Aproveitei alguns instantes só para contemplá-las e pensar em qual seria o meu próximo projeto, para qual sonho daria forma. Com a inspiração do tabuleiro de madeira, pensei no quartinho de vovô.

As direções que se instalaram em minha mente exalavam tanto poder que eu sentia o corpo todo tremer. Eu sentia o tremor em meus braços,

tamanhas eram a animação e a ansiedade que eu experimentava ao ver o sonho se tornando real.

Os exércitos do jogo de xadrez agora se encaravam. Um segundo de tensão e completo silêncio pesou sobre mim e as peças adiante. Não seria um duelo, porque, no fim das contas, tudo o que eu buscava era paz.

Como bom sonhador, vovô me ensinou que era preciso planejar, organizar e trabalhar com esmero para que tudo acontecesse conforme o desejado.

De fato, muita coisa estava em jogo.

Portanto, com muito cuidado, sutileza e determinação, como cada sonho deve ser construído, trabalhei na construção de algo bastante especial com massinha. Fiquei surpresa ao perceber que não tinha perdido o jeito; afinal de contas, há muito tempo eu não lidava com ela.

Não sei se será uma surpresa para você, Anny. Após ter ouvido toda a história, acredito que já saiba o que eu edifiquei, e qual objetivo quis solidificar.

Sim, motivada pela sua chegada, eu pensei muito no vovô, mais que o normal – se isso é possível. E pensei em seu quartinho, pois foi exatamente ali, à sua porta, que ele me deixou o presente. Talvez aquilo tenha sido um indício de seu desejo que eu o conhecesse mais.

Sozinha, não havia pensado em investigar a fundo, mas, ontem, senti que era o momento e construí com toda a fé do mundo uma porta de massinha.

Não uma porta qualquer.

A porta do quartinho de vovô.

E, sim, Anny, eu a construí aberta.

**ASSIM SE ENCERRARAM AS PALAVRAS DE MARIZA NO VELHO E SOLITÁRIO BANCO DE MADEIRA DE FRENTE PARA O MAR, NAQUELA TARDE DE 1957.**



Aquele dia distante no tempo fora, de fato, o dia dos encontros perfeitos! Era mais uma das lembranças queridas que Anny trazia no coração, e

revisitava agora, aos oitenta anos, como se recordasse os movimentos de peças de xadrez sobre tabuleiros infinitos, de madeira ou de cristal.

Com nostalgia, continuou a pensar naquele dia, o segundo que as irmãs passaram juntas, e que já era repleto de mistérios e emoções.

Após o relato emocionado de Mariza sobre sua forte conexão com o avô Breno, sobre como recebera o primeiro presente de um anjo, e também sobre como a vinda da irmã a motivara a buscar mais milagres que só estavam começando na vida delas, Mariza e Anny silenciaram. Ambas sentiam a necessidade de seguir em frente e continuar a aventura iniciada pelo avô de forma mágica e sutil, como todos os sonhos do mundo devem ser.

As irmãs, então, após a longa conversa junto ao mar, foram logo para casa, mas não entraram. Elas tinham um destino certo.

Contornaram o terreno e foram para o quartinho isolado da casa, o local misterioso do avô Breno. Elas sabiam bem, antes de tocar na maçaneta da porta, o que aconteceria a seguir. De fato, a porta estava aberta.



Desde a morte do avô, Mariza e a avó Dayse nunca haviam tentado abrir o quartinho. Portanto, ela jamais saberia dizer se aquela porta estivera destrancada desde sempre.

Mariza preferia acreditar que havia sido o seu sonho, aquele que ela construía com massinha na noite anterior, tornando-o palpável às mãos, que fez com que o novo milagre se apresentasse. Realmente, as surpresas e os momentos alegres estavam apenas começando.

Era extraordinário as irmãs dividirem aquele momento, a primeira aventura juntas, em um dia tão especial, no qual Anny enfim havia se encontrado com o grande azul.

Com os corações batendo forte, tanto que era possível ouvir o compasso desenfreado de ambos, as irmãs cruzaram a porta. Estava escuro lá dentro, pois o quartinho não tinha janela alguma. Então, procurando com cuidado, Mariza encontrou uma cordinha, puxou-a e acendeu a luz do ambiente.

Os olhos de Anny e da irmã demoraram alguns instantes para se acostumar com a claridade recém-chegada; porém, com perplexidade e

encanto, elas olharam para a magia que estava à frente delas naquele quartinho.

Por vários minutos, não foram capazes de dizer nada.



Chegava a ser um pouco assustador tudo o que estava bem diante das irmãs, ao mesmo tempo que era de uma beleza infinita. Ali, à frente delas, havia uma escultura em tamanho real de uma criança, um garotinho em uma cadeira de rodas.

Mariza sempre soube que o avô tinha diferentes talentos e a alma de um grande artista. Embora tivesse tido trabalhos diversos durante a vida, a arte sempre fora seu verdadeiro amor. Entretanto, ela não fazia ideia de que ele poderia lidar com a madeira daquela forma.

É claro, havia o xadrez de bolso, que era uma obra de arte, talhada com tanto cuidado e com tamanha delicadeza. Porém, nada no mundo poderia ser comparado à escultura de madeira que estava no quartinho mágico do avô.

Era possível ver quase todos os detalhes de um garotinho na madeira. Seu rosto, porém, não estava completo. Era como se vovô não quisesse revelar todos os segredos ou quisesse guardar algumas surpresas. Contudo, os braços e as pernas finas do garotinho, a roupa simples que ele vestia e seu sorriso contagiante foram esculpidos com perfeição, assim como sua cadeira de rodas, que parecia a maior obra-prima já construída em madeira.

E não acabava aí. Havia um suporte à frente do garotinho e, preso nele, um instrumento musical de sopro. Parecia uma flauta, porém não era exatamente uma. O instrumento possuía um mecanismo diferente, que não dava para se identificar apenas ao primeiro olhar. Anny e Mariza não sabiam o que aquilo significava.

Certamente, aquela escultura demandara muito tempo e trabalho do avô Breno, e era um segredo que ele guardara muito bem, mas que revelava a elas, suas netas, agora.

Muitas teorias poderiam explicar o que a escultura representava, e o que todas tinham em comum era que o garotinho, quem quer que fosse, era um anjo.

Anny e Mariza se aproximaram ainda mais da peça, analisando sua beleza e suas filigranas, que eram de uma técnica e de um capricho incríveis. Era visível que nos traços do menino residia o maior amor do mundo, e que se tratava de fato do trabalho de um anjo.

Elas continuaram mudas, pois não havia palavras que coubessem no momento. Aquilo que elas viam e viviam, dentro do quartinho do avô Breno, era maior que qualquer palavra, que qualquer sentimento, que qualquer teoria. Ia além da compreensão de qualquer pessoa. Portanto, em respeito ao avô, e tendo a certeza de que no momento certo mais revelações viriam, elas simplesmente saíram do quartinho em silêncio. Fecharam a porta sem saber se algum dia voltariam a abri-la.

Assim como não faziam ideia se, caso tentassem voltar ao local, ela continuaria destrancada. Ou se a escultura do menininho com o inusitado instrumento musical e sua cadeira de rodas ainda estaria lá.

Anny sempre soube que tudo que é misterioso é, também, encantador. Tinha cada vez mais certeza disso.









# O REI E O ARTESÃO

EMBORA PARTISSEM AGORA COM ALGUMAS RESPOSTAS, CADA VEZ MAIS PERGUNTAS SURGIAM, ASSIM COMO MAIS MISTÉRIOS A RESPEITO DO REI E DO ARTESÃO. JÁ SOBRE O CAVALO BRANCO, ENQUANTO O CAVALEIRO SE AJEITAVA PARA QUE ELES RETOMASSEM A VIAGEM, ANNY LEMBROU-SE DE FAZER UMA ÚLTIMA PERGUNTA AO ARTESÃO BONDOSO, QUE OS OBSERVAVA PARADO À PORTA DE SUA CABANA.

ra um dia aparentemente perfeito no Reino Xadrez. Tudo estava onde deveria estar. Um claro reflexo da alma da pequena rainha daquelas terras quadriculadas e sem fim. Os gramados infinitos exibiam tons de branco e preto vibrantes, pelos quais caminhavam os incontáveis súditos de cristal, as peças de xadrez em tamanho gigante.

Apesar de as peças de dois exércitos duelarem quando necessário, os soldados coexistiam em paz, saudando-se com reverências sempre que se encontravam pelas terras do reino.

As plantas, os animais, o riacho que corria sem pressa naquele mundo de sonhos, tudo continuava ali. Tudo era feito de xadrez e sempre seria assim, pois a rainha daquelas terras optara por jamais deixar de sonhar.

Ao longe, o majestoso e imenso Castelo Xadrez destacava-se sobre todo reino, com sua força e beleza. Ele tornava o Reino Xadrez ainda mais especial e digno de uma verdadeira rainha.

O único pontinho colorido visto no reino era uma borboleta pequenina e delicada, completamente azul, que voava sem pressa ao redor do castelo. Em meio àquela terra tão mágica, a rainha chegou, pronta para mais um dia de descobertas e emoções. Ela usava um maravilhoso vestido quadriculado, branco e preto, e uma fita graciosa na cabeça.

Com alegria, a pequenina rainha adentrou o reino, saudando todas as peças que encontrou pelo caminho, acariciando os animais e visitando os canteiros quadriculados. Então, com tranquilidade, caminhou à sombra de árvores brancas e pretas que circundavam o riacho xadrez. O reino estava bem. Tudo estava em paz.

A rainha Anny olhou para a própria imagem refletida nas águas do riacho e, apesar de o tempo já ter passado, e ela ser agora uma rainha adulta, no reino, conforme ordenara, Anny voltara a ter oito anos. E seria assim para sempre, pois fora com essa idade que ela de fato aprendera sobre anjos, sobre o Xadrez de Cristal e sobre tudo que aquele mundo maravilhoso representava em sua vida. Ela se tornou parte dele ainda criança, e era a verdadeira rainha de um império tão lindo como o Reino Xadrez.

Embora não tivesse sido fácil tomar tal decisão – afinal de contas, Anny sabia que cada idade possui sua beleza e razão de ser –, ainda assim ela optara por voltar a ter oito anos todas as vezes que adentrasse os portões

quadriculados do reino. Apreciando sua aparência em tal idade, enquanto se olhava no riacho que a refletia, Anny sorriu vendo-se com as expressões infantis de outrora, assim como a franja vasta e lisa que recobria sua testa.

Ciente de tudo que acontecia fora daquela terra de sonhose da sua nova realidade no Brasil, a rainha pensou, à beira do riacho xadrez, na conversa que tivera com a irmã Mariza no velho e solitário banco de madeira de frente para o mar, e no que acontecera logo em seguida, quando visitaram o quartinho mágico do avô Breno.

A poesia, a delicadeza e os mistérios que haviam testemunhado ao encontrar a escultura de madeira do garotinho na cadeira de rodas e seu instrumento de sopro inusitado eram de uma beleza sem fim.

Aquele era apenas o segundo dia da rainha em terras brasileiras, e ela se sentia confortada pela visita ao reino durante um sonho, pois ele sempre lhe dera explicações quando precisava.

De alguma forma, mesmo que sua fé fosse inabalável e que a admiração que sentisse pelo vovô Breno naquele momento aquecesse seu coração, ainda assim, a pequena rainha não podia deixar de se fazer várias perguntas a respeito de tais circunstâncias.

As palavras de Mariza. O quartinho mágico. A escultura. O fato de que o avô parecia prever sua vinda da Inglaterra desde sempre. Eles pareciam estar conectados, embora não tivessem tido tempo para se encontrar, já que a partida de vovô Breno fora tão repentina.

Anny desejou, de todo o coração, ter respostas para os mistérios que envolviam o avô. Naquele exato instante, alguém se aproximou.



Era seu velho conhecido e amigo. Aquele que a ajudara tantas vezes quando ela mais precisou, nos momentos mais dolorosos do caminho. Aquele que sempre tinha respostas certas para as perguntas que ela não era corajosa o suficiente para elaborar. Aquele que era não apenas seu súdito, mas uma figura curiosa e inspiradora, que ela muito amava e que mantinha sempre viva dentro de si. O Sábio Bispo.



Com a calma, a imponente e a elegância que a rainha conhecia tão bem, o súdito de cristal se aproximou. Ele parou sobre o gramado quadriculado ao lado do riacho e curvou-se em uma reverência, dizendo:

– É um prazer revê-la, minha rainha.

– O prazer é todo meu – Anny disse, retribuindo a reverência ao súdito.

– Vejo que Vossa Majestade chegou hoje ao reino com muitas novidades, e dúvidas, na mesma proporção.

– Como sempre, você está completamente certo, senhor bispo. Sua sabedoria nunca deixa de me impressionar.

– Bondade sua, rainha.

– Estou feliz de estar aqui e rever essas terras, agora que também estou vivendo em outras terras quando estou acordada.

– Muito me alegra saber que você está feliz, junto de sua família, em uma linda cidade próxima ao mar, majestade.

– De fato, senhor bispo, é um momento muito feliz. Meu coração se alegra, pois meus maiores sonhos se tornaram reais. Mas, como todos os corações, ele continua agitado. De alguma forma – respirando e encarando o bispo com seriedade, ela continuou –, sei que isso se deve à conversa que tive hoje com Mariza, diante do mar, e às descobertas que fizemos no quartinho de vovô. E eu gostaria de saber, senhor bispo...

– Saber o que tudo isso significa – ele disse, interrompendo-a e fazendo uma nova reverência.

Contemplando o horizonte com concentração, o castelo ao longe e a borboleta azul que o circundava com graciosidade, o bispo respirou fundo e disse:

– Veja bem, majestade, eu gostaria de poder ajudá-la, ainda mais agora que encontrou tanta alegria junto de sua avó, Dayse, e de sua irmã, Mariza. Eu gostaria, minha pequena grande rainha, que você pudesse viver na eterna calmaria da vida. Mas, como Vossa Majestade bem sabe e aprendeu desde muito pequena, as tempestades nunca deixam de existir. Assim como os mistérios e as buscas. E os corações nunca se aquietam verdadeiramente. Mesmo vivendo seus maiores sonhos, minha rainha, você ainda terá grandes desafios. E não os encare como algo ruim, pois eles são apenas um instrumento para seu aprendizado. Para o aprendizado de todos nós, devo dizer, pois nós somos você, e não poderíamos ter mais orgulho disso.

– Muito obrigada, senhor bispo, por tanta sinceridade e por tamanha lealdade ao meu reinado. Eu não sei o que seria de mim sem você e sua sabedoria.

O bispo ficou extremamente feliz com as palavras da rainha e abriu um amplo sorriso, olhando dentro de seus olhos, quando replicou:

– Sempre estarei aqui para ajudá-la, conforme prometi, embora muitos dos mistérios da vida você deva descobrir sozinha, minha rainha. O que não significa que eu e este reino estaremos distantes. Pelo contrário. Estaremos sempre aqui, prontos para recebê-la e orientá-la, conforme estiver ao nosso alcance.

– Isso tudo, senhor bispo, significa que você não tem respostas sobre meu avô?

– Pelo contrário, minha rainha. As respostas estão aqui. Dentro de você, como tudo mais ao nosso redor. Elas se escondem nas alamedas quadriculadas do reino, por entre as flores brancas e pretas e as águas do riacho, em volta do castelo e dentro de seus salões, por entre as asas da borboleta azul a dançar ao vento, ao redor das árvores e das peças de cristal. Em tudo está a resposta que você precisa, rainha, e a encontrará se olhar bem de perto.

Após proferir tais palavras enigmáticas, o bispo desapareceu feito fumaça, deixando um rastro de mistério no ar, que incentivou a rainha Anny a caminhar pelo reino em busca de qualquer pista que pudesse encontrar.

Ela saudou os súditos e sorriu para todos que encontrou, mas manteve expressões de curiosidade e cautela, visto que o reino parecia exatamente como sempre estivera, e ela não sabia onde poderiam estar as respostas para suas novas perguntas. Quando sua confusão aumentou, conforme se aproximou do castelo, a rainha sentiu o chão tremer sutilmente sob seus pés, como se aquele mundo não estivesse muito firme.

Lembrando-se de outros tempos, quando o castelo se tornara ruínas, Anny sabia bem o que fazer para não deixar que seus sonhos desmoronassem.

*A força está em mim*, ela sussurrou para si própria. *Ela está em mim. Está aqui.*

Entretanto, para seu espanto, o chão voltou a tremer, agora com mais intensidade. A rainha olhou imediatamente para o castelo, que permanecia forte e imponente, com a borboleta voando ao seu redor.



A confusão da rainha aumentou ainda mais quando ela ouviu algo que fez seu corpo se arrepiar de uma forma amedrontadora. Eram gritos de dor e medo.

Gritos que pareciam vir de alguém que sentia um pavor extremo, um total desespero, uma exasperação que corroía o ar ao atravessá-lo, indo de encontro aos ouvidos da rainha. Eram gritos que clamavam por ajuda.

Sentindo-se aflita a cada novo instante e com desejo de ajudar quem se encontrava naquela situação de angústia, Anny tentou manter-se de pé para procurar quem gritava, porém o chão tremeu com ainda mais força. Ela não conseguia caminhar sobre o tabuleiro infinito.

– Por favor, deixe-me ajudá-lo, quem quer que você seja. Onde quer que esteja, mostre-me o caminho! – a rainha bradou com determinação.

Os gritos, então, alcançaram seus tímpanos com mais intensidade, penetrando sua alma e atingindo seu coração como uma flecha.

Ela teve certeza do que mais temia. Os gritos vinham do rei Jefferson. O rei estava em apuros. Seu desespero fazia o chão tremer.



Já que o castelo se mantinha impassível, num símbolo da força da rainha, e a borboleta continuava a voar ao seu redor, representando a sua alma, isso só poderia significar que não era a rainha que desmoronava, mas alguém próximo, que fazia com que seu chão sentisse o impacto de tamanha dor.

Se o reino dos sonhos de Anny era xadrez, se ela era uma rainha naquela paisagem infinita, tudo isso se devia a Jefferson, o rei que ela tanto amava, e de quem sentia saudades tão infinitas quanto aquelas terras.

Ela precisava ajudá-lo. Não suportaria saber que ele estava com tanta dor e que solicitava ajuda, e nada fazer. Ela faria algo. Faria tudo que pudesse. Lutaria até o fim para que a dor do rei desaparecesse. Porém, como poderia interceder se não sabia onde ele estava? De onde vinham seus gritos? E o que estaria acontecendo?

Como se não bastassem todos os mistérios a respeito do avô Breno e da escultura de madeira, novos enigmas invadiam seus sonhos. Justamente quando ela buscava respostas. As palavras do bispo ganhavam mais força, pois em meio às alegrias da vida, novos desafios sempre surgiam. A vida

era, de fato, uma constante luta, complexa e agitada como as ondas do mar, que ela finalmente conhecera.

– Eu devo ser forte para ajudá-lo – disse para si. – Eu vou ser forte, vou ajudar o rei. Irei resgatá-lo da dor e da tristeza, onde quer que ele esteja. Honrarei a promessa que um dia lhe fiz, muito tempo atrás, quando vivíamos na Casa Grande e ele me apresentou ao mundo quadriculado, branco e preto, construído de sonhos.

Assim que a rainha pronunciou tais palavras, o chão deixou de tremer e ela ouviu ao longe o som conhecido e acolhedor do galope de um cavalo, que sempre lhe trazia aquele que tanto amava. Seu fiel cavaleiro cavalgava em sua direção.

A rainha lembrava que o cavaleiro ajudara o rei em outras ocasiões, inclusive quando ele visitara o reino. Portanto, seria maravilhoso se ele pudesse ajudar novamente.

Antes que ela tivesse a oportunidade de fazer tal pedido, ele chegou com seu cavalo branco e lhe fez uma reverência. Em seguida, ajudou-a a subir e disse:

– Vamos, minha rainha, não temos tempo a perder.

Anny sorriu, sentindo-se mais forte que nunca. Ela e o bondoso cavaleiro iriam ao resgate do rei.

Tudo ficaria bem.



No lombo do cavalo branco, eles percorreram terras e mais terras quadriculadas. A rainha Anny e seu fiel cavaleiro cruzaram gramados infinitos à procura do rei Jefferson, mas nem sinal dele. Todos os súditos de cristal a quem perguntaram não sabiam do paradeiro do rei.

Anny recordava-se que ele não vivia exatamente dentro do Reino Xadrez, pois certa vez o bispo lhe explicara que ele não era livre, em decorrência de tantas escolhas erradas que fizera na vida, e que o tornaram prisioneiro de si mesmo. Porém, os gritos pareciam estar tão próximos. Tão dentro da rainha.

Após percorrer tantas e tantas terras quadriculadas junto do cavaleiro, ela perdeu as esperanças de encontrar o rei por ali.

– Está claro que ele não está aqui, meu bondoso cavaleiro. Não sei o que podemos fazer para encontrá-lo.

– Eu tenho uma ideia! – O cavaleiro mudou a direção do cavalo e rumou para o outro lado do Reino Xadrez.

Após pararem por um instante, próximos ao riacho, para que o cavalo branco se refrescasse na água e descansasse um pouco, a rainha e o cavaleiro seguiram viagem e foram para a direção que ele havia sugerido: os portões do reino.

– Lembro-me de jamais ter cruzado os portões, de nunca ter saído do reino em meus sonhos, cavaleiro. Você tem certeza que é uma boa ideia?

– Também não tenho certeza do que iremos encontrar lá fora, minha rainha, mas juro total lealdade para protegê-la. Não importa quais sejam os desafios que encontraremos. Estaremos juntos. Duelaremos contra o que for necessário em nome do rei.

– Como em uma partida de xadrez.

– Eu sei que pode parecer assustador sair do reino dessa forma inesperada. Ainda mais como no dia em que você chegou buscando respostas e recebendo apenas mais perguntas. Porém, não acredito que tenhamos opção. Os gritos do rei não vêm de dentro das terras de seu reinado, rainha Anny. Se quisermos ajudá-lo, precisaremos seguir sua voz e sua dor.

– Fiel cavaleiro, o rei precisa de nós. Com sua lealdade e sua bondade, sei que posso encontrar o rei Jefferson. Se existe alguma pessoa no mundo capaz de me ajudar agora, essa pessoa é você.

O cavaleiro fez uma nova reverência, sentindo-se feliz com tamanha bondade que emanava da majestade. Então, juntos, cruzaram os portões com o cavalo branco e saíram do Reino Xadrez pela primeira vez.

Os súditos de cristal de todo o reino aplaudiram entusiasticamente a partida dos heróis, incentivando-os em sua missão.

Anny recebeu com carinho a admiração e o apoio dos súditos, sentindo que estava no caminho certo. Com esperança no futuro que os aguardava, ela e o cavaleiro seguiram os gritos de desespero do rei, que parecia vir de todos os lugares e de lugar nenhum ao mesmo tempo.



Fora do Reino Xadrez, havia um conjunto de terras estranhas. Anny e o fiel cavaleiro encontraram de tudo pelo caminho. Desertos. Terras áridas com animais que pareciam sedentos. Plantas que nunca haviam visto. Encontraram cidades abandonadas completamente vazias. Florestas de mata densa, além de longas estradas de terra, as quais percorreram por quilômetros e mais quilômetros sem avistar uma pessoa sequer. Tudo que encontraram no caminho foi muita neblina a lhes atrapalhar a visão. Mas não perderam a fé por um momento sequer.

Seguindo seus corações, não havia o que temer. A única coisa que atormentava a rainha era o receio de estar perdendo tempo para ajudar o rei enquanto ele sofria, pois tanto ela quanto o cavaleiro não sabiam qual direção seguir.

Os gritos não paravam, mas não estava claro de onde vinham.

Após percorrerem terras infinitas, por um tempo que lembrou a eternidade, a rainha e o cavaleiro finalmente avistaram algo inesperado: uma pequena cabana em meio a uma terra deserta e abandonada, da qual saía fumaça pela chaminé. Alguém estava em casa.

O cavaleiro guiou o cavalo até o local. Então, ajudou a rainha a descer do animal e, em seguida, apeou. Ambos se aproximaram da cabana solitária e misteriosa, a única esperança concreta que lhes apareceu na jornada de resgate do rei.

Com apreensão, a rainha Anny estendeu uma das mãos com intenção de bater à porta, mas, antes que tivesse a chance de fazê-lo, uma voz ecoou lá de dentro, dizendo:

— Por favor, entre.



Por dentro, a cabana era tão rústica e velha quanto aparentava do lado de fora. Havia poucos e velhos móveis na sala principal em que a rainha Anny e o bondoso cavaleiro se encontravam.

O local era até um pouco empoeirado, embora bastante aconchegante. Possuía sofás cor-de-rosa, almofadas floridas e mesinhas de madeira, sobre as quais encontravam-se bules de chá lascados. Vários objetos de madeira estavam espalhados.

Foi estranho a rainha ter ouvido alguém convidá-los para entrar na cabana quando estavam à porta, pois ela e o cavaleiro não encontraram ninguém no interior da casinha simpática e misteriosa.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, o dono da cabana adentrou na sala. Era um senhor que ela nunca vira, mas que parecia estranhamente familiar. Tinha um sorriso bondoso e a pele enrugada, usava um avental sobre as roupas, mostrando que estava trabalhando em algo antes da chegada da rainha e do cavaleiro.

– Desculpem a bagunça. Estou com muitas encomendas – ele justificou, com um jeito típico de pessoas agitadas que fexecutam muitas tarefas de uma só vez. Porém, sua voz também era carregada de bondade e simplicidade.

– Não tem problema. Nós só estamos de passagem – Anny o confortou.  
– Precisamos de uma informação.

– Sim. Sim. Eu sei, majestade. Eu sei bem por que você está aqui.

– O que o senhor disse? – Anny indagou, confusa e perplexa.

– Por favor, sentem-se. Tenho vários tipos de chá, qual vocês preferem?

– Eu não estou com vontade de tomar chá agora, senhor. Mas agradeço muito a gentileza. Apenas me sinto muito nervosa, pois tenho a missão urgente de resgatar meu rei. O senhor poderia me ajudar?

– É claro, rainha Anny, estou aqui para isso.

– Você sabe quem eu sou?

– Sim, você é muito famosa por essas terras. Seu Reino Xadrez é o reino de maior prosperidade e felicidade por essas bandas. Todos que aqui chegam, na tentativa de também construir sonhos, ficam espantados ao notar como você o faz com tamanha sabedoria.

– Que estranho – Anny disse. – Vi apenas terras abandonadas, secas e infrutíferas, cobertas por mata densa e neblina escura.

– Isso responde a tudo, não responde? – o velhinho simpático indagou. – Isso responde a tudo sobre os sonhadores que por aqui passam. Não é fácil construir uma terra de sonhos como a sua, rainha. Quase todos que tentam, acabam por sucumbir e secar, sem jamais prosperar, e acabam por abandoná-la. Justamente por isso você é tão famosa e admirada. É um prazer estar tão próximo de Vossa Majestade outra vez.

– Outra vez?

Como o velhinho nada mais disse, a rainha continuou, com gentileza:

– O prazer é todo meu. Acho que vou aceitar um chá agora. Pode ser de amoras, por favor.

O fiel cavaleiro, que ouvia a conversa com atenção e interesse, sugeriu chá de mirtilo. Após servir os convidados, o dono da cabana serviu-se de uma xícara de chá de especiarias.

Enquanto tomavam a bebida quente, continuaram a conversa:

– Você tem alguma ideia de onde eu posso encontrar o rei ou alguma pista que me leve até ele?

– Sinto muito, rainha – o anfitrião disse –, apenas Vossa Alteza pode encontrá-lo. Não posso ajudá-la com respostas tão detalhadas, pois elas não cabem a mim. Contudo, tenho algo para lhe entregar. Algo que eu construí com minhas mãos, pois sabia que um dia você viria. Eu a esperava há muito tempo. E acredito que o objeto que tenho para lhe entregar ajudará em sua missão.

Anny repousou a xícara de chá sobre uma mesinha de madeira, sentindo uma animação crescente em seu peito. Então, ela e o cavaleiro seguiram o simpático senhor por um corredor estreito no interior da cabana.

Segundo ele, estavam indo para sua oficina, que ficava nos fundos. Atravessaram uma cortina, depois do corredor, e chegaram a um pequeno quartinho, repleto de objetos talhados em madeira, que certamente ele havia construído.

– O senhor é ... – Anny começou a dizer.

– Sim – ele respondeu, antes que ela perguntasse. – Eu sou um artesão.

– Um artesão? Eu nunca conheci um artesão antes. Parece um ofício mágico.

– De fato, minha rainha. E, se me permite dizer, não sou um artesão qualquer. Costumo dizer que sou um artesão de sonhos, pois eu os talho em madeira. Na verdade, antes eu os construía com massinha de modelagem, para torná-los sólidos. Mas, ao longo dos anos, fui aperfeiçoando minha técnica de solidificar sonhos e torná-los palpáveis. Hoje, trabalho com madeira dura. Eles são praticamente inquebráveis. E, como eu disse, tenho muitas encomendas.

– Que lindo. Talhar sonhos em madeira – o cavaleiro disse, analisando com cuidado os objetos, sonhos construídos pelo artesão.

As palavras ecoavam na mente de Anny e ela não pôde deixar de pensar na escultura de madeira que vira no quartinho do avô Breno, junto de

Mariza.

Quando a pequena rainha redirecionou o olhar para o velho artesão à frente, compreendeu o que estava acontecendo.

– Vovô?

– Achei que você não fosse perguntar – ele disse, entre sorrisos.

Imediatamente, eles se abraçaram com emoção e alegria, ficando assim por vários minutos.

Como todos os abraços repletos de saudades que Anny deu nas pessoas amadas que havia reencontrado nos últimos tempos, aquele gesto foi único e especial. Cada reencontro era diferente e fazia o coração sorrir de uma forma nova. Apesar de o gesto se concretizar apenas na terra dos sonhos, ainda assim, envolveu um dos sentimentos mais reais já experimentados por Anny.

– Não esperava encontrá-lo por aqui – Anny confessou, por fim. – É maravilhoso. Eu fui até o Reino Xadrez buscando respostas a seu respeito, mas só encontrei mais perguntas, quando ouvi os gritos desesperados de meu rei. Vejo que o Sábio Bispo é realmente muito sábio e teve razão mais uma vez. As respostas estão em mim. Elas estão por aqui, por todas estas terras. E todas elas virão, não é, vovô?

– Você, de fato, é a rainha mais sábia que eu já conheci, minha querida.

Quando se desprende do abraço do avô, Anny olhou ao redor com curiosidade, observando os objetos que ele construía e algo em especial chamou sua atenção.

Em um canto da oficina do artesão, havia uma escultura de madeira de um garotinho em uma cadeira de rodas, com um suporte e um instrumento de sopro à sua frente. Cada detalhe era talhado em madeira. Era exatamente a escultura que Anny descobrira com Mariza.

– Quem é esse garotinho, bondoso artesão? Qual é a relação dele com toda esta história?

– Vossa Majestade, como eu disse, não tenho todas as respostas para lhe dar, pois elas não cabem a mim. Porém, espero que o objeto especial que construí, aguardando sua chegada, ajude-a a encontrar tudo o que procura. Não só as respostas a respeito do garotinho na cadeira de rodas, mas também o caminho rumo ao rei. Ele é meu filho. Eu também o amo muito, por isso esculpi o objeto mágico que irá guiá-la, com todo amor que cabe em meu peito.

– É um amor infinito – sussurrou a rainha. – Eu sei. Posso sentir.

Sorrindo com as palavras da rainha, o artesão pegou uma peça redonda de uma das muitas estantes de sua oficina. Era um objeto simples e pequeno de madeira, arredondado, e que tinha apenas um ponteiro. Parecia a mistura de um relógio esquisito com uma bússola quebrada.

– O que é isso? – Anny perguntou, aceitando o objeto nas mãos.

– Ele não tem exatamente um nome – disse o artesão. – Mas posso garantir que será muito útil em sua busca. Lembre-se de usá-lo quando estiver na estrada, pois ele vai funcionar apenas na hora certa. Seu coração saberá.

Repleta de carinho e esperança, ela guardou o objeto em um bolso.

– Está bem. Eu gostaria de ficar mais tempo, mas nós precisamos seguir em busca do rei. Prometo voltar com calma em uma próxima visita, pois temos muito o que conversar, artesão Breno.

– De fato, minha rainha, irei aguardar por uma nova visita sua, para tomarmos chá. Você também será sempre bem-vindo, fiel cavaleiro. – Ele fez uma reverência.

Então, os três dirigiram-se à porta da cabana, a mesma que Anny e o cavaleiro cruzaram há pouco, sem saber o que os aguardava.

Embora partissem com algumas respostas, cada vez mais perguntas surgiam, assim como mais mistérios a respeito do rei e do artesão.

Já sobre o cavalo branco, enquanto o cavaleiro se ajeitava para que eles retomassem a viagem, Anny lembrou-se de fazer uma última pergunta ao artesão bondoso, que os observava parado à porta da cabana.

– Se você é o pai do rei Jefferson, isso significa que é o verdadeiro dono de todas estas terras? O rei dos reis? Certo?

Com um sorriso humilde e contagiante, olhando para os visitantes prestes a partir, ele respondeu:

– Minha querida, eu sou apenas um artesão.

O cavaleiro, então, ordenou que o cavalo retomasse a viagem. Agitando sua boina no ar, ele se despediu do artesão com um lindo sorriso, do tipo que Anny tanto amava, pois tantas vezes a salvaram da solidão.

A rainha, por sua vez, sofria ao deixar o artesão com tanta rapidez. Eles passaram tão pouco tempo juntos. No entanto, o rei a chamava e ela tentou manter em seu interior a certeza de que voltaria a ver aquele simpático velhinho, em tempos melhores, em terras nas quais os sonhos dão frutos e



flores. As esperanças da rainha eram como as borboletas: livres a dançar ao vento.

Ela e o fiel cavaleiro logo se viram mais uma vez por entre as terras secas e abandonadas dos sonhos que formavam os reinos vizinhos do Reino Xadrez. A neblina e a solidão pairavam no ar, como o prenúncio de uma tempestade. Para a rainha, era triste ver tantos sonhos daquela forma. Abandonados e sem vida. Mas, de fato, fazia muito sentido.

O artesão estava certo, e as últimas palavras ouvidas ecoavam na mente de Anny, assim como a imagem do sorriso bondoso. Ele confidenciara que era apenas um artesão, não o rei dos reis, como ela imaginara. E isso só poderia representar a grandeza de sua alma. Nenhum rei jamais seria capaz de talhar sonhos em madeira como um artesão.







# COLCHA DE RETALHOS

ESTÁ SENDO MAIS DIFÍCIL DO QUE IMAGINEI TENTAR  
REMENDAR AQUILO QUE A SOLIDÃO RASGOU.

nnny pegou papel, caneta e sentou-se em sua mesinha, de frente para a janela  
**A** pela qual via o mar.

Com todo o amor do mundo, mas também com dores e feridas que latejavam, escreveu lentamente. O barulho suave da caneta deslizando sobre o papel era como música, livre ao vento, fazendo todas as borboletas do mundo dançarem.

## **SANTOS, 2018 – UMA CARTA PARA ALGUÉM QUE AMO E QUE ESTÁ LONGE**

Pepeu, meu querido Pepeu.

Meu mágico preferido, meu artista inspirador, meu irmão do coração. Para sempre, meu fiel cavaleiro.

Hoje estou completando oitenta anos e revivendo as reminiscências de todos esses anos. A vida é mesmo uma obra de arte perfeita do Papai do Céu.

É uma sensação inquietante olhar para trás e ver tantas linhas traçadas ao longo de minha vida, e como elas se conectaram. Memórias podem parecer uma colcha de retalhos quando vistas de longe, e hoje percebo como tudo se encaixou de forma harmoniosa. Quando acontecem coisas que, a princípio, não compreendemos, ficamos revoltados, elaboramos mil perguntas, castigamos nosso coração. Mas a verdade é que depois de ter vivido tanto, sei que tudo fez sentido.

Cada lembrança é como as peças de um quebra-cabeça que, juntas, formam um quadro único e perfeito, que é a minha vida. Cada anjo do caminho, cada rajada de luz, cada dor e cada espinho. Cada uma das tempestades. Tudo teve um propósito. Até os mistérios que me assustaram na época em que surgiram tiveram respostas.

O sentido da vida é a arte mais linda que podemos apreciar. Se soubermos como. E eu sei que você sabe, fiel cavaleiro, pois entende de arte melhor do que ninguém.

Se cada lembrança que tenho é como a peça de um quebra-cabeça, por que não dizer que é também uma colcha de retalhos, que costurei um ao lado de outro, e depois de outro, e assim sempre ao longo dos anos? A vida

sob esta perspectiva se torna uma manta aconchegante e quente, costurada por retalhos, cada um de uma cor, que uso para me proteger do frio.

Sei que pareço nostálgica, e de fato estou mergulhando em recordações mais que nunca. Elas me fazem sentir viva! Com quem eu iria dividi-las se não com você? O anjo que fez parte dos primeiros retalhos doloridos que precisei aprender a remendar, em épocas distantes e frias. A manta ainda não estava pronta e eu não podia me proteger do frio. Então, você surgiu e me cobriu. Jamais esquecerei.

Não nos vemos há décadas. Exceto em meus sonhos, é claro. Afinal de contas, quando entro na terra dos sonhos, você sempre está lá, a cavalgar pelos campos infinitos. Sempre meu fiel cavaleiro em seu cavalo branco. Ajudando-me a me compreender e os mistérios da minha vida, da minha colcha de retalhos.

Porém, dessa vez, não estou escrevendo para falar de sonhos.

Eu sei, lá no fundo, que os seres que amamos nunca nos deixam de verdade. Eles vivem em nós, nas lembranças de cada passo que demos lado a lado, de cada sonho que sonhamos juntos, de cada sorriso que compartilhamos. Por isso, apesar das saudades infinitas, sei que você está aqui. Tão pertinho, protegendo-me e guiando-me. Eu posso senti-lo.

Preciso muito conversar com você, Pepeu. A data de hoje foi muito emocionante para mim. Você deve se lembrar com clareza de como sempre gostei de fazer aniversário e de comemorar a vida junto daqueles que amo. Entretanto, hoje, apesar de ganhar uma linda homenagem no Balé de Santos, com pessoas queridas, quando voltei para casa, vi-me sozinha. De alguma forma, todos que amo seguiram outros caminhos – seja por escolha própria ou por artimanhas da jornada.

E eu senti um abraço de minha velha amiga: a solidão. Ela, que foi sempre a responsável por cavar buracos em minha manta, trazendo o frio, deixando-me desprotegida. Ela, que me acompanhou por tantos dias, quando eu era ainda uma garotinha, exceto nas manhãs de sábado, ao ser deixada do lado de fora da porta da Casa Grande.

Ela, a solidão.

Foi você, meu anjo, meu irmão, que ajudou a afastá-la durante aqueles anos frios e difíceis que passei na casa da senhora Jane e do senhor Hermes. Portanto, resolvi escrever esta carta para você. Provavelmente, ela será a

primeira de muitas. Temos muito a conversar e eu tenho muito o que lhe contar sobre os anos que vivi no Brasil.

Cheguei aqui quando tinha dezoito anos e hoje completei oito décadas de vida! Você consegue imaginar minha alegria ao olhar para trás e ver o quanto o Papai do Céu me presenteou com tantos anos de vida?!

No entanto, se observo ao meu redor, vejo-me novamente só, e conto com sua luz para abrandar a solidão. Há novos remendos que preciso fazer entre os retalhos. A solidão cavou novos buracos na manta.

Vivo em um país quente, mas completar oitenta anos sozinha trouxe frio para dentro de minha pequena casa na praia e só você pode ajudar a afastá-lo. Portanto, escrevo esta simples carta, com palavras cheias de amor e de saudades, para você, um anjo jogador de xadrez. Tenho fé que, de alguma forma, você as lerá.

Espero que esteja praticando sua mágica e levando arte e alegria para aqueles que precisam. E que esteja junto de seu anjo, pois sou testemunha que o amor de vocês é capaz de impelir o mundo a sorrir para sempre.

Quanto a mim, tive muitos anjos em meu caminho. Desde pequenina. Seja aos oito ou aos oitenta anos, seja apagando velas de meu bolo de aniversário sozinha mais uma vez. Na neve ou no calor.

Os anjos estão sempre em nossas vidas, disfarçados de pessoas que encontramos na rua, no trabalho, no supermercado. São aqueles que nos lançam um sorriso quando precisamos, uma palavra de incentivo, ou que se sentam e jogam uma partida de xadrez conosco.

Ao longo desses anos, diversos anjos vieram e se foram, deixando rastros e perfumes de flores nos meus dias, e eu sou grata por cada um deles.

Há dois anjos, em especial. E é sobre um deles que gostaria de falar com você.



Pepeu, como você deve imaginar, minha agilidade não é a mesma.

Estou, neste momento, nos últimos minutos do meu aniversário, sentada em minha escrivaninha, ao lado da cama, e olhando para o mar através da janela.



Tive de caminhar pela casa para alongar a coluna e movimentar as pernas, já cansadas. Então, não vamos mais perder tempo. É hora de contar a você certas coisas que aquecem e amedrontam meu coração.

Os anjos sobre os quais me refiro são o Miguel e a Brenda. Brenda tem esse nome em homenagem ao meu avô, Breno. Pela gratidão imensa que sempre cultivarei por vovô Breno, quis que Brenda carregasse este nome.

Ele já havia falecido há algum tempo quando cheguei ao Brasil, em 1957. E por mais que eu tenha convivido pouco tempo com ele quando era pequena, ainda na Inglaterra, é como se ele fosse um anjo distante, que emanava coisas boas para minha vida. Sempre senti que, sem ele, jamais seria quem sou.

O segundo anjo é o Miguel. Apesar de amar esse nome, não fui eu quem o escolhi. Quando ele entrou em minha vida, já tinha dez anos.

Sim, Pepeu, eles são meus filhos.

Eu tenho dois filhos, que, embora não estejam comigo por diferentes razões, fazem meus dias mais bonitos.

Vamos, então, falar um pouco do Miguel.



Miguel foi um anjo que entrou em minha vida no ano de 2008. Sim, eu já tinha setenta anos. Mas ainda havia muito a viver, e sua chegada foi a prova de que nunca é tarde para se amar ainda mais, de um jeito novo.

Minha filha biológica, Brenda, já não estava comigo há anos, embora eu nunca tenha deixado de ser sua mãe. Ainda que tenha sido escolha dela partir.

Todo amor e toda dor que eu carregava pelos anos longe de Brenda fizeram com que eu acolhesse Miguel com toda a alegria do mundo. Era maravilhoso ser mãe pela segunda vez. Mesmo que ele não tivesse nascido de mim, que não compartilhássemos o sangue, era meu filho por escolha. Assim como você, Pepeu, sempre foi meu irmão, porque escolhemos que seria dessa maneira. E foi justamente com você que aprendi que os laços mais fortes da vida são os dos sentimentos.

Eu amei o pequeno e frágil Miguel desde o primeiro instante. Se possível, eu o amarei mais a cada dia. Meu menininho de pele escura e

sorriso fácil, o segundo filho que a vida me deu. Sempre soube que ele era um anjo raro, que chegou cheio de luz e alegria.

Os anjos vivem junto de nós para que relembremos valores há muito tempo esquecidos. Aqueles que estão prontos são por eles guiados rumo aos sentimentos mais sublimes que, portanto, trazem a verdadeira e única felicidade. O amor é a união de todos os sentimentos celestiais que os anjos nos fazem compreender.

Sábio é quem reconhece um anjo e o deixa se aproximar. Não há como descrever emoção maior do que estar na presença de um deles. Há tantos por aí, por trás de tantos sorrisos e partidas de xadrez.

Eu ensinei o Miguel a jogar xadrez quando nos conhecemos. A trajetória de meu filho é a de um anjo na Terra, em especial porque ele soube expressar o amor até nos momentos mais difíceis. Tenho tanto orgulho dele!

Já havia vivido diferentes tipos de dor e perda quando ele chegou. Não havia deixado a amargura me dominar, mas era impossível evitar por completo que certas dores me castigassem sob crepúsculos junto ao mar.

Portanto, Miguel trouxe luz às noites escuras que tentavam preencher meu céu; ele foi uma estrela que cruzou meu caminho. O amor que sentimos um pelo outro, como mãe e filho, desde o primeiro instante, não tem explicações, não tem limites.

Foi a música que nos uniu, foi a arte, foi o amor. Você consegue acreditar nisso, Pepeu? Os mesmos ingredientes que me uniram a você, em meio aos meus canteiros! Tantos anos mais tarde, em um país completamente diferente, foi a razão da minha aproximação de Miguel, de forma mais forte que a própria vida – como você diria.

Foi ao ouvir Miguel tocando piano pela primeira vez que percebi que havia encontrado meu filho, o segundo filho. O irmão que Brenda jamais conheceria – a não ser que decidisse voltar para mim. Um filho que eu tanto quis, que tanto amei e que não consegui ter. Segundo os médicos, Brenda havia sido um milagre, pois eu era incapaz de engravidar.

E que presente ter tido dois deles, quando um já seria considerado impossível pelos doutores! A vida é tão cheia de surpresas, não é? Retalhos tão perfeitos que se completam.

Eu pude levar meu segundo filho para casa e por ele ser chamada de mãe, e amada como tal. Porém, aquilo significou enfrentar um mundo de preconceitos junto a ele. Novas e diferentes batalhas sobre o tabuleiro.

As lutas seriam outras. Batalhas que eu não conhecia muito bem, pois o preconceito sempre fora algo inexplicável para mim. Contudo, pelo meu filho eu enfrentaria qualquer duelo.

Miguel não era uma criança como as outras, mas eu estava disposta a tudo para ser sua mãe, ainda que, para isso – para vivermos juntos o amor e provarmos ao mundo que todos são iguais, com sonhos e direitos – não tivéssemos muito tempo. A trajetória de Miguel não seria longa aqui na Terra. Eu tinha consciência desde o início.



Pepeu, após as últimas palavras que escrevi, revisitando tantos sentimentos profundos e iluminados, e tão doloridos, tive de parar um pouco.

Fui até a frente de minha casa e observei o mar por alguns instantes, enquanto lágrimas escorriam pela minha face. Não chorei por desespero, mas pela alegria nebulosa de ter nutrido tanto amor como mãe de Miguel, embora vê-lo partir tenha sido um dos momentos mais difíceis que já experimentei.

Sim, eu conhecia perdas e despedidas, você sabe. Todavia, cada despedida é diferente e cada partida deixa um rastro único em nossas vidas. É impossível estar preparado para dizer adeus a um anjo, mesmo que sua partida seja anunciada com antecedência. Portanto, tive de ficar alguns instantes na beira do mar, esta noite. Já passa da meia-noite. O dia 7 de dezembro já se foi e mais um aniversário que o Papai do Céu me deu de presente acabou.

Assim como as ondas do mar – que, agitadas, suscitam frescor e uma brisa nova, fazendo meus cabelos dançarem como borboletas ao vento – é o tempo. Ele transporta o que é novo enquanto resgata sentimentos das profundezas e os traz à tona com as novas marés de nossos dias.

O tempo afasta, camufla, revolve e reencaminha tudo o que vivemos. E nos envolve com sentimentos profundos, como se suas brisas fossem abraços de anjos, capazes de afastar a solidão.

Agora recuperada, após derrubar lágrimas perto do mar, o misterioso e azul infinito que guarda segredos mais antigos que o próprio tempo, posso voltar a conversar com você por intermédio destas singelas palavras.

Lembro-me de uma tarde em que fitava a rua através da janela, esta janela que agora observo. Fazia um calor insuportável, mas a chuva caía lenta e compassada, como uma valsa tocada pelos céus. Era um alívio em meio ao calor de dezembro de 2008.

Enquanto observava o cair das águas, pensava em minha vida e no quanto ela também precisava de um carinho capaz de acalmar a alma. Precisava de um bálsamo, um conforto, uma música milagrosa dos céus para curar a solidão. Minha velha conhecida que mais uma vez me acompanhava (e que agora volta a me visitar).

Detive meus pensamentos em uma pequena gota que deslizava na vidraça. Desfazia-se durante o movimento tal qual a poesia do tempo e da vida. Desvanecendo pouco a pouco. Transformando-se. Partindo.

A chuva transbordava rimas, e eu fechei os olhos para senti-las mais de perto. Seus sons traziam conforto e graça para aquela tarde em especial e banhavam tudo com um brilho diferente. Como se eu soubesse que algo estava para acontecer e mudar tudo mais uma vez.

Eu estava prestes a me reinventar. E, em cada gota, via um reflexo de mim. Cada gota daquela fina chuva representava a passagem de minha vida até ali.

Sempre amei a arte da mãe natureza. Mal sabia que conheceria um garotinho que gostava de assoprar dentes-de-leão só para ver a flor se desfazer em harmonia com o vento, e voar para longe, como uma orquestra da natureza.

A chuva continuava a cair na vidraça e eu podia sentir a dor de muitas perdas. Meu rei Jefferson, os amigos que haviam partido, meu avô, que partira antes de minha chegada, minha avó, que o seguira alguns anos depois. E minha filha, Brenda, que decidira ir para longe.

Fechei a cortina. Ela persistia, mas eu precisava me deitar um pouco. As lembranças começavam a revirar cantos dolorosos da minha alma. Eu não conseguia mais esconder de mim que a idade me alcançara e que eu já não era mais a mesma. Estava com setenta anos naquela ocasião. E estava sozinha.

Minha decisão deveria ser tomada com muita consciência. Não queria ferir ninguém, apenas não suportava mais a solidão. Não importava quanto tempo ainda teria. Se a vida me daria mais dois ou trinta anos; não importava, eu daria o máximo de mim nos anos que estavam por vir.



Miguel gostava da chuva. Em especial quando ela chegava sem aviso, após um dia de imenso calor.

Aparentemente, ele era como qualquer outra criança. Gostava de correr, brincar, pular e gritar. Falava muito, era conhecido como o “tagarela” do orfanato onde vivia.

Ele não conheceu os pais. Certo dia, a diretora do orfanato o chamou para uma conversa esclarecedora sobre seu passado. Ele me contou sobre essa conversa tantas vezes que eu decorei cada uma das palavras que a compôs, pois se referia a um dia que mudou a vida de meu menino para sempre, pouco antes de nos conhecermos.

– Sente-se, Miguel – disse a diretora, após chamá-lo até sua sala.

Atendendo ao pedido, o pequeno Miguel escutou. Ela tinha um tom sério na voz, era cautelosa com as palavras. E, apesar de ainda muito novo, Miguel sentiu que aquela era uma conversa delicada.

– Os médicos não me deixam mais esconder a verdade de você – a mulher disse, tomando coragem.

– Verdade? Que verdade?

– Miguel – ela respirou fundo e continuou –, você sabe que aqui no orfanato não gostamos de conversar sobre o passado das crianças, sobre o que lhes aconteceu para que viessem morar aqui. Porém, seu caso é diferente.

– A senhora está me assustando...

– Eu sei, querido – e, para espanto de Miguel, ela estava chorando –, mas eu preciso lhe contar, porque em breve algumas mudanças vão acontecer com você, com seu corpo...

– Meu corpo? O que a senhora está dizendo?

Miguel tremia e a diretora chorava, agora sem disfarçar.

– Querido, você é uma criança muito especial, e todos nós o amamos muito.

– Por favor, diga o que está acontecendo.

– Você tem uma doença, Miguel. Ela foi diagnosticada quando você era um bebê. Por isso seus pais lhe trouxeram até nós. Eles não tinham condições psicológicas de cuidar de você e acompanhar tudo o que lhe iria

acontecer. Não cabe a nós julgá-los agora. Infelizmente, foi a decisão que tomaram.

– Eu não compreendo. Eu sou como as outras crianças, deve haver um engano.

– Não há engano, Miguel, não há engano algum. Infelizmente. Nós fazemos o tratamento conforme os médicos aconselham. Colocamos as medicações na sua comida, para você não perceber.

– Então, eu já estou curado, não é? Já que vocês me deram os remédios.

– Não, querido, infelizmente sua doença não tem cura. Nós retardamos o processo, para que você tivesse uma vida mais longa, mas os médicos sempre disseram que, no máximo em uma década, os sintomas começariam a aparecer, apesar dos medicamentos.

– Uma década? Mas eu farei dez anos na semana que vem – disse Miguel, também chorando.

– Eu sei, por isso não posso mais esconder nada de você.

Aquela conversa aconteceu poucos dias antes de eu ir até o orfanato em que Miguel vivia pela primeira vez.

Sempre que uma criança fazia aniversário, a diretora organizava uma pequena festa. Todavia, Miguel não quis comemorar seu décimo aniversário. Ele preferiu ficar trancado em seu quarto. As outras crianças não entenderam, ele sempre havia sido tão alegre. O tagarela silenciou pela primeira vez. Mas a diretora, que sabia de tudo e também sofria, compreendeu e resolveu respeitar a decisão.

Miguel não notou nada diferente acontecer com seu corpo e, alguns dias após a conversa com a diretora, voltou a brincar normalmente e a correr pelo pátio.

Até que um dia, jogando bola com os amigos, algo ocorreu. Durante o jogo de futebol, à tarde, Miguel percebeu que, sem que nada o tivesse atingido ou machucado, e mesmo sem ter feito muito esforço, sua perna direita começou a doer e, ao se dar conta, passou a mancar. Precisou inventar uma desculpa para parar de jogar. Com lágrimas, refugiou-se em seu quarto, indagando-se se aquele era um sinal de que as mudanças inevitáveis que a diretora do orfanato havia falado começavam a acontecer.



Meu querido Miguel contou-me diversas vezes a história de como ele soube da doença e como começou a percebê-la chegando e se instalando de maneira permanente.

Ele era apenas um garoto. Assustado e com medo. E eu acredito, Pepeu, que foi sua dor que o chamou até mim.

Poucos dias tinham se passado após ele descobrir a verdade. Ainda mais recentes eram as mudanças repentinas, mas pequenas, que ele notava em seu corpo.

Eu, claro, nada sabia. Entretanto, era capaz de sentir algo diferente dentro de mim. Ideias surgiam em minha mente e a vontade de dividir minha vida com um novo filho crescia em meu peito, enquanto a dor e as dúvidas se instalavam em Miguel.

Estávamos na mesma cidade e nunca havíamos nos encontrado. É espantoso pensar em como, às vezes, a felicidade está tão perto, rodeando-nos, mas não nos damos conta. Não notamos sua presença.

Lembro-me do dia em que a decisão se firmou em minha mente. Acordei de sobressalto, com uma pancada na porta. Sem perceber, havia adormecido no sofá. Muitas dúvidas dançavam em meus pensamentos naquela ocasião.

Fui logo ver quem me acordava. Era Mariza, minha irmã. Naquela época, ela já estava morando em São Paulo, a capital do estado em que vivíamos no Brasil. Era perto de Santos, mas não nos víamos com a frequência que gostaríamos. Mariza nunca lidou bem com as perdas em nossa família. Mas quem lidaria, não é?

Por mais que fôssemos amigas e eu a amasse muito, respeitava a distância que ela impunha entre nós. Distância que começou após a perda de vovó Dayse.

Mariza já havia perdido o vovô Breno e tentara bravamente seguir em frente. Acredito que eu a ajudei quando cheguei ao Brasil. Porém, perder a vovó Dayse, alguns anos depois, foi o golpe final no seu coração, já tão machucado. E eu soube respeitar seu momento, afinal, cada um enfrenta a dor de uma forma.

— Ora, que cara de quem acabou de acordar! — exclamou ela ao entrar em casa.

— Cara de quem acabou de ser acordada, na verdade — respondi, ainda sonolenta.

Nós nos demos muito bem até a morte de vovó Dayse. Depois, porém, Mariza mudou muito, vivendo presa em uma névoa densa que pairava ao seu redor. Uma névoa feita de pensamentos e sentimentos, dos quais ela não deixava ninguém se aproximar.

Mariza não tinha outro parente. Apenas eu. Ela nunca se casara nem tivera filhos. Vivia em São Paulo, trabalhando em exposições de arte. Sua desculpa era que as oportunidades melhores estavam na capital.

Contudo, eu sabia muito bem que ela era bem-sucedida no ramo das artes em Santos; minha irmã não precisava de oportunidades profissionais. O que ela queria era afastar-se de Santos, das lembranças, de mim. Ambas sabíamos disso, mas nunca havíamos conversado claramente a respeito. Certas coisas são compreendidas melhor em silêncio.

Eu a respeitava, embora sofresse por querê-la mais perto. Eu também havia mudado, de uma maneira diferente.

Quando me aposentei, pensei que seria ótimo ter um tempo só para mim, já que dedicara uma enorme parte da minha vida ao balé. Porém, mal sabia que a solidão esperava-me de braços abertos. Eu conhecia bem e temia tanto a tristeza, desde a época em que aguardava ansiosa pela volta de meus pais, aos sábados, após passarmos a semana toda separados...

Sim, aprendi desde cedo sobre a dor da separação. E, embora fosse forte, ainda assim, não a queria por perto. Foi então que coloquei em palavras, pela primeira vez, a nova ideia que me acompanhava. Seria algo capaz de mudar minha vida e afastar a solidão.

Contei à Mariza que decidira adotar uma criança. As palavras se formaram de maneira linda e ganharam vida ao serem lançadas ao vento. Foi assustador proferi-las pela primeira vez. Pena que minha irmã não as recebeu bem.

— Você está velha para isso! Pare de pensar besteiras, logo vai morrer! — disse.

— Todos partem um dia, Mariza, sabemos disso. Nossos pais, nossos avós. Todos se foram, de alguma forma. Mas não é por isso que devemos deixar de viver intensamente algo que pode trazer uma nova alegria para nossos dias, sendo eles poucos ou muitos. A vida não é quantidade. O importante é a profundidade dos sentimentos e, quando eles são grandes o suficiente, vivemos para sempre!



Discutimos um pouco e logo ela se foi, dizendo que iria aproveitar que estava na cidade para visitar as amigas. Quanto a mim, tinha uma intuição de que estava no caminho certo; precisava apenas tomar coragem. Apesar da reação de Mariza, sabia que devia seguir meu coração.

A idade não importava. O importante era que eu iria amar aquela criança como meu filho por todos os anos que tivesse ao seu lado. Eu estava decidida. Iria aumentar minha família.



Na noite anterior, Miguel tentou dormir mais cedo. Na verdade, foi apenas se deitar, pois o sono não veio. Ele não queria que as outras crianças notassem que estava com dificuldades para andar. Tinha até uma vergonha inexplicável de encarar a diretora. Ele podia sentir. Sabia que as mudanças que ouvira dela já estavam acontecendo.

Miguel chorou de medo. No escuro quarto do orfanato, ele deixou lágrimas silenciosas banharem sua face. Não sabia o que aconteceria, mas, pelo tom da diretora, seriam mudanças difíceis.

Ela falou que ele não ficaria só, que todos do orfanato estariam ao seu lado. Mas Miguel sabia que havia muitas crianças para cuidar e responsabilidades: não poderiam oferecer-lhe a atenção devida. Ele se sentia só. Desejou mais que nunca ter um colo para deitar e mãos que lhe secassem as lágrimas.

Ficou pensando nas vezes em que jogou futebol com os colegas. Será que cada vez ficaria mais difícil jogar? Não poderia mais correr pelo pátio nem subir nos brinquedos do parque?

Ele tremeu. Seu choro silencioso se transformou num pranto com soluços incontrolláveis. Já era tarde quando Miguel se cansou de chorar e adormeceu. De repente, acordou e olhou pela janela. Havia dormido pouco mais de uma hora. Ainda estava escuro, mas sabia que logo iria clarear.

Miguel levantou-se da cama, calçou os chinelos e saiu do quarto. Não aguentava mais ficar ali, deitado, pensando em sua falta de sorte. Precisava fazer algo que o acalmasse.

Foi até o piano. A relação de Miguel com a música começou muito cedo, antes do que ele podia se lembrar. Havia alguns anos, as crianças do

orfanato tinham participado de aulas de música com a professora Cristina. Ela não se cansava de elogiar Miguel e de enfatizar para todos o seu talento.

Porém, Cristina mudara-se de cidade e as aulas de música nunca mais se repetiram. No entanto a semente havia sido plantada.

Miguel, com dez anos, sabia tocar piano melhor que pessoas com décadas de experiência. Conseguiu escrever melodias que eram verdadeiros sopros da alma. Nem ele tinha consciência do talento que possuía.

Quando não estava jogando futebol ou brincando com as outras crianças, Miguel ia para o piano. Naquela noite, ele precisava tocar. O piano era seu fiel companheiro e seu alívio em momentos de solidão. Não iria decepcioná-lo agora, quando ele tanto precisava.

Miguel chegou até o instrumento e logo começou a tocá-lo. Era uma nova melodia que estava nascendo. Sabia que vinha do mais profundo de seu ser e que não deveria parar; só aquela música seria capaz de espantar o seu medo, a sua dor.

Sem que Miguel percebesse, havia amanhecido. A diretora tinha espiado a cena e dera ordens para que ele não fosse incomodado. Ela sabia que ele estava em sintonia com sua alma e que precisava daquilo pois atravessava um momento muito difícil.

Miguel tocou por horas seguidas, sentindo que a vontade de viver o dominava quando estava em contato com a música. Ela era seu bálsamo. A música era sua fé. Sua força.

Quando uma visitante chegou ao orfanato, naquela manhã, Miguel ainda estava no piano. Foi assim, como um anjo que ilumina a todos com sua arte, que eu o vi pela primeira vez.



Pepeu, eu me lembro daquele dia como se fosse hoje. A sensação em meu peito, o amor que me invadiu. Eu tive certeza de estar fazendo a coisa certa.

Estava eufórica quando cruzei os portões do orfanato. Era uma casa pequena, mas aconchegante para se criar as crianças. A diretora parecia muito amável e estava satisfeita em levar-me para conhecer o local e suas crianças.

Primeiro, fomos ao pátio. Era cedo, e algumas crianças já brincavam distraídas em um canto. Carregavam bonecas, carrinhos e jogos. Uma menina sorriu ao notar que havia uma visitante no orfanato e correu em minha direção. Ela pegou minha mão e disse:

– Olá, eu sou a Margarida. Você quer me levar para sua casa? Sabe, eu queria ter um cachorrinho...

É doloroso pensar em todos aqueles rostinhos fitando-me com esperança e nos olhinhos cheios de súplica que escoltavam-me a cada passo. Se eu pudesse, teria levado todos para casa!

Perdi as contas de quantas crianças me pediram abrigo. A cada uma que pegava em minha mão, sentia uma forte comoção e lembrava-me de minha própria história. Eu também era órfã, de certa forma. Tinha muito em comum com aquelas crianças. Também crescera longe dos pais, da família.

A cada novo cômodo que adentrava, nutria mais certeza de que aquele era um ótimo orfanato e que a equipe do local era muito amorosa e cuidadosa. Mas, ainda assim, compreendia as crianças. Nada substituía a felicidade de se ter um lar e uma família. Eu sabia exatamente o que se passava no interior delas.

Cada estranho que cruzava os portões do orfanato significava uma nova esperança. Uma chance de ter um lar, um pai, um cachorrinho...

Sim, eu desejava levar todas elas. Gostaria de pegar nas mãozinhas de todas aquelas crianças, levá-las para casa, chamá-las de filhos e filhas, realizar todos os seus sonhos. Eram pequenos, mas grandes sonhadores. Certamente, as terras de seus sonhos não seriam áridas e abandonadas!

Porém, quando eu andava pelo corredor principal, uma música entrou pelos meus ouvidos e rapidamente penetrou cada célula de meu corpo, enchendo-me de felicidade.

Fiquei ali parada, escutando o som dos anjos. Tive a mesma sensação de quando jogava xadrez com você, Pepeu, há tantos anos. A sensação de não estar sozinha no mundo e de que, apesar de todas as dores, haver coisas belas na vida pelas quais vale a pena lutar sempre e acordar com um sorriso a cada manhã. Coisas belas que valem a vida toda e que colorem nossa existência, sem explicação ou razão.

A melodia era maravilhosa, parecia transmitir a alma do músico que a produzia. Era impossível não se sentir embriagada por aquele som. Realmente, só um anjo poderia entoar aquela canção.

– Senhora Anny, podemos continuar?

Era a voz da diretora que me chamava à realidade. Sem que eu me desse conta, estava parada no corredor do orfanato, completamente extasiada pela melodia.

– Quem está tocando? – foi tudo o que consegui falar.

– É o Miguel. Um menino muito especial que vive aqui conosco, mas ele não pode ser adotado. Vamos entrar no próximo quarto – concluiu a diretora.

– Miguel... Eu preciso ir até ele.

– Eu entendo, as músicas do Miguel são divinas, mas, como falei, ele não poderá ser...

Eu já não mais a ouvia. Havia seguido a música e entrado na sala do piano.

Hoje, sei o que a diretora quis dizer na ocasião para impedir-me de entrar na sala do piano. Ela sabia que eu não poderia levar o Miguel, sua doença não permitiria que ele vivesse muitos anos, seria um grande sofrimento para todos. Miguel já vivera uma década no orfanato. Seria mais apropriado que vivesse seus últimos anos também ali. Ela me explicou tudo depois.

Ainda assim, achei que aquilo era uma grande besteira. Ele merecia uma mãe como qualquer uma das crianças. Sou agradecida pelo fato de a diretora, apesar de pensar o contrário, ter permitido que me aproximasse de Miguel.

Lembro que entrei lentamente na sala do piano. A música chegava aos meus ouvidos ainda mais alta e viva. Sentia uma felicidade e uma calma que não conseguia entender.

Fui me aproximando do garotinho que estava sentado a tocar. Era um menino lindo. Ele era negro, de cabelos cacheados curtos, lábios grossos. Era bem magro e tinha os dedos finos. Tocava piano de uma forma tão suave. Era evidente que havia nascido com aquele dom. Vendo-o tocar, parecia fácil. Até dava vontade de tocar também.

Miguel estava com os olhos fechados, parecia mergulhado em sua própria canção. Fiquei a observá-lo por vários instantes, até que ele percebeu minha presença e assustou-se:

– Quem é você? – ele indagou.

– Sou Anny. Por favor, volte a tocar.

– A senhora me assustou.

– Desculpe-me, Miguel. Eu estou fazendo uma visita ao orfanato, ouvi sua música no corredor, ela me trouxe paz.

– Obrigado. A música também me traz paz, por isso eu precisava tocar hoje.

– Foi você quem criou esta última melodia que estava tocando?

– Sim. Ela se chama “Mudanças”.

– É um belo nome.

– Não é tão belo assim. É um desabafo – respondeu Miguel. – As mudanças que estão acontecendo comigo não são boas.

– Mas a melodia é maravilhosa. É impressionante que você a tenha criado.

– O final é a melhor parte, a senhora quer que eu toque?

– Com certeza.

Miguel, então, fechou os olhos para se concentrar e voltou a tocar o piano. De fato, o final de sua melodia era magnífico.

Eu o observava admirada e sorria sem perceber.

Quando terminou de tocar, ele me perguntou:

– Você entende minha canção, não é?

– Não sei se entendi sua pergunta – falei.

– A senhora, Anny, parece ter compreendido tudo o que toquei. Consigo perceber em seus olhos. E se isso é verdade, sinto muito que você conheça esse tipo de dor.

– Qual tipo?

– Profunda.

– Você é muito jovem, Miguel. Como conhece uma dor assim?

Ele não respondeu. Então, continuei a dizer com sinceridade:

– Você está certo. Eu conheço a dor que lhe inspira. E sinto em contar que também a conheci quando ainda era uma criança.

– Ela foi embora algum dia?

– Ninguém nunca me fez essa pergunta. Acredito que ela seja a mais difícil que já escutei. A resposta seria “não”. A dor nunca se foi, mas mudou ao longo dos anos e eu mudei também, fiquei forte, nunca deixei de sorrir, até durante as tempestades. Aprendi a aceitá-las e a encará-las.

– É por isso que a senhora está aqui hoje? Pelas mudanças, como eu?

– Sim. Você está certo mais uma vez. Eu vim até aqui pela dor. Sinto-me muito sozinha.

– Eu também.

Notei que ele chorava quando retomou sua fala:

– Eu me sinto mais sozinho que nunca e com muito medo. Minha vida está mudando, eu estou mudando. E é uma batalha já perdida.

– Isso não existe – falei. – Sempre se pode lutar de um jeito novo.

– Então, diga, senhora Anny, por favor. O que a senhora fez para conviver com a dor por tanto tempo?

– Eu sabia que não poderia expulsá-la. Então, peguei a dor e quis produzir algo belo a partir dela. Eu construí algo extraordinário a partir da minha dor.



Você, Pepeu, conhece esses segredos e os ensinou para mim com sua mágica.

Eu sei que você construiu coisas belas com sua dor. A dor de estar separado da Angel, anos atrás, antes de se reencontrarem para sempre. Você construiu arte. Danças, truques de mágica, canções na gaita, partidas de xadrez dignas de um filme!

De alguma forma, sinto que você está orgulhoso de mim, por saber que eu aprendi seus valiosos ensinamentos e segui seus passos. Por meio do balé, do jardim, dos jogos de xadrez, de relacionamentos com as pessoas que cruzaram meu caminho, tentei sempre fazer da dor algo extraordinariamente belo.

Após aquela conversa inicial com Miguel, fui direto conversar com a diretora do orfanato.

– Eu disse que o Miguel não pode ser adotado – ela enfatizou a fala precedente.

Estávamos em seu escritório, e ela estava muito nervosa com a notícia de que eu escolhera Miguel para a adoção.

– Por que não? – indaguei pela quinta vez.

– Eu já disse, os motivos são pessoais. É pelo próprio bem do garoto, a senhora não poderá levá-lo.

– Há alguma lei que ampare o que a senhora está dizendo?

– Não, senhora Anny, mas, como falei, é pelo bem do garoto. Se a senhora for uma pessoa consciente, acreditará em minhas palavras. Temos

muitas crianças aqui que merecem um lar, tanto quanto o Miguel, e qualquer uma delas poderia...

– Eu quero levar o Miguel.

– Ele é encantador, eu sei disso, mas...

– Não é apenas por ser encantador. Todas as crianças que vi hoje são encantadoras. Porém, existe algo em Miguel que me fez amá-lo antes de vê-lo com meus olhos. Assim que ouvi sua música, senti que ela estava sendo tocada pelo meu filho.

Quando percebeu que eu estava sendo sincera, ela decidiu que o melhor a fazer seria contar a verdade.

– Eu aprecio muito tudo isso que a senhora está dizendo. Mas preciso lhe contar a verdade sobre Miguel.

– Estou ouvindo com atenção – respondi, determinada.

– O Miguel nasceu com uma doença muito séria e rara. É um tipo de distúrbio degenerativo.

– Isso quer dizer...

– Isso quer dizer – continuou a diretora – que Miguel irá perder suas funções, pouco a pouco. Os médicos disseram que a primeira perda será das pernas. Em breve, ele não poderá andar e ficará preso a uma cadeira de rodas. Depois, perderá o movimento dos braços, em seguida, a fala, depois já não conseguirá respirar, então...

Ela não conseguiu terminar de falar. Começou a chorar compulsivamente. Não preciso dizer que eu também me lancei às lágrimas.

– E não há nada que se possa fazer? Nenhum tratamento? – indaguei.

– Não há nada. Essa doença é muito pouco estudada e conhecida pelos médicos. Havia alguns remédios que poderiam ajudar a retardar o processo. Nós fornecemos toda a medicação com muito sacrifício ao Miguel, visto que eram drogas muito caras, mas na última avaliação, os médicos avisaram que já não surtiavam efeito e que não poderíamos fazer mais nada. O pior é que ontem eu observei o Miguel o dia todo e ele... ele começou a mancar. Já está tendo dificuldade para andar.

– Você já contou ao Miguel? Foi por isso que ele falou de mudanças...

– Sim – respondeu a mulher à minha frente, ainda com lágrimas escorrendo pela face. – Eu contei a ele há poucas semanas. Conseguimos esconder durante anos, pois dizíamos que os exames que ele fazia e as consultas eram apenas rotina. E fornecíamos os remédios em sua

alimentação. Os médicos sugeriram ser a hora de revelar a verdade. Não sei se agi certo todos esses anos, mas tudo o que eu fiz foi tentar poupar Miguel de um sofrimento que viria mais tarde, de qualquer forma. Ele viveu dez anos saudáveis, correu e brincou como todas as crianças, e era isso o que eu queria.

– Eu sei, não posso julgá-la. É uma situação muito difícil. Ele é apenas uma criança. – Era difícil articular as palavras, e eu tremia. – Mas não importa, eu quero levá-lo. Comprarei uma cadeira de rodas, consultarei bons médicos, farei tudo que estiver ao meu alcance.

– A senhora não está entendendo – ela respirou fundo. – O Miguel tem pouco tempo de vida.

– Conte-me tudo o que os médicos disseram.

– Eles disseram que, uma vez que as manifestações comessem a ocorrer, o processo todo aconteceria com rapidez e, como eu disse, ontem testemunhei a primeira manifestação em Miguel.

– Muito rápido quanto? – quis saber.

– Dois anos, no máximo. É o prazo que ele tem.

A informação atravessou meu peito como se fosse uma faca fria e afiada. Quase caí da cadeira em que estava. Suava frio e tremia.

Enquanto isso, a música de Miguel continuava a penetrar todos os cômodos do orfanato, inclusive a sala da diretora, onde eu estava.

Era mais que uma música dos anjos. Era a música tocada pelo meu filho.



Voltei para casa e, mais uma vez, olhei pela vidraça de meu quarto. A mesma que agora preenche minha visão enquanto escrevo esta carta a você, Pepeu.

Irei encerrá-la por aqui, pois as lembranças não deixam de me castigar. Está sendo mais difícil do que imaginei tentar remendar o que a solidão rasgou.

Prometo escrever em breve outra carta, contando mais sobre o Miguel e como nossas vidas se entrelaçaram de vez. Deixarei esta carta lacrada no parapeito de minha janela, de frente para o mar. Por favor, Pepeu, assim que lê-la, perdoe-me por não ter escrito o que aconteceu a seguir. Farei isso em breve. Acredite.



Preciso dormir um pouco, pois tenho certeza de que, assim que acordar, encontrarei minha colcha de retalhos aguardando pelos remendos que tento refazer. Eles não deixam de surgir. Cada vez maiores e mais numerosos.

E isso parece uma poesia da vida, se você pensar a respeito.







# UMA CARTA PARA O ANJO QUE VEIO E BUSCOU A ANTERIOR NO PARAPEITO DA JANELA

ALIÁS, PEPEU, EU SABIA QUE LOGO VOCÊ BUSCARIA A PRIMEIRA CARTA. ASSIM QUE ACORDEI, NO DIA SEGUINTE, ELA HAVIA SUMIDO DO PARAPEITO DA JANELA. OBRIGADA PELA VISITA E PELO INTERESSE EM LER MINHA HISTÓRIA. EU GOSTARIA QUE VOCÊ TIVESSE FICADO MAIS, MAS SEI QUE TEM MUITO A FAZER. OS ANJOS SÃO SEMPRE MUITO OCUPADOS.

Pepeu, meu querido Pepeu,

Aqui estou eu, mais uma vez, a escrever.

Dois dias se passaram depois que redigi a primeira carta. Desde então, a vontade de continuar a história sobre um dos anjos da minha vida aumentou e tive de me conter um pouco. Afinal, ao mesmo tempo que me faz bem reviver boas recordações, os buracos da solidão castigam meu peito ao pensar naqueles que estão distantes.

Entretanto, preciso continuar. É hora de falar mais um pouco sobre Miguel. Um anjo que, assim como você, entrou na minha vida pelo amor em comum que temos pela arte, e permaneceu por um sentimento mais forte que a própria vida. Mais um membro da minha família que assim foi por escolha nossa. Não há nada mais forte ou mais bonito que isso.

Ele merece que estas lembranças fiquem registradas e sejam enviadas a um anjo por meio de uma carta. Aliás, Pepeu, eu sabia que você logo buscaria a primeira carta. Assim que acordei, no dia seguinte, ela havia sumido do parapeito da janela. Obrigada pela visita e pelo interesse em ler minha história. Eu gostaria que você tivesse ficado mais, mas sei que tem muito a fazer. Os anjos são sempre muito ocupados.

Dessa forma, fiquei feliz ao constatar que a carta havia desaparecido. Tenho certeza de que ela está com você, no bolso de sua bermuda, e que você deve estar ansiando pela continuação de como minha vida se ligou cada vez mais à de meu filho.

Vamos em frente.



Não preciso fechar os olhos para escutar a música de Miguel. Nem estar em silêncio. Ela está em mim o tempo todo. Está em tudo ao meu redor. No balanço do mar e no cheiro das flores. Nas gotas de chuva que deslizam pela janela, no calor do sol que aquece a areia da praia. No vaivém da vida. Como as ondas.

Ela está aqui porque está em tudo. Sua arte vive dentro de mim e em tudo mais que há no mundo.

Lembro-me bem da sensação de quando isso aconteceu pela primeira vez. De como sua música chegou, agarrou-se em mim, fincou suas raízes, para nunca mais sair. Foi naquele primeiro dia em que o ouvi tocar piano no orfanato. Bastou uma nota de sua melodia carregada de dor para que nos ligássemos para sempre.

Saí do orfanato, após as duras verdades que a diretora me contara, sentindo-me perdida. Observava as ruas sem prestar atenção no que meus olhos fitavam.

Estava com o pensamento distante. Voando como música ao vento. Dançando como borboletas. Aquele garotinho que tocava o piano com mãos de anjo era tudo em que eu pensava.

*Dois anos, no máximo. É o prazo que ele tem.* Um pensamento que ecoava.

Sabia que seria difícil entrar naquele processo de adoção. Seriam muitas as batalhas e eu poderia sair muito ferida. No momento em que buscava cicatrizar as feridas – a solidão, como sempre, sendo a principal delas –, estava prestes a embarcar numa história que possivelmente iria ferir-me mais que tudo. Mas não se tratava de escolha.

Havia sido meu coração quem escolhera Miguel, tanto quanto o coraçãozinho dele me adotara como mãe. Um amor tão puro quanto tudo que há no céu.

Enquanto olhava as ruas que cruzava, tomei a decisão, e pensei: *Enfrentarei a diretora e o mundo, se for preciso. Sei que ela tem boas intenções, mas não será um obstáculo para que eu traga o Miguel para casa. Enfrentarei a mim, meus medos e receios; enfrentarei os preconceitos, o destino, a doença. E trarei Miguel, o meu filho, para casa.*

Se, de fato, restassem-lhe apenas dois anos de vida, naquele instante prometi-me que seriam os melhores dois anos que qualquer pessoa experimentaria viver. Miguel seria feliz até o último suspiro.

Enquanto pensava na linda música do piano que vinha da alma, lágrimas escorriam em minha face.



No dia seguinte, eu acompanhava os passos de Mariza, que ainda estava na cidade, enquanto caminhávamos pela calçada.

– Já escolheu a pobre criança? – indagou Mariza.

– *Pobre criança?* Do que você está falando?

Como Mariza não respondeu, continuei:

– Se você está falando da criança que irei adotar, sim, já a escolhi e amanhã irei retornar ao orfanato. É um menino, por sinal, chama-se Miguel.

– Pobre Miguel, vai ganhar uma mãe que poderia ser sua bisavó! – caçoou minha irmã. – E posso saber o que Miguel tem de especial para você querer adotá-lo?

– Claro que pode – falei, já esperando por aquela pergunta, e ansiosa para respondê-la. – Ele toca piano, é muito alegre, sensível e carinhoso. Nossos corações se reconheceram pela arte e pelo amor.

Mariza olhava-me com curiosidade, então continuei:

– Ele é negro, tem dez anos e um talento indiscutível para a música. Além disso, tem uma doença degenerativa e, em poucos meses, estará em uma cadeira de rodas.

Minha irmã me fitou, parecendo não encontrar as palavras certas a dizer. Até que arriscou:

– Você está louca, não está?

– Nunca estive tão segura de uma decisão.

– Anny, talvez antes parecesse que eu estava implicando, mas, dessa vez, vou falar sério. Não posso deixar você fazer uma coisa dessas.

– O que aconteceu com você, Mariza? Onde está a jovem que eu conheci quando cheguei nesta cidade, que me abraçou com toda a força do mundo e que me amou como irmã desde o primeiro abraço? Onde está a irmã que compartilhou a dor pela perda de nosso avô e que investigou seus mistérios junto de mim?

– Aquela jovem, Anny, não existe mais, você sabe disso. Já acumulamos dores e perdas para uma vida inteira. Não entre em uma história dessas, não busque mais dores e perdas, elas serão cada vez mais cruéis.

– Eu encontrei diferentes tipos de dor a vida inteira – falei –, e realmente não foi fácil. Mas eu nunca tive medo. Nunca deixei de ver a luz, até nas noites mais escuras. Sempre há, pelo menos, uma estrela. E, quando não há, podemos acender lanternas e continuar procurando o caminho. Sempre seguindo em frente.

Respirando fundo, continuei:



– Eu preciso fazer isso, Mariza. Adoraria que você fizesse parte de tudo e que o Miguel pudesse chamá-la de tia. Mas eu entendo caso queira continuar afastada. Distante de mim, desta cidade e do mar, que testemunhou tantos de nossos segredos.

– Ninguém me chama de tia desde que a Brenda... você sabe.

– Eu sei. Por que não tentar de novo? Ninguém nunca mais me chamou de mãe após a Brenda partir. Mal posso esperar para que isso aconteça novamente. Veja bem, minha irmã, a chegada de Miguel não substituiria, nem faria a dor pela perda de Brenda acalmar-se dentro de mim. Mas, ainda assim, estou pronta para amar mais.

Mariza ficou em silêncio por instantes, pensando. Após vários minutos, disse:

– Você não acha estranho o vovô ter talhado um garotinho em uma cadeira de rodas anos atrás, nós termos encontrado a escultura de forma misteriosa, e agora você me contar tudo isso sobre o Miguel?

– Sim, já pensei nisso – falei. – E lembro-me de que o garotinho da escultura não tinha a face finalizada, como se vovô quisesse que fosse uma surpresa. Com certeza é o Miguel.

– Mas como vovô Breno teria tido acesso a esta informação? Como ele saberia sobre alguém que você viria a conhecer décadas mais tarde? Você nem estava neste país quando ele fez a escultura! Vocês não se conheceram!

– Nós nos conhecemos, sim. Nos sonhos!

– Não brinque com as minhas dores e com as minhas perdas, Anny!

– Mariza, você costumava acreditar em anjos...

– Tudo isso é passado. A vida se reduziu a lágrimas e perdas.

– Não fale assim. Volte para perto de mim. Venha pelo Miguel. Por favor, Mar.

Perdendo a calma por completo, minha irmã berrou:

– NÃO ME CHAME ASSIM!

E, então, ela voltou a se afastar de mim. Literalmente, e por muito tempo.

Às vezes, a dor nos faz agir de uma forma tão estranha que todos os eventos posteriores são um presságio de que mais dor se aproxima. E é uma situação que nos sufoca.



Você entende muito bem a dor, Pepeu. Conheço sua história e como sofreu ao ser separado de Angel e ter de esperá-la por tanto tempo.

Há ocasiões em que a dor parece infinita, como as gotas no oceano, como os grãos de areia na praia. Porém, se quisermos, podemos ser maiores que tudo, e ajustar o oceano inteiro em uma lágrima. Podemos controlar a dor, e não o contrário. O processo não é fácil, contudo.

Observei minha irmã caminhar para longe, mais uma vez. No dia seguinte, voltaria ao orfanato e lutaria pelo meu filho.

Na outra manhã, quando cruzei novamente os portões do orfanato, estava sentindo-me feliz como há muito tempo não ousava. Não tinha medo. Sabia que nada no mundo seria capaz de me impedir de levar Miguel para casa. O filho que eu havia esperado sem perceber, e amado sem saber, todos aqueles anos.

Adentrando no prédio, vislumbrei com rapidez o sonho que tive na noite anterior. Tudo estava meio embaçado, mas tratava-se de um sonho feliz. Havia crianças, música, um dente-de-leão... e uma ave. Tanta cor e alegria representada em um sonho quadriculado. Branco e preto.

Não consegui me recordar com detalhes da ave presente nele. Só que era um pássaro branco e pequeno, encantadoramente bonito.

Senti uma grande paz ao lembrar-me daquele sonho. Então, com ele ainda fresco na mente e uma fé que doía, pulsando em meu peito, alcancei o pátio do orfanato.

Vi Margarida e outras crianças que haviam me pedido um lar e, novamente, sofri um aperto no coração por não poder realizar seus sonhos. Àquela altura, a notícia devia ter se espalhado e todas as outras crianças já saberiam que o escolhido havia sido Miguel.

A diretora se aproximou e despertou-me de tais pensamentos:

- Bom dia, senhora Anny. A senhora chegou cedo.
- Vim buscar o meu filho...
- A senhora não vai mudar de ideia, não é?
- Com todo o respeito – respondi –, não vou mudar.
- Ontem eu estava decidida a não permitir que o Miguel fosse adotado, mas algo durante esta noite me fez mudar de ideia.
- Um sonho? – perguntei.
- Como você sabe?

– Eu tive sonhos confusos, mas felizes. E pensei que teria sido assim com você.

– Nem sei ao certo. Foram sonhos bem confusos, de fato. Lembro-me de pouca coisa, mas um detalhe foi nítido. Um pássaro. Um pássaro branco.

Olhei para ela, assustada. Até para mim, que entendia tanto de sonhos, aquilo pareceu mágico. Voltei a lembrar dos sonhos daquela noite.

– Enfim – continuou a diretora –, deve ser besteira. O que um sonho tumultuado e um pássaro branco teriam a ver com a adoção do Miguel, não é? Só sei que acordei pensando a respeito e resolvi que, se a senhora quer fazê-lo feliz no tempo restante a ele, darei o meu apoio.

Não consegui esconder um sorriso. Em um impulso, dei-lhe um abraço e disse:

– A senhora não irá se arrepender. Miguel viverá feliz cada dia de sua vida ao meu lado. É uma promessa.

A diretora estava com os olhos marejados.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Fico emocionada de testemunhar os seus planos. Não conheço nenhuma pessoa que adotaria uma criança nas condições de Miguel.

– Ele é uma criança especial e merece amor.

– Eu sei – falou a diretora –, mas as pessoas não costumam pensar dessa forma. A senhora também é muito especial, Anny, tenho certeza de que será muito feliz com o seu filho.

Fiquei emocionada e sorri. Era a primeira vez que alguém, além de mim, referia-se a Miguel como “meu filho”. Tais palavras me atingiram e fizeram meu coração bater forte.

Pensei em como conversara com o Papai do Céu na noite anterior e caíra no sono, transportando-me para uma terra dos sonhos toda quadriculada que me suscitou paz. Certamente, meu sonho envolvera a diretora, como se fosse uma nuvem que traz boas novidades, e fez com que ela me ajudasse, tornando o processo de adoção mais tranquilo.

– Então, vamos buscá-lo? – sugeri, enxugando os olhos.

– Claro! Ele está na sala do piano. A propósito, pensei em dar um presente de despedida ao Miguel. Ele é o único do orfanato que sabe tocar piano, sua grande paixão. Amanhã, mandarei entregar o piano em sua residência. Foi uma doação que recebemos, e ele é do Miguel agora.

Lembro-me com clareza da alegria e da ansiedade que envolveram o diálogo, e de como senti um nó na garganta. Tudo estava, de fato, acontecendo. Miguel iria para casa. E levaria seu piano.



A diretora abriu a porta da sala de piano. Miguel estava concentrado, tocando uma canção que eu ainda não havia escutado. Quando nos aproximamos, a diretora resolveu conceder mais privacidade à conversa com meu filho.

– Eu vou deixá-los a sós – ela anunciou.

Abaixei-me para ficar da altura de Miguel, e lembro-me de ter-lhe perguntado, sorrindo:

– Miguel, qual é o seu maior sonho?

Ele respirou fundo, olhou o céu através da janela, e o início de uma bela manhã. Então, após um momento de reflexão, respondeu:

– Não sofrer.

– Este é um sonho muito amplo, deve haver algo que você queira... – pus-me a comentar, surpresa com a resposta de meu filho.

Miguel interrompeu-me:

– Não sofrer quando as mudanças acontecerem. – Ele estava chorando. – Eu tenho passado muito tempo junto do piano, ele me dá forças. Não quero sofrer quando meu corpo mudar. A senhora sabe a gravidade da minha doença?

– Sei, Miguel. – Respirei fundo e continuei: – Pelo que eu entendo da vida, todo mundo passa por momentos difíceis e por sofrimentos muito grandes. Mas, quando há alguém que nos ama ao nosso lado, para nos ajudar, fica mais fácil superar e até aceitar. São os anjos do nosso caminho.

– Eu acredito no que a senhora está dizendo – disse Miguel –, mas no orfanato é difícil. A diretora é ótima comigo, mas está sempre muito ocupada.

Foi a minha vez de interrompê-lo:

– Vamos para casa, Miguel – falei, com emoção. – Vamos comigo para a nossa casa. Eu quero estar do seu lado em todos os momentos. Quero ser sua mãe. Você aceita ser o meu filho?

– A senhora sabe que eu não tenho muito tempo? – disse, entre lágrimas.

– Prometo que você será tão feliz como meu filho que eu farei com que os anos que viverá pareçam uma eternidade.

Miguel nada disse. Ele havia se jogado em meus braços, apertando-me com toda força que possuía. Nem que ele quisesse poderia ter dito algo. Ele chorava compulsivamente. Soluçava ao abraçar sua mãe, enfim, pela primeira vez. Dentro de mim, sei que sempre fui sua mãe, de alguma forma.

Estávamos unidos. E o abraço bem o revelava.

Eu também não consegui verbalizar mais nada. Aprendera que, em ocasiões do tipo, palavras eram dispensáveis e lágrimas, incontrolláveis.

Em silêncio, transmiti o amor e os sonhos que sempre nos ligaram. Portanto, naquele instante, o tempo, breve ou infinito, passava a ser nada. Nada era tão grande quanto o amor.

A diretora espiava pela porta entreaberta. Em todos os anos na direção do orfanato, ela nunca testemunhara cena mais comovente.

Aquele momento era tudo. Ele era todos os anos que vivi. Todos os sonhos que percorri. Cada onda do mar que assisti chegar à areia e repousar. Cada borboleta que vi dançar. Cada palco em que pisei e deixei meu coração junto da arte. Cada flor que acariciei, reguei e cultivei. A neve, pela qual tantas vezes esperei. Cada anjo que vi chegar e se aproximar, movendo peças de cristal sobre o tabuleiro da vida, talhado em madeira com todo o cuidado do mundo.

Tudo estava ali naquele abraço: minha vida inteira.









## BAILE DE MÁSCARAS

— NÓS NÃO ESTAMOS NO REINO XADREZ, NÃO É? — AS MÁSCARAS PERGUNTARAM, APROXIMANDO-SE E CIRCUNDANDO-A, COMO SE ELA FOSSE UMA PRESA FÁCIL, SUAS VOZES GÉLIDAS ECOANDO PELAS PAREDES DA CAVERNA ESCURA, ILUMINADA APENAS PELAS LUZES BRUXULEANTES DE ALGUMAS TOCHAS.

ando prosseguimento à busca pelo rei, a rainha e o bondoso cavaleiro percorriam terras de ninguém, sem nada encontrar. A extensão era inimaginável. Terras e mais terras completamente desérticas e abandonadas.

Algumas estavam ainda mais danificadas. Além da seca e da devastação, possuíam crateras, como se aqueles sonhos tivessem sido atingidos por algo pior do que a imaginação poderia contar. Anny nem queria pensar a respeito.

O que teria causado tanta dor para sonhos que nasceram, a princípio, com propósitos tão lindos? Contudo, nada poderia desanimá-los. Eles continuavam a galopar no cavalo branco, sem jamais pensar em desistir. A segurança do rei vinha em primeiro lugar.

Sua voz continuava a ser o guia da jornada, pois a cada novo passo do animal, eles ouviam os gritos de lamúria do rei, que pareciam vir do céu ou do chão, enquanto outros viajavam pelo vento. Estavam em todos os lugares.

Diversas vezes, Anny tirava do bolso e observava o objeto de madeira que ganhara do artesão, e nada acontecia com ele. Seu único ponteiro não apontava para lugar algum e apontava para todos os lugares ao mesmo tempo, tal qual os gritos do rei Jefferson.

Mas Anny permanecia com a certeza de que ainda não chegara o momento de usá-lo, pois cria nas palavras do artesão e no fato de que o objeto, talhado com o maior amor do mundo, iria ajudá-la na hora certa.

Determinada, ela se segurava com força em seu fiel cavaleiro e eles cavalgavam em uma viagem que parecia não ter fim, guiados por dor e sofrimento, mas envolvidos por uma linda esperança. A neblina não atrapalhava, não permitia que a fé se dissipasse.

Anny não sabia precisar quanto tempo já se passara. Só que, na terra dos sonhos, o tempo era diferente do que estava acostumada. Portanto, não podia calcular a duração daquela viagem em particular.

A ajuda do cavaleiro era inestimável e a fazia sentir-se segura. Agradecia ao Papai do Céu por ele estar ali com ela.

O tempo, na verdade, não lhe importava, pois não havia limites para o quanto ela lutaria para encontrá-lo. Era como uma partida de xadrez infinita, e ela sabia que seria a vencedora.

Começara a partida de xadrez mais importante de sua vida, para a qual ela se preparara desde sempre.



A rainha continuava pensando no artesão e em como seus objetos de madeira eram lindos e mágicos, em como suas palavras haviam sido bondosas e também no abraço, que trouxera um amor diferente ao seu coração e a recarregara de energia, preparando-a para enfrentar qualquer adversidade.

Falando nelas, após muito prosseguirem, o cavaleiro e a rainha assustaram-se com pesadas nuvens que, repentinamente, carregaram o céu, recobrando-o de um manto negro e espesso. Logo o céu desabou sobre eles, com força, intensidade e fúria.

Pela primeira vez desde que saíra da casa do artesão, um pequeno medo percorria o coração da rainha Anny. Por maior que fosse sua fé, por melhor que fosse sua intenção, a tempestade era violenta demais. Seria o final da busca pelo rei? A tempestade era furiosa e amedrontadora, com raios e trovões e muita água despencando do céu, como se, num reflexo de raiva, objetivasse castigar a terra.

Ainda assim, Anny conseguia ouvir os gritos de Jefferson. Eles continuavam ecoando até ela: de tudo, de dentro dela, da água que caía do céu, e também de nada. Ela tinha de seguir adiante.



O fiel cavaleiro cogitou que aquela chuva talvez fosse uma bênção, pois poderia trazer vida a terras bastante secas. Contudo, tal pensamento também desapareceu, afinal ela era tão devastadora que claramente não viera com boas intenções. Era como se o dia se tornasse noite, apesar da ausência da lua, tamanha a escuridão que a tempestade trazia. As águas derrubavam árvores e faziam com que os poucos animais do caminho se refugassem, desesperados.

Anny e o cavaleiro estavam ensopados, tremendo e, agora, era inevitável que estivessem com medo, pela primeira vez naquela jornada.

– Eu não sei o que fazer, cavaleiro.

– Acho que devemos parar, rainha. Está muito perigoso continuar cavalgando na tempestade!

– É o meu desejo desde que a chuva começou, mas não temos onde parar. Não há abrigo na floresta, muito menos nas terras secas e de ninguém. Já não sei dizer há quanto tempo não encontramos uma casinha, nem que fosse abandonada ou parcialmente desmoronada, como a que vimos antes.

– Eu não sei o que dizer, majestade, perdoe-me por não poder ajudá-la.

– Não é sua culpa, cavaleiro, você está ajudando mais do que imagina. Nós vamos achar uma solução! – ela disse com força, como se desafiasse a chuva.

Então, lembrou-se de quando tinha oito anos, de verdade, e vivia com Jane e Hermes, de como temia as tempestades e do quanto tal fato fazia com que Jane aproveitasse para castigá-la ainda mais.

As lembranças apenas serviram para deixá-la orgulhosa de si, visto que agora, em meio à maior tempestade já experimentada por ela, e apesar do medo que a atingia, Anny não iria desistir. Ela não deixaria que os sentimentos ruins vencessem a partida de xadrez. Jamais. Não permitiria que medo algum fosse maior que sua vontade de encontrar o rei.

– Vamos em frente! – ela repetiu para o cavaleiro.

Como se ouvisse as suas preces, a terra mágica e amedrontadora trouxe-lhes algo que poderia ajudá-los. No meio do nada e sem aviso prévio, eles avistaram uma caverna.

O local parecia repleto de gente, o que seria bom, pois além do refúgio, aquelas pessoas poderiam orientá-los. Foi o que ela pensou assim que se aproximou da caverna na companhia de seu fiel cavaleiro.



Anny e o cavaleiro desceram do cavalo branco e levaram o animal para o interior da caverna, pois não queriam deixá-lo na chuva.

Assim que os três recém-chegados adentraram no estranho e escuro local, todas as atenções se voltaram para eles. Lá era muito maior do que parecia quando se olhava de fora. Estava tão cheio de pessoas que não havia muito espaço para andar. O mais estranho era que todas as pessoas, sem exceção, usavam máscaras. Algumas eram simples, outras pareciam

oriundas de bailes medievais. Umas, por sua vez, lembravam máscaras carnavalescas. Escuras, coloridas, de todas as formas e tamanhos.

Como o local não possuía iluminação própria, muitas pessoas seguravam tochas, que permitiam que Anny enxergasse detalhes das máscaras.

– Onde estamos? – ela indagou a qualquer um que pudesse ajudar.

As pessoas ao seu redor apenas riram. Permanecendo sempre ao lado do fiel cavaleiro, Anny tremia, mas não sabia dizer ao certo se era pelo frio da chuva que acabara de enfrentar ou pelo pavor que começava a sentir.

– Onde estamos? – ela voltou a perguntar.

– Você não sabe? Estranho. Pensávamos que você fosse a rainha de um reino todo quadriculado, vizinho às nossas terras.

– Eu sou, de fato, a rainha do Reino Xadrez.

– Nós não estamos no Reino Xadrez, não é? – As máscaras perguntaram, aproximando-se e circundando-a, como se ela fosse presa fácil, com vozes gélidas ecoando pelas paredes da caverna escura, iluminada apenas pelas luzes bruxuleantes de algumas tochas.

Cada vez mais próximas, elas continuaram a sussurrar bem perto dos ouvidos da rainha:

– O que significa que estes não são os seus domínios.

– Espere um pouco – Anny disse, dando-se conta de algo. – Vocês disseram “nossas” terras? Vocês são os donos das estradas, das terras áridas e das florestas densas que eu e o fiel cavaleiro percorremos no cavalo branco?

– Finalmente entendeu, Vossa Majestade – alguém disse, em tom de zombaria.

– Por favor, se vocês são os donos dessas terras, devem conhecer bem os arredores. Eu preciso de ajuda. Estou procurando o rei. Ele tem dor e grita mais alto que a própria tempestade.

– Quem não tem dor? – uma voz perguntou, com um eco.

– Quem não busca alguém? – indagou outra máscara.

– Qual tempestade?

Embora molhada dos pés à cabeça, uma ideia curiosa percorreu a mente da pequena rainha. Ela foi, então, até as proximidades da entrada da caverna para verificar algo.

Era verdade. Não havia tempestade alguma. O reino dos sonhos devastados permanecia seco e árido do lado de fora da caverna, como se

nenhuma gota o tivesse atingido, nem raios ou trovões.

Mais uma vez achando tudo complexo demais, Anny voltou-se para as pessoas do interior da caverna, os donos daquelas terras, e perguntou:

– Como posso encontrar o rei? Vocês sabem onde ele está?

Alguns riram. Muitos debocharam. Nenhum respondeu.

– Certo. Já que vocês não podem ajudar, eu e o cavaleiro precisamos subir no cavalo branco novamente e prosseguir viagem. Não temos tempo a perder.

– *Tempo*, majestade? Depois de tudo, você ainda acredita no *tempo*? Ele não é real. Nós estamos aqui há mais tempo do que o próprio tempo imagina.

– Afinal, o que é este local?

As máscaras fitaram a rainha, desafiadoras, gargalhando, divertindo-se e banquetando-se com sua ingenuidade.

– Este local é o que sempre foi, e o que você, pequena rainha, bem sabe o que é. Uma terra de sonhos! Não é mesmo? – E riram mais uma vez.

– Vamos – disse o cavaleiro, puxando-a em direção à saída e guiando o cavalo branco por entre aquelas pessoas.

Em seguida, virou-se para trás e encarou as máscaras de novo. Sem medo.

– Este é um baile de máscaras? É estranho. Não escuto música alguma.

– Exatamente como a própria vida – uma máscara explicou.

– Nós somos todas as pessoas do mundo, que são prisioneiras de seus sonhos.

– Vocês são prisioneiras? Nunca conseguem sair desta caverna? Abandonaram as terras dos sonhos do lado de fora, à própria sorte, e assim elas morreram, secaram e foram recobertas por neblina?

– Exatamente como a própria vida – a máscara repetiu.









# O BEIJA-FLOR BRANCO

EU SABIA QUE BEIJA-FLORES BRANCOS ERAM EXTREMAMENTE RAROS. E, JUSTAMENTE POR ISSO, SEMPRE OS AMEI TANTO. ACREDITO QUE FOI POR ESSE MOTIVO QUE ELES PROCURARAM O MIGUEL. ERAM JOIAS RARAS, DIFÍCEIS DE ENCONTRAR. ESPECIAIS. COMO MEU FILHO. UM MENININHO NEGRO, DE PERNA MANCA E SORRISO FÁCIL. UM BEIJA-FLOR BRANCO. UM SONHO BRANCO E PRETO, QUADRICULADO, EM UMA VIDA TODA TALHADA EM MADEIRA.

Pepeu, meu querido Pepeu,

Mais uma carta que começo, e mais uma que sumiu do parapeito da janela na noite anterior. Você está vindo rápido buscá-las. Acredito que tenha se interessado pela história de Miguel e que aguarde ansiosamente por minhas cartas. Elas nada mais são que lembranças tatuadas em papel, marcando meus dias para sempre. Agarradas em minha pele, tingindo-me. Eu me afeiçoei a elas. Até às mais dolorosas.

Assim que nosso abraço se desfez, aquele que foi maior que a própria vida – como você me ensinou –, Miguel e eu estávamos emocionados e demoramos alguns instantes para tomar qualquer atitude ou providência.

Então, fomos até o quarto que ele dividia com outras crianças. Os pertences de Miguel eram poucos. Fiz questão de ajudá-lo a reunir as poucas roupas que tinha, além de alguns cadernos – a maioria de músicas. Os brinquedos pertenciam a todas as crianças do orfanato, portanto, ele não poderia levá-los.

Eu havia feito um acordo com a diretora. Miguel iria para casa comigo e, aos poucos, cuidaríamos da burocracia da adoção.

Com um sorriso no rosto, um coração aos pulos, uma mão presa à minha e uma perna mancando, Miguel cruzou os portões do orfanato, recebendo vivas e acenos dos companheiros.

Fomos para casa.



– Esta é a sua casa – foram as minhas palavras assim que chegamos à casinha na qual moro, diante do mar.

– É linda – disse Miguel, entrando, encantado.

Havia um pequeno degrau na porta. Miguel não o viu, e eu, em função da emoção, esqueci-me dele. Sua perna manca, começando a ficar curva, falhou.

Lembro-me de seu sorriso no momento e de como uma fina névoa apareceu, sem, contudo, impedir-lhe o brilho. A imagem do sorriso estampado em sua face quando ele foi ao chão.

– Não se preocupe, meu filho, amanhã transformarei este degrau em uma rampa.

– Já estão acontecendo, senhora Anny. As mudanças.

– Não diga bobagens, este degrau já derrubou muita gente. Venha, entre em sua casa e esqueça o tombo. Foi um pequeno acidente, nada mais.

– Eu posso usar o banheiro? – perguntou Miguel.

– Claro, vou levá-lo até lá.

Quando Miguel se trancou no banheiro, fiquei pensando no tombo. Eu sabia, no fundo, que não fora um acidente. Não poderia fingir que a doença não estava ali, que não seria parte de nosso dia a dia. O melhor era aceitá-la e abraçá-la, permitindo que caminhasse ao nosso lado.

Miguel, por sua vez, arrumou uma desculpa. Não teve vontade de usar o banheiro. Escondeu-se em seu interior e chorou de vergonha e de medo do significado do tombo. Eu sabia disso, pude enxergar em seus olhinhos, no momento em que ele foi ao chão.

Passados alguns minutos, bati à porta:

– Você está bem, meu filho?

– Estou sim, já estou saindo – ele respondeu, disfarçando a voz.

Porém, as lágrimas teimavam em escorrer. Ele não queria me magoar, nem estragar o momento em que chegava a uma casa que, pela primeira vez, poderia chamar de sua.

O próprio Miguel me contou a magia linda que a vida trouxe até ele, mesmo sob desespero.

Por causa dos soluços, ele não havia escutado um suave barulho pela janelinha do banheiro. Conforme foi se acalmando, contudo, percebeu o som e foi investigar sua origem. Miguel era muito pequeno, e teve de subir em um banquinho que encontrou em um dos cantos para espiar pela janela.

O choro sumiu na hora. Desapareceu sem deixar vestígios. Assim como as cartas que escrevo para você, Pepeu. Assim como a vergonha e o medo que meu filho sentiu.

Miguel tinha companhia. Era um lindo beija-flor. Ele voava tão próximo a Miguel que batia as asas no vidro da janela, fazendo um gostoso barulhinho. Era também uma música, simples, mas que acalmava o coração. Uma melodia suave da vida.

Ele abriu a boca e gargalhou ao ver o pássaro. Foi uma risada gostosa. Miguel entendeu que o pássaro estava ali para espantar sua tristeza.

Meu filho estava feliz, sentia-se em casa. Saindo do banheiro, ele perguntou:

- Senhora Anny, já viu um beija-flor?
- Claro que sim. Quando me mudei para o Brasil, tive a oportunidade de ver vários. Até deixava açúcar no quintal para que viessem me visitar.
- Eu vi um beija-flor pela janela do banheiro – ele respondeu, animado.
- Era lindo. E era... branco!

Sorri ao notar que meu filho estava bem. Eu sabia que beija-flores brancos eram extremamente raros. E, justamente por isso, sempre os amei tanto. Acredito que foi por esse motivo que eles procuraram Miguel. Eram joias raras, difíceis de encontrar. Especiais.

Como meu filho. Um menininho negro, de perna manca e sorriso fácil. Um beija-flor branco.

Um sonho branco e preto, quadriculado, em uma vida toda talhada em madeira. O xadrez fazia-me sonhar mais uma vez e enxergar uma nova curva naquele tabuleiro sem fim que chamamos de vida.



Em seguida, Pepeu, mostrei a casa para Miguel e ajudei-o a arrumar os pertences no quarto.

- Vou preparar uma comida gostosa para nós dois. Depois, vamos comprar algumas coisas para você, como roupas, cadernos e brinquedos.
- Eu não mereço tudo isso, senhora Anny – respondeu Miguel.
- Como assim? É claro que merece, você é um ótimo garoto.
- Eu sei, mas me sinto mal ganhando tantos presentes. Já ganhei uma casa e uma mãe. Há muitas crianças que não têm nada. Não acho justo.

Sorri e fiz sinal para que Miguel se sentasse em meu colo. Afaguei seus cabelos curtos e crespos, enquanto dizia:

- Meu filho, é muito generoso de sua parte. Mas você está precisando de roupas e brinquedos. Não tenho nada aqui.
- E as outras crianças? Elas também precisam – argumentou Miguel, emocionando-me uma vez mais.
- Você está certo – respondi. – Faremos assim: compraremos algumas coisas para você e, com o dinheiro que sobrar, brinquedos e roupas para outras crianças.

– Oba! – gritou Miguel. – E podemos entregar?

– Claro. Amanhã podemos ir a um hospital aqui perto, onde ficam muitas crianças em uma ala.

Lembrei-me de você, Pepeu, e de como você levava arte e alegria para todos que precisavam. De como fazia sua dor diminuir ao aliviar a dor dos outros. Seu próprio vazio diminuía quando você percorria as estradas junto dos Anjos da Arte e fazia suas apresentações de teatro e mágica para todos que encontrava. Você é que me contou tudo isso, e uma história tão forte quanto a sua nunca poderia sair de mim.

Eu queria fazer o mesmo, e sentia que meu filho também.

– Tenho a melhor mãe do mundo – disse Miguel, sorrindo.

Emocionei-me e abracei Miguel novamente, com toda força.

– A diretora me falou que você é o tagarela do orfanato.

Enquanto eu cozinhava, fiquei ouvindo as tagarelices do meu filho. Ele era especial, tinha um brilho diferente. Nunca cozinhei com tanto amor como naquele dia.

Almoçamos, conversamos, rimos e, mais tarde, fomos às compras.

O primeiro dia de uma vida de felicidades.



*A música é para expressar que as mudanças não são tão ruins assim e que conseguirei passar por todas elas.*

Você consegue acreditar, Pepeu, que meu filho, tão pequenino, disse-me isso pouco depois de chegar em casa? Tão grande era aquele pequeno!

Chegamos em casa no fim da tarde, carregando diversas sacolas. Ambos estávamos exaustos e muito felizes. Havíamos comprado algumas roupas e poucos brinquedos para Miguel. Ele estava mais empenhado em comprar presentes para levar às crianças doentes, no hospital. Eu havia prometido que, no sábado, iríamos visitá-las.

Além das compras, tínhamos tomado sorvete e comido pipoca na praça. Na pracinha em que, anos atrás, eu jogara xadrez com amigos. Perto do mar.

Passeamos à beira-mar, sentindo o frescor da maré, sua brisa mansa, e rindo com o som emitido pelas ondas. Uma música viva e vibrante.

Ficamos muitas horas nisso, pois o ritmo não podia ser muito acelerado. Eu notei que ele só conseguia andar devagar. Não fiz comentários a respeito, apenas diminuí a velocidade dos passos.

Depois de rever todos os presentes e de jantar comigo, Miguel quis deitar-se em meu colo para assistir à televisão. Era um momento com o qual ele havia sonhado por muitos anos – ter um colo aconchegante para se deitar.

Coloquei um filme infantil e acomodei meu filho no colo. Quando acabamos de assistir, olhei para Miguel. Ele havia adormecido. Parecia descansar, tranquilo.

Dei-lhe um beijo na face e disse:

– Filho, vou levá-lo para o seu quarto.

– Eu não quero ir, quero ficar com você, mamãe.

Foi a primeira vez que ele me chamou de “mamãe”.

Depois de um mar de sofrimento pela partida de Brenda, ainda lembrava, com uma dor que atravessava o peito, como era quando ela, meu outro anjo, chamava-me assim.

Ouvir aquela mesma palavra de um jeito novo, pela voz de Miguel, sonolenta e carinhosa mas maior que o tempo e a vida, fez com que meu coração abrisse o maior de todos os sorrisos.

Aquilo, Pepeu, significou o mundo. Significou o mundo inteirinho.

Abri um amplo sorriso e respondi carinhosamente:

– Meu filho, você está cansado, precisa ter uma boa noite de sono. Eu vou ficar com você até que adormeça e, amanhã, teremos o dia todo para ficarmos juntos.

– Está bem – concordou Miguel, rendendo-se ao sono.

Após colocá-lo na cama e certificar-me de que ele estava dormindo, saí do quarto, fechei os olhos e sussurrei com mais força que as ondas do mar que se quebram na praia:

– Obrigada, Papai do Céu. O Senhor nunca me abandonou. Obrigada por, mais uma vez, enviar um anjo para minha vida.



No dia seguinte, acordei cedo e fui espiar Miguel no quarto. Ele dormia profundamente. Dirigi-me até a cozinha para preparar um gostoso café da

manhã para o meu filho.

Pensei sobre a véspera. Havia sido um dia decisivo para mudar minha vida. Trouxera Miguel para casa.

Porém, tinha visto as pessoas sussurrando conforme passeávamos de mãos dadas, apesar de eu ter fingido não reparar para não o incomodar. Isso não importava, contanto que Miguel estivesse comigo. Eu o amava e estava determinada a fazê-lo feliz. Muitas pessoas achavam estranho o fato de uma senhora da minha idade ter adotado um garotinho de pele escura e perninha torta. E para esse tipo de julgamento não há espaço em terras puras, como o Reino Xadrez ou como a casa do Papai do Céu. Portanto, por que eu perderia tempo tentando entendê-las? Se elas quisessem partir para terras de sonhos quadriculadas e infinitas, teriam de se livrar de tais preconceitos. Afinal, acumulavam muito mais problemas que eu. Elas é que eram dignas de pena.

Em seguida, pensei em como Miguel fora gentil ao querer comprar presentes para outras crianças, de como fora divertido passear e fazer compras ao lado dele, de como fora suave assistir a um filme com meu filho no colo, e de como fora reconfortante colocá-lo para dormir pela primeira vez.

Contudo, o melhor de tudo havia sido escutar a palavra “mamãe”.

Então ocorreu-me um pensamento sobre o tombo de Miguel, ao entrar pela primeira vez em casa, de como ele mancava ao caminhar pela rua, e de como suas perninhas pareciam cada vez mais curvas.

*Dois anos, no máximo. É o prazo que ele tem.*

Precisava espantar os pensamentos negativos. Miguel estava seguro no quarto ao lado, era só isso que importava naquela hora.

Depois, lembrei-me do meu filho dizendo ter visto um beija-flor branco.

– Como as crianças descobrem pequenos tesouros todos os dias – concluí com um sorriso.

Eu vira algo parecido. Sim, em meu sonho. Na noite anterior à adoção de Miguel, havia sonhado com muitas coisas, inclusive com um pássaro branco, que, pensando bem, parecia um beija-flor.

– Nos meus sonhos, eu sou uma pequena rainha, menor até que o Miguel. As crianças veem a vida sob outro ângulo, como se a enxergassem melhor.



– Está falando sozinha, mamãe? – perguntou Miguel, que acabara de entrar na cozinha, sem que eu percebesse.

– Não, meu filho, estava esperando você. Que bom que já acordou, o café acabou de ficar pronto. Fiz panquecas! Como foi sua primeira noite em casa?

– Foi o melhor sono da minha vida, dormi muito feliz!

As horas se passaram, trazendo a cada instante uma felicidade que Miguel e eu desconhecíamos até então.

Ele não sabia explicar, mas, em poucos dias na nova casa, sentia como se aquele sempre tivesse sido seu lar, e eu, sua mãe. Falou-me isso diversas vezes, enchendo-me de orgulho e alegria.

Com a chegada do piano que ganhara da diretora do orfanato, Miguel sentiu-se ainda mais feliz e passou a tocar todos os dias para mim.

Eram impressionantes a facilidade e a habilidade que meu filho tinha com a música. Ele escrevia lindas canções e as tocava com uma delicadeza sem igual.

Na sexta-feira, Miguel abriu os olhos pela manhã, sentindo-se animado, pois faltava apenas um dia para ir ao hospital entregar os presentes às crianças.

Ele disse, assim que entrei em seu quarto e o encontrei acordado, na cama:

– Elas ficarão felizes com as roupas e os brinquedos que compramos!

Contudo, em meio àquela felicidade, uma tristeza e um desespero o invadiram sem aviso. Ele não sabia de onde vinham, não conseguia explicar a angústia. Tentei confortá-lo, em vão. Foi como uma tempestade no paraíso. E que o atingiu com força.

Achou que foram os sonhos. Ele não tivera sonhos bons naquela noite, mas não conseguiu lembrar-se ao certo. Foi como se algo ruim fosse acontecer. Um pressentimento. Um sussurro solto ao vento. Mas do tipo que faz com que a espinha se arrepie de pavor.

Naquele exato instante, quando sentimentos opostos duelavam dentro de meu filho, ele ouviu um barulhinho conhecido, um bater ligeiro de asas, uma música gostosa de ser ouvida.

Olhamos pela janela e confirmamos quem estava ali conosco. Nossos corações já sabiam. Era o beija-flor branco. Ele havia vindo saudar-nos naquele novo dia.

Por que Miguel se sentia tão desesperado? Quando olhei de novo, o beija-flor havia sumido.

Miguel, então, resolveu levantar-se da cama e começar a planejar como seria a visita ao hospital, no dia seguinte. Talvez o ajudasse a tirar o aperto de seu peito.

Ele tentou. Mas não conseguiu.

– O que está havendo? – perguntou.

Tentou novamente sair da cama, mas as pernas não o obedeceram. Foi desesperador assistir à cena.

Eu me lembro, Pepeu, de que queria desesperadamente que aquilo estivesse acontecendo comigo. Não com o meu menino.

Miguel conseguiu levantar o tronco e movimentar os braços. Tocou em uma perna, porém não sentiu o próprio toque. Mais desesperado que nunca, ele deu um comando para as pernas saírem da cama, deixarem-no em pé. Gritou com elas, com raiva e desespero. Elas teimavam em não obedecê-lo.

Ele começou a chorar copiosamente, ainda gritando e esmurrando as próprias pernas. Elas estavam bem encurvadas, piorando a cada dia, mas ele havia tentado não dar importância ao fato, pois estava muito feliz na nova casa.

Subestimara o que a diretora dissera, sobre as mudanças acontecerem rapidamente após a primeira manifestação.

Vendo-o ali, tão pequeno e indefeso, indignado e desesperado, meu coração se partiu em um milhão de caquinhos, que me dilaceraram por dentro.

Todavia, eu tinha de ser forte, Pepeu, ele precisava de mim. Como a velha promessa que, um dia, fizera ao rei Jefferson. Ser forte, não importando qual seja a situação. Ser maior que a tempestade e nunca deixar o castelo desabar.

Mais que nunca, eu precisava da minha fortaleza interior em pé. Tinha de ser como a borboleta azul e continuar a voar ao vento, com graça e leveza, levando paz àqueles que amava.

Eu seria forte. Por mim e por ele.



Estava presa a tais pensamentos, mas os gritos e o choro de Miguel, ainda mais altos, trouxeram-me de volta à realidade.

– Não consigo, mamãe, não consigo mexer as minhas pernas! – ele gritou.

– Deixe-me ver – falei, tentando parecer calma.

Peguei uma das pernas de Miguel e movimentei-a. Ele afirmou não sentir nada. Ajudei-o a ficar sentado, mas, de qualquer forma, não conseguiu sair da cama.

Rapidamente, troquei as roupas do meu filho e saí correndo do quarto para usar o telefone.

– O que você foi fazer, mamãe? – indagou Miguel, assim que voltei.

– Eu chamei uma ambulância, meu filho, nós vamos consultar seu médico.



Após examinar Miguel, o médico quis ter uma conversa em particular comigo. Eu estava bastante tensa, lembro até que sentia minhas finas mãos tremerem.

– Por favor, sente-se – convidou o doutor, assim que entramos em seu gabinete.

– Ele não vai mais andar, doutor?

– Senhora Anny, é justamente por isso que a chamei aqui. A situação do Miguel é muito complicada. Creio que a senhora sabia quando resolveu adotá-lo.

– Sim, eu sabia de tudo.

– Pois bem, não vou esconder nada, a doença está progredindo. E, infelizmente, mais rápido do que havíamos previsto.

– Como assim?

– Eu havia conversado com a diretora do orfanato – continuou o médico –, e dito que os remédios para retardar a doença já não estavam fazendo efeito, e que logo as manifestações começariam a aparecer. No final da primeira década de vida do Miguel, aconteceu exatamente conforme havíamos previsto. Porém, sabíamos que, com o início dos primeiros sintomas, a evolução da doença seria rápida. E Miguel teria, no máximo, dois anos de vida.

– Não estou entendendo – falei. Meu nervosismo era tanto que a voz saiu rouca e em baixo tom.

– A primeira manifestação foi a claudicação, ou a manqueira, como é popularmente conhecida, que se agravou rapidamente. As canelas dele se curvaram e, agora, ele perdeu o movimento e a sensibilidade das pernas. Eu esperava que acontecesse em um mês, mas isso se deu em uma semana.

– Quer dizer que...

Não consegui terminar a frase.

Com muita delicadeza, o médico completou:

– Quer dizer que, sim, ele não voltará a andar, e também que seria muito otimismo de minha parte dizer que ele tem mais dois anos de vida, dada a velocidade com que a doença se agravou.

– Por favor, não diga mais nada – pedi. – Eu vou ver meu filho.



Entrei no quarto em que Miguel estava. Ele parecia cochilar, mas abriu os olhos quando me aproximei, falando:

– Podemos ir para casa, mamãe?

– Claro, meu filho, nós já vamos.

– E eu poderei ir andando? O que o médico falou? – indagou Miguel.

– Querido, preste atenção no que a mamãe vai dizer. As mudanças pelas quais você vai passar já começaram a acontecer. Você irá para casa comigo, eu o levarei em uma cadeira de rodas. Há uma para vender aqui no hospital.

– Mas e minhas pernas, mamãe, elas não funcionam mais?

– Miguel, você é uma criança especial e, a partir de agora, vai precisar de cuidados ainda mais especiais. Mas não se preocupe, estarei do seu lado. Lembra-se do que conversamos? Nada será fácil, mas com o nosso amor, iremos superar tudo.

– Você promete, mamãe?

– Claro, Miguel, prometo que você será tão feliz em sua nova cadeirinha que não sentirá falta dos movimentos de suas pernas. Faremos com que tudo seja mais fácil.

– As pessoas irão reparar em mim, não é? – perguntou Miguel.

– Eu não quero que você se preocupe com as outras pessoas. Nunca. Muitas ficarão, sim, encarando você, mas sabe o que elas deveriam pensar?

– O quê, mamãe?

– Que você é um menininho muito corajoso e enfrenta todas as dificuldades com otimismo e amor. Sabe de uma coisa? Elas deveriam até aprender com você e sua cadeirinha especial.

Miguel sorriu. Foi o sorriso mais lindo do mundo, que fez com que lágrimas pesadas despencassem de meus olhos. Eu estava feliz e agradecida de tê-lo ao meu lado. Nada mais importava.

Com aquele lindo sorriso, ele completou:

– Então, mamãe, vamos para casa, eu quero testar minha cadeirinha especial!

Pepeu, essa frase era tudo o que meu coração precisava para ficar em paz.

E nós fomos para casa.









# MÚSICA, PINCEL E DENTES-DE-LEÃO: O ENCONTRO PERFEITO

OBSERVEI A PLANTA POR ALGUNS INSTANTES. ELA ERA DELICADA E SINGELA. COMO TUDO NA VIDA. E, JUSTAMENTE POR ISSO, AO ASSOPRÁ-LA, SUAS MINÚSCULAS PARTES SE DESPRENDERAM E VOARAM. ERAM EFÊMERAS AO VENTO, MAS ETERNAS AO ENCANTAR OS OLHOS. COMO TODAS AS COISAS BELAS.

Pepeu, meu querido Pepeu,

Naquele dia, após a ida ao hospital e a difícil conversa com o médico, cheguei em casa empurrando Miguel na nova cadeira de rodas. O tombo que ele sofrera há alguns dias havia sido um aviso, que me fez transformar o degrau em uma rampa.

Eu já havia tomado providências na casa para facilitar as adaptações de que Miguel precisaria em suas mudanças. Mudanças. Como a música que ele compôs e que trouxe seu coração até o meu.

Quando entramos, levei meu filho até o jardim. Lá havia uma área em que o sol batia forte, com flores lindas que trariam paz ao coração de Miguel. Além, é claro, do mar. Seu som. Sua brisa. Seu cheiro. Tudo seria reconfortante para ele e para mim.

O piso ao lado do canteiro seria ideal para Miguel aprender a andar com sua nova companheira – a cadeirinha especial.

– Meu filho, eu vou estar sempre com você e posso empurrar sua cadeirinha, com muito gosto, em todos os momentos. Mas acho que você ficará mais satisfeito se puder se locomover sozinho, estou certa?

– Sim, mamãe. Eu quero aprender a andar sozinho com minha cadeira.

– Então, vou ensinar-lhe a lidar com sua nova companheira.

Assim, ensinei meu filho a travar e a destravar a cadeira e, aos poucos, ele já girava as rodas sem a minha ajuda. No fim do dia, Miguel já conseguia guiar-se sozinho e parecia confortável em sua cadeira, o que me deixou feliz.

– Mamãe? – ele perguntou mais tarde.

– Sim, Miguel?

– Eu não voltarei a jogar futebol, nem a correr, não é?

– Não, meu filho, infelizmente não.

– Mas tem uma coisa, mamãe, que a doença não vai tirar de mim – falou Miguel, sorrindo. – A música!

– Esse é o seu maior dom, meu filho! Nada, nem ninguém, será capaz de tirá-lo de você!

– Amanhã, quando voltarmos do hospital, vou escrever uma nova música sobre essa nova fase de minha vida. A música será para expressar

que as mudanças não são tão ruins assim e que conseguirei passar por todas elas.

– Não tenho dúvidas, querido.

Vê-lo vencer aquela batalha, dentre as muitas que ainda surgiriam, era uma verdadeira lição para qualquer jogador de xadrez. A proteção de quem se ama, as lutas intermináveis que enfrentamos na vida. As perdas e as vitórias. Tudo ocorria no tabuleiro. E tudo ocorria na vida.

O presente de meu rei, o Xadrez de Cristal, no qual eu via o mundo todo refletido, tornava-se ainda mais especial e sábio.

Convidei Miguel para uma partida de xadrez entre os canteiros do meu jardim, agora em Santos, como fazíamos, Pepeu. Era um dia especial, que merecia ser vivido de forma especial. E nada é mais especial que um tabuleiro quadriculado, que significa o mundo inteiro, que é maior que a vida, e que me une a todos aqueles que amo de maneira eterna. Naquele momento, nada poderia ser mais valioso que jogar xadrez com o meu filho.



– Sabe, mamãe, uma vez você me perguntou qual era o meu sonho – Miguel me disse, enquanto jogávamos na companhia das flores.

– Sim, e você respondeu que era não sofrer com as mudanças.

– Eu sei que esse sonho vai se realizar, graças a você. Mas tenho outro sonho, que nunca comentei com ninguém.

– Por favor, diga, meu filho.

– Eu gostaria de tocar minhas músicas em público. Gostaria que as pessoas ouvissem e apreciassem o que eu faço com tanto amor.

– É um belo sonho, querido. Todos iriam amar suas músicas.

– Mas, agora que estou na cadeira de rodas, será que as pessoas iriam gostar de me ouvir?

– Elas seriam tolas se não quisessem.

Naquela noite, sei que Miguel foi dormir feliz. Havia sido um dia diferente e difícil, mas ele havia entendido a minha promessa: enfrentaríamos todas as mudanças juntos.

Deitei-me planejando uma maneira de realizar o sonho de Miguel. Antes de pegar no sono, contudo, olhei pela janela.

Uma música suave me atraía. Não estava sozinha. O beija-flor branco estava ali, batendo suas asas.



No sábado cedo, Miguel acordou muito animado para a visita às crianças. Era no mesmo hospital no dia anterior. Seria um dia de grandes descobertas, de visitar crianças especiais, assim como ele. Eu o empurrava enquanto ele mantinha em seu colo a mala de presentes.

Fomos muito bem recebidos na ala infantil.

– As crianças adoram receber visitas e presentes. É muito bom contar com a sua presença – saudou-nos uma voluntária do hospital.

Assim que ela abriu as portas, Miguel viu um grande corredor, todo enfeitado com desenhos e cores vivas, além de lindos vasos de flor e quadros.

Havia muito barulho. Como se lesse os pensamentos de Miguel, a voluntária explicou:

– Eles estão animados hoje, pois é dia de visitas. Os palhaços vieram para alegrá-los. Venham, estão todos ali, no salão.

– Palhaços? – indagou Miguel, animado.

Ele nunca havia visto um palhaço de verdade.

No momento em que entramos no amplo salão, as cores e os risos nos inundaram de uma forma mágica e divertida.

– Este é o salão de eventos – explicou a voluntária. – Algumas crianças passam muito tempo conosco, então, aqui, costumamos realizar pequenas peças de teatro, apresentações e confraternizações, na tentativa de trazer mais alegria a elas, que estão passando por tratamentos muito difíceis.

Os barulhos no salão se intensificavam. Bexigas espalhadas, desenhos feitos pelas próprias crianças, brinquedos, tinta. Muitos internos brincavam nos cantos da sala, mas a maioria se agrupara no centro, formando um círculo e, em seu interior, dois palhaços divertiam as crianças.

Miguel ficou encantado com as duas figuras. Sua carinha de felicidade fez meu coração bater feliz.

Os palhaços também eram voluntários. Não pude deixar de pensar em como o bem sempre atrai o bem. Em como as boas ações são tão lindas e

tornam o mundo mais colorido, cheio de risos, e fazem os corações saltitarem.

Não pude deixar de pensar em você, Pepeu. Você sempre fez o bem, ensinou-me sobre ele e, com sua arte, levou tantos sorrisos ao mundo.

Cada palhaço tinha as faces pintadas, um grande nariz vermelho, uma gravata de bolinhas e roupas muito coloridas, enfeitadas de forma divertida.

– Olhem só, temos um novo amigo! – exclamou um dos palhaços, ao ver Miguel entrar no salão.

– Você sabe a piada do “não, nem eu”? – perguntou o palhaço.

– Não! – respondeu Miguel, achando tudo divertido.

– Nem eu! – gritou o palhaço, gerando uma nova onda de gargalhadas.

– E você trouxe presentes? – perguntou o outro palhaço. – Não precisava!

– Na verdade, eles são para as crianças – respondeu Miguel.

O palhaço, então, começou a chorar de forma escandalosa e apertou um brinquedo que fazia jorrar água, simulando falsas lágrimas. As crianças foram ao delírio, inclusive Miguel.

– Vamos ver o que ele trouxe!

Miguel entregou os presentes às crianças, um a um. No final, sentia-se muito feliz, principalmente por ver o brilho nos olhos de seus coleguinhas. Aqueles presentes eram mais que roupas e brinquedos, eram símbolos de que eles não foram esquecidos. Havia pessoas que se importavam com eles e com os sorrisos que deveriam dar.

– Espere! – disse Miguel. – Nós trouxemos o número certo de presentes, pois mamãe havia telefonado e pedido informações. Mas ainda sobrou um embrulho na sacola!

– Este é o presente da Serafina – explicou a voluntária.

– Quem é a Serafina? – indagou Miguel.

– Ela também está internada aqui, mas sua doença é muito grave e ela não pode sair do quarto.

– Nem para ver os palhaços?

– Infelizmente, não. Mas eles sempre vão visitá-la no quarto.

Percebendo que Miguel ansiava por mais informações, a voluntária continuou:

– A Serafina possui uma das histórias mais tristes deste hospital. Assim que adoeceu, quando ainda tinha meses de vida, seus pais a abandonaram

aqui, e nunca retornaram para visitá-la. Ela não sai do quarto, está lá há alguns anos. Sua doença está em estágio terminal. Ela vive conectada a aparelhos.

– Eu posso ir até o quarto da Serafina? – indagou Miguel.

– Claro, ela irá adorar.

Meu filho e eu fomos conhecer a Serafina. Outro anjo, do tipo que nos torna pessoas melhores apenas pela aproximação.

Fazia silêncio no ambiente, exceto por um apito contínuo de um dos aparelhos ligados. Havia muitos como aquele em funcionamento, todos conectados de algum modo ao pequeno corpo de Serafina.

A menina estava deitada, coberta por lençóis de cores suaves e estampas leves. Era uma linda e pequena menina. Lembrava eu mesma, de certa forma. Serafina tinha a pele bem clara, cabelos loiros e um pouco desajeitados, e seus olhos pareciam um pedacinho do céu. Uma franja lisa e reta recobria sua testa.

Em meio a todos os aparelhos e ao ambiente solitário, ela era tão frágil! Como se estivesse prestes a se quebrar, parecia feita de porcelana rara.

Ela girou o pescoço no travesseiro ao perceber que havia visitantes.

– Olá – ela disse, com dificuldade.

– Olá – respondeu Miguel. – Eu trouxe um presente para você.

Eu observava a cena e notei que Serafina ficou feliz ao ver o embrulho, porém, com os catéteres, tubos e aparelhos, não podia mover muito os bracinhos. Então, fui ajudá-la a abrir o pacote.

– Não... – disse ela, interrompendo-me.

– Você não prefere que eu abra? – questionei, com suavidade.

– Não. Quero deixá-lo embrulhado. Prefiro assim, pois ficará para sempre parecendo um presente. Sabe, eu não costumo ganhar muitos deles.

Eu não sabia o que dizer. Estava muito comovida com aquela garota.

– Já sei! – disse Miguel. – Minha mãe pode abrir o embrulho com cuidado. Aí, você pode brincar com o que está dentro e guardar o papel do embrulho.

Serafina sorriu ante a ideia. Em seguida, abri cuidadosamente o presente. Em seu interior, havia um lindo urso de pelúcia que, ao apertar sua barriga, dizia frases de carinho, como:

“Oi, eu sou o Teddy, você quer brincar?”

“Amo você.”

“Você é meu grande amigo.”

“Pode me dar um abraço?”

Ao se deparar com o lindo presente, ela ficou encantada, e apertou feliz a barriga do ursinho para ouvir suas frases.

Do outro lado da garota, repousei o papel do presente sobre a cama.

Uma das voluntárias, que gostaria de agradecer a visita, chamou-me no corredor. Fui até lá, deixando Miguel e Serafina a sós no quarto.

Após conversar rapidamente com a mulher, estava prestes a entrar no quarto de Serafina quando testemunhei a seguinte cena pela porta entreaberta:

– Você tem muita sorte de ter uma mãe – disse a menina, observando Miguel.

– Eu sei, e agradeço ao Papai do Céu todos os dias – respondeu meu filho.

– Eu gostaria de ter pais e que eles cuidassem de mim. Você também está doente, não está? – indagou Serafina, olhando para a cadeira de rodas.

– Estou, mas minha mãe cuida de mim com muito amor. Então, eu não me importo de estar doente.

Serafina derramou uma lágrima.

– Não chore! – disse Miguel. – Se você quiser, minha mãe e eu podemos vir sempre visitá-la, assim podemos ajudá-la a não ter medo de ficar doente. Eu estou passando por isso. E posso dizer: o segredo é encarar tudo como uma partida de xadrez. Ou, melhor dizendo, Xadrez de Cristal. Frágil. Delicado. Quebrável. Mas tão belo.

– Vocês fariam isso por mim? – perguntou a menina.

– Claro, podemos vir todas as semanas! Seremos como uma família. Eu pediria à minha mãe para levá-la para nossa casa, mas a voluntária disse que você não pode sair daqui, por causa do tratamento.

Serafina parecia feliz com a novidade.

– Será a primeira vez que terei uma família.

– Que quadro lindo, foi você que pintou? – perguntou Miguel, olhando para a parede ao lado da cama de Serafina e mudando de assunto.

– Não – ela respondeu. – Foi algum dos voluntários que trouxe. Eu adoro olhar para esse quadro.

Era uma pintura muito bonita, com flores, árvores e um lindo cavalo branco no centro, envolto por um arco-íris e uma fumaça colorida. O cavalo

tinha asas, parecia voar em meio às flores!

– Às vezes, eu tento pensar que sou como esse cavalo. Que tenho asas e um dia vou voar – com uma lágrima, ela completou –, em breve.

Fiquei emocionada ao flagrar tantas palavras de sabedoria vindas daquelas duas crianças. Tão lindas. Tão especiais. Passando por tantos desafios, mas aprendendo com cada um deles.

Na sequência, entrei no quarto e juntei-me a ambos, e logo fui seguida pelos palhaços, que invadiram o quarto para visitar Serafina, como de costume, e começaram a contar piadas e fazer rimas engraçadas.

Naquela noite, Miguel não estava com sono na hora que costumava dormir. Estava muito agitado com tudo o que vivera.

A ida ao hospital havia lhe causado um bem enorme, e também a mim. Sentíamos-nos leves e renovados, e eu disse que isso acontecia porque quando ajudamos alguém acabamos nos fazendo um bem imenso também.

Miguel quis tocar piano. Eu o levei até lá e o deixei a sós com o instrumento. Seria a primeira vez que meu filho tocaria com a companhia da cadeirinha especial. Porém, ele não se sentia triste. Tinha entendido que há muitas pessoas doentes no mundo e que o mais importante era viver todos os momentos com intensidade e sabedoria, sem se deixar vencer pelos ruins. Era uma partida de xadrez que já estava ganha, pois o amor sempre vence. Apenas ele era eterno. Miguel e eu já éramos vencedores por termos um ao outro.

Meu filho podia não voltar a andar com as próprias pernas, mas sabia que tinha muita sorte e estava feliz. Escreveu lindas melodias e tocou suaves notas no piano, enchendo a casa de alegria.

Sua intenção foi que a música percorresse a cidade e chegasse até o hospital, a cada uma daquelas crianças que, assim como ele, enfrentavam uma grave doença. Seu desejo foi atendido. De alguma maneira, a melodia suave viajou pelo vento, como uma borboleta frágil, mas decidida, e entrou em cada quarto, onde as crianças do hospital dormiam. Eu sabia. Podia sentir. O que é carregado por boas intenções volta e nos atinge no peito. O bem é como o mar, uma melodia sem fim.

Enquanto isso, ouvi Miguel tocar concentradamente, emprestando todos os seus sublimes sentimentos à canção. Sem que ele percebesse, um lindo beija-flor branco o observava da janela.





No dia seguinte, Miguel acordou renovado e com toda a alegria que lhe cabia.

– Dormi muito bem, mamãe. Sei que tive lindos sonhos, embora não me lembre dos detalhes – ele me disse.

Tomamos café juntos e, então, Miguel teve uma ótima ideia.

– Mamãe, você adora arte, não é?

– Sim, querido.

– Podíamos ir até a galeria! O quadro que vi no quarto de Serafina ontem me inspirou. Eu não sei exatamente como, pois nunca fiz pinturas, apenas desenhos simples para passar o tempo quando era menor.

– A arte se manifesta de várias formas, Miguel. Considerando a grandiosidade do seu dom para a música, não me espantaria que você tivesse outros – falei, orgulhosa. – Está decidido. Hoje à tarde iremos à galeria!

Passamos uma tarde maravilhosa em companhia da arte, Pepeu. Ficamos encantados com tanta beleza. Os olhinhos de meu menino brilhavam. Eu sabia que aquilo tinha a ver com sua missão.

Certa vez, você me ensinou o que era missão, aquilo que nosso coração sorri ao fazer, Pepeu, o caminho que o deixa feliz. E foi você quem me ajudou a entender que minha missão era a dança.

Eu quis fazer o mesmo pelo Miguel. A missão dele também era a arte, de diversas formas. Levar emoção, despertar sentimentos.

Naquela tarde, após a ida até a galeria, ele voltou cansado, feliz e inspirado. Girou as rodas da cadeirinha especial até seu quarto e pegou um caderno que usava para estudar. Procurou uma folha em branco, pegou canetas e lápis coloridos e começou a desenhar e pintar, com o amor que vivia em seu peito.

Eu o observava e podia jurar que os instantes se passavam mais rápido enquanto ele estava em contato com a arte. Desenhava e pintava, e os cavalos brancos alados pareciam ganhar vida própria a cada novo rabisco que ele fazia. A cada novo traço.

Ele nunca havia desenhado com seriedade, ainda não sabia que seu dom não era exclusivo para a música, mas também para a pintura – Miguel era

um artista, em todo o seu ser.

Naquele momento, ele descobriu mais de si próprio, revelou ainda mais a arte de seu coração e teve a certeza de ter nascido com a missão de levar melodias e cores às pessoas.

Quando me aproximei, fiquei maravilhada ao ver o desenho de meu filho:

– Você é um artista! – exclamei. – Vamos realizar o seu sonho e mostrar este talento para o mundo!

Miguel sorriu com euforia. Estava feliz por fazer algo que amava e, também, por ter encontrado sua razão de viver. Sem querer, ele disse que se lembrou de parte do sonho que tivera naquela noite. Havia sonhado com um pincel.

Um pincel que se movia de um lado para o outro. Ao som de música.



No outro dia, quando olhei pela janela que dava para o pequeno jardim nos fundos da casa, Miguel estava ali, em sua cadeirinha de rodas, adormecido. Ele estava ao lado de uma linda bromélia, entremeada às orquídeas que eu cuidava com tanto carinho. Aos seus pés, repousavam alguns dentes-de-leão.

Achei aquilo curioso, pois nunca vira dentes-de-leão em meus canteiros antes. Não os havia plantado ali ou sequer os vi nascer e crescer.

Contudo, ali estavam eles, aos pés de meu filho. Balançando ao vento. Dançando. Tive uma vontade enorme de pegar um dente-de-leão, soprá-lo e observar seus fragmentos voarem ao som do vento.

Cada pedacinho nos representa. Subindo e descendo ao ritmo da vida, indo para longe, cruzando o mundo feito um sonho. Perdendo-se feito uma brisa. Reencontrando-se com um sopro.

Os dentes-de-leão guardam o segredo da humanidade. Ao pensar nisso, dei-me conta de que aquelas plantas, que nasceram misteriosamente aos pés de meu filho, só podiam ser presentes de anjos para Miguel. Anjos da Arte, que certamente o acompanhavam e estavam satisfeitos com seu bom trabalho. Pincel e música trouxeram aqueles presentes de anjos até meu filho!

Detive meu olhar em Miguel por alguns instantes. Ele respirava profundamente. Eu podia acompanhar os movimentos compassados de seu peito. Era um sono leve, mas profundo. Feliz e ingênuo. Parado ali, em sua cadeirinha especial, ele era a escultura perfeita que vovô, um dia, esculpira em madeira.

Tantos mistérios rondavam minha família. Ao mesmo tempo que queria respostas, eu amava profundamente cada um daqueles anjos artistas, o vovô, o Miguel, a Mariza. Aguardaria as respostas e os reencontros quando eles também estivessem prontos.

Era difícil compreender os mistérios que rondavam vovô e sua escultura de madeira. Assim como era difícil aceitar a decisão de minha irmã de afastar-se.

No fundo, eu sabia, pois aprendera a duras penas, que o amor é maior que tudo – maior que qualquer afastamento temporário e qualquer pergunta não respondida. E apenas isso basta.

Olhei para a delicada face de Miguel, enquanto ele cochilava em meio aos canteiros, e notei que ele tinha um sincero sorriso estampado no rosto.

*Apesar de tudo, da doença e da infância sofrida, ele sorri para o mundo.*

Aproximei-me sem fazer barulho, para não despertá-lo do sono inspirador, e abaixei-me para pegar um dente-de-leão.

Observei a planta por alguns instantes. Ela era delicada e singela. Como tudo na vida. E, justamente por isso, ao assoprá-la, suas minúsculas partes se desprenderam e voaram. Eram efêmeras ao vento, mas eternas ao encantar dos olhos. Como todas as coisas belas.

Elas foram para longe. Como tudo, um dia. E pedi que voltassem para mim, pois eu as amava. Sorri olhando para cima, vendo-as voar. Sabia que, um dia, elas retornariam.

Aquilo que amamos sempre volta. O vento traz de volta, como em uma dança.



Miguel continuava a dormir. Podia afirmar que ele sonhava algo bom, pois seu sorriso expressava felicidade, além da bondade natural que existia em sua face. Resolvi entrar e deixá-lo descansar ali, em meio às flores.

Havia planejado ir bem cedo comprar pincéis e telas. Incentivaria os dons maravilhosos do meu filho.

Miguel dormiu um bocado de tempo, sempre a sorrir.

Junto dele, havia um amigo especial. Um lindo beija-flor branco, de asas incessantes, que voava pelo pequeno jardim beijando cada flor que ali havia e girando sobre o sono de Miguel, como se estivesse a protegê-lo.

Ele sobrevoava os dentes-de-leão. Parecia mágica.



No dia subsequente, Miguel estava mais feliz que o normal. Mal sabia que esse fato se devia ao seu encontro com a arte de pintar.

Ao ver as flores, ele disse que elas lhe traziam inspiração. Suas cores, suas delicadas linhas e finos detalhes, tudo parecia encher Miguel de um amor tão puro, que ele queria transformar aquilo em música e pintura – versos e telas.

Quando lhe entreguei a surpresa, ele ficou encantado. Havia comprado telas, um cavalete para ajustá-las em uma altura confortável, uma bonita paleta para dispor e misturar as cores, além de pincéis de diferentes tamanhos, tintas tradicionais e nanquins.

– Mamãe, você é demais! – ele gritou ao ver tantas cores.

– Quero que você alimente seus sonhos, meu filho. Os sonhos não sobrevivem sem nós, assim como não sobrevivemos sem eles!

– Eu quero começar logo a pintar – disse Miguel, eufórico.

– Claro, querido, vou arrumar um canto da sala para que você comece seu trabalho.

Fui arrumar a tela, o cavalete e as tintas, e Miguel, girando as rodas de sua cadeira, seguiu-me.

Eu estava feliz, pois, nos últimos dias, ele não apresentara nenhum sinal de progresso da doença. Aparentemente, ela estagnara.

*Tomara que ela pare onde está e limite-se apenas às pernas. Assim, meu filho poderá pintar, compor músicas e tocá-las. Porém, eu sabia que estava sendo muito otimista. O médico fora seguro em suas afirmações: Seria muito otimismo de minha parte dizer que ele tem mais dois anos de vida, dada a velocidade com que a doença se agravou.*

Observei Miguel chegar na sala:

– Você pegou o jeito com a cadeira! – exclamei.  
– Claro, mamãe, ela é minha companheira, como você mesma disse.  
– Querido, responda com sinceridade para a mamãe, você tem sentido dores?

– Não, mamãe, eu me sinto ótimo – disse Miguel. – Até penso que é estranho não sentir dores, mas é como se eu não estivesse doente.

Respirando aliviada ao ouvir aquilo, deixei tudo pronto para que Miguel começasse a pintar. Então, sentei-me no sofá e o observei.

Eu nunca havia feito uma escolha tão certa na vida. Miguel trouxera luz e amor para nossa casa. O que me importava era acordar todos os dias para me dedicar ao meu filho.

Miguel pegou o primeiro pincel. Escolheu duas cores, despejou-as na paleta e as misturou, gerando uma linda terceira cor.

Eu o observei deslizar o pincel sobre a tela pela primeira vez. Ele tinha o dom. Era claro que nascera com o talento para a arte. A facilidade que tinha para tocar piano e escrever músicas, ele estendia à pintura. Era um verdadeiro artista, afinal, ao primeiro encontro, ele e o pincel pareciam velhos conhecidos. Entre um deslizar e outro do pincel, um rabisco e um espirro de tinta, eu contemplava meu filho, admirada.

Um encontro perfeito. Como o céu e o mar na linha do horizonte.

Naquele momento, uma brisa fresca do oceano invadiu nossa casa e eu senti que tudo o que era mais lindo no mundo vivia ali. Dentro e em volta de mim. Os sentimentos verdadeiros.

Nem parecia que o tempo passava, era tão divino ver Miguel lidar com a arte. Mas, sim, o tempo passava ligeiro, com pressa de chegar.

Em meio a pinceladas e borradas, sons, letras transportadas do caderno ao piano, o tempo passou. Eu e Miguel formávamos uma família feliz e completa.

Durante os meses que se seguiram, compartilhamos cada instante juntos, vivenciando o amor entre mãe e filho da forma mais verdadeira possível.

Todos os dias, Miguel dividia seu tempo entre o piano, as telas, os passeios na praia e as brincadeiras junto a mim. Quando me dei conta, eu voltara a ser criança. Nunca havia deixado de ser.

A antiga Anny, pequenina e frágil, estivera ali o tempo todo. Eu era ela, porque nunca havia deixado que ela partisse de verdade. E ela descobriu que adorava assoprar dentes-de-leão! Assim como Miguel a ensinou a fazer.

Juntos, assoprávamos os dentes-de-leão e os assistíamos viajar e ganhar o mundo.

Durante os primeiros meses que passamos juntos, rimos na maioria das vezes, brincamos e nos emocionamos. Foram meses infinitos, se levássemos em consideração as alegrias e não as horas.

Também visitamos Serafina em diversas ocasiões, vimos novas apresentações dos palhaços e até visitamos o orfanato e os antigos colegas de Miguel.

A diretora ficara satisfeita em ver como ele estava bem:

– E pensar que eu quase a impedi de adotar o Miguel – ela me confidenciou, certa vez.

– Não se preocupe, eu entendi sua posição.

Outro fato importante que vivemos foi a nova visita ao médico:

– Não há explicações – disse o doutor. – É certo que a doença de Miguel ainda está sendo estudada e é um grande desafio para a ciência, mas as manifestações, que estavam progredindo com rapidez, pararam de avançar.

Aquele havia sido um dos dias mais felizes de nossas vidas.

– Só pode ser o amor – disse, entre lágrimas, quando agradeci ao Papai do Céu.

Também naqueles meses, passamos nosso primeiro Natal juntos e vimos um novo ano chegar. Recordo-me vividamente da manhã de Natal. Miguel entrou na sala, girando as rodas da cadeirinha, com uma tela nas mãos:

– É para você, mamãe – ele disse, carinhosamente. – Feliz Natal.

Fiquei instantes sem conseguir proferir uma palavra. Miguel havia me dado a primeira tela completa que pintara. Era a obra mais linda que eu já havia visto.

Tratava-se de um enorme jardim, com flores de todas as cores e formatos, e muitos, muitos dentes-de-leão, alguns intactos, outros a se despedaçar e a voar sobre o jardim. E, sobrevoando as flores, pássaros brancos. Beija-flores. Alguns próximos das plantas, outros dançando ao vento – como se fosse possível ouvir a música que se desprendia do quadro, bastava apenas olhá-lo com atenção e os beija-flores ganhavam vida.

No primeiro dia do novo ano, meu filho e eu decidimos passear pela cidade e, quando voltamos, tive uma enorme vontade de assoprar dentes-de-leão com ele. Divertimo-nos mais uma vez vendo a delicada flor se espalhar. Era mágico.

Com a passagem de vários meses, desde sua chegada em nossa casa, ali estávamos nós, mãe e filho, sentados na sala. Miguel pintava uma nova tela e eu a observava com o maior amor que se podia sentir na vida.

Ele, a pintura e a música eram um só.



Em um dia aparentemente normal, Miguel estava no jardim junto às flores e à cadeirinha especial, quando a campainha tocou.

Fui atender e, quando retornei, estava eufórica para contar a novidade.

– Tenho uma surpresa para você! Nós conseguimos, filho!

– O quê, mamãe?

– Há alguns meses, fiz contato com um colega que trabalhou comigo por muitos anos, no Balé de Santos. Ele prontamente disse que poderíamos usar o local para que você apresentasse seu trabalho. Porém, o espaço estava ocupado com os ensaios dessa época do ano. Ele veio me informar agora que conseguiu uma vaga. Você poderá se apresentar lá! Já temos até data marcada, será daqui a duas semanas!

Miguel não podia acreditar naquelas palavras. Era tudo tão maravilhoso que não podia ser verdade. Eu via um milhão de sentimentos dançando no fundo de seus olhinhos, feito estrelas.

– Você jura, mamãe?

– Claro, meu filho, vamos realizar o seu sonho que, afinal, é o meu também!

– Eu vou poder tocar piano para várias pessoas? – perguntou, extasiado.

– Sim, e também iremos expor suas telas.

Naquele instante, ele teve vontade de levantar de sua cadeirinha e correr, gritar, extravasar sua felicidade. Porém, aceitou que não seria possível e nem digno de sua parte reclamar daquela condição. Ele iria realizar seu maior sonho, assim como já estava realizando tantos outros – ter uma mãe que o amava, uma casa, poder viver junto da arte todos os dias. Além disso, não estava sofrendo com a doença, não tinha dores. Enfim, eram tantas maravilhas que ele sentiu-se mal só de pensar em querer voltar a andar, pois já tinha tudo, aliás, mais do que precisava.

Naquela noite, Miguel sentou-se junto do piano. Eu me acomodei no sofá e viajei em sonhos com suas melodias.

Ele tocou com tanta alegria que a música pareceu sair voando pelas janelas da casa e inundar a cidade, enchendo a todos de felicidade. Como um convite para que todos apreciassem aquela arte; como um bálsamo para o meu sono.

Sem que me desse conta, eu havia mergulhado em lindos sonhos. Em terras quadriculadas e infinitas.

Nós nos encontraremos lá, Pepeu.

Voltarei a escrever em breve.









# A ESTRELA DO MAR SEM FIM

APÓS IR DIVERSAS VEZES ASSISTI-LA DANÇAR, TÚLIO  
JÁ ESTAVA COMPLETAMENTE APAIXONADO PELA  
BAILARINA MAIS FAMOSA DA CIDADE, QUE DANÇAVA  
LIVRE E LEVE, COMO UMA BORBOLETA AO VENTO.

nnny uma pessoa capaz de amar de todas as formas possíveis, conheceu  
**A** todos os tipos de amor em sua vida. Absolutamente todos. O amor fraterno, o amor abnegado, o amor sofrido, o amor altruísta, o amor-próprio, o amor machucado. Assim como o amor pelas artes, pela natureza, pelos animais. Pelo Papai do Céu, pelos anjos e pela vida como um todo.

O amor por um Xadrez de Cristal e seu reino encantado. E, como não poderia deixar de ser, o amor romântico.



Túlio surgira em sua vida a partir da paixão que também tinha pelas artes. Apesar de não dançar, ele era admirador das belas apresentações de balé e, dessa forma, conheceu Anny, assim que chegou a Santos.

Após ir diversas vezes assisti-la dançar, Túlio já estava completamente apaixonado pela bailarina mais famosa da cidade, que dançava livre e leve, como uma borboleta ao vento.

Um dia, quando a procurou no local dos ensaios, para convidá-la para tomar um café, foi informado de que era seu dia de folga. Qual não foi a graça da vida, trazendo para perto tudo aquilo que é importante, como as ondas do mar! Túlio cruzava uma pracinha próxima quando avistou Anny, a bailarina dona de seu coração.

Ela estava jogando xadrez na praça, com um grupo de velhinhos. Achando aquilo bastante curioso, Túlio aproximou-se. Os velhinhos agiam como seus protetores e se sentiram enciumados com a presença do rapaz desconhecido.

Anny tinha vinte e poucos anos, assim como Túlio, mas, conforme ela mesma dizia, um de seus passatempos favoritos era jogar xadrez com a terceira idade naquela pracinha de Santos, que ficava perto do balé e também do mar.

Por mais que muitos pudessem achar aquilo estranho, o interesse de Túlio apenas aumentou. Queria saber cada vez mais sobre a doce bailarina. Desvendá-la. Dançar junto a ela. Para sempre, se assim ela também o quisesse.

A partir daquele dia, Túlio passou a frequentar a pracinha e até aprendeu a jogar xadrez com o grupo de amigos de Anny. Seduzido pela beleza e pela

força do jogo, ele logo se tornou *expert*, e ambos divertiam-se por horas.

Os velhinhos, amigos de Anny e que muito a amavam, passaram a aceitar Túlio, e deixaram o ciúme de lado. Ela costumava dizer que eles faziam com que se lembrasse de outro velho amigo, Frank, que conhecera há anos, na Inglaterra.

Enfim, quando teve coragem de abrir o coração para ela a respeito dos seus sentimentos, Túlio o fez de forma inusitada. Após inúmeras partidas de xadrez e cafés que compartilharam, ele sentiu que era o momento de deixar claro que queria ser mais que seu amigo. Para ser merecedor de um coração tão lindo quanto o de Anny, ele tinha de colocar à mostra o lado mais especial de seu próprio coração. Túlio sabia disso.

Então, ele a convidou para uma caminhada a sós à beira-mar e lhe contou a história a seguir. Um conto, que se passa no Rio de Janeiro, a respeito de um garotinho chamado Davi. Se ele era real, Anny entenderia ao final das palavras de Túlio.

Foi a forma mais poética que ele encontrou para tentar explicar tudo o que sentia.

## **UMA HISTÓRIA CONTADA POR TÚLIO EM UMA CAMINHADA JUNTO AO MAR**

Davi olhou através da pequena janela de seu quarto. Era uma linda noite estrelada. Na praia, as ondas arrebentavam com força contra as rochas, e o som do mar embalava qualquer coração. Até o seu, castigado e envolto por nada mais que... morte. Sim. Morte.

Poucas horas antes, Davi estava no cemitério. Novamente. O enterro fora de alguém que ele muito amava... novamente. O garoto de dez anos enterrara, naquela tarde, seu último parente. O fim de uma linhagem. Ele era o único que restava de sua família, e tinha apenas dez anos.

O curioso é que ele tinha dez anos há quase quatro séculos.

O segurança do Forte de Copacabana, Augusto, teve pena da frágil criança que aparecera pedindo abrigo mais cedo.

Agora, entretanto, estava repensando sua atitude. E se o moleque estivesse envolvido em algum esquema para assaltar o Forte? E se, na verdade, não fosse um órfão? Resolveu ir até ele, que dizia chamar-se Davi,

e estava em um quarto nos porões do Forte, após aparecer vagando e implorando por abrigo.

– Não tenho ninguém no mundo – Davi alegara. – Tenho apenas dez anos, e acabo de vir do enterro do meu último parente. Por favor, ajude-me, eu não tenho para onde ir.

Augusto sempre gostara muito de crianças e não seria capaz de negar abrigo àqueles pequenos olhos pretos como a noite, mas vazios e desesperançados como um deserto sem oásis. Pensando que poderia ter se precipitado ao acolher o garoto desconhecido, Augusto desceu rapidamente as escadas que levavam aos porões e abriu a última porta de madeira do corredor estreito. Em meio ao silêncio da noite, quebrado apenas pelas ondas do mar que arrebatavam na praia, a porta rangeu, fazendo um arrepio percorrer sua espinha.

Entretanto, nada foi capaz de gelar mais o seu coração do que a cena que contemplou a seguir. Ele odiou-se por ter duvidado, nem que fosse por um minuto, de Davi. Ele era uma criança. Apenas uma criança. Estava sozinho no mundo, e sem ter para onde ir.

Assim que entrou no pequeno quarto do porão em que o menino estava, encontrou-o sentado na cama, envolvendo os próprios joelhos e olhando para as estrelas. Seus olhos eram tão expressivos, capazes de contar uma história inteira. Eles confirmavam que tudo era verdade. Afinal, no fundo daquele olhar de criança, estava escrita uma história de sofrimento, saudade, tristeza e morte.

– Vim ver se você está com fome.

– Não estou – respondeu Davi. – Obrigado por perguntar.

– Tem certeza? Você não comeu nada desde que chegou.

– Tenho certeza – falou o menino, desviando, finalmente, o olhar das estrelas. – Apenas quero que saiba que estou muito grato por ter me acolhido esta noite. Vou embora assim que amanhecer, não quero lhe causar problemas.

Com o coração nas mãos, Augusto respondeu:

– Pela manhã, um novo segurança assumirá minha posição. Podemos dar um jeito de escondê-lo, até que você encontre outro lugar para ficar.

– Obrigado, mas eu não quero que você arrisque seu emprego por mim.

– Então, você pode voltar no fim da tarde. Eu irei assumir o turno novamente.

Pela primeira vez com um sorriso na face, Davi balançou a cabeça de modo afirmativo. Desviando o olhar de Augusto, ele voltou a fitar as estrelas. O mar estava agitado. Suas ondas iam e vinham, cheias de vida.

Já na vida do pequeno Davi, só *morte*.



Davi passava as tardes pela cidade, à procura de pequenos empregos, como guardador de carros, entregador de encomendas ou ajudante de feira e, às noites, dormia no porão do Forte de Copacabana. Exceto nas noites em que Augusto não estava de plantão. Aí... Bem, aí ele dormia em qualquer canto do Rio de Janeiro.

Gostava do porão em que passava as noites. Afinal, tinha uma vista privilegiada da praia, podia ver as ondas e as estrelas. O cenário perfeito fazia com que ele se lembrasse de que estava vivo, de que, talvez, nem tudo estivesse perdido. Contudo, na maioria dos momentos, Davi pensava que faltava uma estrela em seu céu. Todas as que estavam lá a brilhar eram lindas e inspiradoras. Mas um brilho ainda faltava em suas noites estreladas.

Certa noite, ao fitar a praia deserta, Davi viu um pequeno barco aproximar-se. Aparentemente, havia dois homens na pequena embarcação, que parecia feita de madeira, tinha uma pequena cobertura de lona e, em sua lateral, um nome pintado: “Ariana”.

O barco parou em um pequeno cais. Um dos homens desceu e o amarrou em um tronco de madeira. E assim, a paisagem permaneceu imóvel por toda a noite. A visão que Davi tinha da praia era preenchida pelo vazio do mar sem fim, pelo tapete estrelado que coroa os céus e pelo barco, tímido e discreto, que balançava silenciosamente à medida que as ondas o embalavam.



Curioso, na manhã seguinte, Davi foi até o pequeno barco. Olhou dentro do modesto compartimento coberto e notou que um homem dormia em seu interior. A embarcação era, de fato, pequena e discreta e não tinha nada que chamasse a atenção. Era estranho que tivesse despertado tanto a curiosidade do garoto.



Davi, então, deu meia-volta para se afastar. Contudo, ao girar sobre os calcanhares, viu que um homem o encarava. Devia ser o outro, aquele que ele vira no barco quando parou no cais, durante a noite.

– O que você faz aqui?

Sem ter o que responder, o garoto improvisou:

– Estou à procura de emprego. Tenho apenas dez anos, mas já fiz pequenos trabalhos com embarcações.

– E por que eu lhe daria emprego no meu “Ariana”? – indagou o homem.

– Eu preciso muito de um trabalho, pois não tenho mais família. Sei que poderia ajudar de alguma forma.

– Você deveria estar na escola.

– Eu já frequentei a escola, muitas vezes.

– O que você quer dizer? – indagou o homem, achando estranha a fala daquele menino de olhos pretos desafiadores.

– É uma longa história. Minha vida é complicada, mas eu não tenho ninguém no mundo. Gostei muito do seu barco, gostaria de ajudá-lo com ele.

– Não vou negar que preciso de ajuda – disse o homem. – Meu companheiro de pesca está com viagem marcada. Ele irá mudar de cidade e eu não darei conta do serviço sozinho. Você é muito jovem, mas merece um voto de confiança, garoto. Esteja aqui às 22 horas. Você irá me acompanhar na pescaria da noite. E, depois, durante os dias, ficará no barco, cuidando dele enquanto eu vou resolver outros assuntos.

Radiante, Davi se despediu do homem, que se apresentou como Tomás. No fim daquela tarde, foi até o Forte de Copacabana, contou a novidade para Augusto e agradeceu muito por tudo o que o segurança havia feito, juntou seus poucos pertences e esperou até as 22 horas.



Havia mais de uma semana que Davi trabalhava na embarcação. Ele achava divertido pescar junto com o senhor Tomás. O outro pescador já havia partido, de modo que apenas os dois adentravam na escuridão do oceano pelas noites.

O homem era divertido e afeiçoou-se rapidamente ao garoto.

Já na alta madrugada, eles voltavam para a praia e Tomás amarrava o barco no cais, para que pudessem dormir. Pelas manhãs, o homem saía sem dar muitas explicações, deixando Davi sozinho o dia todo no barco. O garoto não se queixava. Estar em contato com o mar aberto todos os dias fazia com que ele recuperasse um pouco de sua vitalidade. Já não aguentava mais ir a tantos enterros. O último havia dilacerado sua alma. Presenciara momentos assim mais do que poderia suportar em quase quatro séculos.

Além disso, o frescor das manhãs junto à praia e a brisa quente das tardes cariocas faziam com que seu coração voltasse a bater feliz. Pelo menos um pouco.

Em uma dessas manhãs calmas, em que tudo o que se quer é contemplar o mar, Davi estava a alguns metros do barco, andando pela areia molhada, quando percebeu que alguém se aproximava da embarcação.

Ele girou o pescoço para poder ver melhor, mas imediatamente desejou que não o tivesse feito. Uma sensação nova e aterrorizante o invadiu. Era uma garota da sua altura. Cabelos loiros e cacheados, que caíam até os ombros. Seus olhos azuis refletiam o mar sem fim, e sua pele bronzeada completava toda graça e suavidade de seu ser. Davi passou a sentir o coração bater com força contra sua parede torácica. Parecia que o ar não conseguia chegar aos pulmões. O ritmo frenético da musculatura cardíaca era tudo o que ele podia escutar. O resto do mundo permanecia em silêncio.

Ele chegou perto da garota e, com muito esforço, perguntou:

– Posso ajudá-la?

Descontraidamente, a menina respondeu:

– Estou procurando meu pai. E acho que ele, literalmente, abandonou o barco.

– Seu pai é o Tomás? – perguntou Davi, confuso e, sobretudo, nervoso.

– Sim.

– Ele não abandonou o barco. Eu trabalho com ele e estou tomando conta da embarcação.

– Duvido. Você é apenas um menino – falou a garota. – Além do mais, se for verdade, você não está fazendo um bom trabalho. Eu cheguei aqui e encontrei o barco sozinho.

– Eu estava logo ali, caminhando na praia – justificou-se Davi, sem jeito.

– Mas acho que você perdeu a viagem, seu pai sempre demora a voltar.

– Ótimo – retrucou a menina, com ironia.

– O que aconteceu? – quis saber Davi.  
– Eu não vejo meu pai há mais de um mês. Combinamos que hoje ele me levaria para um passeio de barco, mas acho que, pela milionésima vez, ele se esqueceu.

– Como assim, não vê seu pai há mais de um mês?  
– Ele e minha mãe são separados. Minha mãe diz que ele tem uma nova família e que não gosta de mim. Mas eu não acredito nisso. Afinal, o barco, que ele usa todos os dias para trabalhar tem o *meu* nome.

– Você é a Ariana?  
– Sim.  
– Prazer, Davi – disse o garoto, estendendo a mão. – Não sei por que seu pai não cumpriu a promessa de levar você para um passeio de barco. Mas, se quiser, eu posso levá-la.

– Sério?! É claro que eu quero! – Ariana foi logo subindo no barco com seu nome, esperando ansiosa para que Davi o desamarrasse do cais e iniciasse o passeio.

Ela tinha cabelos de anjo que voavam com o ritmo do mar, enfeitiçando os olhos de Davi. O barco deslizava compassadamente pelas ondas, que se tornavam menos expressivas, conforme se distanciavam da praia. Em certo ponto, a avenida Atlântica estava distante do olhar das duas crianças. A cidade parecia pequena, como se fosse um quadro visto de longe.

Perto, só o mar. Perto, apenas Ariana. Nada mais.  
Após um longo silêncio, a menina disse:  
– Quantos anos você tem?  
Com tremor na voz, ele respondeu:  
– Dez, e você?  
– Eu também! E quais os nomes dos seus pais?  
– Eu não tenho mais pais...  
– O que aconteceu?  
– Eles morreram há muito, muito tempo. Eu não falo sobre isso.  
– Desculpe – pediu Ariana. – Só não entendo como podem ter morrido “há muito, muito tempo”. Você ainda é uma criança.

Davi girou os olhos negros para o outro lado, fitando uma ilha ao longe e fingindo não ter escutado o último comentário de Ariana. Ele realmente nunca contava seu segredo a ninguém.

– Você não vai à escola? – perguntou Ariana, intrigada com o estranho companheiro na embarcação de seu pai.

– Já fui. Muitas vezes – respondeu Davi.

– Eu não estou entendendo... – começou a dizer a menina, mas o garoto a interrompeu, mudando de conversa.

– Você quer ver um truque que eu sei fazer com a água?

Assim, passaram horas brincando no mar, vendo os peixes e as gaivotas que os sobrevoavam. Ariana estava encantada com aquele universo.

Quando chegaram ao cais e Davi prendeu o barco, tudo o que a menina queria era que aquele passeio não tivesse terminado.

– As coisas boas não deveriam ter fim – ela disse.

– Eu não concordo – falou Davi. – Eu gostaria que tudo tivesse, de certa forma, um fim.

Após uma risada, Ariana falou:

– Você é realmente estranho.

Então, ela se pôs a correr e deixou Davi a sós com os próprios pensamentos, contemplando a pintura na lateral do barco. Em letras enormes estava escrito “Ariana” – o barco balançava junto às ondas do mar. *Indo e vindo.*



Duas tardes após o passeio de barco, Ariana voltou. Ela encontrou Davi sentado na areia, construindo um castelo. Sentou-se junto dele, em silêncio. Apenas trocaram um sorriso. Então, ela o ajudou em sua distração.

No dia seguinte, ela também voltou. E no outro. E no outro.

Nunca mais ela tocou naqueles assuntos que deixavam o amigo constrangido e desconfortável. Ela apenas fazia questão de demonstrar que, a qualquer hora que ele quisesse, ela estaria de ouvidos e peito abertos para consolar suas dores. Ele não precisava falar que as dores existiam. Ela sabia. Lia no fundo de seus olhos negros.

A amizade com Davi serviu também para estreitar os laços de Ariana e Tomás. Em certas tardes, quando ele voltava para o barco, a filha ainda estava lá, conversando com o amigo.

Davi ficava feliz por unir pai e filha. Não havia um dia de sua longa existência em que ele não sentisse falta dos pais, que partiram há tanto

tempo.

Certo dia, enquanto arrumava o material de pesca dentro do compartimento coberto do pequeno barco, Davi encontrou-se perdido em meio às lembranças. Tudo em sua vida era um mistério. Ele não entendia por que era tão diferente das outras pessoas. Por que tinha uma sina tão triste em sua história. Lembrou-se de todos que amara e que já haviam partido. Quando se deu conta, as lágrimas eram abundantes em sua pequena e delicada face infantil.

Assustou-se ainda mais ao perceber que já não estava sozinho no barco. Ariana o contemplava.

– Vamos caminhar – ela disse.

Percebendo que ele estava relutante, a garota emendou:

– Apenas aqui por perto. Ficaremos de olho no barco do meu pai.

Sem ter forças para argumentar com a amiga, Davi assentiu. Juntos, pularam do barco e passaram a caminhar à beira da praia.

– Eu sei que você guarda muitos segredos sobre o seu passado – Ariana disse. – E sei que não quer compartilhá-los com ninguém. Mas eu me preocupo com você. Sei que está sofrendo. Então, seja o que for que esteja acontecendo, quero que saiba que estou aqui para ajudá-lo.

– Você não entende... Eu estou vivo há quase quatro séculos – falou Davi, antes que pudesse pensar no peso das próprias palavras.

– Como assim? Do que você está falando?

– Eu conheci um Brasil completamente diferente. Eu vivi em uma época que há muito tempo ficou para trás. Você me perguntou sobre a escola. Perdi as contas de quantas escolas frequentei. Eu vi meus pais morrerem, velhinhos. Meus irmãos, sobrinhos, primos. Todos que um dia eu amei se foram. Meu último parente (que já era de uma geração muito distante dos meus pais em minha linhagem) morreu pouco antes de você aparecer na minha vida. Ou melhor, na minha existência. Às vezes, chego a me perguntar se estou realmente vivo, ou apenas me arrastando sobre a Terra.

Ariana fitava o amigo, com expressões que iam da surpresa ao encorajamento. Pela primeira vez contando seu segredo a alguém, Davi continuou a desabafar:

– Eu não nasci no Rio de Janeiro. Quando fiz dez anos, parei de envelhecer. Sou exatamente o mesmo menino de quatro séculos atrás. Então, meus pais passaram a mudar comigo de um local para outro, a cada

três anos. Estou no Rio de Janeiro há um tempo. Como a cidade é grande, tenho migrado entre os bairros. Daqui a alguns anos, terei de abandonar seu pai e o barco, e encontrar um lugar desconhecido para viver, para ninguém notar que eu não envelheço.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes. Então, fitando a imensidão do mar, o garoto continuou:

– Eu gosto do mar. Ele tem tudo o que minha existência não tem: movimento, ritmo. Eu sou como um mar sem fim. Um mar sem ondas. Sou congelado. Contemplar o balanço das ondas me traz paz. E os peixes... Eu fico vendo os peixinhos nascerem e morrerem. A vida é um ciclo do qual não faço parte.

Ariana abraçou o amigo e deu-lhe um beijo na bochecha.

Ela nunca mais indagou algo. Compreendia sua dor. Gostaria de ter uma explicação ou um consolo para o amigo. Mas nada que ela dissesse poderia mudar sua realidade. Então, um dia, apenas pediu:

– Prometa que estará sempre por perto. Até o meu fim.

– Eu prometo – ele disse.

Com o tempo, eles passaram a conversar sobre o mundo. Sobre os lugares em que Davi já estivera, as pessoas que conhecera, as épocas, os costumes. A vida. Assim, a dor do menino era amenizada com passeios pela praia junto da amiga.

Os anos se passaram e, conforme o combinado, Davi abandonou o barco “Ariana”. Contudo, ele não podia sair do Rio de Janeiro. Prometera à amiga, que tanto amava, que estaria com ela até o fim. Mudou-se para um bairro afastado, arrumou novas tarefas e passou a buscar Ariana todos os dias no colégio. Ele caminhava junto da amiga, até que ela estivesse em casa.

Ariana era agora uma linda jovem. Aparentava ser alguns anos mais velha que Davi, e o era, de certa forma. Ele, agora, sentia-se um irmão mais novo perto dela, o que o aborrecia. Nunca tivera a coragem de declarar seu amor.

Ariana era o único e verdadeiro amor de sua vida sem fim. Ela era a luz que faltava em sua noite estrelada. Era a razão de seus longos anos a vagar pela Terra. Mas ela teria um fim. Era parte do ciclo, e Davi não poderia acompanhá-la. Sua existência era um mar infinito e sem ondas – imóvel, imune às mudanças do tempo.

Davi passou a distanciar-se cada vez mais de Ariana e permitir que ela seguisse sua vida. De longe, ele a contemplava, todos os dias. Sua vida resumia-se a segui-la e, à noite, ir ao cemitério e dormir junto daqueles que um dia fizeram de sua existência uma vida – seus antepassados.

Ariana, por sua vez, não compreendia aquele afastamento e se perguntava onde estava o amigo, que não cumpria com a promessa feita. *Certamente ele está pelo mundo, migrando de um lugar para o outro*, ela se dizia.

Sentia tanta falta de sua companhia. Toda vez que contemplava a praia, onde Davi e ela tantas vezes caminharam, um aperto forte castigava seu coração.

Ele, contudo, estava mais perto do que ela imaginava. E assistia de longe sua vida. Fazia companhia silenciosa em todos os seus momentos. Os grandes e os pequenos. Ficou feliz no dia em que ela se formou na faculdade. Presenciou o dia em que ela conseguiu o primeiro emprego. Quinze anos depois de tê-la conhecido no barco e se apaixonado instantaneamente, Davi viu o casamento e, de longe, acompanhou a gravidez e o nascimento da primeira filha de Ariana.

Então, com o lento passar dos anos, Ariana deixou esta vida. Davi mudou seu leito no cemitério e passou a dormir todas as noites junto da amada. De alguma forma, eles estavam juntos outra vez. Ele havia cumprido sua promessa. Estava com ela *até depois do fim*.



Por décadas, Davi acompanhou o crescimento e a vida das filhas e netas de Ariana. Era como se ela estivesse viva em cada uma delas. Todos os dias, ele levava flores para a amada no cemitério e contava-lhe histórias de épocas passadas – histórias que Ariana tanto amava ouvir. Ele quase podia ouvir os sons de suas risadas. Era como se elas estivessem para sempre gravadas em sua memória.

Ainda no Rio de Janeiro, ele podia voltar a velhos bairros onde já vivera. Afinal, todos que um dia ele vira estavam mortos. Sendo assim, escolheu viver na praia em que conhecera Ariana. A paisagem era outra. Mas os ventos, iguais. Às vezes, ele podia jurar que tinha vislumbres de Ariana, com dez anos, a brincar com as ondas. Ela era viva em sua memória. Aliás,

de todas as incontáveis lembranças que ele tinha, a mais forte e verdadeira era Ariana. Nada se comparava aos seus sorrisos junto ao mar. Nem as mudanças trazidas pelo tempo, nada era mais forte em sua mente do que a lembrança do amor.

Um dia, de um mirante, contemplando a beleza de sua cidade e a infinidade do mar que a envolvia em um longo abraço, algo mágico aconteceu. Já era alta madrugada e Davi se encontrava sozinho.

O garoto, embora fitasse a paisagem que se revestia de beleza, olhava para seu próprio interior.

– Eu sei que você não volta – disse, como se pudesse falar com Ariana, que, de certa forma, vivia dentro dele. – Foi tudo tão lindo e intenso, mas tão distante que, às vezes, parece que você nunca existiu. Parece que você foi um sonho perfeito que eu tive, em épocas distantes que se perderam no tempo. Como eu posso? – Ele, então, gritou a plenos pulmões e suas palavras tornaram-se vento na noite fria: – COMO EU POSSO ME ACOSTUMAR COM UMA EXISTÊNCIA EM QUE VOCÊ NÃO PASSA DE LEMBRANÇAS? COMO VOU DIZER AO MEU CORAÇÃO QUE VOCÊ NÃO IRÁ VOLTAR?

Davi deitou-se, vendo as estrelas e chorando copiosamente. Ele estava sozinho. Mais que nunca.

Foi então que uma estrela pareceu aumentar de tamanho. O garoto pensou estar tendo alucinações. Entretanto, cada vez mais, a estrela parecia aumentar, como se estivesse se aproximando. Assustado, o menino se ergueu, trêmulo.

A estrela chegou bem próxima de Davi, aquecendo-o e envolvendo-o. Então, ela começou a ganhar forma. Tornou-se uma linda garota. Pequenos cachos loiros até os ombros. Olhos azuis feito uma tarde sem nuvens. Pele bronzeada. Sorriso de brilho doce como uma... *estrela*.

– Ariana? – Davi indagou, não contendo as lágrimas. – É você? Você é uma estrela que caiu do céu?

Sorrindo, ela disse que sim.

– Eu sei que você cumpriu sua promessa – Ariana falou –, e que esteve comigo até o fim.

– *Até depois do fim* – Davi falou.

– Digo o mesmo – a doce menina respondeu. – Eu estou a olhá-lo do céu. Mas estou muito preocupada, confesso.



– Preocupada comigo?

– Sim – Ariana explicou. – Você nunca entendeu o motivo de não envelhecer. Mas, meu querido, você não está congelado no tempo.

– Não?

– Não. Sua existência não se trata de uma triste sina. E sim de uma linda missão que você não tem cumprido. Preocupado e atormentado pelas perdas ao longo do caminho, você nunca parou para pensar que sua existência é um presente dos céus.

– Mas é tudo como um mar sem fim...

– Engano seu – disse Ariana. – O tempo voltará a marchar se você cumprir sua tarefa.

– Qual tarefa?

– De levar a infância aos adultos. Por isso você é assim: uma criança para sempre. Viva a infância, não deixe que os adultos se esqueçam dela. Não se esqueça também de quem você realmente é. Se assim o fizer, estará mais próximo de todos aqueles que você ama. Eles estão todos ali... – Ariana falou, apontando para as estrelas. – Nós somos a luz das suas noites. Vamos guiá-lo, se você assim o permitir. Reencontre-se e poderá nos reencontrar.

Davi nada conseguia falar, tamanha era a emoção do encontro e das palavras de Ariana.

– Prometo – ela disse com a voz suave – que se você cumprir sua tarefa, eu virei buscá-lo e poderemos ficar juntos.

Nesse momento, Davi caiu sobre os joelhos e chorou por muito tempo. Ariana o envolveu em um reconfortante abraço e deixou que suas lágrimas rolassem, sem medo, sem pressa.

Antes que ela partisse, Davi esticou os dedos até sua face de menina. A sensação foi estranha. Ela estava tão próxima, mas ele não conseguia tocá-la.

– Eu amo você – ele disse, por fim.

– Em nome desse amor, cumpra sua missão. E não o contrário, como tem feito. Lembre-se, eu virei buscá-lo. Eu o amo também e, lá do alto, sou uma estrela que derrama lágrimas de saudades. Acredite.

Davi, que acompanhou todas as etapas da vida de Ariana, agora a via transformar-se em estrela e ganhar seu pedacinho do céu, com um brilho de

fazer doer a vista, tamanha a sua beleza. E ela, do alto, acompanhava todas as etapas da vida dele.

Eram situações invertidas, mas dolorosas em igual proporção.

Ariana era, para ele, uma estrela que caíra em uma noite fria e escura e lhe mostrara qual rumo seguir. Ela era uma estrela que lhe apontara a direção, que lhe revelara que as atitudes tomadas em nome do amor são sempre certas. Uma estrela de brilho forte, tal qual um farol, a mostrar sempre o caminho verdadeiro a qualquer navegante.

Ariana era mais que o amor de sua existência. Ela era a sua existência. Durante os dias, ela estava ali: invisível aos seus olhos, mas quente em seu peito. E, durante as noites, ela brilhava sempre, incentivando seu caminhar, o cumprimento de sua tarefa, sem se perder, ainda que na ausência da luz. Ela nunca mais deixou que ele tomasse a direção errada.

Davi, com toda a sabedoria de uma criança de dez anos, passou a caminhar de um lugar para outro no mundo, carregando cada vez mais brilho e esperança em seus olhos negros. Sua primeira parada, após o encontro com a estrela, foi em um asilo, no qual pediu abrigo. Ele devolveu a todos os velhinhos a sabedoria da infância, acalmando seus corações cansados.

Três anos depois, mudou-se para uma nova cidade, pegando carona no fundo de uma carroça que carregava feno. Passou, então, a dormir em uma pracinha, e a engraxar sapatos de executivos todos os dias. Assim, em meio às horas atribuladas de seus clientes, ele os lembrava da importância do sorrir, de ter fé, de plantar o bem. E tudo mais que as crianças sabem e que, às vezes, os adultos esquecem.

Mais três anos se passaram até que Davi procurou abrigo em um galpão, no qual se reunia um grupo de ajuda mútua de mulheres que não podiam engravidar e que não aceitavam a situação. Lá, elas desabafavam e falavam sobre suas angústias. Davi, com o tempo, não só ganhou abrigo no galpão, como também começou a participar das reuniões. Seu riso de criança, suas doces palavras e seu coração sábio trouxeram, muitas vezes, o bálsamo e o alento necessários àquelas mulheres. De alguma forma, ele foi um filho para cada uma delas.

E assim, Davi percorreu todos os cantos do mundo, deixando-se guiar pelo sentimento daqueles que amava: seguindo o brilho das estrelas. Ele

sempre, de algum modo, chegava aos locais certos, lugares onde precisava realmente estar. Como se uma *força* invisível o guiasse.

Um dia, em uma cidade litorânea da Europa, o mar estava começando a ficar agitado, fazendo com que, mais que nunca, Davi se lembrasse de Ariana e do Rio de Janeiro. Dos pais, dos amigos, dos parentes que há tanto tempo ele vira partir. Todavia, nada mais era tristeza. Sua vida era permeada por esperança. As dores do passado tornaram-se doces lembranças. Seu peito agora transbordava fé, pois sabia que estava no caminho certo para reencontrar sua amada e sua família.

Ele nunca mais vira a face de Ariana, mas sabia o tempo todo que ela estava com ele. Era uma *estrela-guia*.

Então, Davi percebeu que não era o mar à sua frente que se agitava. Era o mar de sua vida. As ondas, finalmente, ganhavam movimento.

Após um frio e prolongado inverno, no qual Davi sentira-se congelado, o tempo, enfim, voltava a marchar. Seus olhos negros, agora, podiam contar uma nova história. Uma história de superação, amor e entrega. Uma história sobre o poder da infância. *Sobre o tempo*.

Nesse instante, sem que ninguém percebesse, uma estrela caiu do céu. E o riso de duas crianças, de cerca de dez anos, foi ouvido ao longe.

O mar continuava a balançar conforme suas ondas iam e vinham, quebrando-se na praia. Era a vida, celebrando cada minuto de seu ciclo sem fim.

## **ASSIM SE ENCERRA A HISTÓRIA CONTADA POR TÚLIO EM UMA CAMINHADA JUNTO AO MAR.**



Quando Túlio terminou a narrativa, inúmeros pensamentos rodopiavam na mente de Anny como se dançassem feito borboletas, envolvendo-a em uma dança infinita como a própria história, pois não eram apenas de seu protagonista, Davi, seus sentimentos e sua vida que não tinham fim. A história em si, aquele conto que Anny passou a chamar de “A estrela do mar

sem fim”, e as palavras que o compunham eram infinitas. Eram certamente palavras mais fortes que o tempo.

Ela pensava em como Davi existia em cada um de nós. Então, quebrando os minutos de silêncio que necessitou após ouvir o relato, Anny finalmente disse:

– Há muito o que pensar a respeito dessa história que você contou. Cada pessoa pode encontrar um milhão de significados e aprendizados diferentes. Ela é tão real. No que você se inspirou para contá-la?

– Em tudo – ele disse –, na vida toda. Em tudo o que sinto. Estava com receio que parecesse uma história boba. Fico feliz de saber que você a achou especial.

– Especial? – Anny rebateu. – É muito mais que isso. É uma história real, que acontece todos os dias. Eu não acho que o Davi seja um garotinho apenas, acredito que ele seja parte de todos, de todas as pessoas. Parte de mim, de você, das pessoas que caminham ao nosso redor nesta praia. Tantas vidas desperdiçadas. Tantas pessoas que se prendem ao sofrimento. Tantas almas que se separam por erros próprios e que depois vivem na escuridão, tentando desesperadamente encontrar quem amam. Quantos corações congelados no mundo, em um inverno sem fim. Minha vida já cruzou com vidas o suficiente para eu saber que todas as pessoas, sem exceção, tornam-se de alguma maneira escravas de algum tipo de dor. E o tempo parece não passar, pois a vida não acontece de verdade. Mas isso não é triste, não deveria ser. A história que você acabou de contar é a prova de que não importa quanto tempo passe, é sempre oportuno recomeçar, viver a vida com esperança e descobrir o que as estrelas nos guiam a cumprir. Nossos propósitos, que vão nos levar para o objetivo inquestionável de todas as pessoas: o amor.

Com lágrimas nos olhos após ouvir as lindas palavras de Túlio, e defini-las como uma visão emocionante a respeito da vida, Anny abriu os braços, cerrou as pálpebras e respirou a brisa do mar com força, deixando que ela entrasse em seus pulmões. O vento a envolveu em um abraço, como se fosse de todos aqueles que ela amava e que estavam longe.

Era também o abraço de todos os que precisavam de um carinho naquele momento, pois ela podia sentir que amava o mundo todo. E que, por isso, era capaz de segurar o mundo todo nos próprios braços, envolvendo-o com amor.

Nesse exato instante, de braços abertos de frente para o mar, Anny gritou com toda força que tinha, para que seu grito se propagasse, dançando pelo vento e, de algum modo, aquecesse os corações que estavam congelados no tempo:

– É SÓ O AMOR! É SÓ O AMOR!



Túlio era também, e Anny sabia desde o princípio, um anjo especial que o Papai do Céu lhe dava o privilégio de conhecer.

O conto que ele narrou a respeito da *estrela* e do *mar sem fim* ficaria sempre nela. Não era apenas uma grande lição sobre a humanidade, sobre o amor, a vida e o tempo; o conto era também, como Túlio disse, a forma que ele encontrou para dizer a ela que possuía sentimentos profundos e intensos a seu respeito, e que não faria como Davi. Não deixaria que ela escapasse sem que tivesse a coragem de dizer o quanto a amava. Desde o primeiro instante. O quanto a queria por perto. Queria ficar com ela *até o fim*, casar e construir uma família. Ela era a eterna bailarina, trazendo dança e alegria à sua vida. E ele queria vê-la dançar pela eternidade.

Que amor era aquele? Tão diferente. Era um amor de anjo. E cada um deles é único. Anny sabia disso.

Eles deram o primeiro beijo junto ao mar, e Anny o corrigiu, dizendo que não ficariam juntos até o fim.

E, sim, até *depois disso*.









## O PIANO E A GAITA

OBSERVAMOS JUNTOS OS FRAGMENTOS DOS DENTES-  
DE-LEÃO VOANDO AO VENTO. SUBINDO E DESCENDO,  
COMO EM UMA DANÇA. GIRANDO NO AR, FAZENDO  
GRAÇA, CRIANDO SONS. ALGUNS FORAM PARA LONGE E  
GANHARAM O MUNDO, OUTROS CONTINUARAM A  
DANÇAR, BEM PERTO DE NÓS. FOI UM DOS MOMENTOS  
MAIS MÁGICOS QUE JÁ VIVI.

Pepeu, meu querido Pepeu,

Na época que Miguel e eu passamos juntos, a música e a arte estiveram presentes em minha vida mais que nunca.

Justamente por isso, eu pensava em você em todos os momentos. Você foi o primeiro artista que eu conheci. O melhor mágico de todos.

Eu sentia e continuo a sentir sua falta, sempre.

Muitas vezes, quando ouvia o Miguel tocar piano, podia discernir o som de uma gaita acompanhando e formando a mais bela de todas as melodias, construída de amor. Era você, Pepeu, sei que era. Era como se você nos guiasse de longe com sua música, também celestial.

Durante as duas semanas que se seguiram, enquanto nos preparávamos para a apresentação de Miguel, ele não desgrudava de seu piano e de suas telas. Com muito carinho, preparou músicas e pinturas especiais para a exposição, e treinou muitos de seus clássicos no piano.

Eu lhe fazia companhia o dia todo e ajudava como podia. Tirávamos alguns intervalos entre uma nota e outra para passearmos no pequeno jardim ou perto do mar, para Miguel restaurar as energias e a inspiração. Estavam sendo dias extremamente agradáveis.

As pinturas e as músicas eram de nível altíssimo, o que levava Miguel a sonhar ainda mais com aquele dia tão especial e ter certeza de que seria um sucesso.

Os quinze dias pareciam ter virado quinze anos. O tempo, que costumava passar rápido, dessa vez deixava Miguel cada vez mais ansioso. Ele contava as horas para a exposição. Os dias no calendário estavam demorando tanto a passar que Miguel se via obrigado a testar sua paciência a todo momento.

– Eu quero que chegue logo, mamãe – ele repetia várias vezes ao dia.

– Eu também quero, meu filho. Mas tenha calma e continue a se preparar. O dia logo chegará e você realizará seu sonho. Aliás, *nosso* sonho.

Alguns instantes depois:

– Mamãe, que horas são?

Após se passarem mais uns minutos:

– E agora?

Eu ria da sua ansiedade e lembrava-me de quando eu era uma garotinha, ansiando por coisas que demoravam a chegar, como a neve.

Tinha de me controlar e tentar parecer calma, para não assustar ainda mais Miguel. Porém, a verdade é que também estava muito ansiosa. Lembro-me de ter ligado para o pessoal do balé para confirmar se estava tudo certo para o grande dia.

– Está mais que certo, Anny! E a divulgação está sendo ótima! – disse meu amigo ao telefone.

Respirei aliviada, e ele continuou:

– Alguns membros da equipe divulgaram na cidade, e eu fiz questão de chamar pessoas de cidades vizinhas e que, assim como eu, são apreciadores das artes. Iremos lotar nosso teatro, será um sucesso!

Fiquei mais calma ao desligar o telefone. Agora, só restava esperar.

Na véspera do grande dia, coloquei Miguel na cama mais cedo:

– Você precisa dormir bem esta noite.

Contudo, se a ansiedade o castigara nas últimas duas semanas, agora ela o torturava. Ele imaginava como seria o dia seguinte, se daria tudo certo, se as pessoas gostariam, se nenhum imprevisto aconteceria. Tentava desviar os pensamentos, mas eles insistiam em ficar.

Antes que eu saísse do seu quarto e apagasse as luzes, notei um visitante na janela. Alguém nos observava. Era alguém que estava conosco o tempo todo, e que, poucas vezes, deixava-se notar.

O beija-flor branco.

Como era um dia quente, uma pequena fresta da janela estava aberta e a delicada ave adentrou no quarto, justamente quando os pensamentos e a ansiedade tentavam impedir Miguel de dormir.

– Olá, amiguinho – sussurrei.

O beija-flor se aproximou de mim e tocou minha bochecha, como se me beijasse com delicadeza. Em seguida, fez uma graciosa dança ao meu redor e voou de encontro a Miguel.

Meu filho sorriu ao sentir cócegas quando as asas do beija-flor tocaram sua face. Sem perceber, ele dormiu tranquilamente. Eu o observei por mais alguns instantes e saí do quarto, deixando que o beija-flor velasse seu sono.

Notei, antes de apagar as luzes, que ele sorria ao dormir outra vez.



Miguel, em sua cadeirinha especial, e eu entramos no teatro do Balé de Santos. Meu coração estava acelerado e a alegria que eu sentia era indescritível.

Meus amigos já haviam arrumado tudo. No saguão de entrada, ficariam expostas as pinturas. No teatro, onde havia um velho piano, ocorreria a apresentação das músicas.

Miguel ficou feliz ao ver que tudo estava certo, apenas aguardando o momento em que se juntaria ao piano. E também ficou ainda mais nervoso ao saber que os lugares para a apresentação musical já estavam todos ocupados.

Na hora marcada, frente à plateia lotada do Balé de Santos, ele foi levado para o palco no qual se apresentaria.

Um dos integrantes do balé fez uma simples introdução e Miguel se acomodou, sob o som dos aplausos entusiasmados do público. Com isso, ele se encheu de ânimo e coragem, alcançou o piano e começou a tocá-lo. Fechou os olhos e, ao som das primeiras notas, o nervosismo o abandonou.

Ele entregou todo seu amor à arte e toda sua alma àquela canção. Tocou com os mais profundos e sinceros sentimentos que possuía – e não eram poucos, nem pequenos. A cada nota emprestou sua leveza, seu carinho, seu talento.

A apresentação era de fazer chorar quem quer que fosse. Qualquer pessoa que ouvisse aquele som divino, e estivesse pronta para aceitá-lo, não conseguiria conter as lágrimas.

Contudo, como eu temia, muitos não estavam prontos para a arte dos anjos que lhes era apresentada naquela noite. Reparei que algumas pessoas haviam saído do anfiteatro e que, assim que a primeira e divina canção acabou, um homem sussurrou para a esposa, enquanto deixavam o local:

– Que absurdo é esse? – Ele se virou para o meu amigo que organizara a apresentação. – Você me faz vir de outra cidade para assistir um menino negro e aleijado? Faça-me o favor.

Não sei como algumas pessoas não se encantavam com as músicas sublimes do meu filho, e por fim deixavam o preconceito tomar conta de seus corações.

Eu não sabia o que estava sentindo. Como mencionei em outra carta, Pepeu, nunca entendi muito bem esse tal de preconceito. Eu jamais entenderia como algumas pessoas podiam julgar outras sem saber o que se

passava em seus corações, em suas almas; pois é apenas isso que importa, não é?

Como elas podiam levantar e sair no meio de uma apresentação maravilhosa como aquela, permitindo que sentimentos tão pequenos falassem mais alto?

Apesar de não compreender, eu também não poderia julgá-las, pois estaria repetindo suas ações com meu filho.

Minhas mãos tremiam de nervosismo, mas, por sorte, Pepeu, há pessoas boas. Das que estavam naquela plateia, poucas deixaram que o preconceito sobressaísse e foram embora. A maioria permaneceu até o fim, emocionou-se e encantou-se com cada nova música que meu filho havia preparado para aquela noite especial.

E se havia pessoas dispostas a vê-lo tocar, emocionando-se com suas notas e encantando-se com suas belas canções, tudo valia a pena, pois arte é troca.

Naquele instante, Miguel trocou com todas aquelas pessoas sentimentos inspiradores, que iam do amor à caridade e à esperança em um piscar de olhos, passando por tantos outros e espalhando coisas boas ao redor, que voariam por toda a cidade e chegariam a todos os corações. A finalidade de suas músicas era apenas levar o amor adiante.

Apesar das pessoas que se levantaram logo no início, a apresentação acabou sendo um grande sucesso, assim como as telas em exposição.

Eu derramei várias lágrimas, emocionada, tamanho o orgulho de ser mãe de um menino tão especial e tão talentoso, um verdadeiro anjo capaz de levar bons sentimentos a todos que estivessem prontos para recebê-los.

Foi um dos dias mais felizes da minha vida e, quando sinto saudades, revivo aqueles minutos. Se fechar os olhos, vejo seus quadros e sinto suas melodias percorrerem minha pele e alcançarem meu coração, enchendo-o de amor. Um amor tão grande que quero dividir com o mundo todo, pois ele é capaz de salvar vidas e de mudar as pessoas.

Quando o recital finalmente terminou, levantei-me da plateia para aplaudir Miguel de pé. Por um instante, olhei para trás e vi os rostos de várias pessoas que presenciaram o momento em meio a lágrimas.

Foi então que avistei lá no fundo, na última fileira, minha irmã, Mariza. Ela viera para a apresentação do meu filho. Minha família estava lá. Eu

achava que o dia não poderia ficar melhor, mas as emoções não paravam de acontecer.

Há ocasiões que, apesar de breves, são infinitas e nos transformam para sempre. Aquela, sem dúvidas, era uma. Breve como o vento que passa e balança os cabelos; eterna como as ondas do mar que arrebatam na praia.



Diversas pessoas que haviam influenciado a vida de Miguel estavam presentes na apresentação e vieram me cumprimentar, como a diretora do orfanato e alguns voluntários do hospital de crianças que costumávamos visitar.

Por fim, após receber o carinho de várias pessoas da plateia, minha irmã se aproximou. Ela notou que eu estava sozinha e veio de um canto, passando pelo público que já se dispersava na saída.

Notei que ela tremia e parecia receosa.

– Mariza! – falei, com os olhos marejados. – Não acredito que você está aqui.

– Nem eu – ela falou, esboçando um pequeno sorriso. – Fico satisfeita em saber que você está feliz, Anny. Você merece. Sempre mereceu.

– Obrigada. Estou ainda mais feliz por você estar aqui. Venha comigo, venha conhecer seu sobrinho.

Embora hesitante, Mariza me acompanhou e chegamos onde Miguel estava.

Meu filho se encontrava em sua cadeirinha, rodeado de pessoas que o parabenizavam e faziam diversos elogios ao seu trabalho. Quando me viu, ele abriu os braços e me apertou com toda força que tinha. Chorando, disse:

– Eu consegui, mamãe, eu consegui! Realizei este sonho, graças a você.

– Não, meu filho! – respondi, com a maior felicidade do mundo. – Tudo o que aconteceu esta noite é mérito seu, de seu talento e de suas boas intenções para levar a arte e o amor às pessoas. Eu sou a mãe mais orgulhosa do mundo.

Então, abrindo espaço para que Mariza também se aproximasse dele, falei:

– Esta, querido Miguel, é minha irmã Mariza. Ela é sua tia.

– Tia? Eu não sabia que tinha uma tia!

– Ela mora um pouquinho longe da gente e vive bastante ocupada, por isso você ainda não a havia visto. Mas, hoje, ela viajou para Santos especialmente para ver sua apresentação.

– É verdade – Mariza começou dizendo, e eu notei que ela gaguejava. – Você é muito talentoso.

– Obrigado – Miguel falou, sem jeito, observando-a de perto com bastante curiosidade. – Você gostaria de ir para casa? Mamãe pode fazer um chá!

Foi um dia realmente muito especial para todos nós. E, quando Mariza aceitou o convite para tomar um chá em nossa casa, sentimos como se toda a felicidade do mundo também morasse conosco.



Mariza aceitou passar alguns dias em nossa casa na praia. Ela resolveu tirar uma folga do trabalho em São Paulo e, atendendo aos pedidos insistentes de Miguel, ficou conosco um tempo maior do que havia previsto.

Meu filho estava extremamente empolgado com a presença da tia. No início, ela estava um pouco arredia com Miguel, e comigo. Talvez por tudo que tenha acontecido, pela distância que ela havia colocado entre nós. Mas era passado. O importante era que agora ela estava presente no nosso dia a dia, pois isso era tudo que Miguel e eu queríamos.

Notei que minha irmã havia mudado bastante. Não fisicamente, mas no seu jeito de ser. Ela falava menos e sorria menos. Tudo isso, somado ao fato de ter se afastado de mim quando nossa avó faleceu, só provava o quanto as dores e as perdas haviam revelado a grande tristeza que vivia dentro dela.

Foi interessante ver como, ao conviver com Miguel, ela reaprendeu a sorrir. Não eram sorrisos muito frequentes, nem muito largos. Contudo, eram de alguém que há muito tempo se esquecera de como era sorrir. E tudo isso se devia ao fato de Miguel agora fazer parte de sua vida.

Ele era, de fato, uma criança encantadora, capaz de fazer sorrir até a pessoa mais triste do mundo. E foi exatamente o que aconteceu com Mariza nos dias em que ela esteve conosco.

Porém, logo ela teve de partir para São Paulo e voltar para seus afazeres cotidianos. E Miguel e eu tínhamos uma consulta agendada com seu

médico. Há pessoas que dizem que nada dura para sempre. Nem as alegrias, nem as tristezas. Foi o que aconteceu conosco.

Vivíamos um momento muito feliz, após Miguel ter realizado o sonho de mostrar seu trabalho ao público, além de estarmos juntos e até termos tido a surpresa da reaproximação de Mariza.

Entretanto, a visita ao médico foi o início de uma sucessão de acontecimentos que mudariam nossa vida para sempre, repletos de muitas provações.



Miguel e eu havíamos notado mais mudanças, mas não ousamos tocar no assunto, até aquela consulta.

– Vocês notaram que os braços do Miguel estão se curvando, certo? – ele nos perguntou.

Sim, há alguns dias, quando Mariza ainda estava conosco e eu observava meu filho pintar telas ou tocar piano, percebera que Miguel apresentava dificuldades para executar tais ações e que seus braços começavam a se encurvar, assim como havia acontecido com as perninhas.

Saímos do consultório médico muito preocupados, mas continuamos com nossa vida normalmente. Não costumávamos falar da doença. Embora soubéssemos que ela estava ali o tempo todo, era melhor seguir em frente da melhor forma que podíamos.

O tempo se passava. Ondas e mais ondas se quebravam na areia da praia, bem pertinho de nossos corações, e aquele som do mar, incessante, fazia-nos lembrar todo o tempo de que os dias transcorriam feito música.

Assim, com o passar ligeiro das semanas, os braços de Miguel pararam de se movimentar. Eles agora repousavam tortos no colo do meu filho, sem a menor chance de se moverem novamente, algum dia.

Para piorar a situação, no mês seguinte, Miguel completaria onze anos.

*Dois anos, no máximo. É o prazo que ele tem.* Haviam sido as exatas palavras da diretora, quando Miguel completara dez anos.

O médico fora ainda mais incisivo:

*Seria muito otimismo de minha parte dizer que ele tem mais dois anos de vida, dada a velocidade com que a doença se agravou.*



Quase um ano havia se passado. O tempo era, sim, impiedoso, e queria carregar tudo consigo. Era a impressão que eu tinha, Pepeu, à medida que o desespero se instalava em meu peito.

Miguel perdera o movimento dos quatro membros, mas ainda falava e sorria como qualquer criança. E eu o amava cada dia mais. Éramos mãe e filho, e nada seria capaz de mudar isso.

Apesar de todas as dificuldades, ele sorria. E aquele sorriso valia mais que qualquer palavra de preconceito ou desencorajamento que escutara na vida. Juntos, enfrentávamos a discriminação. A tristeza por Miguel ser vencido pela doença. A distância de Mariza, que amávamos muito, mas que não ficava conosco tempo suficiente. Barreiras da sociedade, do acesso aos locais de Miguel em sua cadeirinha especial, e da própria medicina, que não poderia ser mais pessimista conosco.

No entanto, Pepeu, eu enfrentaria tudo de novo e tudo mais que fosse preciso. Hoje, quando olho para trás e mergulho nas lembranças daquela época tão difícil, sei que foi o amor que fez Miguel seguir com seu desejo de não sofrer com a doença. Ele era só amor. Um amor completamente livre de preconceitos, interesses e julgamentos. Repleto de verdade, carinho e altruísmo. Um amor de anjo.

A verdade é que Miguel continuava um alegre tagarela, que preenchia minha vida de felicidades. Uma nova surpresa veio numa manhã, poucos dias depois de Miguel ter os braços paralisados.

Quando entrei na pequena sala de nossa casa na praia, quase não acreditei na cena que vi. Miguel estava pintando! Como fizera em várias telas, desenhava flores, cavalos e pássaros brancos.

Ele estava segurando o pincel com a boca e, por incrível que pareça, realizando movimentos precisos.

- Filho, como você aprendeu a fazer isso? – indaguei, surpresa.
- Não sei explicar, mamãe. Simplesmente, comecei a fazer.
- Se é possível, tenho ainda mais orgulho de você! – eu disse, beijando-lhe a face. – Quer que eu o ajude?
- Claro! Você pode misturar essas duas cores na paleta para mim? Preciso fazer alguns dentes-de-leão.



Apesar das mudanças em seu corpo, Miguel se adaptava e conseguia continuar elaborando sua arte. Talvez não com a velocidade de antes, mas com a mesma delicadeza e, acima de tudo, com o amor e o talento que pareciam aumentar cada dia mais.

Então, continuamos com nossa rotina. Visitávamos com regularidade o hospital e a pequena Serafina, íamos ao orfanato ver os colegas de Miguel, andávamos pelas ruas e próximo ao mar, jogávamos xadrez no jardim entre as flores, onde também assoprávamos os dentes-de-leão que surgiram misteriosamente. Sempre que Miguel pintava, eu estava a observá-lo para ajudar. E também costumava ler para meu filho; ele gostava de todos os tipos de histórias.

Um dia, Pepeu, eu conversava com Miguel a respeito de minha grande amiga, Desiré. Você se lembra dela, não é? Ela nos ensinou a ver o mundo da forma verdadeira. Apesar de não enxergar com os olhos, tudo para ela era sentimento. E, por isso, mais real.

Miguel replicou:

- Acho que também sou como sua amiga Desiré, mamãe.
- Por que você acha isso?
- Eu não consigo mais sentir as pessoas e os objetos com as mãos; também não consigo correr, subir um morro bem alto e ver tudo de cima, sentir a grama com os pés, nadar no mar. Mas tenho meu jeito de ver as coisas.
- O mais importante, meu filho, é que do seu jeito você consegue se superar e ser feliz, fazer o que ama e receber cada novo dia com um sorriso. Você não possui mais algumas habilidades, como correr ou pegar algo com as próprias mãos, mas possui outras ainda mais especiais e raras. Você vê tudo com o coração e sente a vida com a alma. O mundo é diferente para cada pessoa, dependendo da forma como ela o vê. Para você, sei que ele é um lugar lindo.
- E feliz – disse Miguel, sorrindo.
- Eu amo você, meu filho.
- Também amo você, mamãe.

Aquele momento se tornou ainda mais especial quando chegamos em casa, após a caminhada na praia em que empurrei meu filho em sua cadeirinha especial, pois nos deparamos com o jardim mais florido que nunca.

Por entre as flores dos canteiros, no chão, nos muros, em tudo ao redor, surgiram incontáveis dentes-de-leão. Eles estavam por toda parte, voando, balançando ao vento, trazendo graça e delicadeza para todos os cantos.

Peguei vários deles com as mãos e os levei até Miguel, posicionando-os bem próximo de sua face. Sorrindo, ele os assoprou.

Observamos juntos os fragmentos dos dentes-de-leão voando ao vento. Subindo e descendo, como em uma dança. Girando no ar, fazendo graça, criando sons. Alguns foram para longe e ganharam o mundo, outros continuaram a dançar bem perto de nós.

Foi um dos momentos mais mágicos que já vivi.

Quando vi que Miguel continuava a sorrir, aproximei-me dele e disse:

– Era isso que eu queria que você soubesse, meu filho.

– O que, exatamente, mamãe?

– Que você pode tudo. O mundo inteiro é seu!

Miguel olhou para mim, compreendendo o que eu queria dizer.

– Tudo parece mágico, mamãe. Eu sinto que realmente posso tudo. Neste instante, sinto que sou o rei do mundo. Sinto como se estivesse voando, livre ao vento. Indo para longe, mas também deixando muito de mim aqui perto. Como um dente-de-leão.

– Como um dente-de-leão – repeti.

– Eu nunca vou esquecer este momento.

– Eu também não, meu filho.

No dia seguinte, ele acordou e não conseguiu falar. Não com palavras. Nunca mais. Ele havia silenciado, mas ainda dançava livre ao vento. Como uma borboleta. Como um dente-de-leão. Como o som do piano ou da sua gaita, Pepeu, que eu continuo a ouvir, onde quer que eu vá.

O amor é livre, ele voa. Leva para longe, e depois traz para perto.

Falta uma importante parte da história, Pepeu. Quando você buscar esta carta, eu escrevo a próxima. As lágrimas em meus olhos estão borrando o papel.







# O BALÉ DAS BORBOLETAS

TUDO O QUE É IMPORTANTE VOA AO VENTO,  
FRAGMENTA-SE E, MESMO DEPOIS DE SE AFASTAR, UM  
DIA VOLTA E SE REÚNE. A VIDA SEMPRE TRAZ PARA  
PERTO TUDO O QUE É VERDADEIRO, COMO UMA DANÇA  
ETERNA.

Pepeu, meu querido Pepeu,

Mesmo depois que Miguel deixou de falar, eu ainda podia ouvir o som do seu riso. Era como se ele estivesse em mim e, também, em todos os lugares.

Havia uma imagem que dançava como borboleta em minha mente, da qual eu me lembrava com um carinho especial: uma das conversas que testemunhei entre ele e Serafina, em um dos dias em que a visitamos no hospital infantil.

– Sabe por que eu amo a música? – indagou Miguel. – Porque tudo pode gerar música, tudo é música. Um movimento, um sopro, uma brincadeira, uma folha balançando ao vento ou um pássaro a voar. O som das asas de um beija-flor. Um dente-de-leão que se desfaz e se torna infinitos fragmentos que saem para o mundo. Tudo se transforma em música. Cada melodia traduz o mais profundo dos sentimentos. Em meio a qualquer escuridão, a música significa luz, significa alma.

Ele ficou parado por um instante, depois continuou:

– E sabe por que eu amo a pintura? Porque ela complementa a música. Ela também é luz em meio à escuridão, porém de uma forma diferente. A pintura é nada mais que uma bagunça de cores unidas em uma tela que, ao se organizar, dá vida aos pensamentos do pintor. Arte é alívio em meio ao caos.

Miguel estava sentado em sua cadeira de rodas, ao lado do leito de Serafina. Ela o contemplava sorridente, ouvindo com atenção a explicação sobre seu amor pelas artes.

Assim como no caso de Miguel, a doença de Serafina não teria cura. Aparelhos a ajudavam, mas os medicamentos não faziam mais efeito. Então, Miguel quis dividir com ela remédios que ele próprio estava usando e que o ajudavam tanto em seu dia a dia. Nada mais eram que o amor e o sorriso. Ambos, se fossem sinceros, eram a combinação perfeita para afastar qualquer mal.

Miguel a observava feliz. Ele adorava ir até o hospital visitá-la.

– Eu só não entendo como você ainda consegue pintar e tocar – falou Serafina.



– É fácil! Eu pego o pincel com a boca e consigo criar minhas telas. Na verdade, acho que, desde que comecei a pintar com a boca, minhas telas têm ficado ainda mais bonitas. Deve ser pelo fato de precisar dobrar minha concentração! Sinto-me como qualquer outro artista, que consegue movimentar os braços e as pernas. Posso pintar e me expressar tanto quanto eles. Bem, quanto à música, é um pouco mais complicado. Quando tenho alguma ideia para compor, eu digo para minha mãe escrever; ainda não adaptamos uma forma de eu tocar o piano. Sabe? Eu devo tudo à minha mãe: minha vida, meus sonhos.

Serafina sorriu.

– Qual o seu maior sonho? – ela perguntou.

– Eu já realizei meus maiores sonhos – respondeu Miguel. – Tenho muita sorte! Ganhei uma família, uma mãe maravilhosa e uma casa que posso chamar de “minha”. Eu também sonhava em não sofrer com minha doença e, sinceramente, estou tão feliz que não há espaço para o sofrimento. Eu lembro que também sonhava em me apresentar em público e, como você sabe, também já realizei esse sonho. E quanto a você? Quais são seus sonhos?

– Antes, eu sonhava em ter uma família. Daí você surgiu, e é como um irmão para mim, mesmo que eu não possa sair do hospital e ir morar com você. Agora, tenho outro sonho, muito difícil de realizar.

– Qual?

– Não quero dizer, você vai rir de mim – falou Serafina, timidamente.

– Você não confia em mim?

– É claro que confio, mas...

– Então diga, eu posso ajudar a realizá-lo.

– Não pode – disse a menina.

– Por favor, diga qual é – insistiu Miguel.

– Conhecer um anjo – respondeu Serafina.



Pouco tempo depois dessa linda conversa que testemunhei entre Serafina e Miguel, ele deixou de falar. Contudo, não deixou de usar os poderosos remédios que conhecia: amor e sorrisos.

Continuamos a visitar Serafina, até o dia em que chegamos ao hospital e sua cama estava vazia. Entrar naquele quarto, em que estivemos tantas vezes para que meu filho e sua grande amiga conversassem sobre a arte e sobre a vida, e encontrá-lo vazio, foi um grande choque para nós dois.

Embora Miguel e eu estivéssemos acostumados com perdas, dores e despedidas, é sempre doído deparar-se com um novo vazio. Ver Serafina partir foi particularmente doloroso.

Serafina foi um anjo em nossas vidas e a cada visita que fizemos, eu podia jurar que me tornava uma pessoa melhor, tamanha era a força com que ela enfrentava os desafios diários de sua doença. Uma grande lutadora que, certamente, partira vitoriosa da vida.

Miguel e ela compreendiam-se de uma forma única, que talvez muitas pessoas jamais entenderão. Eu sabia que ele havia feito uma grande diferença em sua vida, e sofria por ver toda a dor que meu filho sentia naquele momento. Sua dor era também a minha dor.

Ele já não podia falar. Não podia expressar o que estava sentindo. E, justamente por isso, era ainda mais doloroso. Porém, eu sabia que, se ele pudesse traduzir em palavras seu sentimento, diria que, apesar de toda a dor, sabia que Serafina estava em paz e em um lugar em que ela não mais sofria, não mais estava doente. E eu teria respondido: “Meu filho, ela foi um anjo que teve de partir cedo, pois o Papai do Céu quer os melhores ao lado Dele”.

Naquele instante, embora essa conversa nunca tenha existido com palavras, lembrei-me do conto que Túlio narrara para mim, “A estrela do mar sem fim”.

Compreendi, então, que aquele conto era sobre muitas pessoas e muitas coisas da vida, e também sobre Miguel e Serafina. O amor deles era puro e único e ela era agora uma estrela a guiá-lo do alto, ainda que ele não a visse mais. Miguel sempre sentiria o conforto que seu brilho traria nos momentos mais escuros.

Naquela noite, Pepeu, após a triste partida de Serafina, tive um sonho. E não foi um sonho qualquer.



Eu caminhava sobre os gramados quadriculados e infinitos do Reino Xadrez, saudava os súditos com alegria e sorria ao contemplar o imponente Castelo Xadrez à distância, ao redor do qual a borboleta azul voava em paz.

Contudo, eu e os súditos de cristal não estávamos sozinhos. Havia alguém observando a calma e a tranquilidade de meu reino. Um visitante inesperado. Sorri ao perceber que se tratava do beija-flor branco, o mesmo que observava e acompanhava Miguel até quando ele não o via. Ele esteve presente em diversos momentos: nos ensaios para a apresentação, nas vezes em que Miguel ficou junto das flores do nosso jardim a assoprar dentes-de-leão, quando passeamos próximos ao mar, nos dias em que Miguel visitou Serafina e, embora ele não tenha se dado conta, eu o havia visto voando do lado de fora da janelinha do hospital infantil, na noite em que encontramos a cama de Serafina vazia.

O beija-flor branco observou cada lágrima que meu filho derrubou e, se tivesse de apostar, diria que a pequena ave chorou também, junto dele, como se sentisse sua tristeza.

Agora, para minha surpresa, o pássaro adentrava em meus sonhos pela primeira vez. Era mágico e lindo, pois o conhecia como um grande amigo, um companheiro, ou, talvez, o guardião de alguém que eu muito amava. Portanto, sua presença era extremamente bem-vinda.

Aproximei-me para saudá-lo e dar-lhe as boas-vindas às terras das quais eu era rainha. Todavia, quanto mais me aproximava, mais o beija-flor se afastava, como se corresse de mim, como se fugisse.

Ele logo voou por entre as árvores quadriculadas, embrenhando-se na mata. Continuei perseguindo-o, com meu vestido xadrez ao vento e, às vezes, prendendo-se em galhos.

– Espere, beija-flor! – eu gritava. – Por favor, espere por mim. Eu só quero dar-lhe as boas-vindas ao meu reino!

Nada adiantou. O beija-flor ficou mais distante da minha visão a cada segundo, até que eu o perdi completamente.

Ainda procurando o visitante, continuei entrando na mata quadriculada cada vez mais. Estava ofegante e cansada, porém não desistiria. Tentei seguir o caminho feito por ele e acabei chegando em uma pequena clareira.

Pepeu, qual não foi meu espanto quando me deparei com uma mulher!

Ela era linda. Tinha o rosto de um anjo, cabelos ondulados e dourados, e um sorriso sereno, que transmitia toda a paz do mundo; usava roupas

brancas, que iam até o chão e quase cobriam seus pés descalços.

Olhando para sua face com atenção, notei que ela era particularmente familiar. Seus olhos eram pequenos, mas de uma profundidade infinita como as águas do mar. Jamais me esqueceria daqueles olhos. Eu os havia visto na noite em que Miguel se apresentou no Balé de Santos. Era isso! Aquela mulher esteve na plateia!

Lembrei-me de ter reparado que ela assistira à apresentação inteira muito emocionada e, quando Miguel terminou de tocar a última canção, levantou-se e partiu, sem nada dizer.

Pois ali estava ela, na minha frente.

Então, dei-me conta de que não a havia visto apenas naquele dia, no balé. Na verdade, foi a única ocasião em que a vi com tal aparência. Porém, ela sempre esteve junto de mim e de meu filho.

– Você... – falei – ... você é o beija-flor branco!

Ela respondeu. Quando falou comigo, não moveu os lábios. Sua voz veio diretamente do coração e atingiu o meu. E, como da vez em que encontrei a Angel em meus sonhos, percebi que se tratava de nova visita de um anjo em meu reino.

Como Angel havia me ensinado a falar com o coração em meus sonhos – da forma mais verdadeira –, logo entendi como responder àquele anjo.

Sem abrir a boca, apenas olhei para ela e disse:

– Você é um anjo, que cuida do meu Miguel junto de mim. Nós temos muito em comum.

Com sorriso sereno, ela respondeu à sua maneira, olhando-me com ternura:

– Desculpe-me por invadir seu reino, majestade.

– Não precisa se desculpar. Você é bem-vinda aqui.

– Eu agradeço, mas hoje vim com uma missão.

– Qual missão?

– Transmitir-lhe uma mensagem, rainha.

– Pode dizer a mensagem, beija-flor.

Após um minuto, em que, presumo, dialogou com o próprio coração, ouvi:

– Vim com o intuito de dizer a você que a partida de Serafina deu-se para iluminar o caminho, como um farol, para que Miguel a siga. Para que ele saiba onde encontrá-la, sem se perder.

– O quê? – fiquei sem palavras. Não esperava por aquilo.

Sempre soube que o tempo de Miguel ao meu lado seria curto. O importante seria a qualidade do tempo que tivéssemos e a intensidade de nossos dias. E, graças ao amor, tudo havia sido infinito.

Todavia, eu não estava pronta. Jamais estaria pronta para dizer adeus ao meu filho, mesmo sabendo que seria um “até logo”, e que, um dia, estaríamos juntos de novo. Unidos pelo amor, que seria o farol que não permitiria que nos perdêssemos um do outro, até nos momentos mais escuros.

Ainda assim, era doloroso demais ouvir as palavras daquele anjo, o beija-flor branco, que se apresentava para mim em sua forma real, e vinha me dizer que meu tempo junto de Miguel estava acabando.

Naquele momento, olhei adiante e vi que o Castelo Xadrez balançava sobre os próprios alicerces. Das torres mais altas, desprendiam-se tijolos e telhas.

– Seja forte, Anny. Você é a rainha destas terras – o beija-flor disse. – Se você deixar que seu castelo se transforme em ruínas, depois de tudo que já aprendeu sobre a dor, as perdas e despedidas, e ciente que na verdade são apenas temporárias, Miguel sofrerá muito. Ele precisa do seu amor nesse momento de transição. Ele irá para um lugar onde estará sempre junto de Serafina, e de mim também. Eu continuarei a cuidar dele e, onde todos estivermos juntos, ele não mais estará doente, poderá correr livre e voltar a tocar piano com as próprias mãos. Miguel poderá falar e expressar todos os seus sentimentos, continuar a exercitar sua arte que voará pelo mundo e sempre encontrará uma forma de chegar até você, pois você é sua verdadeira mãe.

Fiquei em prantos, em meio às árvores quadriculadas, mas não pude deixar de emocionar-me com as palavras reconfortantes do anjo que me visitava.

Quando, então, consegui me acalmar e ver que o castelo não mais corria riscos de desabamento, voltei minha atenção à clareira quadriculada mais uma vez, mas a mulher especial, que instantes antes esteve ali, havia desaparecido. Em seu lugar, algo mágico surgiu.

Acredito que vai gostar dessa parte da história, Pepeu, pois você é o melhor mágico que conheço.

Era um instrumento de sopro, que se parecia com uma flauta um pouco diferente. Talvez porque fosse um instrumento dos anjos. Estava em um suporte de madeira, que permitia que fosse tocado sem ser segurado pelas mãos do instrumentista.

Cada vez mais emocionada, toquei naquele objeto e o simples toque aqueceu meu coração. Era mais um presente de um anjo que eu recebia no Reino Xadrez e que me trazia imensa paz.

Ainda com as mãos naquele presente especial, ouvi a voz do beija-flor, que percorreu o reino como um vento terno, uma brisa boa, e atingiu-me no peito:

– Serafina realizou seu maior sonho. Ela conheceu um anjo.

Chorei em meio à clareira. Um choro manso. Minhas lágrimas escorreram pelo gramado quadriculado e atingiram o riacho xadrez, mesclando-se às suas águas e percorrendo meu reino para sempre.



Após muito chorar, entreguei-me ao pensamento de que conhecia aquele objeto. Era o mesmo que meu avô Breno esculpira em madeira muitos anos atrás, quando eu ainda era muito pequena, antes que chegasse ao Brasil.

De forma mágica, o artesão dos sonhos soube de tudo, muito tempo antes de acontecer. Talvez isso explicasse por que ele foi um artesão capaz de esculpir sonhos em madeira, para torná-los sólidos e reais. Na verdade, ele também era um anjo. Um anjo raro, artesão, que observava tudo lá de cima, e para quem o tempo não importava. Passado, presente e futuro não existiam.

Assim, muito tempo antes, ele me deu um presente e, agora, finalmente eu o recebi. Aceitei-o com muito amor, pois se tratava de um instrumento de sopro. O instrumento que meu filho usaria para tocar sua última canção para mim, antes de fazer a viagem eterna, que o levaria para longe, mas que também o manteria sempre vivo em meu coração.

Seria uma viagem que o levaria para um lugar no qual estaria junto de Serafina, do beija-flor branco, da música e da arte. Um lugar em que Miguel já não mais sofreria com sua doença, nem da privação de certas habilidades.

No tempo em que estive segurando o objeto de madeira talhado pelo artesão e entregue a mim pelo anjo beija-flor, entendi que meu Miguel estaria bem pertinho do Papai do Céu quando voasse e, por mais que fosse doloroso, também seria lindo demais.

Então, aceitei.



Meu querido Pepeu,

Com muitas lágrimas nos olhos e o coração agitado, escrevo sobre os últimos instantes que passei junto de Miguel, meu filho, o anjo que a vida me deu.

Na manhã seguinte ao sonho maravilhoso, percebi que havia perdido a hora. Acordei mais tarde do que de costume. Miguel me esperava em sua cama, para que eu o ajudasse a subir na cadeirinha especial.

Assim o fiz, mas com um pouco de dificuldade, pois minhas mãos tremiam ligeiramente. Isso se devia ao sonho. Eu me lembrava de tudo. Sabia o que aconteceria e me lembrava, inclusive, de que havia aceitado o destino, embora soubesse da dor que estava prestes a enfrentar.

Se, por alguns instantes, fraquejei, em outros, senti-me forte. Era muito doloroso ver um menino tão alegre, ativo e agitado preso a uma cadeira, sem poder mover praticamente nenhum músculo do corpo, sem poder agitar as pernas ou os braços, sem poder falar e se expressar.

Senti-me mais confiante por saber que, mesmo longe de mim, ele teria sua liberdade e estaria sempre protegido pelo beija-flor branco.

Naquela manhã, atormentada, mas protegida por tais pensamentos, conduzi Miguel até o jardim, para a companhia das flores e dos dentes-de-leão que, agora eu sabia, haviam sido enviados pelo próprio beija-flor branco.

A ave enviara aquelas delicadas plantas para que Miguel e eu compreendêssemos a importância dos voos que fazemos na vida, das despedidas, das distâncias, e que tudo o que é importante voa ao vento, fragmenta-se e, mesmo depois de se afastar, um dia volta e se reúne. A vida sempre traz para perto tudo o que é verdadeiro, como uma dança eterna.

Os dentes-de-leão haviam sido uma verdadeira lição do anjo de asinhas frágeis e ligeiras que acompanhava meu filho. Não foi surpresa alguma para mim quando, por entre os canteiros do meu jardim da casinha da praia, vi o suporte de madeira. Ele estava lá, junto do estranho e maravilhoso instrumento de sopro que o artesão talhara muito tempo atrás.

Posicionei a cadeirinha de Miguel de modo que seus lábios pudessem ficar na exata altura do instrumento no suporte. E ele fez a única coisa que suas habilidades, tão limitadas, permitiam-lhe para produzir uma música.

Meu filho tocou o instrumento de sopro, Pepeu. Por horas e horas, enquanto todos os dentes-de-leão dançavam e seus fragmentos voavam ao nosso redor.

Ele continuou a tocar. Foi a última vez que tocou uma canção para mim, e sua duração pareceu infinita.

Então, quando finalmente estava exausto, Miguel caiu no sono. Lembro-me com nitidez daquele instante, pois meu filho cerrou os olhos e abriu um discreto sorriso, e eu soube ali que ele dormiria para sempre.

Aproximei-me dele e beijei sua face. Abracei-o bem forte e sussurrei em seus ouvidos:

*Continue enviando suas músicas para mim, meu beija-flor. Elas viajarão com o vento e eu encontrarei você na eternidade. Meu filho.*

Você deve saber o que aconteceu a seguir, Pepeu.

Embora não pudesse dizer se estava dormindo ou acordada, pois havia passado muito tempo abraçada com Miguel por entre as flores, algo chamou minha atenção e eu olhei para cima.

Ali, no alto do céu, no local do encontro perfeito entre o horizonte e a eternidade, vi um beija-flor branco e uma borboleta azul.

Eles brincavam com o vento e voavam livres, como se estivessem dançando.

Dançavam como em um balé, indo cada vez mais alto, até que sumiram da minha vista e ganharam o infinito.









# UMA LÁGRIMA MAIOR QUE O OCEANO

DO DORSO DO CAVALO BRANCO, ENQUANTO  
MANTINHA-SE PRESA AO FIEL CAVALEIRO, A PEQUENA  
RAINHA DERRUBOU UMA LÁGRIMA. ELA DESLIZOU SEM  
PRESSA PELA SUA FACE, DESPRENDEU-SE, CAIU E  
EMBARCOU EM UMA PEQUENA VIAGEM EM DIREÇÃO  
AO SOLO. QUANDO O ATINGIU, ALGO MÁGICO  
ACONTECEU.

Os sonhos que vivenciara ao longo dos anos eram borboletas dançando em sua mente, livres como a alma da pequena rainha. Sonhos situados no reino, ou até aquele sonho especial em que recebera a visita do beija-flor branco. Contudo, havia um sonho recorrente, que sempre fazia com que acordasse com um aperto no peito. Era o sonho no qual ela e o cavaleiro procuravam o rei Jefferson, seguindo seus gritos.

Havia décadas que sonhara pela primeira vez com tais gritos desesperados, clamantes por ajuda. Desde então, o sonho tivera outros episódios, como o encontro com o artesão em uma cabana solitária, em meio a uma terra de ninguém, ou a imagem do Baile de Máscaras mais assustador que se poderia imaginar. Na ocasião, o fiel cavaleiro e ela haviam conhecido os donos das terras que circundavam o Reino Xadrez, abandonadas e devastadas, que viraram pesadelos, aprisionando os sonhadores na caverna escura.

Não era fácil sonhar e, mais ainda, manter os sonhos intactos, como ela conseguira fazer com o Reino Xadrez durante todos aqueles anos. Era uma façanha digna de uma verdadeira rainha.

Entretanto, sempre que retornava para aquela busca desesperada pelo rei, Anny e o cavaleiro não eram bem-sucedidos. Eles continuavam a cavalgar por campos devastados, sombrios e recobertos por neblina densa, nos quais corriam grandes perigos. E, embora sempre seguissem a voz do rei Jefferson, que vinha de todos os lugares ao mesmo tempo, a busca era infrutífera, pois não havia sinal do rei naquelas terras.

Após anos reproduzindo tais sonhos, a pequena rainha – pequena de tamanho, já que ordenara ter sempre oito anos na terra dos sonhos, mas grande de coração – finalmente sentia o peso daquela busca frustrante. Queria mais que tudo ajudar o rei, acabar com seu sofrimento, mas já não podia seguir em frente.

Por um tempo que pareceu infinito, o bondoso cavaleiro e seu cavalo branco a ajudaram de todas as formas possíveis, enfrentando a devastação e os perigos das terras amedrontadoras. Ela não podia mais permitir que continuassem a correr riscos, já que encontrar o rei parecia impossível.

Do dorso do cavalo branco, enquanto mantinha-se presa ao fiel cavaleiro, a pequena rainha derrubou uma lágrima. Foi uma lágrima solitária e pequenina, mas que sintetizava o tamanho de todo o universo.

Ela carregava junto de si toda a dor que Anny sentia por não poder ajudar o rei e por ter passado um tempo sem fim a procurá-lo.

Portanto, aquela minúscula lágrima era maior que qualquer oceano, pois carregava marés de diferentes sentimentos. Frustração, desespero, medo, e também boas intenções e muito amor.

Ela deslizou sem pressa pela sua face, desprendeuse, caiu e embarcou em uma curta viagem em direção ao solo. Quando o atingiu, algo mágico aconteceu.



Em meio às terras secas e moribundas, em que nada mais parecia ter vida, um riacho nasceu, e não era um riacho qualquer. Tratava-se de um pequeno córrego que brotava da lágrima da rainha, uma verdadeira nascente de sentimentos que trazia, enfim, um pouco de vida para tais sonhos abandonados.

Águas simples e, aparentemente, comuns, que carregavam consigo muita dor, aprendizado e sonhos repletos de amor por um rei desaparecido.

Feliz, a rainha e o cavaleiro, após décadas de cavalgada, fizeram uma pausa. O cavalo branco estava exausto e pareceu muito satisfeito por encontrar repouso às margens do córrego, no qual aproveitou para saciar sua sede. Anny e o cavaleiro fizeram o mesmo. Eles se sentaram próximos à água corrente e o bondoso cavaleiro aproveitou para tocar gaita por um momento.

Enquanto ouvia a canção que ela tanto amava, a pequena rainha deixou seu pensamento livre, refletindo sobre o que faria dali em diante. Não aceitava desistir, porém não sabia como seguir em frente.

Por instinto, roçou o objeto de madeira que o artesão lhe dera há tempos e sentiu seus dedos formigarem ao toque do curioso objeto.

Para seu espanto, quando voltou os olhos para o riacho, a rainha notou que ela, o cavaleiro e o cavalo branco já não estavam mais sozinhos.

Uma figura encapuzada abaixava-se às margens do córrego para encher um cantil de barro. Curiosa, Anny foi em sua direção e tocou-lhe os ombros. Quando a figura misteriosa virou-se e encarou a rainha, a felicidade desta não podia ser maior.



– Bondoso artesão! – Ela lhe fez uma reverência. – Por tanto tempo eu me perguntei, enquanto percorria essas terras devastadas sobre o cavalo branco, se um dia voltaria a encontrá-lo.

– Aqui estou, majestade – ele respondeu, entre um sorriso e uma entusiasmada reverência à rainha. – Orgulhoso por reencontrá-la.

– Orgulhoso? Mas eu fiz tudo errado. Não consegui usar o objeto que o senhor talhou em madeira especialmente para minha missão de resgate ao rei; portanto, não pude encontrá-lo, não soube como fazer para que seus gritos de dor desaparecessem.

– Você não fez tudo errado, majestade, não ouse dizer isso.

– Mas... um tempo infinito se passou e eu não cheguei a resultado algum.

– Tempo? Nessas terras não há tempo. Pode-se ter passado um segundo ou uma eternidade inteira. Quem sabe? – Bem-humorado, o artesão deu de ombros.

Após completar o cantil, ele começou a caminhar, seguindo o fluxo do riacho.

– Aonde você está indo? – Anny indagou, confusa.

– Tenho muitos sonhos a talhar. Após aperfeiçoar minha técnica, da massinha para a madeira, recebo cada vez mais encomendas. Você não imagina quantas pessoas requisitam meus trabalhos, majestade! Sinto muito, mas preciso voltar logo para a oficina. Agradeço pela água fresca, estava morto de sede!

– Não! Fique apenas mais um instante. Eu preciso de sua ajuda.

Ele virou-se e encarou a pequena rainha uma vez mais, cheio de ternura.

– Pois bem, majestade, em que posso ajudá-la?

– Preciso saber como usar o objeto que você me deu. Preciso saber como proceder a seguir. O riacho trouxe alívio para meu cansaço e de meus companheiros de viagem, mas ele não aponta a direção. Preciso saber para que lado ir.

– Vossa Majestade tem certeza de que ele não mostra a direção?

– Eu...

– As respostas estão aqui. Ao redor e dentro de você. Não tenha medo de encará-las.

– Mas o objeto continua igual. Ele não aponta para lugar algum.

– Talvez ainda não seja a hora.

Fazendo uma nova reverência, o artesão seguiu seu caminho. A rainha não quis importuná-lo com mais perguntas, pois sabia que ele estava muito ocupado com um ofício realmente indispensável e precioso.

Decifrando suas palavras misteriosas e todo o rastro de bondade que ele deixou para trás, Anny e o cavaleiro subiram novamente no cavalo branco e voltaram a cavalgar nas terras dos sonhos.

Sem medo. Sempre em frente. E, dessa vez, seguindo o fluxo do córrego que nascera a partir da lágrima silenciosa da rainha.



Eles cavalgaram, mais motivados que nunca, seguindo a água e os gritos do rei. Continuaram a encontrar terras devastadas pelo caminho, mas ficaram surpresos e satisfeitos ao constatarem que pequenos ramos, discretas vegetações, cresciam nas proximidades do córrego.

Lembrando-se das máscaras assustadoras dos donos daqueles sonhos, que os abandonaram à própria sorte e deixaram que se tornassem terras de ninguém, Anny compreendeu o grande segredo da vida.

Feliz, ela compartilhou sua reflexão com o bondoso cavaleiro:

– Se as pessoas por trás daquelas máscaras compreendessem que o que nutre as terras dos sonhos são os sentimentos, talvez seus sonhos não tivessem morrido, fiel cavaleiro! Com apenas uma de minhas lágrimas a vida retornou para este solo, assim que ela o tocou.

– É o poder de um simples toque de sentimento real.

– E eu me orgulho ao dizer que não eram apenas bons sentimentos, havia uma mescla de diversos deles naquela lágrima. Sobretudo, medo de não encontrar o rei e de me perder por aqui. Mas, cavaleiro, carregada por sentimentos verdadeiros, inteiros e complexos, a lágrima fez a mágica acontecer quando atingiu o solo.

– O amor é mágica, minha pequena. O amor é mágica! Ele transforma tudo, traz vida, proporciona milagres.



– As máscaras eram todos que não ousaram continuar a sonhar. Se apenas eles soubessem...

– Se apenas eles aprendessem com você, rainha.

– Eu não fiz nada. Apenas fui fiel aos meus sentimentos. Agora, acredito que eles vão me levar diretamente ao rei. Mas... era apenas uma lágrima.

– *Apenas uma lágrima?* Era maior que o oceano todo!

Naquele instante, as palavras do cavaleiro foram interrompidas, pois eles haviam chegado a um destino. O riacho os retornara diretamente ao Reino Xadrez. Seus portões de ferro quadriculados se erguiam imponentes frente aos viajantes e, com a aproximação da rainha, logo se abriram.

Ela estava feliz por estar em casa. O medo de se perder nas terras devastadas já não tinha mais razão de existir. E, ao notar que ainda ouvia os gritos do rei, ela teve certeza de que ele estava mais próximo que nunca. Tocou o objeto de madeira do artesão mais uma vez e sentiu novamente os dedos formigarem.

Saltando do cavalo branco, ela e o cavaleiro entraram mais uma vez no Reino Xadrez, após um tempo que não saberiam calcular e aventuras das quais jamais se esqueceriam.

Foram saudados por todos os súditos de cristal que, felizes com a chegada dos viajantes, fizeram uma verdadeira festa sobre os gramados quadriculados.

Ao longe, o Castelo Xadrez se erguia e a borboleta azul voava ao seu redor. Uma nova fase se iniciava na missão da rainha: o resgate do rei.







# OS VOOS ALTOS DE BENJAMIN

DE UMA COISA ESTIVE SEMPRE CERTO E CONTINUO ATÉ  
AGORA, NO FIM DOS MEUS DIAS, QUANDO LHE  
ESCREVO ESTA SINGELA CARTA: TUDO QUE IMPORTA  
NA VIDA SÃO AS AVENTURAS.

pós ter sido homenageada pelo Balé de Santos e dedicar vários dias às lembranças de oito décadas de experiência, registrando passagens importantes da sua vida em cartas para Pepeu – cartas que, por sinal, ela colocou no parapeito da janela e desapareceram da noite para o dia, decerto carregadas por um anjo –, Anny sentia-se novamente sozinha depois de seu aniversário.

Ela lutava contra a solidão, mais uma vez. Sua velha amiga desde os tempos frios em que vivia na Casa Grande, quando era uma garotinha e tudo o que pedia ao Papai do Céu era um companheiro para jogar xadrez. Mais uma vez, ela lutava para não se entregar a pensamentos ruins, pois há muito tempo aprendera a combatê-los.

Durante oito décadas, ela ganhara a presença de muitos anjos em sua vida. Mais do que poderia imaginar. Os anjos dos velhos tempos na Inglaterra, como Pepeu, Frank, Nicole, Hermes, Desiré, Nina e Roxie, e também os anjos que cruzaram seu caminho no Brasil, como Miguel, Túlio e Serafina.

Muitos já haviam partido, pois deviam ter grandes missões a realizar na eternidade. Ela considerava uma bênção ter tido a oportunidade de conhecer tantos anjos, assim como achava extremamente difícil o momento de se despedir de cada um deles, embora aceitasse ser uma situação apenas temporária.

Como se soubesse de tudo isso, a vida lhe preparou uma nova surpresa.

Em uma manhã que parecia qualquer outra, um pacote chegou até ela. Entusiasmada, Anny o abriu com as mãozinhas enrugadas e a pele flácida e sorriu ao encontrar dentro dele um livro, com capa de couro e título detalhadamente escrito em dourado:

## **O LIVRO DO VELHO POETA**

Anny se lembrava do senhor Hermes com o amor e o carinho dos tempos remotos em que presenciou um grande milagre de Natal, quando o viu abrir o coração pela primeira vez, em uma noite mágica na Inglaterra.

Na ocasião, ela era ainda muito pequena e ficou feliz por testemunhar seu primeiro milagre. Ela até lhe preparou panquecas. Alguns anos depois, antes de partir da Inglaterra para o Brasil, Anny teve de se despedir do

velho poeta, que foi buscado pelo irmão Benjamin com a promessa de explorar o mundo e de encontrar Josephine, seu grande amor.

Ela nunca mais teve notícias de Hermes até aquele dia. Com os olhos marejados de lágrimas pela nostalgia, Anny leu o que estava escrito em uma carta anexada ao livro do poeta.

Querida Anny,

Tomo a liberdade de lhe escrever, muitos anos depois de termos nos conhecido. Como você sabe, meu irmão e eu saímos pelo mundo em busca das aventuras que havíamos combinado quando garotos.

Estivemos sempre tão ocupados, vendo o mundo e vivendo diferentes momentos, que Hermes acabou nunca lhe escrevendo, embora sempre falasse sobre isso.

Eu, finalmente, escrevo a você para presenteá-la com este livro, que retrata parcialmente o coração do poeta durante algumas de nossas aventuras. Quero muito que você fique com a única cópia existente dos poemas de meu irmão Hermes. Sei que esse seria o desejo dele.

Hermes já partiu há alguns anos, você deve imaginar, pois ele estava bastante velho. Quanto a mim, Benjamin, também estou doente e no fim dos meus dias.

Desculpe-me por não escrever antes. Tentei encontrá-la, porém fiquei sabendo que você se mudou da casa de sua família em Santos e comprou uma nova casinha, na qual vive só. Por isso, foi muito difícil encontrar seu atual endereço no Brasil. Eu só consegui porque tive a grande ideia de voltar para a casa na qual, por alguns anos, você viveu com meu irmão e a senhora Jane.

Você sabe que, mesmo demorando um pouco, sou bom em encontrar pessoas. Foi assim que encontrei meu irmão, ainda que após ter perdido a memória. Eu sabia que não seria diferente com você e que também a encontraria, Anny.

Foi exatamente isso que aconteceu. Voltei lá em busca de vestígios sobre você. Acabei encontrando grandes surpresas.

Na casinha de Hermes e Jane, não havia notícias de seu paradeiro. E, qual não foi minha surpresa, quando encontrei sua velha amiga, Desiré,

vivendo novamente na casa ao lado. Ela sabia seu endereço. Sempre soube.

Se me permite dizer, sugiro que a procure, pois Desiré tem uma grande surpresa para você. Ela não lhe escreve apenas por medo de que você não suporte ouvir o que ela tem a contar.

Eu sei, ela me avisou que você não é adepta das tecnologias modernas, como celulares ou internet, e que prefere se comunicar pelas boas e velhas cartas. Também sou assim, e fico feliz de saber que temos algo em comum. Justamente por isso, você deve estranhar o fato de Desiré não ter-lhe falado que está de volta, vivendo na casa em que se conheceram.

Não deveria estar contando isso, pois jurei a ela que não revelaria o segredo a você. Portanto, só digo que a procure, pois ela tem algo grandioso para lhe dizer sobre sua vida. Algo que lhe trará respostas dolorosas, mas significativas.

Voltando a falar de meu irmão, devo dizer que o velho poeta, que você fez voltar a sorrir – e agradeço bastante por isso –, viveu muito feliz pelo restante de sua vida. Quando partiu, foi em paz e com muita sabedoria, sendo logo seguido por sua amada, Josephine, com quem dividiu todos os anos que lhe restaram.

Eu os acompanhei em diversas viagens; contudo, em muitos momentos, sabia que eles queriam ter privacidade. Então, orgulho-me de dizer que tive meus próprios voos, os quais chamo de “Os voos altos de Benjamin”.

Descobri o mundo todo, vi diversas realidades, conheci diferentes pessoas, e acompanhei o alvorecer de distintas décadas trazendo inovações para a humanidade.

Todavia, de uma coisa estive sempre certo e continuo até agora, no fim dos meus dias, quando lhe escrevo esta singela carta: tudo que importa na vida são as aventuras. Bem, pelo menos é assim que eu as chamo. Você, talvez, prefira chamar de grandes momentos que dividimos com quem amamos.

Não digo grandes momentos em duração, pois os maiores momentos, de fato, são aqueles breves instantes que significam o mundo todo. A vida é feita deles. Eles é que preencheram minhas maiores aventuras e meus voos mais altos.

Espero que aprecie este livro e que o guarde com muito carinho. Como mencionei, é a única cópia de alguns dos poemas escritos pelo velho poeta, que reaprendeu a sorrir em uma noite mágica de Natal.



Estou doente e no fim de minha caminhada, mas garanto a você, Anny, que aguardo de peito aberto a próxima grande aventura. A próxima viagem da minha vida. Aquela que todos faremos um dia, cedo ou tarde, e que nos levará para perto dos que amamos.

Com muita emoção, encerro esta carta e despeço-me, para que aprecie alguns dos poemas mais intensos escritos por meu irmão, de quem tenho grande orgulho.

Um abraço do aventureiro,

Benjamin

# **O LIVRO DO VELHO POETA**

## **A vida em versos**

Do aconchegante e escuro casulo  
Veio à luz, veio ao mundo  
Lágrimas suas em meio a sorrisos de outrem  
Logo, os braços  
Reconheceu de imediato os braços  
Daquela que lhe deu abrigo  
Coincidência!  
Seriam os mesmos braços  
Que lhe segurariam aos primeiros passos  
E lhe aplaudiriam aos primeiros sons  
Aplausos que se repetiriam tantas vezes  
Tantas vezes fosse necessário aplaudir  
Tantas vezes fosse necessário calar  
Braços que eram,  
N'aquele primeiro contato,  
Maiores que ele próprio  
Mas que, com o andar apressado do tempo,  
Tornar-se-iam menores que os dele  
E se despediriam quando estes se cruzassem com outros braços...  
Sim, o tempo teve pressa em fazer crescer os braços  
O tempo tem pressa, não se sabe de quê  
Não se sabe o porquê  
Mas, em meio ao deslizar incessante dos ponteiros de seu relógio,  
– Que, de tanto girarem,  
Acabaram por transformarem-no em homem feito –  
Foi que ele encontrou braços  
Que lhe trouxeram conforto pela segunda vez na vida  
Eram braços que se encaixavam perfeitamente aos seus!  
E, no primeiro abraço, voltou ao aconchego  
Do primeiro instante, veio a eternidade  
Junto àqueles braços cumpriu o seu destino  
Enquanto os ponteiros continuavam a girar

E, tudo mais se fazia efêmero,  
Ele descansou feliz nos braços pela última vez  
Fechou os olhos e sentiu o aconchego  
Apagou a luz  
Ascendeu a alma.

(Hermes, o poeta explorador. Bruxelas, Bélgica – 1959. Para: Josephine,  
que tem os braços nos quais encontro a paz.)



## **Devagarinho**

Se cair devagarinho  
O tempo lhe será um presente  
Poderá desfrutar com mais carinho  
Daquelas folhas  
Daquele sol que nasce  
É, na verdade, um presente que a noite deixou ao sol  
E, portanto, não deve ter pressa,  
Deve cair devagarinho  
Deve desfrutar do sol  
Enquanto ele ilumina o presente da noite  
E, quando chegar ao destino final,  
À terra,  
Deve dispersar-se e fazer-se um presente do sol  
À ela  
É uma gota de orvalho, nada mais  
Mas é uma vida  
Tem um curto caminho  
Mas uma grande missão  
Portanto, deve cair bem devagarinho  
Por menor que seja, é um presente  
Em mais um dia que começa  
Não é sem propósito que está ali,

Sobre a folha,  
Nada é!  
É um anúncio do novo dia,  
Um presente para a nova manhã  
E, se é breve, deve tomar cuidado  
Para não desperdiçar a vida,  
Não desperdiçar o caminho  
Que tem a percorrer...  
E cair bem devagarinho.

(Hermes, o poeta explorador. Viena, Áustria – 1961. Para: Frank, o médico excêntrico que um dia conheci, em outras aventuras.)



## **O anjo**

Quando foi abandonada,  
Ele estava ali.  
Quando foi demitida,  
Ele estava ali.  
Quando foi ofendida, rejeitada e incompreendida,  
Ele, novamente, estava ali.  
Quando o sol nascia,  
Ele a acordava com um beijo.  
E, quando o sol adormecia,  
Ele se aconchegava junto a ela  
E velava seu sono, protegendo-a.  
Quando ela não pôde lhe dar atenção,  
Ele soube entender.  
Mas quando lhe dedicou o tempo,  
Ele não ousou experimentar alegria maior  
Ele nunca quis saber de detalhes  
De suas roupas, formas ou números  
Só lhe interessavam os carinhos...

Ele estava ali  
E ela compreendeu que ele estaria ali  
Até o fim  
Aquele era seu anjo  
Um anjo de pelos longos, cauda incessante  
E quatro patas  
Que a vida havia lhe dado  
Era um presente...  
Ela olhou dentro de seus olhos  
Que surpresa,  
Seus olhos brilhavam profundamente  
Quem diria!  
São, os olhos, reflexos da alma...  
Há quem diga que anjos como aquele  
Percebem nossas angústias e  
Afastam nossas tristezas.  
Em seus corações não há maldade  
A vaidade, então, passa longe...  
Mas há espaço para o amor  
E quanto amar eles podem!  
Por mais que se possa,  
Eles ainda podem mais  
Não somente são nossos anjos guardiões na vida  
São também um pedaço da natureza  
Que, com sua gentil beleza,  
Adentra em nossas casas.  
São mistura do instinto natural  
Junto ao amor universal.  
São parte do mundo  
São, sim, incompreendidos,  
Subjugados  
Vitimados por abandonos e até maus-tratos  
Mas não guardam rancor  
Se a dor  
Atinge-lhes  
Eles oferecem a outra face

Dedicam-se e amam incondicionalmente,  
Apenas.  
E, acima de tudo,  
Ousam  
Ousam ser felizes, como ninguém mais  
Se permite ousar  
Sim, só podem ser anjos,  
Disfarçados,  
E com quatro patas!

(Hermes, o poeta explorador. Paris, França – 1968. Para: os cães de rua, pulguentos e sarnentos com os quais me deparei nas aventuras, e de cujos olhares jamais me esquecerei. Josephine lhes dá comida sempre que pode.)



## **O futuro**

Se ligeiro ele chegar  
Há os que irão se queixar  
Mas se demora,  
Outros lhe cobram apressados  
É o futuro!  
O irmão mais velho da esperança  
O filho caçula da eternidade  
Muitos imaginam como ele será  
Quando finalmente chegar  
Planejam, sonham  
Contam as voltas do ponteiro do relógio  
E arrastam-se pelo hoje  
À espera das promessas do amanhã  
Ora! Coitado do futuro  
Ele jamais fez promessa alguma!  
Ele apenas tem de regar  
As sementes que plantamos ontem

E que florescem neste instante: hoje!  
O futuro não prometeu o céu sem nuvens  
E o mar sem ondas  
Prometeu apenas chegar  
E regar...  
Não se deve esquecer que ele não tarda  
Ele é agora! O futuro do ontem!  
Não se pode esquecer que,  
Ao chegar,  
Ele muda de nome: presente  
A vida é o presente!  
E o futuro, um presente ao chegar.  
Ele vem apenas para regar  
As sementes...

(Hermes, o poeta explorador. Lima, Peru – 1969. Para: meu irmão Benjamin, que sempre sonhou com um futuro melhor, mas não esperou por ele – foi adiante e o construiu.)



### **Sonhos de infância**

Ser feliz e nada mais!  
Tudo o que eles querem  
É correr, brincar e sorrir...  
Sorrisos estes que nos encantam  
E o que é melhor:  
Fazem-nos sorrir também!  
Sim, tudo neles é contagioso  
E iluminado...  
Sonham alto!  
Sonham grande, os pequenos  
E, às vezes, pensam que podem voar  
Ah! E como voam em seus sonhos



Em seu mundo próprio  
Voam para mares onde podem ser piratas  
Para reinos longínquos  
Onde são reis e rainhas  
Vão até a Lua  
Veja só, são astronautas!  
Iluminam a vida...  
Seus olhos brilham mais que o sol  
E os cheirinhos...  
Mais deliciosos que um campo de girassol!  
Eles só querem brincar,  
Só sabem amar.  
São eles mesmos, sem tirar nem pôr  
Sem mais nada a declarar  
São as crianças,  
E nada mais.

(Hermes, o poeta explorador. Xangai, China – 1971. Para: o pequeno poeta que um dia eu fui, a pular poças de lama no interior da Inglaterra, e que agora se alegra ao ver o mundo com os próprios olhos.)



### **Pedido de ajuda**

Eu sonho também  
Sinto e choro  
Choro pelos meus filhos  
Ao vê-los adoecer  
Choro pela minha casa  
Ao vê-la ceder  
Estou sempre aqui  
Até que permitam  
Meu tempo pode ser breve  
Depende de você

Eu prometo proteger  
Sua casa  
Nossa casa  
Seus filhos  
Seu ar  
Dar abrigo, quando precisar

Se o tempo é breve e ligeiro  
Não o sou  
Posso eternizar-me  
Mas posso deixar de sonhar

Depende de você  
De suas escolhas, de seu mundo  
De seus filhos  
Já perdi entes amados  
Chorei lágrimas inaudíveis aos seus ouvidos  
Mas elas foram reais, acredite!

Eu disse ao vento que também  
Sei sonhar  
Pedi a ele  
Para lhe contar

Eu disse ao tempo para me encontrar  
No futuro, já  
Depende de você  
Permitir que eu esteja lá  
Pergunte ao vento  
Ele pode testemunhar  
Sei chorar... E choro  
Posso sentir... E sinto  
Quero ajudar... E ajudo  
Posso confortá-lo em minha sombra,  
Venha, acomode-se

Eu meu aconchego  
Sossego!

Imploro  
Rogo  
Pela vida  
Não me tire folhas  
Não me corte o corpo  
Não me quebre os braços  
Ou suje o chão  
Ou a água – fonte de minha vida  
De nossa vida  
Não me destrua a casa

Minha casa é sua também.

(Hermes, o poeta explorador. Bangkok, Tailândia – 1975. Para: o planeta em que vivemos, palco de minhas aventuras.)



### **Medo do escuro**

Não tenho medo do escuro  
Tenho medo do que ele se transforma  
Sem você por perto  
Não tenho medo de sonhar  
Temo apenas o amor  
Que chegou  
E não chega.  
Um olhar de anjo,  
Um sorriso de primaveras.  
Anjo do mal  
Que, ao chegar, levou-me a paz

Primaveras sem flores  
Sem você aqui  
Primaveras de flores mil  
Se o olhar vislumbra o seu  
Se o pensamento diz que você existe.  
O que faz agora?  
Onde está você?  
Não tenho medo do escuro  
Se você está aqui  
Não tenho medo do mundo  
Se você está aqui  
Mas não está.  
Carrega consigo toda luz  
Brilho de uma noite estrelada  
Cores de todos os jardins  
Isso sim me amedronta  
Tira-me a paz  
Ladrão de meu sossego  
E dos sonhos meus  
O que faz agora?  
Onde está você?  
Que não chega  
Que não reacende a luz  
O que será do brilho e das cores?  
Estarão eternamente escondidos  
Por trás de um riso seu?  
Impiedoso é você  
Impiedosa é a vida sem você.  
Não sou criança  
(*não tenho medo do escuro*)  
Sou todos os sentimentos em um só espírito  
(*tenho medo do que ele se transforma*)  
Venha, não dormirei  
(*Sem você por perto*).

(Hermes, o poeta explorador. Baltimore, Maryland, EUA – 1979. Para: Josephine – para que as dores dos anos que passamos separados sejam aprendizados registrados.)



## **Dois pontos**

Sou um ponto no mundo  
Dois pontos  
Na verdade, sou um par  
Um par de olhos  
A olhar eternamente por uma janela  
Na incansável espera da vida  
A esperar por outro par de olhos  
O tempo caminha sorrateiramente sob meu olhar  
E leva folhas, versos e instantes  
Que não voltam  
Que são inconstantes  
Inconstantemente valiosos  
Para quem espera  
Observa  
Acredita  
O sol chega  
O sol se despede  
Os dias caminham sem dó  
De um peito que não mais chora  
Por não mais ter rios  
Por esperar, sem desistir  
Sem desacreditar  
Por sentir saudades  
Que sufocam  
Mas que vêm da alma  
Afinal, saudades essas são  
De alguém que os pontos nunca vislumbraram

Mas que o coração conhece  
E a essência espera  
É também um ponto  
É também um par  
A janela, agora vazia  
Na calada da noite  
O par de olhos escurece  
Mas, como tira a luz, não tira a certeza  
De que um dia tudo chega  
E o outro ponto, no outro canto  
Por mim a esperar está.

(Hermes, o poeta explorador. Marrakech, Marrocos – 1981. Para: meus pais, que se amaram mais que o tempo pode dizer, e que deram esse exemplo a mim e meus irmãos.)



### **Máquina da vida**

Que tempo é esse  
Que muda  
Modifica  
Transforma?  
Que mundo é esse  
Que gira impiedoso  
Gastando os esforços dos instantes?  
Que vida é essa?  
O ontem é uma criança  
O hoje carrega as mudanças  
O amanhã é o futuro,  
Carrega um destino  
Tão próximo  
Que chega sem aviso.  
Os relógios não param

Os instantes acabam  
A brevidade é irracional  
O tempo é utopia  
A vida gira, gira...  
Veja, o futuro chegou  
O destino é hoje que se faz  
E hoje que se vive  
Como numa máquina inquebrável,  
O tempo urge sem piedade  
E com toda pressa do mundo.  
As escolhas definem a vida,  
Os segundos, o futuro;  
O coração; os amores.  
Tudo passa, sem dó  
E nos encontra no amanhã  
Mas veja, já é hoje!

(Hermes, o poeta explorador. Londres, Inglaterra – 1985. Para: Anny.  
Em meus instantes finais, nesta grande aventura que é a vida, dedico meu  
último poema à pequena grande alma que me devolveu o passado, ensinou a  
apreciar o presente e me encorajou a buscar o futuro. Espero que, onde  
estiver, você esteja feliz.)











# TODOS OS FILHOS DO AMOR

SEU PLANO PODERIA EVITAR QUE TANTA DOR E  
TAMANHA INJUSTIÇA CONTINUASSEM A ASSOLAR  
AQUELAS TERRAS. TINHA ORGULHO DE CADA UM DOS  
FILHOS E ACREDITAVA NA CAPACIDADE E NA ENTREGA  
DELES AO GRANDE PLANO. E FOI ALI, SOBRE UM  
PEQUENO MONTE DE TERRA INFÉRTIL, QUE UMA  
RAJADA DE VENTO LHE ENVOLVEU O CORPO,  
REVESTIDO PELAS ROUPAS VELHAS E ESBURACADAS  
QUE O DONO DA ESTREBARIA ROUBARA DE UM MORTO.

ndando a passos curtos, Anny se dirigia ao cemitério de Santos. Não costumava ir muito ao local, pois sempre tivera o hábito de conversar com os anjos, independentemente de onde repousassem.

Assim como as borboletas, ela acreditava seriamente que suas almas estavam livres. Porém, naquele dia, após receber o livro do velho poeta junto com a carta escrita por Benjamin, sentiu vontade de visitar o túmulo de seu marido, Túlio, do qual sentia muitas saudades, e tinha certeza de que era um dos muitos anjos que a acompanhavam, à distância.

Como já não era muito ágil, Anny caminhou lentamente, apreciando a paisagem e a brisa fresca do mar, que a rodeava. Chegou ao conhecido cemitério e foi diretamente para o local em que Túlio estava.

Com enorme carinho, Anny abaixou-se e olhou para aquele cantinho do mundo que guardava um de seus muitos tesouros. Alguém especial que amava e sabia que encontraria na eternidade.

Com um sorriso, por estar se sentindo tão perto dele, Anny sussurrou:

– Túlio, meu bem, quantos momentos lindos nós vivemos juntos. Tivemos até uma linda filha, Brenda. E, embora ela tenha optado por partir, fez de mim uma pessoa muito mais feliz. Você sempre foi e sempre será o grande amor da minha vida. Junto de você, vivi um amor diferente de todos os outros que eu conhecia. Não foi apenas um amor fraterno, mas um amor carregado de paixão e de uma intensidade que só nós sabemos descrever, pois apenas nós tivemos a sorte de vivê-lo. Sou grata, todos os dias, por ter tido décadas de vida ao seu lado. Você partiu na frente, mas, como um anjo me disse em um sonho quadriculado, apenas para iluminar o caminho para que eu não me perdesse quando chegasse a hora de segui-lo. Eu sei que essa hora está chegando. Justamente por isso, vim aqui hoje responder à história que uma vez você me contou.

Respirando fundo e agarrando-se a todas as emoções do mundo, Anny continuou:

– Foi no dia em que você se declarou para mim. No dia em que me beijou pela primeira vez. No dia em que eu soube que seria sua para sempre e que nós seríamos uma família. Naquele dia, você me contou uma história que havia inventado, sobre ter-se a coragem de amar. Foi uma linda história e eu entendi que ela era real, de muitas formas. Com muito carinho, nós a chamamos de “A estrela do mar sem fim”. Estou aqui, pois andei muito

pensativa nos últimos dias. Completei recentemente oitenta anos e me sinto muito sozinha.

Sei que testemunhei diversos milagres em minhas décadas de vida, mas também sofri diversas perdas. Então, durante meus devaneios e em meio às lembranças, que dançam feito borboletas ao meu redor, inventei uma história. Um conto. Uma lenda. Como você quiser chamar. Quero contá-la a você, como uma resposta, que está vindo anos depois, à história que você me contou naquele dia, junto ao mar. Eu pensei, meu bem, que essa seria uma forma poética de lhe dizer “até logo, estou indo até você”. É o fim de um ciclo, que você iniciou justamente com uma lenda sobre o mar, o amor e tudo o mais que é imortal. Achei poético encerrar este ciclo com uma nova lenda sobre os mistérios da vida, do amor e de todos os sentimentos que nos tornam humanos, os bons e os ruins. Nós nos veremos em breve, meu Túlio. Eu seguirei o caminho que você trilhou na frente para iluminar e o encontrarei ao virar a primeira curva.

## **UMA HISTÓRIA CONTADA POR ANNY NO LOCAL EM QUE TÚLIO REPOUSAVA ENQUANTO SUA ALMA DANÇAVA LIVRE FEITO BORBOLETA**

A garoa fina da manhã já não mais beijava a pele, assim como as nuvens dispersavam-se e partiam, abrindo caminho, após agitarem-se como em uma desajeitada reverência para os raios do sol, que agora se desprendiam e cortavam o céu, tal qual grossas camadas de uma cortina de bênçãos naquela tarde violácea.

O cenário, que resplandecia aos olhos das centenas de pessoas presentes, nada tinha de abençoado, contudo – assim pensava o rei Kal, disfarçado entre a multidão de espectadores.

Vindo de terras longínquas para tratar de negócios, o soberano sentiu um misto de compaixão e curiosidade ao ser informado sobre o que ocorreria naquelas terras assim que a garoa se fosse. Pensando ser inoportuno desconfiarem de sua demora, mais longa que o necessário, e aproveitando-se do fato de que os cidadãos não sabiam quem ele era – e de que os únicos capazes de reconhecê-lo estariam ocupados –, o rei Kal passou em uma estrebaria, ainda confuso com o próprio impulso de ali permanecer para

assistir ao espetáculo – como assim nomearam o que iria acontecer –, onde encontrou um velho desnutrido e sem forças, sentado em um canto.

Os olhos do homem, que fitavam perdidos um lugar qualquer, carregavam um peso profundo, como se a dor de uma vida inteira lá se alojasse, roubando-lhe os últimos suspiros de vida.

Kal não costumava ostentar joias nem riquezas. Entretanto, para andar no meio do povo e presenciar o espetáculo que sucederia a garoa, teria de se vestir de forma ainda mais singela.

– Vejo que as roupas que veste estão demasiadamente folgadas, nobre trabalhador.

O dono da estrebaria não se deu ao trabalho de fitar quem ali entrava e dirigia-lhe a palavra sem receios. O rei, por sua vez, em nada se abalou. Não era de seu agrado ser tratado pomposamente ou de forma privilegiada, como se sua posição monárquica lhe atribuísse a condição de ser melhor que qualquer cidadão. Ele era um *igual*, como dizia aos próprios súditos e aos filhos, educando-os para agirem da mesma forma. Não desafiou o homem, quando pareceu ignorar suas palavras soberanas.

Para seu espanto, contudo, enquanto fitava o triste, pequeno e imundo estabelecimento – cujo telhado de madeira parecia resistir apenas por bravura sobre suas cabeças, uma vez que as finas e espaçadas telhas nada tinham para se sustentar –, o velho homem moribundo pronunciou poucas e cansadas palavras, que contaminaram o local com o hálito da desesperança. Ele continuou sem levantar o olhar na direção de Kal, ao falar:

– As roupas não são minhas. Encontrei-as em um corpo abandonado na estrada, meses atrás. O morto era mais bem alimentado que eu, como pode perceber.

Kal agitou-se, sentindo incômodo e pesar ao ouvir aquelas palavras desafortunadas.

– Então, hoje é seu dia de sorte – pronunciou, tentando camuflar o desconforto –, pois quero suas vestes para mim.

– Não será possível. O frio não tardará a chegar. Rogo-lhe, senhor, que não me obrigue a dar-lhe o pouco que possuo.

– Não se trata de um roubo, fiel trabalhador, não estou a lhe ameaçar. Gostaria de trocar de vestes com o senhor.

Pela primeira vez, o dono da estrebaria fitou o recém-chegado a seu estabelecimento, sem ter a mais ínfima ideia de que estava diante de um rei

de terras longínquas. Apesar de Kal não trajar tecidos finos, dignos de um monarca, ainda assim, suas vestes eram benfeitas e alinhadas.

– Não compreendo – disse com sua voz fraca. – Suas vestes são infinitamente melhores que as minhas. Por qual motivo iria querer trapos velhos como os que visto?

Tendo Kal ignorado a pergunta, o velho moribundo soltou com pesar o ar de seus pulmões, demonstrando falta de vontade até para respirar.

– São tempos sem sorte estes que vivemos, bondoso senhor – o dono da estrebaria disse, levantando-se de seu canto com dificuldade. – Perdoe-me, não voltarei a questionar sua bondade. Por meio da venda de suas vestes, posso garantir comida para um mês inteiro.

– E o que irá vestir, se assim proceder? Como o senhor disse, o frio não tardará a chegar.

– Encontrarei trapos velhos e usados pela estrada, mais uma vez. Tendo comida, posso, finalmente, garantir passos mais vigorosos em minha busca – assegurou, demonstrando pela primeira vez uma rajada de vida em seus olhos.

*Esperança* que vinha da possibilidade de ter comida para o próximo mês, ainda que voltasse para a mais degradante fome ao final. *Esperança* que vinha da possibilidade de reunir forças para andar por estradas assoladas por ladrões e desventuras, em busca de trapos surrados, vestidos por defuntos ainda não saqueados, para aquecer-se do frio que se aproximava.

Após trocarem as vestimentas, Kal deixou cinco moedas nas mãos estendidas e trêmulas do dono da estrebaria, que se deixou cair no chão, chorando de felicidade perante a bondade injustificada daquele desconhecido. Sem uma palavra mais, despediram-se.

Enquanto marchava para o gramado sem cor em que o espetáculo aconteceria, a imagem do dono da estrebaria o acompanhou, dando-lhe, a cada passo, a certeza do quanto agira certo em realizar aquela curta viagem.

Tanta miséria, desgraça, infelicidade e dor inundaram sua vista e sufocaram seu coração desde que chegara. Era o momento de colocar seu projeto em ação. Os nove filhos concordavam com ele de bom grado, e muito ansiavam pela jornada que os aguardava.

Estava tudo certo. Em breve, cada um de seus nove preciosos tesouros estaria à solta pelas aldeias, cumprindo o plano que traçaram e elaboraram

por anos. Nada daria errado. Ele tinha esperança.

Esperança tal qual vira nos olhos do dono da estrebaria e de cada criança, homem e mulher que ainda vagava por aquelas terras. Esperança que agora via nos olhos resignados daqueles que eram escoltados perante sua visão.

O espetáculo estava prestes a começar. No interior do cercado, ao redor do qual a população se encontrava, desejosa de assistir ao que se sucederia, guardas escoltavam alguns pobres cidadãos que, a passos desanimados, dirigiam-se a seus destinos.

Quando, mais cedo, soube do que ocorreria, Kal questionara as motivações, e tudo o que recebeu como resposta foi que aquelas pessoas, de alguma forma, foram contra o sistema, a ordem e a crença, por meio de ideias e atitudes que, se propagadas, poderiam influenciar os demais a se rebelar.

– Que tipo de ideias? – Kal questionou.

– Que nosso mundo não é o centro do universo, que existe vida em outros mundos ou planos, ou a abominável ideia de que a vida continua após a morte. Um desses homens terríveis ousou dizer em praça pública que aqueles que agora pecavam teriam a chance de reparar seus erros durante a eternidade. Então, pergunto, se assim fosse, eu não deveria preocupar-me com meus pecados, já que teria inúmeras chances de me redimir e ser perdoado, certo?

– De fato – o rei Kal respondeu, entregue a pensamentos profundos.

– Não passam de feiticeiros, arruaceiros e rebeldes.

Agora, Kal os fitava, escoltados pelo campo, frente à população que esperava por suas execuções. Ele não compreendia ao certo o que tudo aquilo significava. A brutalidade do que estava para acontecer não lhe era conhecida e fazia seu coração chorar rios de lágrimas, que lhe afogavam a alma ferida.

O único consolo que encontrou ao ver os pobres condenados terem seus corpos amarrados em postes de madeira no centro do campo foi que, de certo, eles acreditavam naquilo que defendiam, uma vez que estavam dispostos a morrer por crenças e ideais proibidos.

Sendo assim, apesar da dor da carne, aquelas almas nada temiam, pois criam que o fim simplesmente não existia e que uma nova vida os esperava. Uma vida na qual seriam, finalmente, livres.



Quando todos os condenados estavam amarrados em seus respectivos postes de madeira, os guardas trouxeram tochas com fogo e incendiaram longos e secos gravetos dispostos aos seus pés. A multidão gritou em aprovação e aproveitou para jogar pedras naqueles que consideravam pecadores.

Dentre os sentenciados, que totalizavam cerca de uma dúzia de pessoas, havia velhos, jovens, homens e mulheres. Em comum, todos se revestiam de resignação e pareciam consolar-se pelas motivações individuais. Contudo, nenhum deles conseguiu sufocar os gritos ao ter as peles tostadas e desprendidas, e a dor, que ultrapassava qualquer compreensão, como última companheira nos suspiros finais e agonizantes da vida. Ou *desta* vida, como alguns deles diriam.

Os espectadores permaneceram ao redor da execução dos condenados, até quando já não havia vida restante, e demoraram-se vendo e aplaudindo a última chama que lhes devorava os corpos.

Kal afastou-se da multidão, fitando o horizonte e permitindo que pensamentos diversos o invadissem. Sim. Era hora de agir.

Seu plano poderia evitar que tanta dor e tamanha injustiça continuassem a assolar aquelas terras. Tinha orgulho de cada um dos filhos e acreditava na capacidade e na entrega de cada um deles ao grande plano.

E ali, sobre um pequeno monte de terra infértil, uma rajada de vento lhe envolveu o corpo, revestido pelas roupas velhas e esburacadas que o dono da estrebaria roubara de um morto. Não foi um vento qualquer. Não um vento que qualquer pessoa daquela multidão poderia reconhecer.

Ele, sim, reconheceu. Sentiu o hálito e o sopro de vida da amada esposa naquele ar acolhedor, distinguiu sua súplica e seu desespero, contidos na rajada de vento que ela lhe enviara, clamando por ajuda.

Assim que compreendeu a mensagem enviada pela rainha Katrina, Kal sentiu o mais profundo arrependimento de ter deixado o reino por alguns dias, acreditando ser sua a culpa pela tragédia que se abatera. Olhou mais uma vez para a multidão e para as chamas finais que corroíam os postes de madeira. Teria de regressar imediatamente para casa.

— Meus nove filhos... — ele disse, deixando que grossas lágrimas caíssem de seus olhos — ... sequestrados.

Mesmo tendo estado diante do mais terrível espetáculo que se podia presenciar. Mesmo tendo visto tanta dor e sofrimento nos poucos dias

daquela viagem. E mesmo sabendo que seus nove amados e preciosos filhos haviam sido sequestrados e que sua amada Katrina desesperava-se longe de sua presença. Ainda assim, o rei Kal não perdera as esperanças.

Não apenas de que recuperaria os filhos, mas também de que, juntos, colocariam o plano em ação e trariam conforto para tantas vidas sofridas que vagavam pelo seu mundo.

*Esperança.* Ele quase sorriu entre as lágrimas.

Imediatamente, pôs-se a caminhar, pegando o caminho de volta para casa. E quando começou a se distanciar da multidão e do campo em que os sentenciados encontraram seu destino, ele sorriu.

Deixou-se sorrir. A garoa voltara. Ela não chegara a tempo, não fora capaz de impedir que o fogo realizasse sua tarefa. Contudo, sua presença, deslizando suavemente sobre a pele do monarca, fez com que ele tivesse ainda mais certeza de que não deveria, nem poderia, perder as esperanças.

Aquela garoa era como um pranto, um sinal de luto pelos que haviam morrido há pouco nos postes de madeira, mas também – como o rei bem sabia – um sinal de vida nova, conforto e alívio.

As tempestades podiam vir, assim como as mortes, as dores e os pesares. Porém, no fim do dia, uma doce garoa – que ele nem sabia se era real ou apenas um sincero devaneio – sempre viria, para coroar o céu com graça e para anunciar que nada, absolutamente nada, seria capaz de deter a chegada de dias melhores.

Ainda que parecesse tarde demais.



O rei Kal e a rainha Katrina eram o Amor. Eles existiam antes do próprio mundo, e tiveram nove filhos, que chamaram de Caridade, Perdão, Amizade, Justiça, Esperança, Fraternidade, Lealdade, União e Abnegação, os guardiões dos maiores tesouros da humanidade que ainda iria nascer. Os nove filhos do Amor eram parte de tudo, antes até da criação do mundo que conhecemos.

O que Kal não imaginava ao sair naquela viagem para resolver negócios, e em que se infiltrara no meio do povo para assistir à execução daqueles que ousavam ser fortes o suficiente para manter seus ideais intactos, era que tudo aquilo lhe custaria tão caro.

Ele se demorara, pois fizera questão de ver com os próprios olhos aquele absurdo, a execução de ideais e pensamentos em praça pública. O Amor desconhecia tamanha crueldade. Ver aquilo pessoalmente o tornaria mais forte e pronto para qualquer batalha. Porém, a mensagem que agora sua esposa enviara pelo vento dizia que seus filhos estavam desaparecidos.

Por muito tempo, os nove filhos do Amor foram feitos prisioneiros nas masmorras de um reino vizinho, que o irmão de Kal governava. Ele tinha uma única filha, de nome Inveja.

Usando feitiços inimagináveis, ela sequestrara os nove primos e os aprisionara, para depois, cansada de tê-los por perto, abandoná-los à própria sorte em um mundo novo que nascia no universo. O nosso mundo.

Kal e Katrina, tendo notícias do paradeiro dos nove filhos, vieram até nós. Diz a lenda que vivem disfarçados entre as pessoas, procurando seus filhos.

Os nove filhos do Amor, por sua vez, também estão entre nós, infiltrando-se e procurando uns aos outros, para se reunirem na eternidade. São eles que semeiam os bons sentimentos que nós herdamos.

Contudo, a Inveja trouxe uma legião de seguidores mal-intencionados, que também se camuflou e vive por aqui, procurando os prisioneiros que ela jamais devia ter libertado.

Assim, esta lenda é sobre como um mesmo mundo pode ter tanta beleza e também tanta dor, tantas alegrias e tantas tristezas vivendo entre nós.

E, acima de tudo, esta lenda é sobre como não devemos perder a esperança, até que os bons sentimentos estejam todos reunidos. Assim como o Amor jamais deixará de acreditar que verá todos os filhos reunidos, formando uma grande família, que sobreviverá além do tempo e do próprio mundo.

**ASSIM SE ENCERRA A HISTÓRIA CONTADA POR ANNY  
NO LOCAL EM QUE TÚLIO REPOUSAVA ENQUANTO  
SUA ALMA DANÇAVA LIVRE FEITO BORBOLETA.**







# SEU CORAÇÃO ESTÁ ONDE ESTÃO AQUELES QUE VOCÊ AMA

POR TRÁS DE TANTAS RUGAS E DE ANOS DE  
EXPERIÊNCIA, HAVIA AINDA UMA PEQUENA  
GAROTINHA, QUE GOSTAVA DE PANQUECAS E DAS  
MANHÃS DE SÁBADO, E CUJO MAIOR SONHO ERA ESTAR  
PERTO DAQUELES QUE AMAVA.

pós receber a carta de Benjamin, Anny tomara uma decisão. Ela viajaria **A** para a Inglaterra. Inclusive, havia ido ao local em que o marido Túlio repousava para obter a coragem que precisava para dar os próximos passos. Eles exigiriam muito dela.

Era chegada a hora de rever o terreno em que se erguera imponente a Casa Grande, assim como os velhos canteiros que um dia ela trouxera de volta à vida, na Inglaterra.

Anny decidira que sua próxima grande aventura seria ir para casa. Já que agora a solidão era seu maior desafio, aquele era o local em que ela não se sentiria sozinha, pois era seu eterno cantinho preferido no mundo, em que todos os anjos se escondiam. Eles lhe fariam companhia.

Com o coração carregado de sentimentos conflitantes, Anny despediu-se de Santos. Em primeiro lugar, da casinha em que vivia na praia, e que fora o lar de Miguel; e também dos canteiros que ali construía para se lembrar dos da Inglaterra, nos quais um dia vira crescer dentes-de-leão trazidos por anjos, que certamente ainda voavam soltos ao vento.

Ela fez uma pequena mala com poucos pertences, e arrumou um lugar especial para o Xadrez de Cristal e a ovelhinha Tiara, que a acompanharam durante tantas décadas. Então, Anny saiu de casa e foi caminhando junto ao mar.

Lembrou-se de como sonhara um dia conhecer o infinito azul e de qual foi a sensação de realizar aquele sonho, junto da irmã, há muitos anos, chegando ao Brasil.

Anny se lembrou de como compreendera que aquela linha tênue no horizonte era o encontro perfeito do céu e do mar. Uma linha que parecia estreita, mas que se tornava infinita, como todos os efêmeros e eternos instantes que se vive. O mar trazia tantas lembranças de sua vida. Lembranças até daquilo que ela não vivera.

O avô Breno, o anjo artesão. O filho Miguel, o anjo das artes. A filha Brenda, um anjo que decidira bater suas asas para longe, e que era a grande pergunta não respondida de sua vida. Túlio, o anjo que a beijara de uma forma nova, de frente para o mar, e mudara sua vida para sempre.

O mar os trazia para perto, mesmo os que estavam mais distantes, em recordações lá no fundo de sua alma, mas não menos importantes. Eles também a haviam feito como era. Hermes, Benjamin e Josephine; Frank,



Bety Lou, Angel, Pepeu e Nicole; Desiré, seu irmão George e sua cadelinha Nina, o pássaro Roxie. E, por que não dizer, o Sábio Bispo? Todos estavam dentro dela, e as lembranças vinham feito ondas.

Caminhando um pouco mais, Anny foi se despedindo das ruas de Santos, que tanto amava. A pracinha, onde costumava jogar xadrez com os amigos excêntricos. O Balé de Santos, que fora parte significativa de sua vida e palco de muitas de suas realizações como pessoa e artista, e que também palco da realização de um dos grandes sonhos de Miguel.

Por fim, chegou à antiga casa de sua família. Seu primeiro lar no Brasil, onde encontrara a irmã Mariza e avó Dayse, pela primeira vez, sendo recebida de braços abertos por ambas.

Anny caminhou por aqueles cômodos e, depois, foi até os fundos. O quartinho especial do avô Breno, para sua surpresa, estava com a porta aberta.



Gentilmente, Anny empurrou a porta destrancada com seus dedos finos e entrou no quartinho, com cautela. Não sabia o que esperar.

A única vez em que estivera naquele local fora há muitos anos, logo após chegar ao Brasil e ficar sabendo de toda a história e dos mistérios do avô Breno, narrados por Mariza, diante do mar.

Após aquele dia, em que encontraram a escultura de madeira do garotinho na cadeira de rodas e do instrumento de sopro, que, anos depois, ela descobriu tratar-se de Miguel, Anny e Mariza combinaram não voltar a entrar ali. Era como um santuário do anjo artesão, no qual haviam entrado apenas quando ele deixara claro que queria que assim procedessem.

Como o artesão nunca mais enviara qualquer tipo de mensagem misteriosa, o quartinho permaneceu intacto, como sempre fora. O refúgio em que um anjo poderia trabalhar em paz.

Agora, voltando a explorar aquele local para se despedir de tudo que representava em sua vida, Anny sentia-se apreensiva, mas também bastante curiosa para saber o que a aguardaria por trás daquela porta de madeira.

Dessa vez, para sua surpresa, ele estava bastante empoeirado, como se ninguém entrasse ali há muito tempo. A escultura de madeira havia sumido, tão misteriosamente como surgira.

O quartinho do avô Breno estava completamente vazio, não fosse por uma mulher parada em um canto, de costas para Anny.

– Mariza? – Anny indagou, aproximando-se da irmã. – O que você faz aqui?

– Eu recebi seu recado – a irmã respondeu, ainda sem olhar para Anny. – Você vai para Inglaterra, não vai? É uma sábia decisão. Voltar para o local em que tudo começou, em que nós nascemos.

– Fico feliz por entender. De fato, preciso ir. Preciso ir atrás da minha grande amiga, Desiré, pois fiquei sabendo que ela tem algo importante para me contar. Porém, esse não é o único motivo pelo qual quero voltar. Há muito que desejo rever. Muitas coisas que tive de deixar para trás, quando saí do nosso país, Mariza. E sei que tudo estará lá, esperando por mim. Chegou a hora de ir para casa.

– Eu concordo – Mariza falou.

Então, ela se virou e encarou a irmã pela primeira vez, naquela tarde. Anny reparou que Mariza tinha lágrimas nos olhos quando disse:

– Se você permitir, eu vou com você.



– Permitir? – Anny estava surpresa e emocionada. – Eu não tenho de permitir. Você é mais do que bem-vinda para me acompanhar. Lá é sua casa também, mesmo que você não se recorde, pois foi trazida muito pequena.

– Justamente por isso, sinto que devo ir. Quero conhecer o local em que nasci.

– Mariza, será ótimo! Seremos como o velho poeta e seu irmão Benjamin, saindo para uma grande aventura juntas!

– Velho poeta? Benjamin?

– São queridos amigos.

Mariza parecia um pouco envergonhada, e Anny não sabia bem o motivo.

– Estou muito feliz por você ter decidido vir comigo. Nunca imaginei que isso fosse acontecer.

– Nem eu – Mariza respondeu, agora fitando os próprios pés. – Para ser sincera, foi a oportunidade perfeita que eu encontrei para tentar entrar em sua vida novamente.

– Como assim?

– Você sabe o quanto a morte do vovô Breno foi custosa para mim, o quanto fiquei desesperada e não soube lidar com a perda. Porém, logo você chegou e me ajudou muito. Você, minha irmã, trouxe uma nova alegria para minha vida. E então, perder também a vovó foi o golpe final. Acho que você entende que certas dores não podem ser mensuradas. Certos vazios nunca são preenchidos. É como se eu tivesse vários deles – Mariza desabafou. – Provavelmente, por não ter conhecido os nossos pais. Cindy e Jefferson são apenas nomes para mim. E também por ter crescido longe de você, a irmã que ficou para trás. É como se eu tivesse feridas que nunca cicatrizam – respirando fundo, ela continuou. – Portanto, eu não soube lidar com tantas perdas ao longo da vida. Afastar-me de tudo foi a forma que encontrei para lidar com as dores, apesar de não haver lógica nenhuma nisso.

– Mariza, cada um lida com a dor e com os vazios da forma que pode.

– Eu sei, Anny, mas na busca por sofrer menos, acabei sofrendo mais. Eu me isolei de tudo aquilo que tinha algum significado para mim. Você era a única família que me restava, e eu já não conseguia encará-la.

– Aquele tempo, curto, que você passou junto de mim e Miguel prova que estava tentando encontrar o caminho de volta – Anny disse.

– Ainda assim, não voltei completamente. Era como se, com o tempo, a vida tivesse me tornado amarga. Eu não podia ter deixado isso acontecer. Foi um erro meu e me sinto tão fraca por isso...

– Você não é fraca. Nem um pouco. Você é muito forte, Mariza. Encontrou sua forma de lidar com os problemas, mas agora está de volta. Isso é ser uma verdadeira guerreira, uma real jogadora de xadrez, como nosso pai diria.

Mariza sorriu com aquelas palavras. De fato, estava precisando ouvi-las.

– Venha – Anny falou, estendendo-lhe a mão. – Nunca mais vamos nos afastar. É chegada a hora de irmos para casa. Juntas.



Seu coração está onde estão aqueles que você ama.

Certa vez, Anny ouvira essas palavras de alguém muito sábio. Alguém que entendia muito sobre a vida e além dela. Seu coração, pequeno e frágil,

mas também, como muitos diriam, uma fortaleza, estava em muitos lugares. Ele tinha diversos lares, pois muitas eram as pessoas que ela amava e que haviam feito sua vida tão especial.

E seu coração tinha outras casas, como os canteiros floridos dos quais ela cuidava, o palco do balé, as pracinhas de Santos, o mar azul. Assim como a Inglaterra. A Casa Grande, que agora era apenas um terreno abandonado, e – por que não dizer? – a velha e pequena casa em que ela viveu com Jane e Hermes. Apesar de ter sido um local em que muito sofreu, foi também um lugar que a tornou forte e que trouxe anjos maravilhosos para sua vida. Anjos que haviam surgido quando ela menos esperava, enquanto cuidava das flores do jardim ou jogava xadrez próximo delas.

Quando o táxi parou, Anny desceu do veículo de mãos dadas com a irmã. Finalmente, estava de volta àqueles cenários que seu coração reconhecia como lar. Ela sorriu satisfeita por ter certeza de que cada linha de sua vida havia valido a pena, e que aquele era apenas o começo.

A vida era infinita e ela estava pronta para embarcar na próxima aventura. Sentia-se preparada para continuar a jogar aquela partida infinita de xadrez, que era a existência.

E fora ali, naquele cantinho do mundo, no interior da Inglaterra, para o qual agora ela retornava após tanto tempo, que ela conhecera o jogo de xadrez. Havia sido por meio de seu rei. E fora também ali que ela sonhara pela primeira vez com o reino quadriculado, branco e preto, no qual sua alma era o único pontinho colorido que se destacava em uma infinidade de xadrez; no qual sua alma voava livre, dançando ao vento como a borboleta.

Uma lágrima deslizou sobre sua face, agora tão enrugada. Por trás de tantas rugas e de anos de experiência, havia ainda uma pequena garotinha, que gostava de panquecas e das manhãs de sábado, e cujo maior sonho era estar perto daqueles que amava.

Anny respirou fundo e, junto de Mariza, entrou na antiga casa em que vivera quando criança com o senhor Hermes e a senhora Jane.



A sala pequena e escura, repleta de móveis velhos, estava como Anny se lembrava. Assim como tudo naquela pequena casa, tão fria, tão solitária, que guardava segredos e aprendizados.

Por alguns instantes, ela observou os velhos sofás, nos quais não podia se sentar, mas que haviam sido o palco quando ouvira a história do velho poeta. O mesmo sofá em que a senhora Jane descarregara toda sua fúria nela, com a cinta, ferindo-a profundamente. Certas cicatrizes nunca haviam desaparecido por completo.

Agora, ela estava ali. Vencera na vida. Era bom estar de volta e olhar para tudo aquilo com a certeza de que cada instante vivido fora fundamental para torná-la quem era. Uma pessoa que vivera muito, que tinha felicidades e tristezas como qualquer outra, e que podia dizer que compreendia muito bem alguns dos maiores segredos da vida.

Chegou, então, em seu velho quartinho e debruçou-se no parapeito da janela. Como a Casa Grande há muito deixara de existir, por causa do incêndio, Anny observou o terreno. Fechou os olhos por um momento, fingindo que sua casa ainda estava lá, ao alcance de sua visão.

Estar na casa de Jane e Hermes já era difícil o suficiente. Ela não sabia se teria coragem de pisar no terreno da Casa Grande. Talvez apenas o contemplaria da janela e permaneceria para sempre aquilo que realmente era, uma reminiscência que dançava ao redor de sua mente feito borboleta.

Percebendo que Mariza entrara no cômodo, Anny virou-se para ela, que disse:

– Este devia ser o seu quarto.

– Sim. É estranho pensar que está tudo do mesmo jeito que eu deixei tantos anos atrás. Até minha pequena manta vermelha continua sobre a cama.

– Isso quer dizer que ninguém morou aqui, desde que você partiu?

– Não. Eu não diria isso. Alguém esteve aqui, sim – Anny disse, observando o quartinho com atenção. – Apesar de estar tudo como deixei, há pequenos detalhes que me dizem que alguém esteve aqui, mas não quis deixar rastros. Então, tomou conta para que tudo permanecesse igual.

– Estranho – falou Mariza.

– Sim. Mais um dos nossos mistérios, não é?

Elas sorriram uma para a outra, sentindo a força e a beleza daquele momento e de estarem juntas onde estavam. Foram, então, interrompidas pelo som de uma batida na porta da sala, que ecoou por toda a pequena casa.

Alguém sabia que estavam ali.



Quando Anny abriu a porta, não pôde acreditar no que seus olhos revelavam. Desiré, agora uma senhora franzina e de cabelos brancos que iam até os ombros, sorria para ela, enquanto permanecia de braços dados com o irmão, George, do qual Anny se lembrava muito bem.

Desiré desvencilhou-se do irmão e abriu os braços, para que a amiga a acolhesse. Naquele abraço, Anny sentiu o peso de toda a saudade que tinha daquela amiga, tão querida. Sua companheira de dança, de conversas no jardim; a amiga que lhe ensinara a ver o mundo como ele deve ser visto.

A saudade de Desiré sempre doeu, mas, de alguma forma, Anny pôde jurar que ao abraçá-la sentiu como se nunca tivessem passado um minuto separadas. Nada havia mudado. O amor e a amizade permaneciam, pois eram verdadeiros.

Após longos instantes matando as saudades da amiga querida, Anny a apresentou a Mariza. Desiré deslizou suas suaves mãos sobre o rosto da irmã de Anny, para realmente conhecê-la. Ao final, ela disse, com um sorriso:

– Você é linda!

Mariza, que há muito tempo aprendera a acreditar em anjos, estava certa de estar na frente de um deles. Em seguida, os quatro amigos sentaram-se no sofá de Hermes. Tinham muito o que conversar.

Como Desiré não fazia menção ao segredo que tinha para contar, Anny não aguentou e, a certa altura da conversa, arriscou:

– Fiquei sabendo, por uma fonte muito segura, que você tem uma grande resposta para mim, Desiré. O que é?

Pega de surpresa, Desiré demorou instantes para responder. Por fim, disse:

– Minha amiga, existe algo que você precisa saber, de fato. A resposta está aqui, nesta casa, mas não me cabe entregá-la a você. Por isso, decidi não escrever contando o que constatei, nem que eu havia voltado. Vamos aguardar. Em breve, você saberá de tudo.

– Dê-me alguma pista. Do que se trata?

– Aguarde e confie – Desiré disse. – Tenho certeza de que não demorará.

Tentando manter a calma, Anny e a irmã Mariza contaram tudo sobre o Brasil para George e Desiré. Eles, por sua vez, falaram sobre as diversas viagens que fizeram junto de seus pais.

Anny falou sobre o balé, sobre os jardins que construía, sobre o encontro com o mar, sobre a querida avó Dayse, o filho Miguel e vários outros assuntos. Os quatro passaram horas divertidas e bastante sentimentais juntos e, para concluir aquele dia de reencontros, Anny e Desiré dançaram juntas na sala, como nos velhos tempos.

Anny tomou até o cuidado de vendar os olhos. Ambas dançavam mais lentamente, mas ainda assim eram grandes artistas e se orgulhavam de poder dizer que dançaram a vida toda.

Desiré e George foram para a casa ao lado, na promessa de voltarem no dia seguinte para visitar Anny e Mariza, que ficariam no local por mais alguns dias.

Quando a noite chegou, Anny foi até seu velho quartinho e se deitou na pequena cama, cobrindo-se com a manta vermelha, que era fina e curta demais, mas que trazia todo o conforto e a nostalgia de um passado junto de si. Anny se enrolou naquela manta e sentiu-se abraçada por uma vida inteira.

Exausta, caiu no sono e foi logo transportada para um reino todo quadriculado, no qual era rainha.



No dia seguinte, ao acordar, Anny ajeitou a manta vermelha sobre a cama e colocou Tiara em seu topo, como costumava fazer. Também montou o tabuleiro do Xadrez de Cristal com as peças nas posições exatas e o colocou ao lado da cama. Tudo estava onde deveria estar. Sempre estivera.

Em seguida, saiu para os fundos da casa para encontrar suas velhas companheiras, as flores que um dia trouxera de volta à vida. Surpreendendo-a, como se fossem uma magia da vida, as flores continuavam ali.

Não todas, é claro. E não exatamente da forma como ela se lembrava de tê-las deixado, mas muitas haviam permanecido. Os canteiros estavam vivos, floridos e bonitos. Havia sobrevivido a muitos invernos, como ela tinha fé que o fariam.

Ela sabia que parte disso se devia ao próprio esforço que empenhara para trazer vida àquele local. Um amor tão grande fora suficiente para que os canteiros nunca mais morressem.

Contudo, ao observar com atenção, percebeu uma porção de terra revolvida por entre as flores e sinais de que algumas plantas novas haviam sido plantadas. Esse detalhe, somado aos demais que notara no interior da casa, confirmou que alguém estivera no local recentemente.

Agora, ela tinha certeza de que havia ali algum morador misterioso e que isso tinha algo a ver com o grande segredo que Desiré estava guardando, a grande resposta. Anny tinha uma ligeira ideia de quem se tratava, mas preferia esperar o momento certo para descobrir.

Assim como as respostas sobre o avô Breno vieram na hora certa, além do reencontro com Desiré, os esclarecimentos sobre o que acontecera com o velho poeta, sua amada e seu irmão, ela sabia que na hora certa a chave sobre o mistério daquele morador de sua antiga casinha também apareceria.

Anny continuou a cuidar das flores, como fazia antigamente e, sem que se desse conta, estava murmurando uma velha canção. Aquele lugar lhe trazia ainda mais lembranças do passado.

A suave canção percorria o vento e chegava até os corações que estavam distantes dela, mas que também eram seu lar.

“... quando a neve se for, vou lembrar de você... faça chuva ou sol, vou sorrir ao pensar, que a levo em meu coração...”

Os dias foram se passando. Anny e Mariza estavam felizes, passando um tempo naquele local, que dizia muito sobre a origem de ambas e da família. Elas conversavam sobre o passado mais que nunca, e passavam bastante tempo juntas, como se recuperassem o tempo em que estiveram afastadas.

Desiré e George vinham visitá-las sempre que possível, e eles passavam horas agradáveis conversando, comendo panquecas, tomando chá ou jogando xadrez.

Entretanto, com o passar dos dias, nenhuma resposta chegava, e o coração de Anny não se acalmava, ansiando por algo que lhe fora prometido. Enquanto aguardava, certo dia, Desiré lhe fez um convite especial:



– Minha querida Anny, tenho um compromisso esta tarde e acho que seria do seu interesse. Você é a pessoa mais especial que eu conheço e trata-se justamente de um local em que muitas pessoas especiais se reúnem, para falar de sonhos. Gostaria de convidá-la para ir até este lugar comigo.

Sem questionar, Anny aceitou o convite da amiga, sabendo que realmente algo mágico e inusitado iria acontecer.



Naquela tarde, ambas foram ao local que Desiré frequentava semanalmente. Era uma reunião para pessoas que, assim como ela, percebiam o mundo apenas com o toque das mãos e com os sentimentos. Reuniam-se para falar, sobretudo, a respeito de sonhos, algo sobre o qual Anny muito entendia. Ela ficou impressionada com os relatos que ouviu de sonhos tão especiais, que faziam com que aquelas pessoas fossem livres.

Quando voltou para casa, Anny registrou tudo em cartas, como se fossem contos, dobrou-as e as colocou no parapeito da janela, como costumava fazer em Santos com as cartas destinadas a Pepeu.

Não foi surpresa alguma constatar que elas haviam desaparecido durante a noite, tendo sido carregadas por um anjo de boina, que tocava gaita e que adorava ler tudo o que Anny escrevia para ele. Certamente, o anjo estava muito feliz de revê-la no local em que haviam jogado xadrez pela primeira vez.

Nas páginas recolhidas por ele durante aquela madrugada mágica, havia contos escritos por Anny sobre o que testemunhara na reunião em que ela descrevia detalhes, tentando usar palavras iguais às das narrativas.

Os contos eram transcrições legítimas de tudo que ouvira. A seguir, uma cópia fiel das páginas que o anjo tocador de gaita recolheu do parapeito da janela.

*Contos de Libertação*

(POR ANNY)

## **Conto 1**

### **O cavalo branco**

– Boa tarde a todos. Como sabem, nossas reuniões ocorrem semanalmente e recebemos deficientes visuais de todos os bairros da cidade. Cada um é livre para falar o que desejar e se expressar como bem entender. Sou Maria Isabel e irei coordenar o grupo.

– Posso começar? – indagou um rapaz.

Pelo seu tom de voz, era possível dizer que aquele rapaz era tímido e há muito tempo não se abria. Havia também em sua voz uma necessidade imensa de dividir algo com as outras pessoas.

– Claro – Maria Isabel disse.

– Meu nome é Frederico – ele falou, ainda mais tímido –, e gostaria de falar sobre um sonho que tive na noite passada.

Todos voltaram suas atenções para o rapaz. Ele respirou profundamente, como se aquele momento fosse de autodescobrimento. Daí, falou:

– Eu estava em um vasto campo, com flores a perder de vista. Era como uma campina, sem fim. Extasiado com a beleza das delicadas e suaves plantas, andei em meio às flores. Eu contemplava, de olhos e peito abertos, as cores, as pétalas. Tudo aquilo que não vejo quando estou acordado, mas que sempre desejei ver. Então, trazendo ainda mais beleza à cena, um estonteante cavalo branco apareceu cavalgando. Ele corria em meio às flores. Sua crina longa, do mesmo tom das nuvens, balançava ao vento, trazendo-me uma paz que desconhecia. Somente quando o animal parou, pude perceber que, em meio à campina, um estreito riacho escorria, sem pressa, sem medo... Parecia-se comigo em meio a meu sonho. Aquele riacho era eu, de alguma forma: destemido, calmo, silencioso a contemplar a beleza das flores e a paz daquele lugar. Então, tive a impressão de que, talvez, aquele riacho não estivesse ali desde o início. Talvez ele tivesse surgido junto ao cavalo. E, ao contemplar o animal, extasiado com sua beleza, que me era desconhecida, meus sentimentos jorraram feito uma

nascente e transformaram-se no riacho, que passou a ser parte fundamental e permanente daquele sonho.

Frederico emitiu um prolongado suspiro. Ninguém na sala ousou interrompê-lo. Seu sonho era digno de todo silêncio. Assim, ele continuou:

– Para minha surpresa, o cavalo branco, que parecia um anjo em meu próprio paraíso, reclinou-se e, calmo, bebeu a refrescante água daquele riacho, que escorria de forma graciosa por entre as flores. Aproximei-me. Temor algum me pertencia. Eu nunca vi um cavalo – nasci deficiente visual. Também nunca havia tocado em um. E esse sonho trouxe-me duas maravilhosas sensações: eu contemplei o animal com a visão e, à beira do riacho, acariciei seu corpo pelo espaço de uma eternidade. Então, como em um momento mágico, o animal, branco feito as nuvens, abaixou-se ainda mais, de modo que eu pudesse subir em seu dorso. Assim o fiz, sem pestanejar.

Com lágrimas a cobrir suas faces, o rapaz continuou a narrativa:

– E ele correu. Correu por entre as flores. Correu. Senti o vento acompanhar-me pela campina e o sol a queimar-me a pele. As cores, o brilho, a leveza... Tudo aquilo me abraçou e fez-me sentir livre, como eu nunca havia experimentado. Eu estava revestido de liberdade: era eu em minha essência. Não era apenas pelo fato de a janela da visão ter sido aberta. Nós, meus companheiros de grupo, vemos o mundo de outra forma, mas sim, vemos. Então, percebi que me sentia livre por outra razão: aquele cavalo branco fez com que eu soubesse que estava vivo. Eu soube que estava vivo em meus sonhos, ou seja, em mim mesmo. Aquela campina, aquelas flores, aquele cavalo branco existem dentro de mim. São parte de mim. Percorremos porções de terras floridas sem fim... E não terão fim. Não deixarei que tenham. Neste instante, a qualquer hora, o cavalo continua a correr na campina infinita. E o riacho continua a murmurar pelo seu tímido trajeto. Eu sou capaz de enxergar as flores, meus amigos.

Após instantes em silêncio, ao final da descrição de Frederico, também entre lágrimas, Maria Isabel acrescentou:

– Quando sonhamos, somos livres.

Após outra pausa, indagou aos demais presentes na reunião:

– Quem será o próximo a falar?

## Conto 2

### O mar da gente é a gente que faz

Após o depoimento de Frederico sobre o cavalo branco e a campina de flores que trouxeram liberdade e cor à sua alma, mais alguém tomou coragem e admitiu:

– Eu também tenho sonhado. Na verdade, sonho desde sempre com a mesma coisa.

Maria Isabel, entusiasmada, disse:

– Minha querida, adoráramos ouvir sobre seu sonho recorrente. Primeiro, diga seu nome.

– Sou Dalila. Tenho oito anos e nasci assim, com os olhos fechados para o mundo, exceto em meus sonhos. Como vocês, sou capaz de ver tudo com as palmas das mãos. Embriago-me com cada novo odor. Mas o mais especial para mim é que, quando sonho, sou livre.

Emocionada, Maria Isabel pediu que a pequena e doce Dalila continuasse.

– Quando eu era muito pequena, meus pais me levaram para conhecer o mar. É claro que não poderia vê-lo, mas poderia sentir sua brisa, ouvir seus sons... Entretanto, isso foi há alguns anos e não tenho recordação do oceano. Eles apenas me contaram sobre a visita à praia. Eu não tenho lembranças sólidas, já que era muito pequena.

Todos ouviam com atenção a garota, que era a única criança a participar da reunião. Com a voz tomada por uma suave ternura infantil, ela prosseguiu:

– Sem que minha mente se recorde, meu coração o faz. Eu sonho, há muitos anos, com o mar. E sou capaz de vê-lo em meus sonhos. Quando acordo, continuo sentindo o cheiro do sal e o frescor dos ventos oceânicos.

– Como são os seus sonhos, minha querida? – perguntou Maria Isabel.

– É sempre um fim de tarde. A praia está deserta e a maré está baixa. Eu ando descalça pela areia molhada. *Meus olhos estão mais abertos que*

*nunca*. Então, chego perto da água e refresco meus pés. Sinto a alegria e a liberdade invadirem cada célula do meu corpo. Olho ao meu redor. Sinto que o mundo todo é a minha casa. Uma suave brisa me envolve. Fico instantes sem fim a contemplar as águas, e a balançar... seguindo o ritmo das ondas incessantes. Meu coração conhece aquele ritmo. Ele e o mar são velhos conhecidos. A dança das ondas produz uma música que me envolve nos braços da paz. As gaivotas chegam ao cenário e me fazem viajar, junto de suas asas. É como se, de alguma forma, eu pudesse voar. Então, o sonho vai chegando ao fim e sei que *é hora de fechar os olhos novamente: é hora de acordar*. Mas não fico triste. Sei que tudo está a me esperar nos sonhos e o mar vive em mim. As ondas, na verdade, são como minha alma: calmas, em um fim de tarde tranquilo. Elas estão ali para dar movimento e graça aos meus sonhos. Sei que sou assim para o mundo. Eu sou as ondas, eu sou o mar.

Espantada com a sabedoria da doce menina, Maria Isabel a cumprimentou pelo lindo relato, que preencheu de paz o coração de cada membro daquela reunião de deficientes visuais. Porém, o assunto não havia acabado. Antes que a coordenadora do grupo pudesse perguntar quem seria o próximo a falar, um jovem rapaz disse:

– Sou Jonatas e, assim como o Frederico e a Dalila, também sou livre em meus sonhos. Aproveitando o relato de nossa caçula, quando ela mencionou as gaivotas, lembrei-me de que, em meus sonhos, posso voar.

– Conte-nos mais – pediu Maria Isabel.

Com um sorriso no rosto, Jonatas continuou.

### **Conto 3**

#### **O voo das... algemas**

– Diferentemente dos outros do grupo, não nasci deficiente visual. Um acidente, hoje perdido nas linhas do passado, assim me fez. Após anos de fúria pela ausência da visão, hoje sinto que tudo teve um propósito maior em minha vida. Antes, eu era cego pelo orgulho, pela ganância e pelo preconceito. Agora, sou capaz de enxergar a vida como ela é. Não vou dizer que não tenho dias difíceis. Sim, eles ocorrem com certa frequência. Contudo, a alegria em certos momentos transborda em meu ser.

– Seja mais claro – pediu Maria Isabel.

– Hoje, os momentos simples me trazem alegria. Quando chega uma nova estação e eu aprecio seus diferentes aromas. Quando acaricio a pelagem do meu cão, quando ouço uma música. Tudo agora é diferente. Após o acidente, foi como se eu passasse a pertencer a um novo mundo. Nos momentos que sucederam o ocorrido, tive ódio de tudo. Parecia que o mundo havia apagado as luzes para mim. E, assim, apagado também a luz de minha existência. Porém, quando comecei a reencontrar minha própria luz, pouco a pouco, as janelas do mundo começaram a se reabrir para mim, colorindo minha vida. Hoje, aprendo com tudo que me cerca. Inclusive, com aquilo que temos de mais desafiador... Nossos sonhos.

– Você disse que sonha que está voando... – retomou a coordenadora do grupo.

– Exatamente. Entretanto, na época em que as luzes estavam apagadas em minha vida, ou seja, quando ainda sentia ira da minha nova condição, os sonhos não eram de libertação. Eram exatamente o contrário.

Apreensivos, todos do grupo ouviam o relato de Jonatas. Ele respirou profundamente, tomando coragem. Parecia estar fuçando lembranças gastas de anos passados. Fatos que tanto haviam lhe machucado e que, por essa razão, ele havia trancado em uma gaveta de sua mente, deixando que empoeirassem. Todavia, eles existiam, eram parte de seu ser, de alguma

forma. Parte de seu crescimento. Parte do “abrir de suas janelas para a vida”.

Ele enxugou uma gota de suor da testa e continuou:

– Antes de sonhar que posso voar, eu sonhava com... uma prisão. Mas não uma prisão qualquer. Era como uma espécie de prisão projetada por mim. Eu era o único prisioneiro. Nos sonhos, eu me via em uma cela, pequena e estreita. Não conseguia ficar em pé, por causa da baixa altura de suas paredes. Era angustiante. Do teto, desprendiam-se grossas e pesadas algemas de aço, que me apertavam os punhos, fazendo-me sangrar. Era sempre o mesmo sonho e, quando eu acordava, sentia-me prisioneiro de mim durante cada segundo do meu existir. Eu quase era capaz de sentir dor nos braços, em decorrência do peso das algemas de meus mais profundos pesadelos. Eles eram vivos. Eram reais. Mas, com o tempo, com minha aceitação e com a ajuda dos verdadeiros afetos, uma janela pequena e tímida surgiu nos meus sonhos, em uma das paredes de minha prisão. Eu consegui, lentamente, ver o céu escuro que se projetava lá fora. O sonho, então, foi se repetindo, e o céu clareando a cada dia. Era como se estivesse amanhecendo em meu interior. Eu pude, após muito tempo, ver novamente a luz do sol. Raios frágeis adentraram minha cela, aquecendo meu coração. Um dia, o mais belo sonho aconteceu: as duas algemas que me prendiam os punhos soltaram-se e transformaram-se em belas asas de águia. Foi mágico e lindo de se ver. O aço dissolveu-se, virando nada mais que belas e longas penas. No instante seguinte, a águia era eu. Pude sair pela janela da prisão, que já era bem maior que no início, e voar pelo céu azul-claro. Desde então, tenho sempre os mesmos sonhos. Eu sou a águia, com um par de olhos atentos a qualquer detalhe da vida, e com um par de asas capazes de me libertar de minha própria prisão. As luzes nunca mais se apagaram e meus sonhos nunca mais deixaram de ter cor, assim como minha vida.

– Você nos trouxe muitas lições hoje – disse Maria Isabel, entre lágrimas.

– Fico feliz em compartilhar – respondeu o rapaz. – Na verdade, a maior lição foi para mim. Eu, antes, acreditava que minha vida não teria sentido, pois tudo o que era importante não estaria mais ao alcance de meus olhos. Mas estava errado. O que é essencial está cada vez mais claro para mim. Hoje, acordei e encontrei algo junto de meu travesseiro. Algo que eu trouxe de um sonho e que me provou que estou no caminho certo.



Ele estendeu o objeto até Maria Isabel e ela ficou maravilhada ao perceber que se tratava de uma linda pena.

Uma pena de águia.

## Conto 4

### A rosa da noite escura

“... andei por entre serpentes e espinhos naquela noite, como nas anteriores. Meu pé cortou-se em sangue. Seria um vermelho-vivo a colorir de forma assustadora o solo negro, mas a escuridão impedia-me de ver o sangue a jorrar; apenas podia senti-lo. Olhos fitavam-me como estrelas na noite escura. Guizos eriçavam-me os pelos. E os espinhos... estes dilaceravam-me.”



(Nota da Anny: o conto a seguir é baseado nas sensações descritas pelo próprio narrador.)

– Você está bem? Consegue nos ouvir? – alguém dizia ao longe.

Tudo girava, sem, contudo, sair do lugar.

– O que aconteceu? – ele perguntava. Mas não havia resposta.

O mundo parecia em silêncio ao seu redor. No entanto, ele podia sentir o tumulto que se formara.

Mas, os olhos. Os pares de olhos de serpentes o perseguiram. E ele não era capaz de fugir. Cruzava túneis incontáveis. Descia e subia degraus invisíveis de escadas sem fim.

A escuridão imperava. Ele podia enxergar. De forma inusitada, estava de olhos abertos e, justo agora, tudo que o envolvia eram trevas.

– O que significa tudo isso? Que lugar é este? – ele dizia entre sussurros desesperados.

Fechou novamente os olhos, estava na sala de reuniões dos deficientes visuais, caído no chão. As pessoas falavam com ele, que respondia. Mas ninguém o escutava.

Abriu os olhos e viu-se novamente preso dentro daquele pesadelo sem fim.

Andou sob o peso da escuridão por horas incontáveis. O solo pedregoso e forrado de espinhos e serpentes acompanhou-o por boa parte da jornada. Até que ele parou para tomar fôlego e viu que, ao longe, as pedras transformavam-se em areia. Era um deserto que agora se projetava à frente dos seus olhos.

Ele correu. Reuniu forças que não sabia possuir e chegou arrastando-se ao deserto. A suavidade daquele solo fez seus pés, feridos, estremecerem de satisfação. Revigorado, ele continuou a jornada e, após muito caminhar, contemplando apenas areia, um oásis surgiu em sua vista. Junto de um belo raio de sol. Tudo se fez claridade.

A luz revestiu seu corpo e fez doer seus olhos que, diferente de quando estava acordado, contemplavam tudo pela mágica da visão. Olhou para o lado e viu que não estava sozinho. Alguém caminhava junto dele. Ele soube, então, o que tudo aquilo significava.

Aquela pessoa esteve com ele desde o início de sua jornada pela noite escura. Ficou ao seu lado por entre as cobras e os espinhos, compartilhando sua dor. Foi a presença, antes oculta pela escuridão, daquela pessoa que lhe deu forças para continuar, para dar cada novo passo.

Ele havia alcançado o sol. E sua luz dera-lhe o privilégio de contemplar aquela moça... que estivera como um anjo a levá-lo adiante pelo caminho.

As mãos, que estiveram lado a lado na escuridão, entrelaçaram-se sob a luz do sol. Eles marcharam juntos em direção ao oásis. Aproximando-se, porém, puderam perceber que não se tratava exatamente de um oásis. Eles viram que era apenas uma rosa, sozinha, imperando sob os raios do sol.

Ele fechou os olhos e deixou de enxergar. Ouviu os murmúrios de seus colegas na reunião cada vez mais altos.

– Que susto – alguém falou. – Você estava descrevendo um pesadelo e, de repente, desmaiou.

– Eu não desmaiei – falou, reerguendo-se. – Eu apenas fui sugado com toda força para o pesadelo recorrente que tenho. Entretanto, pela primeira vez, eu vi seu fim e pude compreendê-lo. O pesadelo tornou-se o sonho mais lindo. Nós nunca estamos sozinhos. Mãos invisíveis conduzem-nos por entre as serpentes e os espinhos.

Uma rosa havia surgido na noite escura e se fortalecido em meio às areias do deserto, podendo ser vista apenas sob a luz do sol, mas permitindo-se sentir a cada novo pulsar de qualquer existência que estivesse à sua procura.

Ele entendeu que, na verdade, a ausência de luz em sua visão não o tornava só. Ele sempre teve alguém ao seu lado, embora teimasse em não perceber.

No fundo, aquela rosa trouxe consigo uma lição: não há escuridão ou medo suficiente para afastar dois corações que batem como um só. Aquela rosa parecia anunciar ao vento do deserto, sob a luz do sol ou sob a escuridão da noite fria, que qualquer jardim regado a dois é mais florido.

Após acalmar todos os membros do grupo de deficientes visuais, a coordenadora Maria Isabel prosseguiu com a reunião.

## **Conto 5**

### **A lenda dos olhos e da saudade**

*Diz um velho pescador que por aquelas bandas, há um tempo que não se conta, existiu um jovem rapaz que costumava caminhar à beira-mar todo fim de tarde. Ele sempre levava consigo uma gaita e a tocava, enquanto contemplava a imensidão das águas e o vazio do horizonte.*

*O rapaz disse ao sábio que seu coração o guiara até aquela praia. Então, ele ia para lá, todos os dias, na esperança de encontrar os motivos.*

*Até que um dia, ela surgiu do mar. Uma bela moça. Alguns dizem por aí que era uma sereia. Outros dizem que era um anjo do mar. Mas, para aquele rapaz, era apenas a dona do seu coração. Uma vez ao ano, ela surgia e o arrastava até as profundezas. Então, juntos, eles contemplavam as maiores maravilhas da natureza: o mundo que existe abaixo das águas do oceano, onde nenhum ser humano jamais estivera.*

*Em todos os outros dias do ano, o rapaz sentava-se junto a um rochedo e tocava sua gaita. Ele sabia que a moça podia ouvi-lo, de onde estivesse. Apenas gostava de tocar para ela. E, a cada pôr do sol em que ela não vinha, ele derramava uma lágrima no oceano, que se mesclava entre as águas infinitas.*

*Por décadas, eles encontraram-se apenas uma vez por ano. Até que a moça não apareceu. No ano seguinte, ela também não veio; nem no próximo.*

*Anos se passaram sem que ele tivesse notícias de sua amada. Ele já estava velho e cansado, quando deitou-se na areia da praia e pediu que o mar carregasse seus olhos para que ela pudesse encontrá-los. Dona de tudo o que ele já havia visto de mais belo, ela continuaria a guiá-lo por entre as mais lindas e inexploradas maravilhas da natureza. Assim, há um tempo que não se conta, nasceu, junto ao mar, a saudade, e também o primeiro ser humano que não era mais dono de sua visão.*



Maria Isabel, a coordenadora, fechou o livro escrito em braile, dizendo:

– Trata-se da lenda dos olhos e da saudade. Ela nos faz imaginar a vida do primeiro deficiente visual que existiu no mundo. Claro, é só uma história. Como temos observado ao longo de nossa reunião, assim como o rapaz da lenda, também vemos o mundo apenas de forma diferente.

Verdade ou não, em certo canto do mundo, em uma praia distante de tudo, viajantes costumavam dizer que podiam ouvir o som de uma gaita a tocar, sem que ninguém estivesse por lá.

## Conto 6

### Johnny e a tempestade

Johnny narrou o que havia lhe acontecido, fiel às sensações que tivera.

Pela fria madrugada, o suor banhava sua face, contrastando ao clima gélido do outono. Era a insegurança adentrando em cada célula de seu corpo.

Ele abriu os olhos e pôde... ver?

*Que ideia absurda*, pensou.

Era deficiente visual há mais de uma década. Como poderia, no meio da noite, abrir os olhos e, simplesmente, ver?

Contudo, a visão era de uma beleza singular. Uma luz pálida, porém penetrante, forte e vibrante. Era impossível não se entregar.

Johnny frequentava as reuniões do grupo de deficientes visuais; entretanto, não se sentia muito confortável. Os colegas sempre partilhavam sonhos e visões durante sonos renovadores. Ele, por sua vez, desde que sofrera o acidente, nunca sonhara. Nem ao menos um pesadelo para constar.

Sonhos, bons ou ruins, não faziam parte de sua vida. Portanto, ele não compartilhava muito nas reuniões; apenas ouvia relatos que lhe eram estranhos.

Agora não parecia sonhar; a luz fazia com que se sentisse mais vivo e acordado que nunca. Era como se aquela luz fosse a vida. E, de alguma forma, era.

Ele abriu os braços e jogou-se com força na luz.

Sentiu gotas pesadas e aterrorizantemente gélidas pesarem contra seu corpo. Estava chovendo. Não era uma chuva comum, era uma forte tempestade.

Estava em um barco em um oceano de águas sem fim. Água. Raios. Trovões. Água. Vento. Água. Nuvens escuras. Tudo cinza. Exceto... a luz.

A luz continuava em sua visão, pálida, encoberta por algumas nuvens e, ao mesmo tempo, convidativa.

Então, ele deixou de se incomodar pela tempestade e concentrou-se na luz e na paz que ela transmitia.

O barco continuou seu balanço sobre as fortes ondas do mar e a luz continuou a acalmá-lo, até que os primeiros raios de sol fossem vistos e os tons cinzentos da tempestade fossem preenchidos por cores vibrantes. Tudo se fez luz, após uma noite de tempestades em alto-mar.

Johnny retomou a consciência.

Em seu quarto, calmo e silencioso, os raios do sol da manhã tingiam tudo com brilho. Ele sorriu. Voltara a sonhar. Teria um sonho, finalmente, a partilhar com os colegas das reuniões.

Não um sonho banal, mas um anúncio de boas-novas a caminho. De uma luz capaz de afugentar qualquer tempestade. Ele havia sonhado com um farol no meio do mar.

Se antes, na ausência dos sonhos, tudo era escuridão em sua vida, agora, após sonhar com o farol e com a tempestade que se desfez, ele teve certeza de que bastaria concentrar-se na luz, presente em qualquer existência, para que as nuvens escuras fossem carregadas pelos ventos de mudança.



Maria Isabel encerrou as atividades do dia, dizendo:

– Certa vez, um conhecido autor nos deixou um precioso legado, no qual dizia que o essencial é invisível aos olhos. Eu, hoje, meus amigos, digo a vocês, que a essência da vida está nos sonhos, nas atitudes e nas escolhas. Nós escolhemos ver além de nossas limitações, somos livres como as ondas do mar, como uma águia no céu ou como um cavalo a galopar. Escolhemos ver a essência, por isso, não há nada que fuja aos nossos olhos.

(Conclusão tirada por Anny, autora dos seis contos de libertação, ao final da reunião que testemunhara: “O essencial é invisível a *certos* olhos”.)









## A OITAVA COR DO ARCO-ÍRIS

ASSIM COMO SEMPRE FAZIA, O ARCO-ÍRIS DE OITO CORES FOI O PRENÚNCIO DE ALGO BOM, DA MESMA FORMA QUE ELE SURGIRA APÓS A CHUVA. COM O CORAÇÃO ACELERADO, AS MÃOS TREMENDO E UM SORRISO ENTUSIASMADO, PORÉM CAUTELOSO, ELA VIROU-SE PARA ENCARAR QUEM ESTAVA ALI. A RESPOSTA QUE A LEVARA ATÉ A INGLATERRA.

O tempo passava, dançava ao vento e, embora trouxesse diversas alegrias ao coração de Anny, por estar de volta ao país em que nasceu e aos locais em que cresceu e aprendeu tanto sobre a vida, também era cruel. Ele não trazia as respostas que atormentavam seu coração.

Desiré insistia que ela deveria esperar para ver com os próprios olhos. Então, Anny e Mariza passaram algumas semanas a mais na antiga casinha de Jane e Hermes, o que as reaproximou e fez com que qualquer dor por terem passado tanto tempo separadas fosse aliviada.

Daí, chegou um dia em que Mariza sugeriu que elas partissem.

– Ainda não – Anny respondeu. – Vamos aguardar mais um pouco. Tenho certeza de que não completamos todas as missões que viemos realizar aqui. Meu coração diz que não é hora de partir. Você tem de confiar em mim.

Por amar muito a irmã, Mariza atendeu ao seu pedido, e elas estenderam sua estadia na Inglaterra. Nenhuma das irmãs havia tido coragem de ir até os destroços da Casa Grande, no terreno em frente onde, um dia, o primeiro lar de Anny se erguera triunfante como um castelo.

Anny bem sabia, e confirmara várias vezes ao longo das décadas que vivera, que o tempo é um poderoso mágico. Ele nunca a desapontara e não seria agora que o faria. Ela sabia que o tempo faria sua mágica para que tudo aquilo de que precisava chegasse. E foi exatamente o que aconteceu.

Era uma tarde aparentemente normal. Uma garoa fina pairava no ar, enquanto Anny cuidava dos canteiros do jardim e murmurava sua canção favorita sobre a neve, que ainda não havia chegado.

Mariza saíra para uma caminhada no parque, Desiré ainda não viera visitá-la. Tudo se encontrava silencioso e calmo naquele dia, enquanto estava na companhia das flores, até que, para sua surpresa, a chuva parou e ela contemplou o céu, feliz ao se dar conta de que um arco-íris havia surgido.

Ela contou cada uma de suas cores.

– Oito – disse para si, confirmando o que seu coração já sabia.

Assim como sempre fazia, o arco-íris de oito cores foi o prenúncio de algo bom, pois antes Anny estava sozinha, e agora alguém havia surgido junto aos canteiros em que ela trabalhava. Exatamente da mesma forma que ele surgira após a chuva.

Com o coração acelerado, as mãos tremendo e um sorriso entusiasmado, porém cauteloso, ela virou-se para encarar quem estava ali. A resposta que a levara até a Inglaterra, para a última pergunta pela qual seu coração sofria.

– Eu sabia que você estava aqui. Voltei para casa para ver você. Minha filha.



Mãe e filha encaravam-se em meio às flores.

– Fico feliz de saber, Brenda, que você andou cuidando dos meus canteiros.

– Era o mínimo que eu podia fazer – Brenda disse, por fim. Sua voz tremia e ela encarava a velha mãe com lágrimas nos olhos. – As flores sempre me fizeram sentir como se estivesse perto de você.

– Você podia ter voltado para casa. Dessa forma, eu estaria ainda mais perto. Não houve um dia da minha vida, após sua partida, em que não sentisse sua falta.

– Eu pensei que você jamais me perdoaria.

– Minha filha, eu aprendi sobre o perdão quando era ainda muito pequena, justamente aqui, nesta casa, e nunca mais me esqueci dessa lição tão valiosa. E pensei que tivesse ensinado isso para você nos anos em que vivemos juntas, em Santos.

– Eu sei. Sempre soube o quanto seu coração é puro, mas, ainda assim, meus erros foram muito graves. Eu pensava não ser merecedora de perdão.

– Para o perdão, não há limites – Anny disse, aproximando-se da filha.

– Eu fiz coisas horríveis. Fugi de você, de nossa família, de nossa casa, de nossa vida em Santos. E foi por causa *dela*.

– *Dela?*

– Sim, da vovó.

– Vovó? Do que você está falando?

– Estou falando da minha avó, Cindy. Sua mãe. Ela me procurou décadas atrás. Continuava a viajar pelo mundo todo e a fazer o serviço secreto para o qual era contratada. Ela me visitou diversas vezes na escola, enquanto eu crescia e, quando tive idade suficiente, convenceu-me a ir embora com ela e viver uma vida de luxos e aventuras que jamais teria ao seu lado.

Brenda estava em prantos ao contar o mistério que a levava a sair de casa quando jovem e que a manteve distante da mãe e da família por tanto tempo. Anny, por sua vez, encontrava-se surpresa com revelações mais profundas do que poderia imaginar.

– Por favor – Brenda continuou –, apesar de achar que não sou digna, agora que estou aqui à sua frente, peço-lhe que me perdoe, *mamãe*.

Ao ouvir aquela palavra, o coração de Anny sorriu de uma forma nova.

Ela sempre pensara que, após uma vida repleta de aprendizados, e também de muitas alegrias, seu coração já havia encontrado todos os motivos pelos quais sorrir. Estava enganada. Sempre é possível sorrir de uma forma nova. E foi exatamente o que aconteceu naquele instante.

Fazia bastante tempo que alguém não a chamava de “mamãe”. A última vez que Brenda lhe dissera aquela palavra fora há muitos anos. Depois, viera Miguel, que seria seu filho para sempre, mas que havia partido cedo.

Emocionada, Anny aproximou-se ainda mais da filha e a segurou nos braços, dizendo bem próximo de seu ouvido:

– Eu posso nunca entender por que você partiu e quais os artifícios que minha mãe usou para levá-la. Ela era muito persuasiva; vi tudo o que fez com meu pai, Jefferson. Ainda assim, não vou julgá-la, pois ela sempre vai ser minha mãe e eu sempre vou me lembrar de sua suave canção e de como a neve fazia com que a sentisse bem pertinho de mim. Tanto quanto, Brenda, não vou perguntar o que a fez decidir se afastar de mim. Partidas são sempre dolorosas e eu posso não entender por que você escolheu fazer isso por vontade própria. Mas também sei que o coração às vezes busca respostas, razões e algo que preencha certos vazios sem sentido que carregamos. Você não me deve resposta alguma, nem precisa pedir perdão.

Respirando fundo, Anny continuou:

– Eu apenas espero que, durante todo esse período, você tenha sido feliz junto da minha mãe. E que ela tenha lhe dado o amor que me negou por tanto tempo. Se ela foi atrás da minha filha, certamente é porque seu coração lhe disse para fazer isso. Talvez seja a forma que encontrou para reparar erros que a atormentavam mais do que ela podia admitir.

– Você está certa, como sempre, mamãe. Eu fiquei com a vovó Cindy até seus últimos instantes e posso jurar que havia um misto de sentimentos em seus olhos quando eles perderam a luz. Naquela trama complexa de emoções, pude detectar centelhas de arrependimento. Como você disse,

talvez ela não conseguisse admitir nem para si própria. Assim que ela partiu, eu vim para cá, em busca de conforto para os novos vazios que sentia e para os meus próprios arrependimentos.

– Brenda, tudo o que importa, agora, é que você está nos meus braços mais uma vez, e que eu não vou partir desta vida sem ouvir você me chamar de *mamãe* novamente. Eu sempre soube que o tempo trazia as coisas boas de volta para nós, tudo aquilo que mais amamos! De tantos momentos lindos que já vivi, este é um deles. Sinto que o céu todo está em festa, tingido pela oitava cor do arco-íris.









# ASSIM COMO AQUELA BORBOLETA ERA SUA ALMA (E ELA SABIA DISSO)

*O SONHO LINDO E QUADRICULADO QUE TIVERA A  
INCENTIVARA A IR ATÉ AQUELE LOCAL, ASSIM QUE  
ACORDOU. A ORIGEM DE TUDO. O CORAÇÃO. E AS  
LEMBRANÇAS, QUE TAMBÉM VOAVAM POR ALI, COM UM  
MILHÃO DE ASINHAS, QUE A REVESTIAM DE ABRAÇOS  
RECONFORTANTES, CAPAZES DE ESPANTAR O FRIO.*

Anny abriu os olhos pela manhã e, em poucos instantes, lembrou-se de que era sábado, seu dia preferido. Levantou-se da cama e olhou através da janela. A neve da noite cobrira os canteiros, em que suas flores lutavam bravamente para resistir ao frio. Anny confiava nelas. Sabia que conseguiriam. Certificou-se de vestir roupas apropriadas para sair e, decidida, foi para os fundos da casa. Semanas haviam se passado desde que ela e Brenda se reencontraram no jardim.

Após decidirem ficar ali por tempo indeterminado, Anny, Mariza e Brenda viviam na antiga casinha de Jane e Hermes. Eram uma família, como Anny sempre sonhara.

Desiré e George continuavam a viver na casa ao lado, e o tempo seguia seu fluxo, como um riacho, cuja nascente eram os sentimentos verdadeiros. Porém, sem saber o motivo, Anny acordara com um novo propósito naquele dia. Iria até os terrenos da Casa Grande.

Com o coração acelerado, ela pegou aquele caminho, que era seu velho conhecido.



Assim que colocou os pés no solo em que, anos antes, sua casa se erguera, seu primeiro e verdadeiro lar, ela sentiu o coração bater de uma forma como não acontecia há muito tempo. Ele dançava, ao ritmo da velha canção de sua mãe.

Anny andou por ali, desvencilhando-se dos destroços e tomando cuidado com a neve que se acumulara por toda parte. Tudo estava ali. As lembranças de sua vida inteira vieram, dançando ao seu encontro, feito borboletas.

Ela as acompanhou. De mãos dadas com sua memória, executou uma dança perfeita. Ao seu redor, ela se viu, ainda muito pequena, aguardando pelas manhãs de sábado e fazendo panquecas para os pais.

O dia em que chegaram e lhe disseram que ficariam muito tempo sem retornar. E quando ganhou o Xadrez de Cristal. Cada peça daquele tabuleiro, cada jogada executada, era sua vida toda. Uma vida construída em um tabuleiro quadriculado sem fim. O último presente que recebera do rei.

Ao testemunhar aquela lembrança específica, de quando tinha oito anos, e foi apresentada ao xadrez, Anny lembrou-se do sonho que tivera naquela noite e que a motivara a ir, finalmente, até a Casa Grande.

Todas as respostas estavam dentro dela. Ela cumprira sua última missão e, agora, sorria ao se dar conta de que todas as peças de seu jogo haviam se encaixado de forma perfeita.



A pequena rainha e o cavaleiro eram saudados e festejados pelos súditos gigantes de cristal, por estarem de volta ao Reino Xadrez, após tanto tempo de cavalgada em terras longínquas.

Ainda com o objeto que lhe fora dado pelo artesão de sonhos, Anny prestava atenção aos gritos do rei, que continuavam a ecoar por todo o reino.

Ela deu atenção aos súditos, dada a grande alegria com que lhe saudavam, porém não podia perder tempo.

Conseguiu desvencilhar-se e escapar de todos, que ficaram entretidos fazendo perguntas ao cavaleiro, enquanto ela se esgueirou até o Castelo Xadrez. Agora, estava claro que os gritos do rei Jefferson vinham de lá. Eles estavam mais fortes e vivos que nunca.

Era estranho pensar que, antes de sair pelos portões do reino, havia procurado em todos os locais, e não ficara claro que os gritos vinham do castelo. Ela se perguntava por que agora estaria tudo tão claro.

No instante em que tais pensamentos agitavam sua mente, estava adentrando no salão principal do Castelo Xadrez, e descobriu que alguém a aguardava lá.

Com sua fisionomia bondosa e sábia, o bispo fez uma reverência calorosa:

– É bom vê-la de volta ao reino. Todos os súditos sentiram sua falta durante o tempo em que esteve viajando, majestade.

– Estou feliz por retornar, Sábio Bispo, e ainda mais por saber que foram meus próprios sentimentos que me trouxeram até aqui, pois eles formaram um riacho a partir da lágrima que brotou dos meus olhos.

– Isso é, de fato, muito sábio, minha rainha. Nem eu poderia prever que algo tão grandioso aconteceria. Lamento dizer que em um futuro próximo

meus conselhos não serão mais úteis a você.

Anny riu com aquela explicação do bispo.

– Claro que não, bispo, você é sábio de uma maneira única, e sempre irei valorizar seus conselhos.

– É muita bondade sua, majestade.

– Como sempre, acredito que você sabe exatamente as dúvidas que estavam pairando em minha cabeça quando entrei aqui no castelo, certo?

– De fato – respondeu o bispo. – E a resposta é mais simples do que Vossa Majestade pode imaginar.

– Qual é a resposta, Sábio Bispo? Por que da primeira vez em que procurei o rei, aqui no Reino Xadrez, não detectei que seus gritos estavam vindo do castelo, e isso agora está tão claro?

– Às vezes, rainha, não estamos prontos para certas respostas. Principalmente neste caso, em que a resposta estava dentro de você o tempo todo. Você teve de sair em busca dela, em uma viagem com grandes perigos e experiências, para aprender sobre si e ver o que mais há nas terras de sonhos, além dos portões do Reino Xadrez. Na companhia do seu fiel cavaleiro, você conheceu outros que, um dia, tentaram sonhar, mas falharam, assim como encontrou um bom artesão, que lhe deu muita ajuda. Estou certo?

– Sim – disse Anny, entendendo onde ele queria chegar.

– Você precisou procurar dentro de si até voltar para o lugar em que tudo começou e ver que as respostas sempre estiveram ali.

– Você não está se referindo apenas aos gritos do rei Jefferson, não é? Sábio Bispo, você também está se referindo à Casa Grande!

– As respostas aguardam por você aqui no castelo, assim como na casa em que nasceu. Vossa Majestade saiu e viajou, mas agora, rainha, é a hora de retornar às origens e encontrar as respostas finais.

Fazendo uma reverência, o bispo desapareceu no ar. Imediatamente, os gritos do rei ficaram ainda mais fortes. Faziam tremer os vitrais do castelo com o eco que produziam.

Quando olhou de novo para o objeto de madeira do artesão, que ela mantinha preso entre os dedos, Anny notou que o ponteiro principal aumentara de tamanho, e apontava com segurança para uma direção exata.

Ela não perdeu mais tempo e seguiu a indicação daquela espécie de bússola mágica, talhada pelo artesão dos sonhos.

O rei Jefferson estava cada vez mais próximo.



O objeto do artesão e os gritos desesperados do rei levaram Anny para o subterrâneo do castelo.

Ela desceu incontáveis escadas, por passagens secretas que jamais imaginaria existirem. Ela descia para as masmorras, entrando nos próprios sonhos, afundando-se neles, indo em busca do lugar onde seu coração residia.

Após descer escadas e mais escadas, seguindo a direção que a estranha bússola de madeira e a própria voz do rei apontavam, Anny chegou, afinal, ao piso mais profundo dos túneis subterrâneos do Castelo Xadrez.

Por ali, tudo continuava branco e preto, quadriculado, e ela cruzou com poucos súditos pelo caminho, pois a maioria estava comemorando junto ao cavaleiro nas terras do reino.

Anny tinha certeza de que encontraria, nas masmorras, algum tipo de cela ou prisão em que o rei estaria, pois certamente ele precisava ser resgatado.

Contudo, seu espanto foi imenso quando finalmente avistou Jefferson. Não havia prisão alguma. Ele estava sentado no meio de um lustroso salão xadrez, no andar inferior das masmorras quadriculadas.

– Papai? – indagou, esquecendo-se por um instante de que era a rainha daquelas terras, e governava tudo por ali. Naquele instante, ela foi apenas a garotinha que amava o pai mais que tudo, que queria protegê-lo e que prometera ser forte em todos os momentos difíceis.

Anny cumpria agora a grande promessa que fizera ao rei, muito tempo atrás.



Apesar da aproximação da pequena rainha, o rei não parava de gritar um instante sequer. Os gritos eram tão altos que assustaram Anny ainda mais. Embora estivesse feliz por enfim encontrar Jefferson, ela se desesperou ao vê-lo naquele estado. Sentia muita saudade e sempre ansiara pelo momento de reencontrá-lo, pois sabia que todos a quem amara de verdade um dia



estariam de volta, bem perto do seu coração. Mas o rei estava, de fato, em estado deplorável. Parecia magro e abatido, um pouco sujo e com aspecto doentio.

Ele estava no centro do salão, chorando feito uma criança jogada no chão, contorcendo-se de dor. Anny aproximou-se.

– Papai, por favor, diga-me como ajudá-lo – ela disse, desesperada.

O rei, por sua vez, parecia não ouvi-la. Decerto ele não iria responder e ela não sabia o que fazer.

Quando Anny voltou o olhar para o objeto de madeira do artesão, viu que ele possuía uma forma diferente. Instantes antes, era arredondado, mas estava agora com formato de coração e apontava para um novo local. Para o ponto central do salão quadriculado, próximo ao lugar em que o rei jazia chorando.

Anny caminhou até lá e viu que havia um buraco do mesmo formato do coração de madeira que ela segurava.

– Sonhos talhados em madeira se tornam reais – murmurou e, sem pensar duas vezes, encaixou o objeto dado pelo artesão no buraco daquele salão, nas masmorras de seu castelo.

Anny sabia que aquele local era o centro, a origem onde tudo começou, e que todas as respostas viviam lá, a verdadeira nascente dos seus sentimentos.

Ela estava no coração pulsante dos seus sonhos. O coração do Reino Xadrez.

Em um encaixe perfeito, a estranha bússola de madeira dada pelo artesão juntou-se ao buraco em formato de coração no centro do salão quadriculado.

Naquele instante, efêmero e infinito, milhares de borboletas azuis entraram em revoada no salão onde Anny e o rei Jefferson estavam.

Os gritos do rei cessaram e ele observou as borboletas, apesar do desespero estampado na face. Anny, por sua vez, já não tinha medo. Ela riu ao ver as borboletas se aproximarem e fez uma reverência, recebendo-as em seu reino.

As borboletas azuis dançaram ao redor da pequena rainha e, então, tudo fez sentido. Elas trouxeram para Anny, durante aquela dança infinita, as recordações de toda sua vida, agora completa.

Desde quando ela era criança e vivia na Casa Grande até o reencontro com sua família no Brasil; o tempo que passou junto de seu marido, Túlio, e depois com seu filho, Miguel; a reconciliação com a irmã Mariza; o reencontro recente com a filha, Brenda; os sonhos com o bom artesão que ela não tivera tempo de encontrar, no Brasil.

As borboletas também trouxeram fatos mais antigos, dos anos em que vivia na Inglaterra e dos anjos que a salvaram da solidão. Hermes e seus poemas; Desiré e sua dança mágica, além de seus olhos, que podiam ver mais além; Nicole, a amiga que tanto a ajudara e que, conforme sabia, vivera até o fim da vida no Alasca, junto da mãe, fazendo o que mais amava – ensinando crianças.

Anny também tinha lembranças dolorosas, mas que haviam sido importantes para torná-la quem era. A mãe, sempre a evitá-la, a senhora Jane e seus castigos de cinta, a solidão e os invernos que enfrentara com apenas a fina manta vermelha, que nunca fora o suficiente. Além, é claro, de todas as tempestades que enfrentara, e do desespero que elas traziam com fúria.

As lembranças ruins e boas mesclavam-se e, agora, ela se via feliz, dançando no Balé de Santos, casando-se com Túlio, assoprando dentes-de-leão com Miguel, jogando xadrez com Pepeu, ou, anos mais tarde, escrevendo cartas para ele. Cartas que desapareciam misteriosamente durante a madrugada. Entre todas as recordações estava também Frank, o simpático vovô que a vida lhe dera, excêntrico, que lhe ensinara que as brisas mansas nada mais eram que abraços de anjos.

Sentia-se abraçada naquele instante por sua memória, de asas leves, que voava ao seu redor, como incontáveis borboletas azuis da cor do céu. Em um reino todo quadriculado, branco e preto, as memórias eram a alma, repletas de cor e vida.

Quando voltou a atenção ao rei, Anny sorriu ao ver que sua fisionomia estava um pouco mais amena, após ser circundado pelas borboletas. A rainha, então, estendeu uma das pequeninas mãos para o rei Jefferson e ele a aceitou.

Anny sabia o que Sábio Bispo diria se estivesse ali, naquele instante. Ele diria que a resposta para tudo era mais simples do que ela poderia supor, pois, na verdade, ao se encontrar, Anny fora capaz de ajudar aquele que mais precisava dela, sendo ela a única que poderia salvá-lo de verdade.

Antes, contudo, ela tivera de compreender a si própria, pois só assim poderia entender a dor de outra pessoa. Agora, após oito décadas de encontros, perdas, tristezas e alegrias, flores, danças, desencontros, reencontros, dúvidas, mistérios, angústias, sonhos e pesadelos, tempestades e arco-íris de oito cores, além de tardes junto ao mar, ela finalmente pôde chegar ao coração dos seus sonhos, à origem de tudo e dela mesma; pôde olhar para dentro de si e aceitar que cada pedra do caminho fora fundamental para que ela se tornasse quem era. Para que se amasse e se aceitasse.

Poderia, então, terminar a partida de xadrez mais importante e longa que já existira no mundo.

Ela havia cumprido a promessa que fizera a Jefferson quando tinha oito anos e, naquela emocionante partida de xadrez, saíra vitoriosa. O rei estava a salvo. Eles se encontravam em casa.

Junto das borboletas, subiram de mãos dadas as escadarias que levavam ao piso principal do castelo. O rei Jefferson e sua filha, a pequena rainha, estavam livres e passariam a governar juntos aquela terra de sonhos sem fim.



De volta à realidade, após compreender que Jefferson estava livre – ele não era mais um prisioneiro de si, o que o fez aprisionar-se sem celas ou correntes por um tempo inimaginável, até ser salvo pela rainha –, Anny voltou a contemplar os terrenos cobertos de neve da Casa Grande.

O sonho lindo e quadriculado que tivera a incentivou a ir até aquele local, assim que acordou. A origem de tudo. O coração. E as lembranças, que também voavam por ali, com um milhão de asinhas que a revestiam de abraços reconfortantes, capazes de espantar o frio.

Anny sabia que todas as respostas já tinham sido dadas, até mesmo para as perguntas que ela não ousara fazer. Dançar por entre as recordações, que se camuflavam de borboletas, seria sua última dança nesta vida.

Justo quando pensava nos sonhos, nas lembranças, e matava as saudades dos terrenos de seu verdadeiro lar, Anny notou que não estava mais só.

Sem precisar se virar para ver quem havia chegado, ela já sabia, pois seu coração o reconheceria.

- Que bom que você está aqui. Eu sabia que viria, Pepeu.
- Você está pronta, minha pequena? – ele perguntou, com seu sorriso bondoso, dando um leve toque na boina que tinha na cabeça. Anny sentira falta daquele sorriso e daquela boina acima de tudo.
- Estou pronta. Vim até aqui para fechar o ciclo, mas outro logo se iniciará.
- Então, venha comigo. Temos uma partida de xadrez à nossa espera.



De mãos dadas com Pepeu, Anny cruzou os terrenos da Casa Grande e, em um instante, estava de volta aos fundos da casinha de Jane e Hermes, por entre seus velhos canteiros.

O tabuleiro do Xadrez de Cristal estava montado em meio às flores, no exato local em que ela e Pepeu costumavam jogar, tantos anos atrás.

Pepeu abaixou-se e se posicionou para a partida. Naquele instante, ela notou que no bolso traseiro de sua bermuda havia cartas. Várias delas. Anny as reconheceu de imediato.

Eram as cartas que ela havia escrito para ele, que as buscara durante as madrugadas. Como sempre, ele a salvara da solidão. A ligação entre eles, de fato, ia além da própria vida, como um dia ele lhe prometera que seria. Eram irmãos, pois haviam escolhido ser.

Com Pepeu posicionado em frente ao tabuleiro, Anny caminhou por entre as flores, indo ao seu encontro.

Tinha oitenta anos, mas, de forma mágica, o tempo agiu mais uma vez em sua vida. A cada passo, ela rejuvenescia anos e mais anos, até que, chegando diante de Pepeu e do Xadrez de Cristal, voltara a ter apenas oito anos.

Dessa vez, não estava sonhando. Aquela era sua realidade.

Anny embarcara na grande viagem da vida, aquela para a qual todos vamos e que nos leva de encontro a tudo que amamos de verdade.

Em seus passos finais, ela foi guiada por milhares de borboletas azuis, que voaram ao seu redor, dançando junto ao vento, além de beija-flores brancos, que haviam se reencontrado na eternidade, e de fragmentos de dentes-de-leão, que um dia ela assoprara.

Tudo que ela amava voltava para perto de seu coração.

Anny, então, com aparência de oito anos, mas com alma de idade incalculável, pois era livre – como uma borboleta –, sentou-se à frente de Pepeu, assumindo seu local na partida de xadrez.

Ele abriu seu sorriso bondoso e lhe fez uma reverência com a cabeça.

Reverenciando o fiel cavaleiro, Anny anunciou:

– A partida pode começar.



## SOBRE A AUTORA



Fabiane Ribeiro é de São Paulo, e já viveu nos estados do Paraná e de Minas Gerais. Formada em Medicina Veterinária, nunca exerceu a profissão, pois teve seu primeiro romance, *Jogando Xadrez com os Anjos*, publicado quinze dias antes do baile de formatura na faculdade, também pela editora Universo dos Livros. Desde então, a escrita ditou um novo caminho para sua vida e para seus sonhos. Em 2014, foi viver no exterior para se dedicar aos estudos relacionados com a escrita, não apenas de livros, mas também de roteiros para cinema. Após um tempo nos Estados Unidos, vive hoje na Europa.

Para saber mais sobre os livros já publicados, visite:

[www.fabianeribeiro.com.br](http://www.fabianeribeiro.com.br)